
THE
GODDESS TEST
BECOME IMMORTAL OR DIE TRYING
AIMÉE CARTER

THE GODDESS TEST

TORNAR-SE IMORTAL OU MORRER TENTANDO

AIMEE CARTER

SINOPSE

Todas as garotas que foram testadas falharam. Agora é a vez de Kate. Desde sempre, tem sido apenas Kate e sua mãe, e agora sua mãe está morrendo. Seu último desejo? Voltar para o lugar onde ela cresceu. Então Kate começará a frequentar uma nova escola, sem amigos, sem ninguém conhecido por perto, e o medo de que sua mãe não sobreviverá até o fim do outono.

Então ela conhece Henry. Sombrio. Torturado. E hipnotizante. Ele se diz ser Hades, o deus do submundo, e se ela aceitar sua proposta, ele manterá sua mãe viva enquanto Kate tenta passar pelos sete testes. Kate tem certeza de que ele é louco, até vê-lo trazer uma garota de volta à vida. Agora parece que salvar sua mãe é insanamente possível. Se ela passar, ela se tornará a futura noiva de Henry, e uma deusa. Se ela falhar…





Para Papai, que leu cada palavra.

Você estava certo.

E em memória à minha mãe.

— O prêmio é imortalidade, — diz Henry.

— Não é uma coisa que nós concedemos facilmente, e nós precisamos ter certeza de que é algo que você possa lidar.

Eu senti um bloco de gelo no fundo do meu estômago. Então minhas escolhas agora eram viver para sempre, ou morrer tentando. De alguma forma isso não parecia justo.

— Você se sairá bem, — Henry diz. — Eu posso sentir. E depois de tudo, você irá me ajudar a fazer uma coisa que ninguém mais é capaz de fazer. Você terá um poder além da imaginação, e nunca temerá a morte novamente. Você nunca ficará mais velha e sempre será linda. Você terá vida eterna para usufruir como desejar.

Mas eu teria a minha mãe?

PRÓLOGO

— Como isso aconteceu desta vez?

Henry enrijeceu ao som da voz dela, e tirou seus olhos para longe do corpo sem vida na cama tempo suficiente para olhá-la. Diana permanecia na porta, sua melhor amiga, sua confidente, sua família em cada modo exceto pelo sangue, mas mesmo sua presença não podia ajudar conter seu temperamento.

— Afogada, — Henry disse, virando-se de volta para o corpo. — Eu a encontrei flutuando no rio mais cedo esta manhã.

Ele não ouviu Diana mover-se em direção a ele, mas ele sentiu sua mão em seu ombro.

— E nós ainda não sabemos... ?

— Não. — Sua voz foi mais afiada do que ele pretendia, e ele se forçou a suavizá-la. — Sem testemunhas, sem pegadas, sem traços de nada que indique que ela não tenha pulado no rio por que queria.

— Talvez ela tenha, — Diana disse. — Talvez ela tenha entrado em pânico. Ou talvez fosse um acidente.

— Ou talvez alguém tenha feito isso a ela. — Ele quebrou contato, numa tentativa de se afastar do corpo tanto quanto possível. — Onze garotas em oitenta anos. Não me diga que isso foi um acidente.

Ela suspirou e acariciou a ponta dos dedos na bochecha pálida da garota. — Nós estávamos tão perto com esta, não estávamos?

— Bethany, — Henry rebateu. — O nome dela era Bethany, e ela tinha vinte e três anos de idade. Agora por minha causa, ela nunca terá vinte e quatro.

— Ela nunca teria tido se tivesse sido a escolhida.

Fúria acendeu dentro dele ameaçando explodir, mas quando ele a olhou e viu compaixão nos olhos dela, sua raiva drenou.

— Ela deveria ter passado, — ele disse rigidamente. — Ela deveria ter *vivido*. Eu pensei...

— Nós todos pensamos.

Henry afundou na cadeira, e ela estava do seu lado em um instante, acariciando suas costas em um tipo de gesto maternal que ele já esperava dela. Ele enrolou os dedos em seu cabelo escuro, os ombros dele arriaram com o familiar peso da tristeza. Quanto mais disto ele deveria enfrentar antes deles finalmente o libertarem?

— Ainda há tempo. — A esperança na voz de Diana o apunhalou mais dolorosa do que qualquer outra coisa que tinha acontecido naquela manhã. — Nós ainda temos décadas...

— Estou cansado.

As palavras dele ecoaram pela sala enquanto ela permanecia rígida, próxima a ele, a respiração dela de repente estava áspera e irregular. Nos poucos segundos que ela tomou para responder, ele considerou retratar-se, prometendo que iria tentar novamente, mas ele não pôde. Muitas já haviam morrido.

— Henry, por favor, — ela sussurrou. — Há vinte anos ainda. Você não pode desistir.

— Não vai fazer diferença.

Ela ajoelhou-se em frente a ele e puxou suas mãos de seu rosto, forçando-o a olhar para ela e ver o seu medo. — Você me prometeu um século, e você me dará um século, você me entendeu?

— Eu não irei permitir outra morte por minha causa.

— E eu não vou permitir que você desapareça, não assim. Não se eu tenho alguma coisa a dizer a respeito.

Ele franziu o cenho. — E o que você irá fazer? Encontrar outra garota que esteja disposta? Trazer outra candidata para a propriedade todo ano até que uma passe? Até que uma consiga passar além do *Natal*?

— Se eu tiver que fazer. — Ela semicerrou os olhos, determinação irradiando dela. — Existe outra opção.

Ele desviou o olhar. — Eu já disse que não. Nós não estamos falando sobre isso de novo.

— E eu não estou deixando você partir sem uma luta, — ela disse.

— Ninguém nunca poderia substituí-lo, não importa o que o conselho diga, e eu o amo demais para deixá-lo desistir. Você não está me deixando outra opção.

— Você não faria.

Ela estava calada. Empurrando a cadeira de lado, Henry se levantou, apartando sua mão longe dela. — Você faria isso a uma criança? Trazê-la a esse mundo apenas para forçá-la nisto?— Ele apontou para o corpo na cama. — Você faria isso?

— Se isso significar salvar você, então sim.

— Ela poderia morrer. Você entende isso?

Os olhos dela cintilaram, e ela levantou-se para encará-lo. — Eu entendo que se ela não fizer isso, eu *irei* perder você.

Henry afastou-se dela, lutando para manter-se composto. — Não haverá grande sacrifício.

Diana o girou de volta para encará-la. — Não, — ela rebateu. — Não se atreva a desistir.

Ele piscou, surpreso pela intensidade da voz dela. Quando ele abriu a boca para contrariar, ela o parou antes mesmo que ele pudesse falar.

— Ela terá uma escolha, você sabe tão bem quanto eu, mas não importa o que aconteça, ela não ficará *assim*, eu prometo a você. — Diana gesticulou em direção ao corpo. — Ela será jovem, mas não será tola.

Levou a Henry um momento para pensar algo para contrariá-la, e quando ele o fez, ele sabia que estava se agarrando a uma falsa esperança. — O Conselho nunca permitirá isso.

— Eu já perguntei. Enquanto estiver dentro do prazo limite de tempo, eles me têm dado permissão. Ele apertou o maxilar. — Você perguntou sem me consultar primeiro?

— Por que eu sabia o que você diria, — ela disse. — Eu não posso perdê-lo. *Nós* não podemos perdê-lo. Nós somos tudo o que temos, e sem você... Por favor, Henry. Deixe-me tentar.

Henry fechou os olhos. Ele não tinha escolha agora, não se o conselho concordou. Ele tentou imaginar como a garota se pareceria, mas cada vez que ele tentava formar uma imagem, a memória de um outro rosto entrava no caminho.

— Eu não poderia amá-la.

— Você não teria. — Diana pressionou um beijo em sua bochecha. — Mas eu acho que você irá.

— E por que acha isso?

— Por que eu conheço você, e eu sei os erros que cometi antes. Eu não irei repeti-los de novo.

Ele suspirou, sua resolução dissolvendo enquanto ela o encarava, silenciosamente suplicando. Era apenas vinte anos; ele poderia aturar até lá se isso significasse não machucá-la mais do que ele já havia feito. E dessa vez, ele pensou, relanceando para o corpo na cama uma vez mais, ele não iria repetir os mesmos erros também.

— Sentirei sua falta enquanto estiver fora, — ele disse, e os ombros dela cederam de alívio.

— Mas esta será a última. Se ela falhar, estou acabado.

— Ok, — ela disse, apertando a mão dele. — Obrigada, Henry.

Ele assentiu e ela o deixou. Enquanto ela andava para a porta, ela também olhou para a cama, e Henry jurou a si mesmo que isso não iria acontecer de novo. Não importa o que custasse, passar ou falhar, esta iria viver.

— Isto não é culpa sua, — ele disse, as palavras saltando fora antes que ele pudesse parar a si próprio. — O que aconteceu — eu permiti isso. Você não é culpada.

Ela pausou, emoldurada na porta, e deu a ele um sorriso triste.

— Sim, eu sou.

Antes que ele pudesse dizer outra palavra, ela se foi.

CAPÍTULO 01
EDEN

Eu passei meu aniversário de dezoito anos dirigindo da cidade de Nova York para Eden, Michigan, assim minha mãe poderia morrer na cidade em que nasceu. Novecentos e cinquenta e quatro milhas de asfalto, sabendo que a cada placa que nós passávamos me trazia mais próximo do que indubitavelmente seria o pior dia de minha vida. No que se refere a aniversários, eu não recomendaria isso.

Eu dirigi todo o caminho. Minha mãe estava doente demais para ficar muito tempo acordada, que dirá dirigir, mas eu não me importei. Levou dois dias, e uma hora depois que nós cruzamos a ponte para a parte alta da península de Michigan, ela parecia exausta e rígida de estar no carro por tanto tempo, e se eu nunca mais visse um trecho de estrada aberta de novo, ainda seria muito cedo.

— Kate, dobre aqui.

Eu dei a minha mãe um olhar engraçado, mas liguei o meu pisca-alerta de qualquer maneira.

— Nós não deveríamos sair da autoestrada por outras três milhas.

— Eu sei. Eu quero ver uma coisa.

Suspirando interiormente, eu fiz como ela disse. Ela já estava com tempo emprestado, e as chances dela ter um dia extra para ver isso depois eram escassas. Havia pinheiros em toda parte, altos e iminentes. Eu não vi placas, nem marcas de

milhagem, nada além de árvores e estrada de terra. Cinco milhas a dentro, eu comecei a me preocupar. — Você tem certeza que está certo?

— É claro que tenho certeza. — Ela pressionou a testa na janela, e a sua voz estava tão suave e quebrada que eu mal podia entendê-la.

— É apenas outra milha mais ou menos.

— O que é?

— Você verá.

Depois de uma milha, a cerca apareceu. Ela estendia-se por todo o lado da estrada, tão alta e espessa que enxergar o que estava do outro lado era impossível, e devem ter sido outras duas milhas antes dela desviar-se para um ângulo reto, formando um tipo de linha de fronteira. O tempo todo que nós dirigíamos por ela, mamãe encarou pela janela, extasiada.

— Então é isso?— eu não tinha a intenção de soar amarga, mas mamãe não pareceu notar.

— É claro que não - vire a esquerda aqui, docinho.

Eu fiz como foi dito, guiando o carro ao redor da esquina.

— É legal e tudo mais, — eu disse cuidadosamente, não querendo entristecê-la, — mas é só uma cerca viva. Nós não deveríamos ir encontrar a casa e...

— Aqui!— a ansiedade na voz fraca dela me surpreendeu.

— Lá em cima!

Esticando meu pescoço, eu vi o que ela estava falando a respeito. Situada no meio da cercania estava um portão preto de ferro forjado, e quanto mais próximo chegávamos dele, maior ele parecia ser. Não era apenas eu, o portão era monstruoso. Não estava lá para parecer bonito. Estava lá para assustar quem pensasse em abri-lo.

Eu diminui para uma parada em frente a ele, tentando olhar por entre as barras, mas tudo que eu podia ver eram mais árvores. A terra parecia inclinar a distância, mas não importava quanto eu esticasse o pescoço, eu não podia ver o que estava além disso.

— Não é lindo? — A voz dela estava aérea, quase leve, e por um momento, ela soou como sua antiga ela mesma. Eu senti sua mão deslizar na minha e eu a apertei o quanto eu ousava. *É a entrada para a propriedade Eden.*

— Parece… Grande,— eu disse, reunindo tanto entusiasmo quanto eu podia. Eu não fui muito bem-sucedida. — Você já esteve dentro alguma vez?

Era uma pergunta inocente, mas o olhar que ela me deu fez com que eu sentisse que a resposta era tão óbvia que mesmo que eu nunca tenha ouvido falar do lugar, eu deveria saber. Um momento depois, ela piscou, e seu olhar tinha se esvaído.

— Não em muito tempo, — ela disse de forma vazia, e eu mordi o lábio, lastimando o que quer que eu tenha feito para quebrar a magia para ela. — Eu sinto muito, Kate, eu só queria ver isso. Nós deveríamos continuar seguindo.

Ela soltou minha mão, e eu estava de repente perfeitamente consciente de como o ar estava frio contra a minha palma da mão. Enquanto eu pressionava o acelerador, eu deslizei minha mão novamente na dela, não querendo soltá-la ainda. Ela não disse nada, e quando eu a olhei, ela estava descansando a cabeça contra o vidro novamente. Quase meia milha depois na estrada, aconteceu. Em um momento a estrada estava livre, e no outro havia uma vaca na estrada nem quinze pés a nossa frente, bloqueando o caminho. Eu pisei nos freios e girei o volante. O carro girou em um circulo completo, jogando meu corpo para os lados. Minha cabeça bate na janela enquanto eu luto pelo controle do carro, mas é inútil. Eu podia muito bem estar tentando fazê-lo voar pelo progresso que eu estava fazendo. Nós derrapamos até parar, milagrosamente evitando

a linha de árvores. Meu pulso acelerado, e eu tomei grandes golfadas de ar tentando me acalmar.

— Mãe?— eu disse freneticamente. Do meu lado, ela sacudiu a cabeça. — Eu estou bem. O que aconteceu?

— Tem uma — eu parei, focando na estrada de novo. A vaca tinha sumido.

Confusa, eu olhei no espelho retrovisor e vi uma figura parada no meio da rua, um garoto de cabelos escuros por volta da minha idade vestindo um casaco preto que flutuava na brisa. Eu franzi a testa, me contorcendo ao redor para tentar olhar melhor pela janela traseira, mas ele tinha desaparecido. Eu tinha o imaginado? Eu encolhi e esfreguei minha cabeça machucada. Não tinha imaginado essa parte.

— Nada, — eu disse trêmula. — Eu só estive dirigindo por muito tempo, isso é tudo. Eu sinto muito.

Enquanto eu cautelosamente incitava o carro adiante, eu olhei no espelho retrovisor uma última vez. Sebe e estrada vazia. Eu agarrei o volante firmemente com uma mão e procurei segurar a dela com minha outra, futilmente tentando esquecer a imagem do garoto agora queimando no meu cérebro. O teto do meu quarto vazava. O agente imobiliário que nos vendeu a casa, a vista, tinha jurado de cima a baixo que não havia nada de errado com ela, mas aparentemente o idiota tinha estado mentindo.

Tudo que eu fiz depois que chegamos foi desempacotar o essencial que nós iríamos precisar para a noite, incluindo uma panela para aparar a água da goteira. Nós não tínhamos trazido muito, somente o que coubesse no carro, e eu já tinha providenciado um conjunto de móveis de segunda mão entregue na casa. Mesmo que minha mãe não estivesse morrendo, eu estava certa que eu seria infeliz aqui. Os vizinhos mais próximos estavam a uma milha na estrada, o lugar todo cheirava como natureza, e ninguém entregava pizza na pequena cidade de Eden.

Não, chamar isso de pequeno era ser generoso. Eden não estava nem mesmo marcada no mapa que eu usei para chegar aqui. A Rua Principal estava a quase uma milha de distância, e cada loja parecia vender ou antiguidades ou mantimentos. Não havia boutiques de roupas, ou pelo menos nenhum lugar que iria trazer qualquer coisa que valesse a pena de se vestir. Não havia nem mesmo um McDonalds, Pizza Hut, Taco Bell – nada. Apenas um restaurante fora de moda e alguma quitanda familiar que vendia doces por quilo.

— Você gostou?

Mamãe sentou-se encolhida na cadeira de balanço próxima a cama dela, sua cabeça apoiada pelo seu travesseiro favorito. Ele estava tão desgastado e desbotado que eu não podia dizer de qual cor ele tinha sido originalmente, mas ele tinha sobrevivido a quatro anos de estadia em hospitais e quimioterapia. Contra todas as possibilidades, ela também.

— A casa? Yeah, — eu menti, afofando os cantos do lençol enquanto fazia a cama dela. — É... Bonitinha.

Ela sorriu, e eu pude sentir seus olhos em mim. — Você vai se acostumar a ela. Talvez até goste o suficiente para ficar depois que eu partir.

Eu pressionei meus lábios juntos, recusando dizer qualquer coisa. Era uma regra não-dita que nós nunca conversamos sobre o que iria acontecer depois que ela morresse.

— Kate, — ela disse gentilmente, e a cadeira de embalar rangeu enquanto ela levantava. Eu olhei pra cima automaticamente, pronta para entrar em ação se ela caísse. — Nós precisamos falar sobre isso alguma hora.

Ainda a observando pelo canto do meu olho, eu puxei o lençol pra baixo e peguei uma colcha grossa, arrumando-a na cama. Travesseiros logo em seguida.

— Agora não. — Eu puxei os cobertores pra trás e dei um passo ao lado assim ela poderia se enrolar. Os seus movimentos estão lentos e agonizantes, e eu desvio meus olhos, não querendo vê-la em tanta dor. — Não ainda.

Uma vez que ela estava acomodada, ela olhou para mim, seus olhos vermelhos e cansados.

— Em breve, — ela disse suavemente. — Por favor.

Eu engoli em seco, mas não disse nada. A vida sem ela era insondável, e o menos que tentasse imaginar isso, melhor.

— A enfermeira virá pela manhã. — Eu pressionei meus lábios na sua testa. — Eu farei com que ela tenha tudo acertado e saiba o que fazer antes que eu vá para a escola.

— Por que você não fica aqui essa noite? — ela disse, espalmando o lugar vazio próximo a ela. — Faça-me companhia.

Eu hesitei. — Você precisa do seu descanso.

Ela acariciou seus dedos frios contra a minha bochecha. — Eu terei mais descanso com você aqui.

A tentação de me enrolar contra ela como eu fazia quando era criança era demais para resistir, não quando a cada momento que eu a deixava, eu me perguntava se esse seria o último momento em que eu a veria viva. Hoje à noite eu me deixaria evitar essa dor.

— Ok.

Eu me arrastei na cama próxima a ela, tendo certeza que ela tinha cobertor suficiente antes de usar o resto para cobrir minhas pernas, inalando o seu perfume familiar. Mesmo depois de passar anos entrando e saindo de um hospital, ela ainda

cheirava a maças e frésia. Ela afagou o topo da minha cabeça, e eu fechei meus olhos antes de eles começarem a lacrimejar.

— Amo você, — eu murmurei, querendo abraçá-la apertadamente, mas sabendo que ela não poderia suportar.

— Eu amo você também, Kate, — ela disse suavemente. — Eu estarei aqui pela manhã, eu prometo.

Tanto quanto eu gostaria que pudesse ser, eu sabia que essa não era mais uma promessa que ela pudesse ser capaz de manter para sempre. Aquela noite, os pesadelos eram impiedosos e cheios de vacas de olhos vermelhos, rios de sangue e água que emergia ao meu redor até que eu acordei arfando. Eu empurrei o cobertor de cima de mim e enxuguei minha testa úmida, temendo que eu tivesse acordado minha mãe, mas ela ainda estava adormecida. Mesmo que eu não tenha dormido bem, eu não podia tirar o dia seguinte de folga. Era meu primeiro dia na Eden High, que era um prédio de tijolos que parecia mais um celeiro do que uma escola. Havia dificilmente estudantes suficientes para se incomodar em construir uma, em primeiro lugar, quanto mais mantê-la funcionando. A matrícula tinha sido ideia da minha mãe; depois que eu perdi o meu último ano para cuidar dela, ela estava determinada que eu graduasse.

Eu dirigi o meu carro para o estacionamento dois minutos depois do segundo toque soar. Mamãe tinha ficado doente essa manhã, e eu não confiava na enfermeira, uma corpulenta, matrona[1] chamada Sofia, para cuidar dela apropriadamente. Não que houvesse qualquer coisa particularmente ameaçadora sobre ela, mas eu tinha gasto a maior parte dos últimos quatro anos cuidando de minha mãe, e até onde eu me preocupava ninguém mais poderia fazer isso direito. Eu quase tinha cabulado para

[1] matrona. s.f.Antig. Dama romana. Mulher idosa e respeitável.

ficar em casa com ela, mas minha mãe tinha insistido que eu fosse. Tão difícil quanto o dia tinha sido até então, eu estava certa de que iria ficar pior.

Pelo menos eu não estava sozinha na caminhada da vergonha através do estacionamento. Na metade para o prédio, eu notei um garoto me seguindo. Ele não poderia ser velho o bastante para dirigir, e seu cabelo loiro-esbranquiçado se estendia quase tanto quanto suas orelhas cobertas. Julgando pela sua expressão animada, ele não podia se importar menos que estivesse atrasado.

Ele se adiantou para frente para alcançar a porta antes de mim, e para minha surpresa, ele a manteve aberta para mim. Eu não podia pensar em um único cara na minha antiga escola que teria feito isso.

— Depois de você, *mademoiselle.*

Mademoiselle? Eu encarei o chão para evitar dar a ele um olhar estranho. Não adianta nada ser rude no primeiro dia.

— Obrigada,— eu murmurei, adentrando e andando mais rápido. Ele era mais alto que eu, entretanto, e me alcançou sem tempo. E para meu horror, ao invés de me ultrapassar, ele diminui assim nós estávamos andando juntos.

— Eu conheço você?

Oh, Deus. Ele esperava que eu respondesse? Com sorte, parecia que não, assim ele não me deu uma chance de responder.

— Eu não conheço você.

Brilhante observação, Einstein.

— Eu devia conhecer você.

Logo do lado de fora do escritório, ele virou-se, se colocando entre eu e a entrada. Esticando uma mão, ele me olhou, com expectativa.

— Eu sou James, — ele disse, e eu finalmente dei uma boa olhada em seu rosto. Ainda infantil, mas talvez ele fosse mais velho do que eu pensava. Suas feições eram duras, mais maduras do que eu esperava. — James MacDuffy. Ria e eu serei forçado a odiar você.

Não vendo outra opção, eu forcei um pequeno sorriso e peguei a mão dele.

— Kate Winters.

Ele me encarou por mais tempo do que o estritamente necessário, um sorriso pateta em seu rosto. Enquanto os segundos passavam, eu fiquei lá, mudando desconfortavelmente de um pé para o outro, e finalmente eu limpei a garganta.

— Er... Você poderia talvez…?

— O quê? Oh. — James deixou cair minha mão e abriu a porta, uma vez mais a segurando aberta para mim. — Depois de você, Kate Winters.

Eu dei um passo dentro, carregando minha mochila mais próxima. Dentro do escritório estava uma mulher vestida da cabeça aos pés de azul, com um cabelo castanho avermelhado lustroso que eu teria dado o meu pé direito para ter.

— Oi, eu sou...

— Kate Winters, — interrompeu James, caindo em um lugar perto de mim. — Eu não a conheço.

A recepcionista conseguiu simultaneamente suspirar e rir. — O que foi desta vez, James?

— Pneu furado. — Ele sorriu. — Eu mesmo troquei.

Ela rabiscou em um pedaço de papel cor de rosa, em seguida arrancou a folha e deu a ele. — Você vem andando.

— Eu venho? — O sorriso dele alargou. — Cê sabe Irene, se continuar duvidando de mim desse jeito, eu vou começar a pensar que você não gosta mais de

mim. Há mesma hora amanhã? — Ela riu, e finalmente James desapareceu. Eu me recusei a olhá-lo sair, ao invés disso, fiquei encarando o anúncio colado no balcão. Aparentemente o dia da Gravura era em três semanas.

— Katherine Winters, — disse a mulher - Irene - uma vez que a porta do escritório fechou. — Nós estávamos aguardando você.

Ela se ocupou procurando pela pasta, e eu fiquei lá sem jeito, desejando que tivesse alguma coisa pra dizer. Eu não era muito faladeira, mas eu podia pelo menos acompanhar uma conversa. Algumas vezes. — Você tem um belo nome.

Ela ergueu suas sobrancelhas perfeitamente arqueadas. — Eu tenho? Eu estou feliz que você pense assim. Eu gosto dele por mim mesma. Ah, aqui vamos nós.

Ela puxou um pedaço de papel e me entregou. — Seu horário, bem como um mapa da escola. Não deve ser muito difícil de encontrar – os corredores são codificados por cores, e se você se perder, apenas pergunte. Nós somos todos legais o bastante aqui.

Eu assenti, tomando nota da minha primeira aula. Cálculo. Que alegria.

— Obrigada.

— A qualquer hora, querida.

Eu me virei para sair, mas enquanto minha mão tocava a maçaneta da porta, ela clareou sua garganta.

— Senhorita Winters? Eu só... eu queria dizer que eu sinto muito. Pela sua mãe, eu quero dizer. Eu a conheci há muito tempo atrás e bem. Eu sinto muito mesmo. — Eu fechei meus olhos. Todo mundo sabia. Eu não sabia como, mas eles sabiam.

Minha mãe disse que a família dela viveu em Eden por gerações, e eu tinha sido estúpida ao pensar que poderia fugir vindo aqui sem ser notada. Piscando lágrimas de volta, eu virei o trinco e me apressei fora da sala, mantendo minha cabeça baixa na

esperança de que James não fosse tentar falar comigo de novo. Bem quando eu virava um canto, eu bati diretamente no que parecia como um muro. Eu tropecei para o chão, o conteúdo da minha mochila se espalhando por todo lugar. Minhas bochechas queimaram, e eu tentei coletar meus pertences enquanto murmurava uma desculpa.

— Você está bem?

Eu olhei pra cima. A parede humana me olhava, e eu me encontrei cara a cara com uma jaqueta de futebol de time escolar.

Aparentemente James e eu não éramos os únicos correndo atrasados naquela manhã.

— Eu sou Dylan. — Ele ajoelhou perto de mim, oferecendo uma mão. E eu só a segurei tempo suficiente para me erguer.

— Kate, — eu disse. Ele me entregou meus cadernos, e eu os tomei dele, jogando-os de volta na minha mochila. Dois livros e cinco panfletos depois, eu me ergui e espalmei meus jeans. Foi quando eu notei que ele era bonitinho. Não apenas em Eden, mas bonitinho nos padrões de Nova York também. Mesmo assim, havia alguma coisa no modo como ele me olhava, fez querer me afastar. Antes que eu pudesse fazer isso mesmo, uma bela garota loira se colou ao lado dele e me deu uma checada.

Ela podia estar sorrindo, mas o jeito como estava se inclinando contra ele e agarrando seu braço, ela podia muito bem ter urinado em cima dele. Ele era claramente território marcado.

— Quem é sua amiga, Dylan? — ela disse, apertando seu agarre. Dylan a olhou sem expressão, e levou um momento antes que ele enrolasse o braço dele ao redor dela. — Uh, Kate. Ela é nova.

O sorriso falso dela cresceu, e ela esticou sua mão.

— Kate! Eu sou Ava. Eu ouvi *tanto* sobre você. Meu pai, ele é o agente imobiliário, me disse tudo sobre você e sua mãe.

Pelo menos agora eu tinha alguém para culpar pelo vazamento no meu quarto.
— Oi, Ava,— eu disse, encarando o dragão de frente e tomando sua mão. — é um prazer te conhecer.

Tudo na forma como ela me olhava gritava que ela queria nada mais do que me levar para a floresta e me enterrar viva.

— É um prazer conhecer você, também.

— Qual a sua primeira aula? — Dylan disse, entortando seu pescoço para que pudesse dar uma olhada no meu horário. — Cálculo. Eu – nós podemos mostrar a você onde é, se preferir.

Eu abri minha boca para contestar, concluindo que não havia razão para tentar o destino mais do que eu já estava por continuar a conversa agora que Ava estava aqui, mas antes que eu pudesse dizer uma palavra, ele me pegou pelo cotovelo e me desfilou pelo corredor. Eu olhei para Ava, pronta para me desculpar pelo sequestro do seu namorado, mas quando eu vi o flash de vermelho em suas bochechas e o aperto do delicado maxilar, as palavras morreram na ponta da minha língua. Talvez minha mãe fosse viver mais do que eu afinal.

CAPÍTULO 02
AVA

Eu não era espetacularmente bonita. Eu bem que queria, mas eu era apenas eu. Eu nunca tinha "modelado", os caras nunca babaram por mim, e eu nunca pareci muito com nada próximo as geneticamente abençoadas socialites que frequentavam a minha antiga escola preparatória. Que era o porquê pela minha vida eu não podia descobrir por que Dylan ainda estava me encarando.

Ele me encarou durante História, durante toda a Química, e durante todo o almoço. Eu comi sozinha na última mesa vazia, meu nariz enterrado em um livro, não querendo me incomodar em fazer amigos. Eu não ia ficar aqui por muito tempo de qualquer maneira, então não tinha muito sentido. Uma vez que terminasse, eu tinha toda intenção de voltar para Nova York e apanhar quaisquer poucos pedaços da minha antiga vida que eu pudesse encontrar.

Além disso, eu estava acostumada a comer no almoço sozinha. Eu não tinha tido muitos amigos no meu lar também, desde que minha mãe tinha ficado doente no começo do meu primeiro ano, e eu tinha gasto todo o tempo fora da escola acampada próximo à cama de hospital dela enquanto ela passava por uma rodada atrás da outra de quimioterapia e radiação. Não tinha ficado muito tempo para festas do pijama, encontros e passar tempo com pessoas que não podiam possivelmente entender pelo que nós estávamos passando.

— Este lugar está ocupado?

Assustada, eu olhei para cima, quase esperando ver Dylan parado lá. Ao invés, carregando uma bandeja da cafeteria cheia de batatas fritas e usando um grande headphone que escondiam suas orelhas de elefante, James me olhava de volta, um sorriso alegre em seu rosto. Eu não sabia se ficava horrorizada ou aliviada. Silenciosamente eu sacudi minha cabeça, mas não importou de qualquer modo.

Ele já estava sentando. Eu encarei meu livro, tentando meu melhor para evitar olhá-lo na esperança de que ele iria embora. Mas as palavras borraram na minha frente, e eu li a mesma frase quatro vezes, muito atenta a James para me concentrar.

— Tecnicamente, você está no meu lugar, — ele disse casualmente. Alcançando dentro de sua mochila, ele puxou uma garrafa tamanho grande de ketchup, e meus olhos quase saltaram da minha cabeça enquanto eu abandonei toda a farsa de estar lendo. Quem é que carrega uma garrafa de ketchup por aí?

Ele deve ter visto o meu olhar, porque enquanto ele espalhava sobre a massiva pilha de fritas, ele empurrou a bandeja mais próxima de mim. — Quer um pouco? — Eu sacudi a cabeça. Eu tinha uma maçã e um sanduiche, mas a chegada de James tinha me deixado um pouco enjoada. Não era que achasse que ele não era um menino bacana, era só que eu queria ser deixada sozinha. Como desculpa para evitar falar com ele, eu mordi um pedaço da minha maçã, tomando meu tempo enquanto mastigava. James começou a mergulhar em suas fritas, e por um breve momento, pensei que a conversa estava acabada.

— Dylan está olhando pra você, — ele disse, e antes que eu pudesse engolir e deixar claro que eu não queria ter nada com Dylan, James assentiu para alguma coisa atrás de mim.

— Chegando.

Eu franzi o cenho e me virei, mas Dylan ainda estava sentado do outro lado da cafeteria. Não me levou muito tempo para ver sobre o que ele estava falando a respeito. Ava estava se encaminhando direto para nós.

— Ótimo, — eu murmurei, baixando minha maçã em cima de um guardanapo.

Era realmente pedir demais que eu conseguisse passar através de meu último ano ilesa? E se isso fosse assim tão impossível, eu não poderia pelo menos ter um dia para me estabelecer antes que todo o drama começasse?

— Kate? — A voz aguda de Ava era inconfundível. Eu suspirei interiormente e me forcei a me virar fixando um sorriso inocente no meu rosto.

— Oh, oi — Ava, certo?

O canto de sua boca se contorceu. Eu aposto que ninguém nunca antes tinha perguntado seu nome uma segunda vez.

— Acertou! — ela disse, sua voz gotejando com falso entusiasmo. — Eu fico tão feliz que você tenha lembrado. Ouça, eu queria perguntar – você tem planos para amanhã à noite?

Além de esfregar penicos, trocar panos de cama, e medir a medicação dela para a semana seguinte? — Eu tenho algumas coisas rolando. Por quê?

Ela fungou altivamente, mas pareceu se lembrar que estava tentando bancar a boazinha.

— Nós vamos ter uma fogueira na mata... é uma reunião, exceto que não é... bem, você sabe. Patrocinado pela escola. Ela deu uma risadinha e pôs um cacho de cabelo loiro atrás de sua orelha. — De qualquer modo, eu estava me perguntando se você queria vir. Eu pensei que esse podia ser um jeito legal para você conhecer todo mundo.

Olhando por cima de seu ombro para uma mesa cheia de atletas, ela sorriu.

— Eu sei que alguns deles estão realmente ansiosos para conhecer você.

Sobre o que era isso tudo? Ela queria me arranjar um namorado assim Dylan me deixaria em paz? — Eu não namoro.

A boca de Ava se escancarou. — Sério?

— Sério.

— Por que não?

Eu dei de ombros e olhei para James, que parecia estar determinado a não olhar para Ava enquanto ele construía uma elaborada tenda feita de batatas fritas. Ele não ia ser de nenhuma ajuda.

— Ouça, — Ava disse, abandonando a encenação. — É só uma festa. Uma vez que todos te conhecerem, eles irão parar de encarar você. Não é grande coisa. Só uma hora ou coisa assim, e então você não vai ter que fazer isso de novo. Eu vou até mesmo ajudar você com seu cabelo e maquiagem e coisas – você pode pegar emprestado um dos meus vestidos, se eles não ficarem muito apertados.

Será que ela percebeu que acabou de me insultar? Eu tentei recusar, mas ela continuou seguindo.

— Por favor, — ela disse, sua voz embargada com sinceridade.

— Não me faça implorar. Eu sei que provavelmente não é o que você está habituada em Nova York, mas vai ser divertido, eu prometo.

Eu a olhei enquanto ela me dava um desamparado, implorante olhar. Ela não ia aceitar um não como resposta. — Tudo bem, — eu disse.

— Eu vou ficar por uma hora. Mas eu não preciso da sua maquiagem ou de seus vestidos, e depois disso, você me deixa em paz, tá certo?

O sorriso dela estava de volta, e dessa vez não era falso. — Fechado. Eu estarei na sua casa pelas sete.

Depois que eu rabisquei meu endereço em um guardanapo, Ava desfilou de volta para sua mesa, seus quadris balançando furiosamente enquanto virtualmente todo olhar masculino virava em sua direção. Eu olhei para James, que ainda estava focado construindo aquela barraca ridícula. — Grande ajuda você é.

— Você parecia estar lidando muito bem.

— Yeah, bem, obrigada por me jogar aos lobos. — Eu me estiquei e peguei uma batata de seu prato, tendo certeza que era uma que estivesse segurando a estrutura. Ela veio desmoronando, mas James não pareceu se importar. Ao invés, ele enfiou outra batata na boca e mastigou pensativamente.

— Bem, — ele disse uma vez que havia engolido. — Parece que você oficialmente tem um encontro com o diabo.

Eu grunhi.

*

Enquanto eu andava para o meu carro depois do último sinal tocar, James me alcançou, música soando dos headphones pendurados em seu pescoço, mas pelo menos ele estava em silêncio. Eu ainda estava chateada por ele não ter se metido e me ajudado com Ava, então eu esperei até chegar ao meu carro para lhe dirigir a palavra.

— Eu deixei cair alguma coisa? — eu disse, incapaz de pensar em algum outro modo de ser mais clara. Eu não queria falar com ele.

— O quê? Não, claro que não. Se você tivesse, eu teria devolvido.

Sua perplexidade me confundiu. Ele realmente não entendeu?

Eu continuei com minha chave na fechadura, me perguntando quanto tempo aquilo ia durar. Isso era só por hoje, ou eu teria que esperar pelo meu status de nova curiosidade se desvanecer?

Eu tinha sido observada durante todo o dia, mas ninguém além de James, Dylan e Ava tinham me abordado. Eu não estava surpresa. Eles todos se conhecem desde as fraldas e eles esculpiram seus grupos desde o jardim de infância, mais do que provável. Eu não tinha lugar aqui. Eu sabia disso, eles sabiam disso, e isso estava perfeitamente bem para mim.

— Eu não namoro.

As palavras escaparam antes que eu pudesse me parar, mas agora que eu as tinha dito, eu tinha que continuar. — Mesmo antes, na minha cidade, eu não ficava. Eu só, não. Não é nada pessoal. Eu não estou criando desculpas. Eu realmente quis dizer isso – eu não namoro.

Ao invés de parecer desapontado ou abatido, James me olhou com grandes olhos azuis e uma expressão vazia. Enquanto os segundos passavam, eu senti minhas bochechas esquentarem. Aparentemente me namorar tinha sido a última coisa em sua mente. — Eu acho você bonita.

Eu pisquei. Ou talvez não.

— Mas você é pelo menos um oito e eu sou um quatro. Nós não estamos permitidos namorar. A sociedade diz assim.

Olhando ele, eu tentei descobrir se ele estava falando sério. Ele não parecia estar brincando, e ele estava me encarando de novo, como se esperasse algum tipo de resposta além de um bufo.

— Um oito? — eu botei pra fora. Era a única coisa com a qual eu pude me sair.

— Talvez um nove, se você colocar alguma maquiagem. Mas eu gosto de oitos. Oitos não deixam isso subir a suas cabeças. Noves sim. E as dez não sabem como ser outra coisa além de dez, como Ava.

Ele estava falando sério. Eu virei à chave na fechadura, desejando que eu tivesse um celular para que eu pudesse fingir que alguém estava me ligando. — Bem... Obrigada, eu acho.

—Por nada. — Ele pausou. — Kate? Posso te perguntar uma coisa?

— Claro, manda.

— O que tem de errado com a sua mãe?

Eu congelei, e meu estômago se agitou. Eu não disse nada por alguns momentos, mas ele ainda esperava por uma resposta.

Minha mãe. Sua doença era a última coisa da qual eu queria falar a respeito. Parecia errado espalhar isso por aí, como se eu de algum modo estivesse compartilhando-a assim também. E de modo egoísta, eu queria mantê-la para mim mesma por estes últimos poucos dias, semanas, meses – o quanto fosse de tempo que eu tivesse com ela, eu queria que fosse apenas ela e eu. Ela não era um show de aberrações que eles podiam observar ou um pedaço de fofoca que eles podiam sussurrar por trás e adiante, e eu não iria deixá-los fazer isso a ela. Eu não os deixaria manchar a memória dela desse modo. James se inclinou contra o meu carro, e eu vi um lampejo de simpatia em seus olhos. Eu odiava piedade.

— Quanto tempo ela tem?

Eu engoli em seco. Para alguém com zero habilidades sociais, ele podia me ler como um maldito livro aberto. Ou talvez eu realmente fosse um tanto óbvia. — Os médicos deram a ela seis meses de vida quando eu era uma primeiranista. Eu agarrei

minhas chaves tão apertado que o metal furou minha pele. A dor era uma distração bem-vinda, mas não era suficiente para fazer o nó na minha garganta desaparecer.

— Ela tem durado por um verdadeiro longo tempo.

— E agora ela está pronta.

Eu assenti entorpecidamente. Minhas mãos estavam tremendo.

— Você está?

O ar ao nosso redor parecia desnaturalmente pesado para setembro. Quando eu foquei em James novamente, vasculhando meu cérebro para dizer alguma coisa que o faria ir embora antes que eu começasse a chorar, eu percebi que aproximadamente todos os outros carros haviam partido. James me contornou e abriu a porta.

— Você está bem para dirigir para casa?

Eu estava?

— Sim.

Ele esperou enquanto eu subia no carro, e gentilmente fechou a porta atrás de mim. Eu abaixei o vidro da janela enquanto eu girava a ignição.

— Você quer uma carona?

Ele sorriu, inclinando a cabeça como se eu tivesse dito alguma coisa notável.

— Eu tenho andado pra casa todo santo dia desde o primeiro ano, na chuva, neve, granizo, não importa. Você é a primeira pessoa que já me ofereceu carona pra casa.

Eu corei.

— Não é grande coisa. A oferta segue, se você quiser.

James me olhou por um momento, como se tomando algum tipo de decisão a meu respeito.

— Não, está tudo bem, eu irei andando. Obrigado, entretanto.

Eu não estava certa se ficava aliviada ou se me sentia culpada por estar querendo me sentir aliviada. — Vejo você amanhã então.

Ele assentiu, e eu pus o carro na ré. Bem antes de eu tirar meu pé do pedal, James estava perto da minha janela de novo.

— Ei, Kate? Talvez ela dure um pouco mais.

Eu não disse nada, não confiando em mim mesma para manter a compostura. Ele observou enquanto eu saía da vaga, e quanto eu virei para a estrada principal, eu peguei um vislumbre dele andando através do estacionamento. Ele tinha posto seus headphones de volta. A meio caminho de casa, eu tive que encostar e me dar tempo para chorar.

Mamãe passou a maior parte daquela noite debruçada sobre uma bacia vomitando, e eu passei a maior parte dela segurando seu cabelo pra trás. Pela hora que amanheceu e Sofia, a enfermeira diurna, apareceu, minha mãe mal tinha energia para telefonar, me dispensando de minhas aulas, e nós duas dormimos o dia todo.

Depois de outra rodada de pesadelos arrepiantes, eu levantei pouco depois das quatro, meu coração martelando e meu sangue frio em minhas veias. Eu ainda podia sentir a água preenchendo meus pulmões enquanto lutava para tomar uma respiração, podia ainda ver os sombrios redemoinhos de sangue que me rodeavam enquanto a correnteza me puxava pra baixo, e quanto mais eu lutava, mais profundo eu afundava. Eu levei vários minutos para me acalmar, e uma vez que pude respirar estável de novo, eu passei um pouco de corretivo debaixo dos meus olhos para esconder as olheiras escuras. A última coisa que eu queria era que minha mãe se preocupasse comigo.

Quando fui checá-la, Sofia estava sentada em uma cadeira do lado de fora da sua porta, cantarolando suavemente para si mesma enquanto tricotava o que parecia

como a metade de um suéter lilás. Ela parecia tão contente que você nunca imaginaria que a minha mãe estava morrendo do outro lado da porta.

— Ela está acordada? — eu disse, e Sofia sacudiu sua cabeça. — Você aplicou a medicação intravenosa?

— É claro, querida, — ela disse gentilmente, e eu afundei meus ombros. — Você vai para a festa hoje à noite?

— Como você sabe disso?

— Sua mãe mencionou, — ela disse. — É isso que você vai vestir?

Eu olhei para meus pijamas.

— Eu não vou.

Era uma hora com minha mãe que eu nunca teria de volta, e nós não tínhamos muitas delas juntas. Sofia cacarejou desaprovadoramente, e eu dei a ela um olhar maldoso. — Você não faria o mesmo se ela fosse sua mãe? Eu prefiro passar essa noite com ela.

— É isso o que ela gostaria que você fizesse? — disse Sofia enquanto baixava seu tricô. — Que você ponha sua vida de lado enquanto espera pela morte dela? Você acha que isso a fará feliz?

Eu desviei a vista.

— Ela está doente.

— Ela estava doente ontem, e ela ainda estará doente amanhã, — disse Sofia gentilmente. Eu senti a sua mão morna na minha, e eu a afastei, cruzando os braços firmemente sobre meu peito. — Ela teria desejado que você tivesse uma noite pra você mesma.

— Você não sabe disso, — eu rebati, minha voz tremendo com emoção que recusava ficar enterrada. — Você não a conhece, pare de agir como se a conhecesse.

Sofia se levantou e cuidadosamente postou seu tricô na cadeira.

— Eu sei que tudo sobre o que ela fala diz respeito a você. — Ela me deu um sorriso triste que eu não pude suportar ver, ao invés olhei para o carpete. — Ela não quer mais nada do que saber que você ficará feliz e bem sem ela. Você não acha que uma ou duas horas do seu tempo pode valer mais dando a ela paz e segurança?

Eu rangi meus dentes. — é claro, mas...

— Mas nada. — Ela enquadrou seus ombros, e mesmo embora ela fosse da minha altura, ela de repente parecia muito mais alta.

— Ela quer que você seja feliz, e você pode dar isso a ela saindo hoje à noite e fazendo amigos. Eu ficarei e farei com que ela seja bem cuidada, e eu não aceito não como resposta.

Eu não disse nada, fuzilando Sofia enquanto meu rosto queimava de raiva e frustração. Ela me encarou de volta, não cedendo um dedo, e finalmente eu tive que desviar o olhar. Ela não sabia quão precioso cada minuto era pra mim, e não havia jeito de fazê-la entender, mas ela estava certa sobre minha mãe. Se isso fosse fazê-la feliz, então eu iria.

— Tudo bem. — Eu limpei os olhos com a minha manga. — Mas se alguma coisa acontecer a ela enquanto eu estiver fora...

— Não irá, — disse Sofia, o calor de volta em sua voz. — Eu prometo que não. Ela pode nem mesmo notar que você está fora, e quando você voltar, você terá uma estória para contar, não é?

Se Ava tivesse o que queria, eu estava certa que eu teria.

CAPÍTULO 03
O RIO

Minha última esperança era que Ava se esquecesse de me pegar, mas quando eu relutantemente me arrastei para a varanda cinco minutos depois das sete, eu vi o enorme Ranger Rover estacionado na entrada, fazendo meu carro parecer como um brinquedo em comparação. Minha mãe ainda tinha estado dormindo quando eu fui checá-la, e ao invés de me fazer acordá-la para me despedir, Sofia me enxotou pra longe. No momento em que eu saí, eu não era uma campista feliz.

— Kate! — Ava guinchou enquanto eu abria a porta do passageiro, indiferente ao meu mau humor. — Eu estou tão feliz que você esteja vindo. Você não está contagiosa, está?

Com esforço, eu escalei e me apressei no meu cinto de segurança. — eu não estou doente.

— Uau — Ava disse — Você é tão sortuda que a sua mãe te deixa sair. — Minhas mãos se apertaram em punhos, e eu não disse nada. *Sortuda* não era exatamente a palavra para isso.

— Você vai amar hoje à noite, — Ava disse, não se incomodando em olhar pelo espelho enquanto saía da entrada de carros. — Todo mundo está vindo, assim você terá uma tonelada de pessoas para conhecer.

— James está indo? — eu me abracei enquanto Ava pisava no pedal, e o Range Rover solavancou pra frente, levando meu estômago junto. Por um segundo, Ava pareceu tão enojada pelo pensamento de James aparecendo que eu quase retirei minha pergunta de volta, mas o olhar se foi tão rápido quanto veio. — James não está convidado.

— Oh. — eu deixei passar. Eu não tinha estado esperando que James viesse de qualquer modo – ele e Ava não frequentavam exatamente os mesmos círculos, depois de tudo. — E Dylan?

— É claro. — Sua voz animada soava tão falsa quanto suas unhas postiças, e quando eu olhei para ela na luz fraca do carro, eu vi um flash de alguma coisa em seus olhos. Raiva, talvez, ou ciúmes.

— Eu não estou atrás dele, — eu disse, no caso dela ainda não ter pego a mensagem. — Eu quis dizer exatamente aquilo, quando disse que não namoro.

— Eu sei. — Mas o jeito que ela recusou olhar para mim falou mais alto, e eu suspirei. Eu não devia ter me importado, mas em Nova York eu tinha visto um monte de garotos tomando vantagem de suas namoradas enquanto estavam de olho em alguém mais por trás. Nunca terminava bem. Não importa quanto Ava pudesse me odiar, ela não merecia isso.

— Por que você está com ele, de qualquer forma?

Por um momento, ela pareceu surpresa. — Porque ele é o Dylan, — ela disse, como se isso fosse óbvio. — Ele é fofo, é esperto e é capitão do time de futebol. Porque eu não ia querer ficar com ele?

— Oh, eu não sei, — eu disse. — Por que ele é um porco que provavelmente só namora você porque é linda e quase certamente uma líder de torcida? — Ela fungou.

— Eu sou capitã das líderes de torcida *e* capitã do time de natação.

— Exatamente.

Ava girou o volante, e os pneus guincharam contra o asfalto enquanto o carro virava abruptamente. A imagem de uma vaca no meio da estrada piscou através da minha mente, e eu apertei meus olhos fechados e silenciosamente rezei.

— Nós estamos juntos por eras, — Ava disse. — Eu não vou chutá-lo porque alguma garota que pensa que é melhor que nós, chega e me diz que estou sendo estúpida.

— Eu não acho que sou melhor que vocês, — eu disse apertadamente. — Eu só não me mudei para cá para fazer amigos.

Ela ficou em silêncio enquanto nós dirigimos pela escuridão. A princípio, eu pensei que ela não fosse dizer nada, mas quando ela o fez um minute depois, sua voz estava tão baixa que eu tive que me esforçar para ouvi-la. — Papis disse que sua mãe está realmente doente.

— Yeah, bem, Papis está certo.

— Eu sinto muito, — ela disse. — eu não sei o que faria sem minha mãe.

— Yeah, — eu murmurei. — Eu também. — Dessa vez, quando ela virou a esquina, eu não senti como se estivéssemos de repente voando através do ar. — Kate?

— Mm?

— Eu realmente amo o Dylan. Mesmo se ele só está comigo porque eu sou uma líder de torcida.

— Talvez não, — eu disse, inclinando minha cabeça contra a janela. —Talvez ele seja diferente.

Ela suspirou. — Talvez.

Ava estacionou seu monstro sugador de gasolina, no lado de uma estrada escura. Árvores se erguiam acima de nós, e a lua projetava sombras no chão, mas pela minha vida eu não podia entender onde nós estávamos. Não havia outro carro ou casa a vista.

— Onde nós estamos? — eu disse enquanto ela me guiou adentrando pela floresta.

— A fogueira é na floresta[2], — Ava disse enquanto ela agilmente evitava os galhos que pendiam baixos. Eu não era tão sortuda. — Não está tão longe.

Balbuciando uma série de profanidades sob minha respiração, eu a segui. Isso efetivamente destruiu minhas intenções de partir mais cedo, e eu estaria amarrada aqui até que Ava partisse, a menos que eu pegasse carona com um dos meus muitos pretendentes.

Eu fiz uma careta pelo pensamento. Eu preferia ter que andar.

— É logo do outro lado da cerca viva, — Ava disse, e eu parei. A cerca?

— Você quer dizer sobre a cerca ao redor daquela enorme propriedade?

— Você a conhece? — Ava virou-se para olhar para mim.

— Minha mãe me contou.

— Oh... Bem, é onde nós temos as nossas festas. Papis conhece o dono, e ele está totalmente legal com isso.

Alguma coisa a respeito do modo como ela disse isso fez meu estômago se contorcer em nós, enquanto eu me lembrava da figura que pensei ter visto no espelho retrovisor, mas não havia muito que eu pudesse fazer. Talvez ela estivesse dizendo a verdade. Ela não tinha razão para mentir para mim, ela tinha? Além do mais, até onde

[2] [2]bonfire - fogueira, ou mais especificamente uma celebração em ar livre ao redor de uma grande fogueira.

eu sabia, o único caminho através daquelas sebes era o portão da frente, mas nós não estávamos mais em nenhum lugar próximo da estrada.

— Como, supostamente, nós vamos entrar?

Ela continuou andando, e deixada sem escolha, eu segui. — Há um córrego logo acima. Há uma abertura na cerca viva, nós podemos escalar através, e a festa está apenas do outro lado. Eu empalideci, meus pesadelos de afogamento retornando para mim. — Eu não tenho que nadar, tenho?

— Não, por quê? — Ela deve ter pegado alguma coisa pela minha voz, porque ela parou de novo para olhar para mim.

— Eu não posso nadar. Eu nunca aprendi como. — Era a verdade, mas eu também não queria contar a ela sobre os meus pesadelos. Era ruim o suficiente que eu tivesse que revivê-los à noite; se eu contasse a Ava, eu estava certa que ela apenas os usaria como munição contra mim.

Ela riu levemente, e eu poderia ter jurado que seu tom cresceu mais alegremente. — Oh, não se preocupe, não é requerido natação. Há pedras que você pode pisar em cima e tal, o que faz ficar mais fácil para entrar.

Eu podia ver a cercania[3] agora. Minhas mãos estavam suadas e minha respiração vinda em pequenas arfadas, e eu não achei que tivesse alguma coisa a ver com o nosso passo apressado.

— É lá em cima. — Ava apontou para um ponto cerca de vinte pés a frente de nós. O som de água corrente flutuou no ar da noite em direção a nós, e me tomou cada pedaço de força de vontade que eu tinha para me manter seguindo-a.

Quando nós alcançamos o córrego, minha boca caiu escancarada. Não era um córrego, isso era um maldito rio. A corrente não parecia muito poderosa, mas era forte o suficiente para me carregar pra longe se eu caísse. E sem muita luz para trabalhar em conjunto, era quase impossível ver as rochas que Ava tinha se referido. Ela tinha estado falando a verdade sobre a abertura na cercania embora; era pequena, como se o rio se estreitasse apenas o suficiente para a cerca se formar sobre ele. Nós tínhamos que andar nas pedras e abaixar para conseguir passar, mas era possível sem realmente ter que ir nadando.

[3] cercania - proximidade, vizinhança e arredores;

— Siga-me, — Ava disse em uma voz baixa. Mantendo suas mãos afastadas para equilíbrio, ela pisou entrando no rio, procurando até que ela encontrou uma pedra larga. — O caminho é aqui... Você está ok?

— Eu estou bem, — eu murmurei através de dentes cerrados. Eu estava cuidadosa para depositar meu pé exatamente onde ela tinha andado e mantive meus braços abertos como ela fazia, mas cada passo me fazia sentir como se eu estivesse indo cair dentro da água escura abaixo.

Ela se agachou sob a cerca, e eu não podia mais ver onde ela estava indo. Meu estômago apertou enquanto pânico se instalava, e eu pus uma mão trêmula contra a cerca e me abaixei, tomando cada passo por vez.

Milagrosamente, eu cheguei do outro lado seca. As rochas terminaram imediatamente, e eu tive que pular para terra firme, mas eu tinha feito... Eu estava segura. Eu deixei escapar um suspiro de alívio. Se Ava pesava que ela fosse me enfiar através daquele buraco de novo, ela estava biruta.

Olhando pra cima, a primeira coisa que vi foi Ava abrindo o zíper de sua saia, seu top já estava descartado. Por debaixo ela vestia um biquíni, as cores apagadas no escuro.

— O que você está fazendo?

Ela me ignorou. Ao invés de pressionar o assunto, eu tomei um momento para olhar ao redor. Nós estávamos em uma área arborizada, e se eu não soubesse melhor, eu teria pensado que ainda estávamos do outro lado da cerca. Parecia exatamente o mesmo.

— Desculpa Kate, — Ava disse. Ela puxou um saco de lixo pra for a de um dos seus bolsos e colocou suas roupas dentro.

— Desculpa? Porque você está se desculpando?

— Por partir. — Ela jogou a sacola sobre um ombro e me disparou um grande sorriso. — Não leve isso para o lado pessoal. Se Dylan não gostasse tanto de você, nós podíamos até mesmo ser amigas. Mas eu tenho certeza que você vai entender porque isso tem que acontecer.

— Por que, o quê tem que acontecer?

— Isso. — Ela pisou dentro da água e estremeceu.

Aparentemente, estava tão fria quanto parecia. — Considere isso um aviso, Kate. Não toque meu namorado. Da próxima vez será muito, muito pior.

E com isso ela mergulhou de cabeça no rio.

Duas coisas aconteceram de uma vez: primeira, eu percebi o que estava acontecendo. Ela estava me deixando aqui, sabendo muito bem que eu estava com medo da água. Não havia fogueira... Ela tinha feito isso de propósito.

A segunda coisa aconteceu quando Ava atingiu o rio.

Ao invés de observá-la nadar para longe, eu ouvi o doentio crack enquanto ela batia sua cabeça em uma rocha, e a próxima coisa que eu soube, Ava flutuava mole como se ela estivesse sendo carregada pela correnteza.

Eu me encolhi. A água a carregava aproximadamente a vinte pés de distância enquanto eu assistia, mas Ava não se moveu. O choque devia tê-la deixado sem sentido.

Bom.

Não, nada bom, a parte moral do meu cérebro insistiu. Nada bom mesmo. Se ela estava realmente inconsciente e não apenas tonta, então iria se afogar se a corrente não a empurrasse para o outro lado da margem do rio.

Eu mentalmente grunhi. Deixe a sofrer... Não era um rio muito largo. Ela iria voltar aos seus sentidos e encontrar a borda eventualmente.

Mas aquela voz faça-o-bem em minha cabeça apontou que se alguma coisa tinha acontecia a ela, eu seria a responsável. E mesmo se ela tinha tentado me pregar uma brincadeira cruel, eu não podia lidar com o pensamento de alguma coisa horrível acontecendo com outra pessoa na minha vida. Eu tive tragédia o suficiente para uma vida inteira.

Meu corpo se moveu antes da minha mente ter decidido. Eu podia não ter sido muito boa em natação, mas eu podia correr. Chutando fora meus calcanhares, eu fechei metade da distância entre nós antes de perceber o que eu estava fazendo. A corrente era forte, mas não era tão rápida quanto eu tinha pensado antes. Eu alcancei Ava rapidamente, derrapando para uma parada na margem lodosa, mas então eu tinha um completo diferente problema para lidar... A água.

Imagens dos meus pesadelos piscaram através da minha mente, mas eu as empurrei de lado. Ava estava no centro do rio de rosto pra baixo, o que significava que eu não tinha tempo para esperar ela se aproximar. Havia apenas duas opções: deixar ela se afogar ou pular dentro do rio atrás dela. Não era muito uma escolha.

Encolhendo-me, eu adentrei a água fria como gelo e chapinhei em direção a ela, me impulsionando lentamente para acompanhar. Meu pé pegou uma rocha e eu caí dentro, me encharcando, e antes que soubesse, a correnteza me tinha também.

Pânico cresceu dentro de mim tão logo minha cabeça esteve submersa. Mas eu estava consciente, e mesmo embora não pudesse nadar a água não era profunda. Diferente do meu pesadelo, eu consegui encontrar minha pisada e me impulsionei em direção à superfície. Eu lutei para alcançar Ava, e uma vez que consegui, eu a agarrei pelo braço e a puxei para mim. Meu coração batia dolorosamente rápido, mas me mantive respirando tão estavelmente quanto pude. Eu ia matar Ava uma vez que ela estivesse acordada, e se houvesse alguma justiça no mundo, ela teria cortes e uma cicatriz permanente naquele pequeno lindo rosto dela.

Eu puxei Ava rumo à borda e a tirei da água congelante, aliviada em estar em terra seca. Mesmo embora ela tivesse estado lá metade de um minuto, sua pele estava começando a ficar azul, e eu a virei para seu lado, esperando que fosse ajudar se tivesse engolido alguma água.

—Ava? — eu disse, ajoelhando próximo a ela. Meus dentes batiam. — Ava... Acorda.

Ela estava imóvel. Eu me inclinei mais perto, esperando que ela tomasse uma respiração, mas não tomou. Eu engoli o caroço de medo na minha garganta. RCP[4]. Eu podia fazer isso.

Rolei-a para suas costas, palmas contra seu diafragma, 1, 2, 3, 4, 5, 6…

Eu olhei para ela e esperei. Nada.

— Se isso for algum tipo de piada… — eu tentei de novo. Eu não ia dar a ela um boca-a-boca a menos que eu absolutamente tivesse que fazer. Foi então quando eu percebi o corte na cabeça dela. Eu não sei como eu o havia perdido antes... Sangue manchando seu cabelo em escarlate, e eu momentaneamente abandonei o RCP para ver quão ruim estava.

Não era só um corte. Meu estômago se revirou violentamente quando eu puxei seu cabelo para trás para ver a ferida. Seu crânio não estava arredondado no topo de sua cabeça... Estava plano.

Eu estremeci e cobri minha boca, a segundos de vomitar. Mesmo no escuro, eu podia dizer que eu não estava olhando apenas para seu cabelo e sangue. Seu escalpo estava exposto e parte disso pendia aberta revelando um crânio amassado e pedaço de... Oh, Deus, eu não queria nem mesmo pensar sobre isso. Rapidamente, meus dedos

[4]Ressucitação Cardiopulmonar

foram para o lado de seu pescoço, procurando uma veia, por um pulso. Minha respiração estava vindo em rápidas arfadas agora, e o mundo rodou enquanto eu automaticamente retomei o RCP. Ela não podia estar. Não era possível. Era uma piada, só alguma piada doentia onde eu supostamente devia arrastar minha bunda gorda para o portão da frente e andar para casa. Ela não deveria estar...

— Socorro! — eu gritei tão alto quanto eu pude enquanto lágrimas quentes riscavam meu rosto. — Alguém *ajude!*

CAPÍTULO 04
O ESTRANHO

Soluçando, eu pressionei minhas mãos contra o abdômen de Ava. Ela não podia estar morta. Dois minutos atrás, ela tinha estado me dizendo para... Para o quê? Isso não importava. Eu limpei meus olhos com a costa da minha mão, tomando uma profunda e trêmula respiração. Não. Não é possível. Isso não estava acontecendo.

— Socorro! — eu gritei, olhando ao redor selvagemente, esperando por algum sinal de vida. Mas tudo o que eu vi em cada lado de nós eram árvores, e o único som que eu ouvia era o da correnteza do rio. Se alguém vivia na propriedade, eles podiam estar à milhas de distância.

Eu olhei de volta para Ava, seu rosto nadando enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas. O que eu deveria fazer?

Meus ombros tremiam, e meu corpo estava inútil. Eu tropecei para trás, caindo em uma posição sentada enquanto encarava Ava. Seus olhos amplamente abertos, sem piscar e sem vida, e ela estava imóvel enquanto sangue escorria de sua cabeça. Era inútil.

Eu puxei meus joelhos para o meu peito, incapaz de tirar meus olhos para longe dela. O que iria acontecer agora? Quem iria nos encontrar? Eu não podia deixa-la. Eu tinha que ficar aqui até que alguém nos encontrasse. Oh, Deus, minha pobre mãe... O que todo mundo iria dizer? Eles iriam pensar que matei Ava? E eu não tinha

de um modo? Se eu não tivesse concordado em ir com ela, então ela nunca iria pular de cabeça em um rio.

— Posso ajudar você?

Meu coração pulava uma batida. Parado do meu lado estava um homem... Um garoto? Eu não podia dizer, enquanto seu rosto estava parcialmente obscurecido pela escuridão. Mas o que eu podia ver dele fez minha respiração engatar na minha garganta. Seu cabelo era escuro, e a jaqueta que ele vestia era longa e preta, flutuando na brisa fria. Eu não o tinha imaginado depois de tudo.

— Ela está... — eu não pude terminar.

Ele ajoelhou do lado de Ava e a examinou. Ele tinha que ver as mesmas coisas que eu vi... A cabeça sangrenta, o corpo imóvel, o ângulo de seu pescoço. Mas ao invés de se apavorar, ele olhou para mim, e um choque percorreu minha coluna. Seus olhos eram da cor da luz da lua.

Eu ouvi ruídos a poucos metros de distância. Assustada, eu me virei ao redor, apenas para ver um Great Dane[5] preto se aproximando de nós, rabo abanando. O cachorro sentou próximo a ele, e ele coçou o cachorro atrás da orelha.

— Qual o seu nome? — ele disse quietamente.

Com mãos trementes, eu enfiei meu cabelo molhado atrás das minhas orelhas. — K-Kate.

— Olá, Kate. — Havia uma nota calmante em sua voz, quase melódica. — Eu sou Henry, e este é Cerberus.

Eu podia ver seu rosto claramente agora que ele estava mais próximo, e alguma coisa sobre isso parecia fora de lugar. Ele não podia ser mais do que alguns poucos anos mais velho do que eu, vinte e dois no máximo, mas mesmo isso era forçando. E ele

[5] raça de cães, conhecidos por serem bastante altos e usados em caçadas de veados e javalis

era muito bonito para estar no meio da mata desse jeito. Ele deveria estar nas capas de revistas, não gastando seu tempo escondido na Península Superior do Michigan.

Mas seus olhos captaram minha atenção. Mesmo na escuridão, eles brilharam vivamente, e eu tive um tempo difícil me apartando de seu olhar.

— M-minha amiga, — eu disse, minha voz tremendo. — Ela está...

— Ela está morta.

Ele falou isso com tanta falta de emoção que meu estômago virou do avesso. Eu botei pra fora o pouco jantar que eu havia comido, o horror da noite me atingindo tão forte que eu senti como se o meu fôlego tivesse sido nocauteado de mim.

Finalmente, uma vez que eu tinha terminado, eu virei de volta pra minha posição sentada e limpei minha boca. Henry tinha ajeitado Ava de modo que ela pareceu como se estivesse dormindo, e agora ele estava me encarando como se eu fosse algum estranho animal que ele não queria assustar. Eu desviei o olhar.

— Então ela é sua amiga?

Eu tossi fracamente, lutando para manter o soluço borbulhando dentro de mim de estourar. Ela era? É claro que não.

— S-sim, — eu consegui dizer. — Por quê?

Eu ouvi um ruído de tecido e abri meus olhos para ver Henry colocando sua jaqueta sobre Ava, do jeito que as pessoas fazem com os cadáveres. — Eu não tinha percebido que amigos tratavam-se do modo como ela a tratou.

— Ela—aquilo era uma piada.

— Você não achou muito engraçada.

Não, eu não tinha achado. Mas isso não importava mais.

— Você tem medo da água, no entanto você pulou atrás dela, mesmo embora ela fosse deixar você pra trás.

Eu o encarei. Como ele sabia daquilo?

— Por quê? — ele disse, e eu dei de ombros pateticamente. O que ele esperava que eu dissesse?

— Porque, — eu disse. — Ela... Ela não merecia… — Ela não merecia morrer.

Henry esteve quieto por um longo momento, e ele olhou para o corpo coberto de Ava. — O que você daria para tê-la de volta?

Eu lutei para tentar entender o que ele estava falando. — De volta?

— De volta na condição em que ela estava antes de pular na água. Viva.

No meu pânico, eu já conhecia minha resposta. O que eu daria para ter Ava de volta? O que eu faria para impedir a morte de apertar seu agarre sobre os pedaços restantes da minha vida que já não tinha roubado? Isso tinha marcado minha mãe e estava esperando na espreita para tomá-la de mim, se aproximando a cada dia. Ela podia estar pronta para desistir, mas eu nunca iria parar de lutar por ela. E como no inferno eu ia deixar que isso clamasse outra vítima bem em frente de mim, especialmente quando era minha culpa que Ava estivesse aqui em primeiro lugar. — Qualquer coisa.

— Qualquer coisa?

— Sim. Você pode ajudá-la? — Uma irracional esperança acendeu dentro de mim. Talvez ele fosse um médico. Talvez ele soubesse como consertá-la.

— Kate… Você já ouviu a estória de Perséfone?

Minha mãe amava mitologia Grega, e ela estava acostumada a ler as estórias para mim enquanto eu era criança. Mas o que tinha aquilo a ver com tudo? — O quê? Eu... Sim, há um longo tempo atrás, — eu disse, aturdida. — Você pode consertá-la? Ela está... Você pode? Por favor?

Henry se ergueu. — Sim, se você me prometer uma coisa.

— O que quer que você queira. — Eu me levantei também, me atrevendo a ter esperança.

— Leia o mito de Perséfone de novo, e você descobrirá. — Ele tomou um passo em direção a mim e acariciou a ponta de seus dedos contra minha bochecha. Eu me afastei, mas minha pele parecia estar em chamas onde ele tinha me tocado. Ele colocou suas mãos nos bolsos, não afetado pela minha rejeição.

— O equinócio de outono é em duas semanas. Leia isso, e você irá entender.

Ele deu um passo atrás, e eu fiquei lá, confusa. Virando-me para olhar para Ava, eu disse, — Mas e sobre...

Eu olhei para cima, e ele tinha ido. Tropeçando adiante, meus pés dormentes, eu olhei ao redor selvagemente. — Henry? O que...

— Kate?

Meu coração pulou para minha garganta. Ava. Eu caí para os meus joelhos ao lado dela, muito assustada para tocá-la, mas seus olhos estavam abertos e ela não estava sangrando mais e ela estava *viva.*

— Ava? — eu arfei.

— O que aconteceu? — ela disse, lutando para sentar e limpar o sangue de seus olhos.

— Você... Você bateu com sua cabeça e… — Eu estanquei. E o quê?

Ava tropeçou para seus pés e amaldiçoou, mas eu a alcancei e a firmei com mãos trementes. — Tudo certo? — eu disse, tonta, e Ava assentiu. Eu enrolei meu braço ao redor de sua cintura nua para ajudá-la a manter-se ereta. A jaqueta de Henry tinha sumido. — Vamos levar você pra casa.

Pela hora em que eu rastejei na cama aquela noite depois de esfregar fora o sangue debaixo de minhas unhas, eu tinha quase me convencido que ele não era real.

De que vendo ele hoje, e do carro mais cedo naquela semana... Isso tinha sido tudo minha imaginação. Era a única explicação lógica. Eu tinha batido minha cabeça quando eu pulei dentro rio, e no carro eu tinha estado exausta. Ava tinha estado bem o tempo todo e Henry…

Henry foi apenas um sonho.

Aquela semana o telefone tocou na hora, aproximadamente a cada hora até que eu o despluguei. Minha mãe precisava de seu descanso, e depois do que tinha acontecido, tudo que eu queria fazer era me cortar fora do mundo e manter sua companhia. Eu não sabia quem era, e eu não me importava.

O rio congelante não me tinha favorecido, e eu dormi a maior parte do fim de semana na cadeira de balanço ao lado da cama de minha mãe. Era um sono sem descanso, cheio com os mesmos pesadelos a que eu vinha tendo aproximadamente toda noite desde que tinha chegado a Eden, mas agora havia um novo. Ocorria exatamente como aquela noite tinha sido, com Ava mergulhando no rio e batendo sua cabeça, e eu pulando dentro da água para salvá-la. Mas quando eu puxava seu corpo para fora do rio, não era seu rosto que eu via, pálido e sem vida enquanto sangue empoçava no chão. Era o meu.

Eu tive que usar uma mascara cirúrgica ao redor da minha mãe. Eu me sentia febril e dolorida, e havia uma tosse profunda no meu peito que eu não podia sacudir, mas alguém tinha que tomar conta dela. Eu derramei remédio abaixo na minha garganta esperando que isso fosse me fazer sentir melhor, e pelo momento que a segunda-feira chegou, eu me senti bem o suficiente para enfrentar a escola uma vez mais.

No momento que eu entrei na cafeteria na hora do almoço, James se grudou do meu lado, já segurando sua bandeja cheia de batatas fritas. Ele balbuciou alegremente

sobre um novo CD que ele pegou no fim de semana e até me ofereceu para ouvi-lo, mas eu sacudi minha cabeça. Eu não estava com humor para música.

— Kate? — Nós tínhamos pegado nossos assentos, e ele já tinha ensopado suas batatas em ketchup. — Você está realmente quieta hoje. A sua mãe está ok?

Eu elevei a vista do meu sanduíche intacto. — Ela está se segurando lá.

— Então o que está errado? — O olhar em seu rosto deixou claro que ele não ia deixar isso passar.

— Nada. Eu só estive doente todo o fim de semana, isso é tudo.

— Oh, certo. — Ele enfiou uma frita na sua boca. — Você faltou sexta-feira. Eu peguei a sua lição de casa pra você.

— Obrigada. — Pelo menos ele não estava pressionando o assunto.

— Você foi a aquela festa com Ava?

Eu congelei. Isso estava tão óbvio? Tinha alguma coisa na minha expressão que tinha dito a ele? Não, isso era apenas conversa furada.

— Kate?

Terrível. Agora ele sabia que tinha alguma coisa errada. — Eu sinto muito, — eu murmurei cabisbaixa.

— Aconteceu alguma coisa na festa?

— Não havia nenhuma festa. — Não havia ponto em mentir para ele sobre isso. Ele poderia perguntar por aí e descobrir de alguma forma, se ele se incomodasse em falar com outras pessoas. — Era apenas Ava e alguma brincadeira estúpida.

— Que tipo de brincadeira estúpida? — O jeito que sua voz baixou e seus olhos endureceram deviam ter alertado os sinos na minha mente, mas eu estava muito preocupada tentando bolar algum tipo de resposta viável. Como eu deveria descrever a impossibilidade que tinha acontecido ao lado do rio? Não havia jeito que ele

acreditasse em mim. Eu mesma não acreditava em mim. E Ava... Eu mentalmente me chutei. A coisa toda tinha sido uma pegadinha, não era? Não apenas me deixar lá, mas ela esmagando sua cabeça contra a rocha, e aparecendo e fingindo que fez… o que quer que ele tenha feito. Ele era provavelmente o irmão mais velho de alguém. Talvez até mesmo de Ava.

Mas e a respeito do crânio dela? O jeito que ela parou de respirar? O ângulo de seu pescoço? Poderia aquilo realmente ter sido falso?

— Falando do diabo, — James disse, sobrancelhas erguidas enquanto ele olhou por cima do meu ombro. Eu não tinha que me virar para saber quem era.

— Kate! — Ava guinchou, e ela sentou-se do meu lado sem esperar por um convite. Eu fiquei tensa, agarrando minha maça tão apertada que podia sentir a fruta machucar debaixo a pele.

— Er, oi. — O que eu deveria dizer para ela? — Como... Como foi seu fim de semana?

Ela balançou suas pernas debaixo da mesa e abaixou sua bandeja de comida. Diferente de James, ela tinha um sanduíche de frango e uma pilha de Tater Tots[6]. Não havia modo que ela comesse aquilo todo dia pelo almoço e conseguisse ficar tão magra.

— Foi bom. E nadei e coisa e tal. Você sabe, descansei, nadei e coisa e tal.

Ela tomou uma mordida de seu sanduíche e não se incomodou em engolir antes de continuar. — Eu tentei ligar pra você, mas você nunca atendeu. O meu pai me deu o número errado?

Eu quase engasguei. Aquilo tinha sido Ava?

[6] Tater Tots - são uma forma comercial de batatas fritas , formato cilíndricos.

— N... Não, aquele era da minha casa. — Eu olhei para James, silenciosamente implorando que ele dissesse alguma coisa, mas ele parecia estar fazendo um verdadeiro esforço para não olhar para nós. — Eu estava doente, assim eu não atendi.

— Você está se sentido melhor agora, entretanto, certo?

Eu hesitei. — Yeah, eu me sinto melhor.

— Oh, isso é perfeito então! Eu estava esperando que você viesse nessa semana em algum momento. Nós temos uma piscina, e eu estava pensando que talvez eu pudesse te ensinar como nadar.

Eu fiquei boquiaberta. Depois de tudo o que tinha acontecido, ela queria que eu fosse nadar com ela?

— Eu não... Eu não nado. — E depois do que tinha acontecido na sexta, eu não queria ir a nenhum lugar perto da água de novo. Parecia descomunalmente cruel manter arrastando essa brincadeira estúpida como está, e eu silenciosamente desejei que ela fosse deixar isso passar.

Ava retorceu seus lábios, e estava claro que alguma coisa na minha voz ou expressão deu uma dica a ela. — Sem ressentimentos sobre o que aconteceu, certo? — Talvez eu estivesse imaginando isso, mas ela parecia quase nervosa. Eu quero dizer… Isso é tipo o que eu queria conversar com você sob...

— Ava, — eu interrompi. — Por que você está sentada comigo?

Seu queixo caiu, e ela abaixou seu sanduiche. — Eu terminei com Dylan.

— O quê? Por quê? — eu olhei para James de novo, mas ele estava agora entretido em fazer um forte de fritas. — Eu pensei que você o amava.

— Eu amo! Eu amava.

— Então por quê?

— Por que. — Ela olhou por cima de seu ombro para a mesa dos atletas. Pelo menos meia dúzia de pares de olhos estavam nos observando, e ela baixou sua voz para um sussurro. — Você me viu, certo? Eu mergulhei no rio e bati minha cabeça, e a próxima coisa que eu sei é que estou no chão com uma dor de cabeça latejante.

Eu forcei um dar de ombros desinteressada. — Então você bateu a sua cabeça e eu arrastei você pra for à antes que se afogasse. Não é grande coisa.

— Sim, é sim. — Sua voz caiu. — Havia sangue em todo lugar. Minha mãe me viu quando eu cheguei em casa, e ela teve um ataque. Eu tive que dizer que era seu.

— Mas não era meu.

Nossos olhos se prenderam. Os dela estavam vermelhos e brilhando com lágrimas. — Eu sei, — ela sussurrou. —Kate, o que aconteceu comigo?

Através da mesa, James endureceu, e eu notei que ele não estava mais usando os fones de ouvido. Além de contar a Ava o que tinha acontecido, agora eu tinha que explicar para ele uma vez que ela saísse. Ele não iria acreditar em mim... Ninguém com a cabeça no lugar iria. Eu não estava nem mesmo certa se acreditava em mim, e eu ainda não estava convencida que isso não era algum tipo de farsa elaborada.

Ava me observou de perto, esperando que eu falasse, e eu sabia que não havia jeito que eu pudesse mentir meu caminho pra fora disso.

Mesmo se eles pensassem que eu estava louca, a necessidade de contar a alguém, de entender o que tinha acontecido era opressiva. Eu tomei uma profunda respiração, dei um beijo de despedida na minha sanidade, e contei a eles tudo.

Uma vez que eu tinha terminado, Ava me encarou, seus olhos brilhando.

— Oh, Kate... Você realmente pulou no rio para me salvar?

Eu dei de ombros, e antes que eu soubesse, ela enrolou seus braços ao meu redor e enterrou seu rosto no meu pescoço. O abraço durou por quase um minuto, as

coisas estavam ficando mais esquisitas a cada segundo que passava. Finalmente ela me soltou, embora suas mãos ainda estivessem em meus ombros.

— Essa é a coisa mais legal que alguém já fez por mim. Quando eu tentei falar pro Dylan… — Ela mordeu seu lábio. — Ele riu de mim e disse para parar de inventar coisas.

Na mesa dos atletas, Dylan sentava rodeado pelos seus amigos, rindo ruidosamente. Perto de mim, Ava parecia quebrada. — Então você terminou com ele? — eu disse.

— Isso não importa, — ela disse, pegando seu sanduiche.

— Ele estará implorando para voltar comigo em uma semana. E a respeito de Henry? Você realmente prometeu a ele qualquer coisa? O que ele queria?

Pelo canto do meu olho, eu vi James elevar o olhar.

— E não tenho certeza, — eu disse. — Ele perguntou se eu conhecia sobre o mito de Perséfone, e ele me disse que o equinócio de outono era em duas semanas. Ele disse que uma vez que eu lesse sobre ela, eu saberia o que ele quer que eu faça. Eu já o ouvi antes, mas eu não consigo pegar o que isso tem a ver com tudo...

No outro lado da mesa, James escavou em sua mochila, jogando pesados livros e fichários na mesa. Eles aterrissaram com um baque, e metade da cafeteria olhou para nós. Eu abaixei minha cabeça, maravilhada enquanto eu tentava descobrir como isso tudo encaixava dentro de sua mochila, mas finalmente ele puxou um espesso livro que eu reconheci como sendo o nosso livro de Inglês. Ele o folheou aberto parecendo aleatoriamente, mas quando eu contorci meu pescoço para ver o que ele tinha virado, eu vi que não era aleatório de todo.

— Essa é a estória de Perséfone, — ele disse, apontando para a gravura de uma garota emergindo de uma caverna. Uma mulher estava em pé na grama, seus braços abertos em saudação. — Rainha do Submundo.

— O Submundo? — disse Ava, se inclinando por cima para dar uma melhor olhada. — Qual deles?

James deu a ela um olhar que poderia ter murchado uma planta.

— Aquele para onde os mortos vão. Tartarus? Os Campos Elísios?

— Mitologia Grega, — eu disse, virando a página. — Vê esse cara? — eu apontei para um homem de cabelos escuros meio escondido nas sombras. — Ele é Hades, Deus do Submundo. Governador dos mortos.

— Como Satanás, — James disse.

— Não, não como Satanás, — disse Ava. Havia um traço de raiva em sua voz, mas James ou não percebeu ou não se importou. — Satanás é cristão, e o Submundo não é o inferno. Hades não é um demônio. Ele é só… algum cara que foi posto a cargo de lidar com as almas dos mortos. Ele os classifica e coisa e tal.

Eu a encarei. — Eu pensei que você não soubesse nada sobre isso?

Ela deu de ombros e baixou o olhar para o livro. — Posso ter ouvido algumas poucas coisas antes.

— Ele a sequestrou, — James disse em uma voz tão baixa que enviou calafrios abaixo pela minha espinha. — Ela estava brincando em um campo, e ele a arrastou abaixo para o Submundo com ele para ser sua esposa. Ela se recusava a comer, e enquanto sua mãe, Deméter, apelava para Zeus - rei dos deuses - o mundo ficou frio. Eventualmente Zeus fez Hades entregar Perséfone de volta, mas até então ela já havia comido algumas poucas sementes, e ele insistiu que isso significava que ela tinha que

passar parte do ano com ele. Assim sempre que ela está com ele como sua esposa, o inverno chega. É o mito que explica as estações para os gregos.

A temperatura parecia como se tivesse caído vinte graus. Um horrível pensamento cruzou minha mente, e eu encarei ao James, tentando descobrir se as implicações do acordo que eu tinha feito com Henry eram mesmo remotamente possíveis.

Ava, por outro lado, bufou. Ruidosamente. — Então ele estava solitário. Não o faz um cara mau, você não sabe se ela queria ir com ele. Ela pode ter querido, você sabe.

Eu a ignorei e olhei para James. — Você acha que Henry vai tentar a mesma coisa comigo?

— Isso é ridículo, — Ava disse, rolando seus olhos. — Se ele fosse sequestrar você, ele já teria feito isso, certo? Não é como se ele não tivesse tido uma chance quando estávamos na floresta.

— Eu não sei, — James disse. — É possível. Talvez ele esteja esperando pelo equinócio de outono para fazer isso. É só há algumas poucas semanas, no fim de setembro. — Ele me encarou, seus olhos azuis tão abertos que eu me perguntava se eles iriam cair fora de sua cabeça. — E se ele quer que você fique com ele durante o inverno?

— Ele não pode realmente esperar que eu largue tudo e me mude por um tempo, — eu disse incerta. — Ou permanentemente.

— Ele pode não perguntar, — disse James. — O que acontece então?

Silêncio se pousou entre nós três, com apenas o zumbido da cafeteria ao nosso redor. Finalmente, eu endireitei meus ombros e disse com tanta convicção quanto eu podia, — Então eu vou chutar a bunda dele e a polícia vai prendê-lo. Fim da estória.

Mas não era o fim, porque nenhum de nós estava mencionando o que tinha acontecido na margem do rio. Ele tinha de alguma forma trazido Ava de volta dos mortos, e eu não sabia como explicar isso. James bateu o livro fechado, e eu pulei.

— Talvez seja, — James disse, — mas isso não muda o fato que você concordou em casar com um completo estranho.

CAPÍTULO 05
O EQUINÓCIO

Durante as duas próximas semanas, eu tinha uma opção: esquecer sobre o acordo que eu tinha feito descrevê-lo como ridículo, e seguir adiante com minha vida. Mesmo se eu tivesse qualquer outra escolha, a saúde de minha mãe fez com que toda minha atenção estivesse focada nela.

Mas James e Ava não iriam me deixar esquecer isso. Com cada dia que passou, eles discutiram em rápidos sussurros do outro lado da mesa de almoço, algumas vezes pareciam até esquecer que eu estava lá. James parecia determinado a me convencer, apontando o quão pouco eu sabia sobre Henry e como ele tinha que estar louco para se quer pensar sobre me convidar a ficar com ele pela metade do resto da minha vida.

Mas para cada falha que James trazia, Ava combatia. Ela defendia Henry implacavelmente, mesmo embora nenhum de nós soubesse coisa alguma sobre ele, mas era fácil o suficiente saber o porquê. Sem Henry, ela estaria morta; é claro que ela sentia certa dose de lealdade em relação a ele. Eles dissecaram o mito, ambos se baseando pesadamente disso para dar peso aos seus argumentos, e me perguntavam repetidamente para contar o que exatamente Henry havia dito, mas havia tão pouca informação que eu podia dar.

Parte de mim se preocupou e contou os dias com eles, mas a maior parte de mim estava muito focada na minha mãe para se importar. Os pesadelos também continuaram, me deixando com apenas umas poucas horas de sono por noite, mas ninguém comentou os círculos escuros abaixo dos meus olhos. Éden era uma cidade pequena, e todos sabiam sobre a minha mãe.

Há poucos dias antes do começo do outono, eu cheguei em casa para encontrá-la sentada no meio do jardim empanturrado de ervas daninhas, e um nó de pânico formou-se na minha garganta.

Lutando pra fora do meu carro, eu me apressei para o lado dela, me ajoelhando próximo a ela para que assim eu pudesse dar uma boa olhada em seu rosto.

— Mãe? — eu disse, minha voz embargada com preocupação. — Você devia estar dentro descansando. — Como ela teve sequer a energia de fazer isso?

Eu olhei para Sofia, que estava sentada na varanda tricotando. Sofia deu de ombros. — Ela insistiu.

— Eu estou bem, dormi o dia todo, — Mamãe disse, me dispensando para longe, mas não antes que pudesse dar uma olhada nela. Sua pele estava pálida e fina como papel, mas havia uma faísca em seus olhos que não tinha estado lá nas últimas poucas semanas.

— Venha, — eu disse, tomando seu cotovelo gentilmente e tentando guiá-la para cima. Ela teimosamente permaneceu sentada, e eu estava muito temerosa de machucá-la colocando força nisso.

— Só mais alguns minutos, — ela disse, olhando para mim suplicante. — Eu não tenho passado tempo do lado de fora em eras. O sol está maravilhoso.

Eu caí de volta para os meus joelhos. Não havia ponto em discutir mais com ela. — Você precisa de alguma ajuda? — Eu fiz uma careta a cama emaranhada de ervas daninhas. Quanto tempo fazia que alguém tinha se atentado para isso?

Sua expressão iluminou consideravelmente pela minha oferta. — Eu não preciso, mas eu gostaria de alguma. Só comece a puxar.

Era um trabalho sujo, mas juntas nós continuamos a capinar a pequena clareira que ela já tinha conseguido criar. Eu não queria pensar em quanto tempo ela tinha estado aqui fora. Ela não tinha energia para gastar com este tipo de coisa, mas quando minha mãe botava alguma coisa na cabeça, não havia jeito de removê-la disso.

— Eu estarei de volta em uns poucos minutos, — Sofia disse da varanda, e ela caminhou para dentro, fechando a porta atrás dela e nos deixando sozinhas. Eu observei minha mãe pelo canto do olho enquanto eu puxava fora um mato que era praticamente metade da minha altura. A vista do primeiro sinal de problema, eu a levaria para dentro.

Mas ela não tinha estado energizada e lúcida assim em dias. Eu não tinha contado a ela sobre o que tinha acontecido na festa, não querendo preocupá-la, mas com o equinócio de outono se aproximando e James e Ava discordando um do outro, eu descobri que queria contar a ela, se não a estória toda, então pelo menos alguma coisa. Eu nunca tinha escondido nada como isso dela antes, e eu não iria ter muitas chances de conversar com ela a respeito disso.

— Mãe? — eu disse hesitantemente. — Você conhece a Propriedade Éden?

— Claro. — O vinco no meio de sua testa se aprofundou enquanto ela repuxava um mato particularmente teimoso.

— O que tem isso?

Eu segurei a base do caule abaixo de seu punho e ajudei. Depois que puxamos juntas, ele veio solto com um banho de sujeira.

— Alguém chamado Henry vive lá?

Ela se endireitou, não se incomodando em esconder sua surpresa. — Por que você pergunta?

— Por que. — Eu me movi desconfortavelmente na grama, meus joelhos já começando a doerem. Eu sabia que eu devia contar a ela e que ela iria querer saber, mas e se ela tentasse fazer alguma coisa sobre isso? E se eu a assustasse, e isso a machucasse? Então eu menti.

— Algumas crianças na escola estavam falando, — eu disse, incapaz de olhar para ela enquanto a culpa me atormentava. Eu nunca mentia para ela a menos que eu precisasse. — Eu só me perguntava se você sabia alguma coisa sobre ele.

Seus ombros caíram, e ela se esticou para frente para enfiar um longo cacho de cabelo solto atrás de minha orelha. — Se você insiste em surgir assuntos difíceis, nós podemos pelo menos conversar sobre o que vai acontecer quando eu morrer?

Eu estava em meus pés ao primeiro instante, todos os pensamentos de Henry voando fora da minha cabeça. — É hora de ir para dentro.

Seus olhos se estreitaram. — Eu irei pra dentro quando você concordar em conversar comigo.

— Eu *estou* conversando com você, — eu disse. — Por favor, mãe. Você só vai fazer piorar.

Ela sorriu sem humor. — Eu não vejo como. Você vai conversar comigo sobre isso ou não? — eu fechei meus olhos, ignorando a picada das lágrimas. Isso não era justo. Nós ainda tínhamos tempo restando, certo? Ela chegou até aqui, certamente ela poderia fazer por mais alguns poucos meses. Natal, eu pensei. Só mais um Natal juntas, e então eu aceitaria dizer adeus. Eu tinha feito o mesmo acordo pelos últimos quatro anos e até então isso tinha funcionado.

— Eu não quero que sinta a minha falta, — ela disse. — Você deve viver sua própria vida, docinho, e não ser sobrecarregada por mim mais, especialmente uma vez que eu partir.

Minha garganta estava áspera, mas eu não disse nada. Eu não sabia como viver a minha própria vida. Mesmo lá atrás, em Nova York, ela tinha sido minha melhor amiga, minha única amiga pelos últimos quatro anos. O que ela esperava que eu fizesse, empacotasse e movesse adiante?

— E eu quero que você se apaixone e comece sua própria família, uma que vá durar muito mais do que a minha. — Ela se esticou para pegar minha mão, apertando-a gentilmente. — Encontre alguém que seja bom para você e nunca o deixe partir, tudo bem?

Eu senti como se estivesse me afogando. — Mãe, — eu engasguei, — eu não sei como fazer nada disso.

Ela sorriu para mim tristemente. — Ninguém sabe Kate, não no começo. Mas você está pronta pra isso, eu prometo a você. Eu fiz tudo que pude. — Por um momento ela parou e olhou para nossas mãos unidas. — Você *está* pronta, e será ótimo, coração. Você vai fazer o impossível, eu posso sentir isso, e mesmo se você não me veja eu estarei lá com você, eu sempre estarei. Eu nunca vou te deixar, lembre-se disso, ok? Algumas vezes poderá parecer como se eu tivesse sumido, mas eu sempre estarei lá quando você mais precisar de mim.

Eu limpei meus olhos com minha mão livre, meu agarre nela se apertando. Alguma coisa dentro de mim estava desmoronando mais rápido do que eu podia colar de volta, e eu não sabia mais o que fazer. Eu não podia imaginar a vida sem ela nisso, e eu não queria pensar, também. Mas essa era uma realidade que eu estaria enfrentando mais cedo do que eu estava preparada. Eu a queria, minha mãe, não uma memória.

— Prometa-me que você será você mesma e fará o que lhe deixe feliz, não importa o que, — ela disse, tomando minha mão em ambas as suas. — Você está destinada a grandes coisas, docinho, mas quanto mais lutar contra quem você é, mais difícil isso será. Quaisquer obstáculos que você encare, lembre-se que pode passar por qualquer coisa se você quiser o suficiente. E você irá. — Ela sorriu, e o que quer tinha restado de pé em mim se quebrou. — Você é tão mais forte do que pensa que é. Promete que tentará ser feliz?

Eu queria dizer a ela que eu não sabia como ser feliz sem ela, que não sabia quem eu era quando ela não estava lá, e que eu não era forte o suficiente para fazer isso, mas seu olhar implorante era demais para aguentar. Então eu menti uma segunda vez.

— Ok, — eu murmurei. — eu prometo.

Seu sorriso só me fez sentir mais culpada. — Obrigada, — ela disse. — Será mais fácil partir quando eu sei que você ficará bem.

Eu a ajudei a ficar de pé, não acreditando em mim mesma para falar. Deixando as ervas daninhas arrancadas abandonadas no meio do gramado, eu esfreguei a sujeira fora de seus joelhos e meio que a carreguei para dentro de casa, desejando com toda minha força que ela nunca tivesse que partir em primeiro lugar.

No dia seguinte, enquanto o professor zumbia acerca da conjugação de verbos irregulares franceses, a porta da sala de aula se abriu, e Irene do escritório da frente pisou dentro. Cada cabeça, inclusive a minha, virou-se para encará-la, mas a única pessoa para qual ela olhou fui eu. Sentindo como se minhas entranhas tivessem virado líquido, eu me ergui, capaz de sentir os olhares de James e Ava queimando atrás da minha cabeça. Eu tropecei ao longo da classe, ignorando os sussurros que seguiram.

— Kate, — disse Irene em uma voz gentil uma vez que nós estávamos no corredor e a porta da classe estava fechada firmemente atrás de mim. — A enfermeira de sua mãe telefonou.

As paredes giraram ao meu redor, e por um momento eu esqueci de como respirar. — Ela está morta?

— Não, — Irene disse, e alívio transbordou através de mim — Ela está no hospital.

Sem uma palavra, eu me virei e corri abaixo pelo corredor, aula esquecida. A única coisa que eu queria era chegar ao hospital antes que fosse realmente um adeus.

— Kate?

Era fim de tarde, e eu sentava na sala de espera, exausta. Eu tinha gasto as últimas três horas folheando através de uma pilha de revistas sem ler uma palavra, aguardando pelos médicos virem me dizer como ela estava.

— James! — Eu me ergui em pernas vacilantes e o abracei como se minha vida dependesse disso. Durou mais que o estritamente necessário, mas eu precisava sentir seus braços enrolados ao meu redor. Tinha sido há muito tempo desde que eu tinha abraçado alguém que não fosse frágil. — Minha mãe está doente e eles não estão me dizendo...

— Eu sei, — ele disse. — Irene me disse.

— E se for dessa vez? — eu disse, enterrando meu rosto em seu peito.

— Eu nem mesmo consigo dizer adeus. Eu não consegui dizer a ela que eu a amo.

— Ela sabe, — ele murmurou, correndo seus dedos através de meu cabelo. — Eu prometo que ela sabe.

Ele passou as poucas horas seguintes comigo, só desaparecendo para pegar alguma coisa para nós comermos, e ele estava perto de mim quando o médico finalmente veio me dizer o que eu tinha temido: minha mãe tinha escorregado para um coma, e não ia demorar agora.

James permaneceu do meu lado quando eu fui ver minha mãe, que parecia tão pequena e frágil deitada no meio da cama de hospital, seu corpo conectado a mais máquinas e monitores do que eu podia contar. Sua pele estava cinzenta, e mesmo se o médico não houvesse me dito, eu saberia que ela não ia durar muito mais. Mentalmente, eu repassei tudo o que tinha acontecido no dia anterior, me odiando ainda mais a cada momento em que eu pensava sobre como eu a deixei ficar fora e jardinar.

Talvez se ela não tivesse se exercido daquele jeito, ela ainda estaria se aguentando. Agora, jazendo lá dentro de um corpo morrendo, não havia sinal dela. Não era como eu queria lembrar da minha mãe, como uma casca sem vida de quem ela uma vez tinha sido, mas eu não podia deixar partir.

Pouco antes das dez, uma enfermeira veio e me disse que o horário de visitas havia acabado. Vários minutos depois, quando eu ainda não podia me fazer partir, James pisou do meu lado.

— Kate. — Eu senti sua mão nas minhas costas, e eu endureci. — O mais cedo que você conseguir algum cochilo, mais cedo você poderá voltar e vê-la pela manhã. Vamos lá, eu levo você pra casa.

— Não é minha casa mais, — eu disse vazia, mas eu permiti ele me guiar para longe.

Eu encarei para fora da janela enquanto ele dirigia meu carro de volta para Éden, grata que ele não tentasse começar uma conversa. Mesmo se ele tivesse, eu não estava certa se eu teria sido capaz de responder. Não foi até que nós sentávamos na minha entrada de carros, o motor do carro ainda ligado, que James falou. Ao fundo, uma música tocava tão suavemente no rádio que eu tinha que me esforçar para distingui-la. Eu estava embromando. Eu não queria ir de volta pra dentro daquela casa.

Eu tinha me preparado para o que estava por vir por anos, mas agora que estava acontecendo, eu não podia suportar o pensamento de estar sozinha.

— Você tem certeza que está ok?

— Eu estou bem, — eu menti. James sorriu tristemente.

— Eu vou passar e pegar você amanhã de manhã, bem cedinho.

— Eu não vou para a escola.

— Eu sei. — Ele não tirou seus olhos de mim. —Eu levarei você para o hospital.

— James…Você não tem que fazer isso.

— Não é isso que fazem os amigos? — Doeu ouvir a incerteza em sua voz. — Você é minha amiga, Kate, e você está miserável. O que poderia ser possivelmente mais importante do que cuidar de você?

Meu queixo tremeu, e era apenas questão de tempo antes que a represa rompesse. Não sabendo mais o que fazer, eu me inclinei sobre o banco do motorista e enrolei meus braços ao redor dele. Eu nunca tinha tido um amigo como ele, alguém que iria abrir mão de seu dia para me fazer companhia ao lado da cama de minha mãe moribunda.

Eu tinha vindo para Éden esperando ficar sozinha quando isso acabasse, e ao invés eu encontrei James. Se houvesse uma razão para ficar em Eden, essa era ele.

— Pelo menos pegue o carro, — eu disse em seu ombro. — Você não devia andar para casa no escuro desse jeito.

Ele começou a protestar, mas quando eu me afastei para dar a ele um olhar, ele assentiu. — Obrigado.

Pelo momento que eu consegui me esquadrinhar pra longe dele e sair do carro, eu era uma lacrimosa, bagunça de ranho, mas eu não me importava. Junto à calçada, eu podia ver o pedaço nu de sujeira no jardim e a pilha de ervas ainda jazendo no gramado.

— Eu vejo você amanhã, — ele disse, sua voz sendo carregado pela entrada de carros. Eu assenti incapaz de falar, e acenei adeus para ele, usando a última da pouca força que tinha para forçar um sorriso. Eu pisei dentro, minhas mãos tremendo, mas sabia que não havia ponto em ter medo de uma casa vazia, não importa quão forte o cheiro da minha mãe permanecesse. Eu estaria vivendo sozinha por um longo tempo.

Vagueando distraidamente através das salas, corri minha mão sobre cada superfície que passei, encarando inexpressivamente dentro da escuridão. Essa noite marcou o fim do único capítulo na minha vida que eu já conhecia, e não sabia como viver no vazio a frente. Quando meia-noite veio e a campainha tocou, eu estava curvada na cama de minha mãe, ainda vestindo as roupas daquele dia. Levou-me dois toques para decidir responder ou não, e mesmo assim, tomei meu tempo rolando para fora da cama e fazendo meu caminho escada abaixo.

Agarrando o travesseiro da minha mãe para o meu peito, eu abri a porta, esperando que fosse James.

Era Henry.

Meu estômago caiu para meus joelhos, e a névoa que anuviava minha cabeça evaporou.

— Olá, Kate. — Sua voz era como mel, e eu estava repentinamente ciente de quão horrível eu parecia. — Você se lembra de mim?

Como eu possivelmente esqueceria? — Yeah, — eu disse roucamente.

— Você é Henry.

— Eu sou. — Havia alguma coisa triste atrás de seu sorriso, alguma coisa que eu conhecia muito bem. — Este é meu criado, Walter.

Eu olhei o segundo homem, minha mão ainda agarrando a maçaneta da porta. Ele era mais velho, seu cabelo cinza e pele enrugada, e seu rosto pálido era puxado. — Oi, — eu disse insegura.

— Olá, Srta Winters. — Ele sorriu calorosamente. —Nós podemos entrar?

Não havia sentido em me preocupar sobre se eles estavam ou não aqui para me sequestrar. Ava estava certa; se esse fosse o plano de Henry, eu teria estado na traseira de uma van com minhas mãos amarradas por fitas por agora. Além disso, não importava mais. Com um aceno, abri a porta amplamente para eles entrarem.

Eu nervosamente os guiei para a sala de estar. Depois de ligar as luzes, sentei na poltrona, dando a eles nenhuma escolha além de sentar no sofá. Henry tomou um lugar como se tivesse estado aqui mil vezes antes, e na luz, era mais fácil ver o rosto dele. Ele parecia tão jovem e lindo como antes. — Você sabe que dia é hoje?

Eu não estava certa nem de que mês era, mas só havia uma razão para Henry aparecer em frente a minha varanda. — É o—o equinócio de outono, certo?

— Muito bom, — Henry disse. — Você leu sobre Perséfone?

Minha boca ficou seca, e eu assenti.

— E você está preparada para manter a sua parte da nossa barganha?

Eu olhei para trás e adiante entre eles incertamente.

Talvez eles estivessem aqui para me sequestrar depois de tudo. — Eu não estou realmente certa sobre o que nossa barganha é.

Walter foi o que falou. — Em troca da vida de sua amiga, você concordou em passar o outono e inverno na Propriedade Éden. Todo outono e inverno, se as coisas forem como o planejado.

Eu o encarei. — Perdão?

— Como nossa honrada convidada, é claro, — ele adicionou. —Você será tratada com o máximo cuidado e respeito, e terá tudo o que jamais poderia pedir.

— Espere. — Eu levantei rápido demais, e o sangue correu para minha cabeça. Eu lutei contra a tontura, recusando a tropeçar em frente a eles. — Você quer dizer o resto da minha *vida*, eu tenho que passar seis meses com você? Esse é o nosso acordo?

— Sim, — Henry disse. Ele ergueu uma mão para silenciar Walter, e ele, também, se ergueu. — Eu estou ciente que isso não será fácil, e você enfrentará certos... Desafios. Mas eu garanto a você que eu irei fazer tudo que eu puder para assegurar que esteja segura e feliz. Pelos outros seis meses do ano, você pode fazer o que quer que você queira. Você pode ter uma vida inteiramente separada, se desejar... Você terá completa liberdade. E enquanto estiver comigo, você será tratada como uma rainha. Eu irei fazer tudo o que estiver em meu poder para fazê-la feliz.

Ele estava mortalmente sério, eu percebi. Travando em uma palavra em particular, eu lembrei o mito e meu sangue correu frio.

— Rainha, — eu disse, cuspindo a palavra amargamente. — Você quer dizer que quer que eu seja sua *esposa?*

Henry franziu o cenho. — Eu não estou propondo casamento a você, Kate. Com a morte de sua mãe, você em breve não terá nada que a prenda aqui, e eu estou oferecendo a você a chance de uma vida que você não pode possivelmente imaginar.

Eu me arrepiei. Como ele sabia sobre minha mãe? — O que você ganha em retorno? Eu não vou dormir com você se isso é onde nós estamos indo com isto. Eu não sou esse tipo de pessoa.

Ele e Walter trocaram olhares divertidos. — Eu asseguro a você que tudo que eu quero é o prazer de sua companhia. Do tipo platônica.

De alguma forma, eu não achava que isso era tudo o que ele conseguiria, mas não havia sentido em fingir que isso era uma opção. Eu não ia gastar seis meses pelo resto da minha vida com um estranho não importa o que ele ofereceu a mim.

— Não, — eu disse. — Obrigada por sua oferta, mas você é louco, e não. Agora se você não se importar, eu tenho que dormir.

Eles não discutiram. Walter levantou para se juntar a Henry, e eu guiei ambos para a porta da frente, segurando-a aberta assim eles não teriam desculpa para demorar-se. Enquanto Henry saía, ele parou seu corpo a menos de um pé de distância do meu.

Ele realmente era bonito, e com ele tão próximo, era difícil lembrar exatamente porque passar seis meses com ele seria tão má coisa.

— Você entende o que irá acontecer se você não mantiver a sua parte do nosso acordo?

Ah, certo. Porque não importa quão lindo ele fosse, ele ainda era louco. — Eu não sei, e não me importo, — eu disse firmemente. —Agora, por favor, saia.

— Eu lhe darei até meia-noite, — ele disse, se unindo a Walter no alpendre da frente. — Mas eu temo que não possa esperar mais. Não seja tão rápida em dispensar minha oferta, Kate. Essa é a única vez que eu irei fazê-la.

Ao invés de responder, eu bati a porta fechada, tentando ignorar o quão violentamente minhas mãos estavam tremendo. James veio pela próxima manhã, e ele foi legal o suficiente de me trazer um bagel[7]. Eu o peguei enquanto nós nos dirigíamos para o hospital, meu apetite inexistente. Com sorte, ele não me fez falar. Enquanto eu sentava do lado da cama de minha mãe, segurando sua mão, um traidor pensamento rastejou dentro de minha mente. Se Henry tinha salvado Ava, se isso realmente não tinha sido minha imaginação ou alguma horrível brincadeira, poderia ele salvar minha mãe, também? Eu empurrei a ideia para longe. Eu não podia suportar pensar desse jeito, não quando eu tinha que me preparar para o fim que estava se aproximando. Além disso, o que Henry tinha feito era impossível. Um golpe de sorte, ou um truque da luz, ou alguma horrível piada que Ava ainda não tinha confessado, o que quer que isso tenha sido minha mãe estava à beira da morte, e nenhum truque de mágica ia salvá-la. Ela tinha se segurado por mais anos do que devia, e eu sabia que devia ter estado grata pelo tempo que tive com ela, mas observá-la escorregar para longe enquanto as horas passavam, deixou isso impossível.

Não foi até aquela noite enquanto nós andávamos vagarosamente pelo estacionamento do hospital que eu finalmente contei a James o que tinha acontecido àquela manhã. Ele estava silencioso enquanto eu terminava a estória, suas mãos enfiadas nos bolsos de sua jaqueta preta.

— Você quer dizer que eles só apareceram assim, sem aviso ou nada?

Eu assenti muito vazia para pensar muito sobre isso.

---

[7] **bagel** é um produto de pão tradicionalmente feito, na forma de um anel. Os bagels distinguem-se dos doughnuts (ou donuts) que têm a mesma forma e a mesma textura, principalmente por causa do método de fabricação, entre outras diferenças.

— Eles não foram grosseiros sobre isso, eu acho, mas isso foi só... Esquisito.

Ele abriu a porta do carro para mim, e eu me abaixei para o banco do passageiro. Não foi até que ele sentou no banco do motorista que ele falou. — Você não pode ir, Kate.

— Eu não estava planejando isso. Ela nunca me deixaria se fosse assim.

— Bom, — ele disse.

Nós dirigimos através do estacionamento, e em frente a nós, o sol estava se pondo. Eu bloqueei meus olhos enquanto tentava encontrar a coragem para vocalizar o que eu tinha querido dizer o dia todo. — E se ele puder salvar minha mãe?

Ele fez uma carranca. — O que mais ele demandaria de você em troca de fazer isso?

— O que quer que fosse isso valeria a pena, — eu disse quietamente. — Se isso significar que ela esteja viva.

James se estendeu sobre o assento para por sua mão sobre a minha. — Eu sei que seria, mas às vezes tudo o que podemos fazer é dizer adeus.

Meu rosto ficou quente e minha visão borrou, e eu virei para longe dele para encarar inexpressivamente pela janela. — O que você acha que vai acontecer se eu não aparecer? Você acha que ele irá machucar Ava? Esse foi o nosso acordo, eu faria o que ele queria e ele a salvou.

— Ele não irá machucá-la, — James disse, embora pelo canto do meu olho eu vi seu agarre na direção apertar. — Não se ele for qualquer tipo de ser humano.

Eu limpei meus olhos com a manga de meu suéter. —Eu não estou certa de que ele é.

Quando eu cheguei em casa, haviam seis mensagens na minha secretária. A primeira era da escola, ligando para saber onde eu estava, e as próximas cinco eram todas de Ava, seu tom crescendo mais e mais preocupado a cada mensagem.

Mesmo embora eu estivesse exausta, liguei de volta para Ava. Foi bom ouvir sua voz, apesar de ela estar tão irritantemente alegre e falante como sempre. Ela balbuciou o suficiente por nós duas, e não pareceu se importar que eu mal dissesse uma palavra. Mesmo embora James parecesse certo que nada fosse acontecer a ela, eu não podia me livrar da preocupação de que alguma coisa podia. Mesmo que eu a tivesse conhecido por apenas umas poucas semanas, depois do incidente do rio, eu me sentia responsável por ela. Eu não podia fazer nada para ajudar minha mãe, mas se alguma coisa acontecesse a Ava por minha causa, eu não poderia suportar.

— Ava? — eu disse enquanto nós estávamos prestes a desligar.

— Yeah? — Ela soava distraída.

— Faça-me um favor e cuide-se esta noite, ok? Não faça nada estúpido como escalar uma escada ou acariciar um leão.

Ela riu. — Yeah, tanto faz. Eu irei te ligar pela manhã. Diga oi a sua mãe por mim.

Depois de desligar, eu não pude dormir. Ao invés eu observei o relógio tiquetaquear de 11:59 para 12:00, e uma sensação doentia de pavor me preencheu. E se alguma coisa acontecesse com Ava? O que eu deveria fazer então? Isso seria minha culpa. Contra todas as possibilidades, ela tinha se tornado minha amiga, e eu deveria protegê-la desse tipo de coisa, não deliberadamente antagonizar o homem que aparentemente pensava que ela devia sua vida a ele. Ou pensava que eu devia a ele a minha. Eu não queria pensar sobre Henry. Eu não queria pensar sobre como ele tinha trazido ela de volta aquela noite no rio, e não queria pensar sobre sua oferta. Eu tentei imaginar o rosto da minha mãe, mas a única imagem que vinha era a dela jazendo na cama de hospital e morrendo. Eu rolei de costas e enterrei meu rosto no meu travesseiro. Não havia nada que eu pudesse fazer agora, e sentir essa impotência era de retorcer as tripas. Mas já havia feito minha decisão, e ia me apegar a ela. Se eu conseguisse como queria, nunca iria ver Henry de novo.

Meia hora depois das sete eu acordei por uma alta batida na porta. Eu grunhi, tendo caído no sono pouco depois das quatro, mas eu não podia ignorar. Jogando a porta aberta, uma corrente de maldições na ponta da minha língua desapareceu. Era James, parecendo como se ele não tivesse dormido desde o dia anterior. Eu abri a porta, correndo meus dedos através da bagunça de meu cabelo marrom pardacento.

— James? O que está acontecendo?

— É Ava.

Eu congelei.

— Ela está morta.

CAPÍTULO 6
PROPRIEDADE EDEN

O rumor ao redor da cidade era que ela tinha tido um aneurisma cerebral, mas eu sabia melhor. Enquanto James dirigia passando pela escola em nosso caminho para o hospital, eu vi o corpo discente inteiro amontoado junto no estacionamento, abraçando uns aos outros e soluçando. Eu não podia desviar o olhar. — Dê a volta.

— O quê?

— Eu disse dê a volta, James. Por favor.

— E ir aonde?

Eu encarei para fora da janela, incapaz de arrancar meus olhos de seus rostos. Mesmo as crianças que odiavam Ava estavam chorando. Eu respirava superficialmente, lutando para não fazer o mesmo. Era minha culpa. Ava tinha dezessete anos de idade. Ela tinha sua vida toda pela frente, e agora estava morta por minha causa. Se ele tinha que levar alguém, porque não tinha levado a mim? Eu fui a que estupidamente varreu seu aviso de lado, não ela. Eu apertei meus olhos fechados uma vez que nós passamos a escola, a imagem da multidão pranteando juntos queimou atrás das minhas pálpebras. Era assim como ia ser toda a minha vida? Todos que eu conhecia morrendo? Seria James o próximo, ou seria misericordiosamente eu? Raiva inchou dentro de mim, engolfando minha culpa até que eu estava segurando o apoio de braço tão apertadamente que minhas unhas criaram entalhes de meia lua

permanentes no couro desgastado. Ava não merecia isso, e não importa quanto Henry tinha se desgostado dela pela brincadeira que ela tinha pregado, isso não dava a ele nenhum direito de fazer isso a ela, a sua família, ou a essa cidade. E pelo quê? Porque eu não acreditei nele. Porque eu não queria gastar metade do resto da minha vida provendo os desejos de um lunático? É isso o que ele faz quando não consegue as suas vontades — fazer uma birra e matar alguém? Eu ignorei a pequena voz na parte de trás da minha mente que me lembrou de que Henry era a única razão pela qual ela tinha sobrevivido àquela noite no rio em primeiro lugar. Eu não poderia fazer nada para ajudar minha mãe, mas eu podia ajudar Ava. E eu iria consertar isso.

— Kate, — James disse suavemente, alcançando sobre o assento para por sua mão sobre a minha. — Não é sua culpa.

— O inferno que não é, — eu rebati, puxando minha mão longe.

— Ela não estaria morta agora mesmo se não fosse por mim.

— Ela teria morrido semanas atrás se não fosse por você.

— Não, ela não teria, — eu disse. — Ela nunca teria tentado empurrar aquela estúpida brincadeira em mim se eu não tivesse concordado em ir com ela. Ela nunca teria batido sua cabeça se eu não tivesse me mudado para Éden. Nada disso teria acontecido se eu não tivesse vindo aqui.

— Então porque você se mudou pra cá, é tudo sua culpa. — Seu agarre no volante apertou em irritação. —Ava foi a que mergulhou de cabeça naquele rio. Você foi a que concordou em abrir mão de metade do resto da sua vida para mantê-la viva. Você deu a ela mais tempo, Kate, você não pegou isso?

— Que bom, mais umas poucas semanas? — eu cuspi, limpando minhas bochechas raivosamente. — É inútil. Nada disso deveria jamais ter acontecido.

— Kate… — James começou, mas eu me virei de novo. Estávamos passando pela escola agora.

— Apenas dirija James. Por favor.

— Onde nós estamos indo?

— Se ele a trouxe de volta a vida uma vez, ele pode fazer isso de novo.

James suspirou e disse em uma voz tão suave que eu não estava certa de tê-lo ouvido direito, — Eu não tenho certeza se isso funciona dessa forma.

Eu engoli em seco. — Se você quiser ver Ava novamente, é melhor esperar que funcione.

Nós chegamos ao portão dez minutos depois. Pelo momento eu estava tremendo, pega entre desespero e fúria. Como Henry se atreveu a fazer isso? Ele tinha que saber que eu não tinha entendido ou acreditado no tipo de coisas que ele estava falando, e ele tinha feito isso de qualquer jeito. Ele tinha que trazê-la de volta. Não importa o que levasse, eu iria convencê-lo a fazer isso. Ao invés dos portões estarem trancados como tinham estado quando minha mãe e eu tínhamos passado dirigido, eles estavam abertos o suficiente para eu deslizar por eles a pé. Eu olhei para James, não sabendo o que dizer.

— Você não devia fazer isso, — ele disse. — Não há garantia de que ele possa trazer Ava de volta, e uma vez que você vá lá dentro, você pode não mais voltar.

— Eu não ligo. Eu vou fazê-lo consertá-la.

— Kate, você sabe que isso é impossível.

Eu cerrei meus dentes. — Eu tenho que tentar. Eu não posso deixá-la morrer, James. Eu não posso.

— Ela não é sua mãe, — disse James gentilmente. — Não importa o quão duro você lute pela vida de Ava, isso não vai mudar o que já aconteceu. Isso não vai salvá-la, e não vai salvar sua mãe também.

— Eu sei disso, — eu engasguei, embora uma pequena parte de mim se perguntasse se eu realmente sabia. Mas eu já tinha visto Henry realizar o impossível uma vez. Ele podia fazer isso de novo, eu estava certa disso — e talvez se eu fizesse o que ele queria, ele poderia salvar mais do que Ava dessa vez. — Esta é minha escolha, e se há mesmo que uma chance de isso ser mudado, eu vou descobrir como. Por favor, — eu disse, minha voz vacilando. — Por favor, me deixe fazer isso.

James esteve quieto por um momento, mas finalmente ele assentiu, não mais olhando para mim. — Faça o que você tem que fazer.

Minhas mãos tremiam enquanto eu tentava desatar meu cinto de segurança. James se esticou e o fez por mim. — Mas e se ele estiver falando sério? — ele disse. — E se quiser que você fique por seis meses?

— Então eu farei isso, — eu disse, encarando acima aos portões gigantes enquanto uma sensação de mau agouro me preencheu. Eu ficaria o ano todo se isso significar que ele a salvaria. Salvasse-as. — Seis meses não é o fim do mundo. Eu farei o que tiver que fazer.

Ele assentiu uma vez, um olhar distante em seus olhos. — Eu estarei esperando aqui, então. Mas Kate… — Ele hesitou. — Você realmente acha que ele é quem diz ser?

Meu coração martelou. — Eu não acho que ele disse o que ele é.

James suspirou. Eu o estava magoando fazendo isso, mas eu não tinha escolha. — O que você acha que ele é?

Eu franzi o cenho, lembrando as palavras de Ava. — Um cara muito solitário. — As chances eram se Henry ia me matar, ele já teria feito isso. Eu sabia um jeito de sair se ele realmente tentasse me manter refém, mas se ia me forçar a isso, ele teria feito no dia anterior. Ele realmente tinha me dado uma escolha, e até agora tudo o que eu tinha feito era fazer a errada. Eu podia ou aceitar a morte de Ava ou fazer alguma coisa a respeito — e francamente, eu tinha tido o suficiente de gente morrendo. Eu não ia deixar isso acontecer de novo.

Lembrando de todas as promessas que eu tinha feito para minha mãe, eu suguei uma respiração profunda, desejando que pudesse falar com ela. Ela saberia o que fazer. — Você vai cuidar da minha mãe, não vai?

Ele aparentemente sabia melhor do que insistir que ela ainda estaria lá quando eu retornasse, quando quer que isso fosse. — Eu prometo. Eu deixarei a escola saber que você não estará voltando, também.

— Obrigada, — eu disse. Uma coisa a menos para me preocupar. Os passos do carro para o portão foram os mais difíceis que eu já dei, mas se isso significava trazer Ava de volta, eu iria render minha liberdade para Henry. Ele tinha estado certo; eu não tinha nada mais na minha vida exceto minha mãe. Uma vez que ela se fosse, eu estaria vazia. Mas agora eu tinha uma chance de negociar o que havia restado da minha concha de vida por alguém que iria fazer mais disso. A vida de Ava tinha meramente começado. Todas as melhores partes da minha já estavam atrás de mim. Minha mãe queria que eu saísse e encontrasse felicidade, mas eu não podia, não sem ela. Pelo menos desse jeito o que tinha restado de mim não iria ser desperdiçado. Eu andei através do portão e para dentro do terreno, e imediatamente a atmosfera mudou. Era mais caloroso aqui, e havia um tipo de eletricidade no ar que eu não podia identificar. Enquanto eu tomava alguns passos, ouvi o portão tinir fechado atrás de mim, e eu

pulei. Virando ao redor, eu vi James parado próximo ao carro, seus olhos em mim. Eu acenei, e ele me deu um doloroso sorriso.

A estrada estava alinhada com árvores que eram igualmente espaçadas, e inclinadas para cima. Isso me levou alguns minutos para andar sobre o morro, mas quando eu consegui, eu parei minha boca escancarada. O que quer que eu tenha esperado, não era isso. Uma mansão enorme estava assentada espalhada por todo o terreno, tão larga que eu não podia ver o que estava atrás dela, mesmo do topo do morro. A estrada onde eu estava se tornou pavimentada, e ela circulava ao redor da frente da mansão, formando um oval perfeito. Eu apenas tinha visto construções como essa em fotografias de palácios europeus, e eu estava certa de que em nenhum outro lugar da península superior — talvez mesmo no estado inteiro — existia um lugar como esse. Ele brilhava branco e dourado, e tudo sobre isso parecia majestoso.

Enquanto eu estava lá, me levou um momento para notar que eu não estava sozinha. Uma dúzia de jardineiros e trabalhadores me encaravam, e eu de repente fiquei autoconsciente. Eu estava dentro do portão; agora o quê?

Na distância eu vi uma mulher se movendo em direção a mim, erguendo a bainha de sua saia enquanto escalava o morro. Ao invés de tomar um passo atrás, eu permaneci na minha posição, presa entre admiração, medo e determinação. Não importa quão bela sua casa fosse eu ainda precisava ver Henry — e logo.

— Bem-vinda Kate! — a mulher disse, e ouvindo sua voz, eu dei uma segunda olhada.

— Sofia?

Com certeza, enquanto ela se aproximava, eu a reconheci como a enfermeira diurna que me ajudou a cuidar de minha mãe pelas últimas poucas semanas. Eu a encarei, chocada, mas Sofia agiu como se nada disso fosse grande coisa. Quando ela

me alcançou, suas bochechas estavam rosa e ela sorriu de orelha a orelha. Ela tomou meu braço. — Nós estávamos nos perguntando se você iria aparecer querida. Como está a sua mãe?

Levou-me um segundo para encontrar minha voz. — Morrendo, — eu disse. — O que você está fazendo aqui?

— Eu vivo aqui. — Ela começou a me guiar em direção a casa, e eu a deixei, tentando duramente não encarar.

— Você conhece Henry?

— É claro que sim, — ela disse. — Todo mundo conhece Henry.

— Você pode ressuscitar os mortos, também? — eu murmurei, e Sofia estalou sua língua.

— Você pode?

Eu apertei meus punhos. — Eu preciso vê-lo.

— Eu sei querida. É para onde estamos indo.

Eu olhei para ela, incerta se ela estava sendo condescendente ou evasiva ou ambos. Ela ignorou meu olhar e me guiou a entrada oval até alcançarmos as largas e duplas portas francesas, que abriram sem nenhuma sugestão de Sofia. Ao invés de segui-la dentro, eu parei e encarei.

O lado de fora não era nada comparado ao magnífico hall de entrada. Era simples e de bom gosto, nada espalhafatoso, mas estava longe de ser simplório.

O piso era em sua maioria mármore branco, e eu podia ver um trecho de tapete de pelúcia do outro lado do salão. As paredes e o teto eram feitos de espelhos, e eles faziam o hall parecer maior do que realmente era.

Mas foi o piso no centro da sala que pegou minha atenção. Havia um círculo perfeito feito de cristal, e isso era de longe a coisa mais incrível sobre o hall. Ele

brilhava, cores parecendo nadar juntas, misturando-se e mergulhando enquanto eu encarava. Minha boca pendurava aberta, mas eu não liguei — tudo sobre isso era surreal, e dificilmente podia acreditar que eu ainda estivesse parada em Michigan.

— Kate?

Eu desviei o olhar e finalmente prestei atenção a Sofia.

Ela permanecia a uns poucos pés adiante de mim e me deu um sorriso hesitante.

— Desculpa, — eu disse. Eu andei em direção a ela, pisando ao redor do círculo de cristal como se isso fosse realmente água. Por tudo o que eu sabia isso era. — É tão...

— Lindo, — ela disse animadamente, tomando meu braço uma vez mais e dirigindo-me passando uma grande escadaria em espiral que levava a uma parte da mansão que eu não podia ver. Eu não me atrevi a tentar olhar, não querendo gastar outro minuto.

— Yeah. — Era o melhor que eu pude bolar, mas de outro modo eu estava sem palavras. O que quer que eu tenha estado esperando, não tinha sido isto.

Ela me levou através de uma série de salas, cada uma exclusivamente decorada e requintada. Um quarto era vermelho e dourado; outro azul-céu, com murais pintados nas paredes.

Havia salas de espera, sala de jogos, estúdios e mesmo duas bibliotecas. Parecia impossível que todos estavam na mesma casa — e aparentemente pertencia apenas a um garoto que não era muito mais velho do que eu, a menos que seus pais vivessem aqui, também — mas isso não parecia ter fim. Finalmente nós descartamos outro corredor e entramos em uma sala que tinha paredes verdes escuras e ornamentação

dourada. Os móveis pareciam mais usados e confortáveis aqui do que nos outros quartos, e Sofia me direcionou para um sofá de couro preto.

— Sente-se, querida, e eu terei alguém trazendo bebida para você. Henry deve estar com você em breve.

Eu sentei não querendo que ela me deixasse sozinha, mas eu podia fazer isso. Eu tinha. A vida de Ava estava em jogo, e essa era a única chance que eu tinha de fazer meu argumento valer. Se Henry queria me manter aqui, então ótimo. Contanto que ele trouxesse Ava de volta, eu faria qualquer coisa que ele quisesse, mesmo se isso significasse passar o resto da minha vida atrás das sebes.

Eu empurrei para longe o que James tinha dito no carro sobre Ava não ser minha mãe. Não era por isso que eu estava aqui. Mas mesmo enquanto pensava isso, eu sabia que estava mentindo para mim mesma. Não havia a mera possibilidade de Henry ser capaz de salvar minha mãe — ou de alguma forma me salvar da dor de perdê-la — exatamente porque eu estava aqui? Eu faria qualquer coisa que pudesse para salvar Ava, mas ela tinha estado morta por horas, e a cidade inteira sabia.

Henry iria indubitavelmente querer um preço exorbitante por trazê-la de volta uma segunda vez, e não importa qual cara corajosa eu pusesse, o pensamento de ficar atrás dessas sebes pelo resto da minha vida me aterrorizava.

Eu tinha querido dizer o que eu disse sobre fazer qualquer coisa para tentar trazer ela de volta, mas mesmo se isso fosse impossível como James tinha dito, minha mãe não estava morta ainda. Ainda havia uma chance de que Henry pudesse fazer alguma coisa para salvá-la.

Eu não sei quanto tempo sentei lá em silêncio, encarando inexpressivamente para uma estante cheia de livros encadernados em couro. Eu repassei meu discurso na minha cabeça, tendo certeza de que tudo o que queria dizer estava lá. Ele tinha que me

ouvir, não tinha? Mesmo se ele não quisesse fazer isso, se eu falasse tempo o suficiente, ele tinha que pelo menos me ouvir. Eu tinha que tentar.

Pelo canto do meu olho, eu notei Henry parado na porta, segurando uma bandeja carregada com comida. Meus dedos cavaram dentro no sofá, e todas as palavras que eu tinha praticado voaram para fora da minha cabeça.

— Kate, — ele disse em uma baixa, agradável voz. Pisando no interior, ele colocou a bandeja na mesa de café em frente a mim e sentou no sofá oposto a mim.

— H-Henry, — eu disse, me odiando pela gagueira. — Nós precisamos conversar.

Ele inclinou sua cabeça, como se silenciosamente me dando permissão para falar. Eu abri e fechei minha boca, não sabendo o que dizer. Enquanto ele esperava, ele pôs para nós dois uma xícara de chá. Eu nunca tinha tomado chá em porcelana chinesa antes.

— Eu sinto muito, — eu disse. Minha garganta estava seca. — Por não ouvir você ontem, eu quero dizer. Eu não estava pensando, e eu não achei que estava falando sério. Minha mãe está muito doente, e eu só — por favor. Eu estou aqui. Eu irei ficar. Eu irei fazer o que quer que você queira. Apenas traga Ava de volta.

Ele bebericou de seu chá e gesticulou para eu tomar o meu. Eu o fiz então com mãos tremulas.

— Ela tem dezessete, — eu disse, minha voz crescendo mais desesperada a cada palavra. — Ela não devia perder toda a sua vida por causa do meu estúpido erro.

— Não foi seu erro. — Ele baixou sua xícara e focou em mim. Seus olhos ainda eram o mesmo bizarro tom de luar, e eu me contorci sob a intensidade de seu olhar. — Sua amiga fez a escolha dela quando decidiu pular no rio e abandonar você. Eu não a responsabilizo pela morte de sua amiga. Você não deveria também.

— Você não entende. Eu não sabia que você falava a sério. Eu não tinha entendido isso. Eu não sabia que ela realmente morreria — eu pensei que você estivesse brincando, ou... Eu não sei. Não brincando, mas alguma coisa. Eu não sabia que você podia fazer isso, e agora que eu sei, por favor. Ela não merece morrer por cometer alguns erros.

— E você não merece desistir de metade do resto da sua vida por ela.

Eu suspirei, estava tão frustrada que estava perto das lágrimas. O que ele queria de mim? — Você está certo, eu não quero ficar aqui. Este lugar me aterroriza. *Você* me aterroriza. Eu não sei o que você é ou o que é este lugar, e a última coisa que eu quero é passar o resto da minha vida aqui. Talvez Ava não fosse melhor para mim de primeira, mas ela é minha amiga agora. Ela não merece morrer, e a sua morte, é minha culpa. Deveria ter sido eu, não ela, e eu não posso viver com isso. Eu não posso me olhar no espelho todo dia sabendo que é minha culpa que a família dela tem que passar pela dor de perdê-la bem como... — eu parei. Bem como eu estava passando pela dor de perder minha mãe. — Eu não posso. Assim se isso significar que Ava volte, então eu irei ficar aqui tanto quanto você quiser, eu prometo. Por favor.

Não era exatamente o discurso que eu tinha planejado, mas era perto o suficiente. Pelo momento que eu tinha terminado, havia lágrimas nos meus olhos, e agarrava a xícara de chá tão apertadamente que era um pequeno milagre ela não ter quebrado.

Em frente a mim Henry estava silencioso, encarando dentro de sua própria xícara de chá. Eu não tinha a menor ideia do que ele estava pensando, e não estava certa se eu queria saber. Tudo o que importava era que ele concordasse.

— Você iria renunciar de bom grado seis meses por ano pelo resto da sua vida em ordem de salvar sua amiga, mesmo depois do que ela fez a você? — Havia uma nota de incredulidade em seu tom.

— O que ela fez não merece uma sentença de morte, — eu disse. — Existe um monte de pessoas lá fora que a amam, e eles não deveriam estar machucados desse jeito por minha causa.

E talvez sabendo que eu a tinha salvo iria ajudar a doer menos, também. Ele tamborilou seus dedos sobre o braço do sofá, seus olhos em mim uma vez mais. — Kate, eu não convido qualquer um para minha casa. Você entende porque eu ofereci isso a você?

Por que ele era doido? Eu sacudi minha cabeça.

— Porque mesmo embora ela tenha abandonado você, ao invés de sentir-se rancorosa ou permitir que ela morresse você fez tudo o que estava em seu poder, incluindo encarar um de seus maiores medos, para salvá-la.

Eu não sabia o que dizer aquilo. — Qualquer um iria, não?

— Não. — Seu sorriso estava cansado. — Muito poucos iriam sequer considerar isso. Você é rara, e você me intriga. Quando você declinou minha oferta ontem, eu pensei que talvez estivesse errado, mas por vir aqui hoje, você apenas se provou ainda ser mais digna e capaz do que eu podia ter imaginado.

Eu pisquei, alarmada. — Digna e capaz de que?

Ele ignorou minha pergunta. — Eu irei fazer minha oferta apenas mais uma vez. Em retorno, eu não posso lhe dar a vida de sua amiga de volta. Ela se foi, e eu temo que se eu retorná-la para seu corpo agora, ela seria uma coisa antinatural e ela nunca encontraria felicidade. Mas eu prometo a você que como ela está agora, ela está contente.

Meu peito parecia vazio. — Assim é tudo por nada, então?

— Não. — Ele inclinou sua cabeça, seus olhos estreitando-se levemente. — Eu não posso desfazer o que realmente foi feito, mas eu posso *prevenir*.

— Prevenir o que?

Ele me encarou, e com um jorro de esperança, eu entendi. Eu pensei que seria a que traria o assunto, mas ele o tinha feito por mim. Ele poderia evitar que minha mãe morresse.

— Você, você pode realmente fazer isso?

Ele hesitou. — Sim, eu posso. Eu não posso curar sua mãe, mas eu posso mantê-la viva até que você esteja pronta para dizer adeus. Eu posso dar a você a chance de passar mais tempo com ela, e quando você estiver pronta, eu farei com que seja pacifico.

Suas palavras se assentaram sobre mim, me envolvendo em uma estranha calidez. — Como? — eu sussurrei.

Ele sacudiu sua cabeça. — Não se preocupe sobre isso. Se você concordar, você tem minha palavra que eu irei manter minha parte em nosso acordo.

Eu sempre tinha pensado que conseguiria dizer adeus a minha mãe. Em nenhum desses cenários que eu tinha imaginado em minha cabeça a envolviam caindo em um coma e deslizando pra longe sem que eu conseguisse dizer a ela que eu a amava uma última vez, e agora…

— Ok, — eu disse suavemente. — Você, você a mantém viva. Ela tem um tipo realmente agressivo de câncer, então isso pode ser difícil. — De repente estava difícil ver, com o jeito que meus olhos estavam nadando em lágrimas. — Mas ela não vai estar com nenhuma dor, certo? Eu só, eu quero ser capaz de dizer adeus.

— Ela não estará com nenhuma dor, eu terei certeza disso. — Ele sorriu tristemente. — Há alguma coisa a mais que você gostaria? Você está abrindo mão de muito mais do que eu, e eu quero que você esteja segura.

Eu engoli. — Você não pode mantê-la viva? Você não pode curá-la?

— Eu sinto muito, — ele disse. — Mas adeus não é para sempre. O amor que você tem pela sua mãe não é do tipo que a morte pode quebrar.

Eu abaixei minha cabeça e encarei dentro do meu chá, não querendo que ele me vise desmoronar. — Eu não sei quem eu sou sem ela.

— Então você terá uma chance de descobrir antes que ela se vá. —Henry abaixou sua xícara. — E quando você disser seu adeus, ela terá paz mental sabendo que você ficará bem.

Eu assenti minha garganta muito apertada para falar. Por ela então, também. Ela queria que eu ficasse bem, e isso não era uma coisa que eu pudesse prometer ainda. Mas a chance de ter mais uma conversa, de dizer a ela que eu a amava uma última vez, e o brilho de esperança que eu seria capaz de ver em seus olhos e prometer a ela que eu estaria ok assim ela poderia partir sem preocupação ou culpa, isso valeria a pena.

— Então está feito, — Henry disse gentilmente. — Você será minha convidada pelo inverno. Sofia irá escoltá-la para o seu quarto, e nada será requisitado de você até amanhã.

De novo, eu assenti. Era isso então, eu estava presa. Esta seria minha casa pelos próximos seis meses. Repentinamente a sala parecia muito menor do que tinha sido antes. — Henry? — eu disse com um guincho.

— Sim?

— Sofia sabia que isso ia acontecer?

Henry me olhou por vários segundos, como se tentando decidir se eu iria ou não acreditar nele. — Nós temos estado observando você, sim.

Eu não me atrevi a perguntar quem eram *nós*.

— O que é esse lugar?

Ele parecia divertido. — Você não descobriu ainda?

Eu senti minhas bochechas corarem. Pelo menos havia algum sangue deixado na minha cabeça, o que significava que eu tinha uma chance de ficar em pé sem desmaiar. — Eu tenho estado um pouco ocupada pensando sobre outras coisas.

Ficando em seus pés, Henry me ofereceu sua mão. Eu não a tomei, mas isso não pareceu incomodá-lo. — É chamado por vários nomes. Elísio, Annwn[8], Paraíso, alguns mesmo o chamam de Jardim do Éden.

Ele sorriu como se tivesse dito uma piadinha esperta. Eu não peguei, e minha confusão deve ter sido aparente, porque ele continuou sem eu perguntar.

— Este é o portão entre os vivos e os mortos, — ele disse. — Você ainda está vivendo. Os outros nos campos morreram há muito tempo atrás.

Um calafrio desceu através de mim. — E você?

— Eu? — O canto de sua boca se contorceu. — Eu governo os mortos. Eu não sou um deles.

[8] Outro Mundo, a terra das almas que partiram desse mundo na mitologia celta.

CAPÍTULO 7
O IMPOSSÍVEL

Meus aposentos eram surpreendentemente confortáveis. Diferente do resto da casa, eles não pareciam estar tão preocupados em fazer com que todos que passassem andando através dele soubessem que eles faziam parte de um círculo muito rico e poderoso.

Ao invés, minha suíte era relativamente modesta, a única verdadeira luxuria sendo a cama, que era enorme e com dossel e exatamente o tipo que eu tinha sempre sonhado em ter. Parte de mim se perguntava se Henry tinha conhecimento daquilo, também.

Todos pareciam saber que eu estava lá, como se eu fosse alguém famoso. De vez em quando, eu ouvia sussurros e risadinhas do outro lado da minha porta, e sempre que olhava pela enorme sacada da janela, eu podia ver alguns dos trabalhadores dos campos me encarando, como se eles soubessem que eu os estava observando. Eu não gostava de ser assunto de fofoca, mas não havia muito que pudesse fazer sobre isso exceto fechar as cortinas e enterrar minha cabeça em uma pilha de travesseiros.

O dia passou rapidamente, e não demorou muito antes que Sofia me trouxesse o jantar. Eu ainda estava chateada que ela não tivesse me avisado antes que era parte disto, então eu murmurei muito obrigada sem olhar para ela e recusei responder

qualquer uma de suas perguntas. Como eu estava passando não era um segredo de qualquer forma.

Depois que ela saiu, peguei a comida, muito preocupada sobre o que ia ter pela manhã para comer. Enquanto não estava confinada ao meu quarto, não havia muito para fazer, pelo menos não agora, não quando eu sabia quão fácil seria para me perder.

Mas não importa quão legal era o quarto ou quão gentis eram os empregados ou quão bom era o gosto da comida, o fato era que eu permanecia essencialmente como uma prisioneira. Eu pensei em James e me perguntei quanto tempo ele tinha esperado no portão e se tinha ido ou não ver minha mãe depois. Seis meses pareciam se esticar para sempre na minha frente, o fim em nenhum lugar a vista – ele iria cumprir sua promessa? Ele estaria lá quando isso morresse, ou teria seguido a diante? Bem lá no fundo, eu sabia que ele estaria lá. Eu não merecia um amigo como ele.

Mas minha mãe ainda estaria lá no final, também?

Henry Iria manter sua promessa? Ele sequer era capaz disso? Eu queria acreditar nele, acreditar que esse tipo de coisa era possível — porque se realmente podia mantê-la viva, então talvez eu nunca teria que dizer adeus, não até que fosse minha hora de morrer, também. Ou talvez ele fosse capaz de mantê-la viva o suficiente para eles encontrarem a cura.

Eu não pude salvar Ava, mas ainda havia esperança para minha mãe, e não importa o que isso me custasse, valeria à pena.

Eu não lembrava de ter caído no sono, mas quando abri meus olhos, não estava mais na Mansão Éden. Ao invés, eu estava deitada em uma manta no meio do Central Park e olhando para um céu de verão sem nuvens, o calor do sol em meu rosto.

Eu sentei-me, confusa, e olhei ao redor. Havia uma cesta de piquenique próximo a mim, e outras pessoas espalhadas pelo gramado ao redor se divertindo. Sheep Meadow[9]. Era meu lugar favorito no parque inteiro, dentro da visão do lago, mas longe o suficiente do pior das armadilhas de turistas que pareciam estar em lugares estratégicos. Minha mãe e eu não tínhamos sido capazes de vir aqui em anos. Eu comecei a me erguer, determinada a descobrir o que estava acontecendo, quando minha boca caiu aberta.

Minha mãe, parecendo tão saudável como ela tinha sido dez anos atrás, bem antes do câncer se instalar, subiu o leve declive, vestindo uma longa e esvoaçante saia e uma blusa camponesa que eu não a tinha visto usar desde que ficou muito magra para ela.

— Mamãe?

Ela sorriu—um sorriso genuíno, não um sorriso enfermo ou o sorriso que ela punha quando estava tentando esconder em quanta dor estava.

— Olá, coração.

Ela sentou perto de mim e beijou minha bochecha. Eu estava paralisada por um momento, muito aturdida para mover, mas quando finalmente caiu a ficha de que ela estava aqui, saudável e brilhante e minha mãe de novo, eu joguei meus braços ao redor dela, abraçando-a apertadamente e inalando seu cheiro familiar. Maçãs e frésia. Ela não estava mais frágil, e ela enrolou seus braços ao meu redor com força equivalente.

— O que está acontecendo? — eu disse, lutando para manter meus olhos secos.

— Nós estamos tendo um piquenique. — Ela me soltou e começou a desempacotar a cesta. Estava cheia das minhas comidas favoritas de quando eu tinha

[9] nome próprio do lugar, tradução literal seria campo de ovelhas.

sido criança, sanduíches de manteiga e geleia de amendoim, tangerinas fatiadas, macarrão com queijo embalados em recipientes de plástico, e pudim de chocolate suficiente para alimentar um pequeno exército. Melhor de tudo, ela puxou uma caixa de baklava [10], bem do jeito que ela sempre fazia. Eu observei extasiada, me perguntando o que tinha feito para merecer tão maravilhoso sonho, mesmo embora isso parecesse muito real para ser um. Eu podia sentir cada folha de grama debaixo de minhas mãos, e a brisa morna roçava as pontas de meus cabelos contra meus braços nus. Era como se nós estivéssemos realmente aqui.

E então um pensamento rastejou seu caminho através da minha mente, e eu a olhei suspeitosamente. — Henry trouxe você aqui?

Seu sorriso aumentou. — Ele é adorável, não é?

Eu engoli uma golfada de ar, e todos os pensamentos ruins que eu tinha tido sobre Henry voaram pra longe da minha cabeça. Ele manteve sua promessa. Mais do que isso, ele realmente podia fazer isso. — Isso é um sonho então? Ou isso é... É real?

Ela me deu um pote de macarrão, junto com um olhar que somente minha mãe podia empurrar. — Existe alguma regra que eu não conheço a respeito de que isso não possa ser os dois?

Um senso irracional de esperança me encheu. — Ele é realmente o que ele diz que é?

— E o que seria isso? — ela disse, desenrolando um sanduiche.

Eu botei para fora tudo que tinha acontecido desde que nós tínhamos chegado a Éden. Avistando Henry depois de quase bater em uma vaca imaginária — a noite no rio e como ele tinha aparentemente ressuscitado Ava — o acordo que eu tinha feito, e

[10] A baklava ou baclava é um tipo de pastel elaborado com uma pasta de nozes trituradas. É aqueles doces turcos.

o jeito que James tinha tentado me impedir de tomar parte nisso, a visita de Henry, e a morte de Ava no dia seguinte, minha decisão de ir para a propriedade Éden tentar salvá-la, e finalmente o acordo que eu tinha feito com Henry que me tinha posto nisso. Repentinamente ficar com ele por seis meses não parecia nem de perto tão ruim, não se eu pudesse ver minha mãe toda noite.

— Curioso, — ela disse, embora seus olhos brilhassem com divertimento. Eu não via nada divertido sobre a situação. — Eu gostaria que você tivesse me dito tudo isso mais cedo, Kate.

— Eu sinto muito, — eu disse, minhas bochechas avermelhando-se enquanto encarava abaixo para minhas mãos. — Eu pensei que estivesse ficando louca ou algo assim.

— Dificilmente. — Ela se esticou e envolveu meu queixo, guiando-o pra cima até que eu estivesse olhando para ela. — Prometa-me que você irá me contar tudo o que acontece de agora em diante, você irá? Eu não quero perder qualquer coisa.

Eu assenti. Mais tempo com ela era tudo o que eu podia possivelmente pedir. — Mãe? — eu disse em uma voz pequena. — Eu te amo.

Ela sorriu. — Eu sei coração.

Quando eu acordei cedo na manhã seguinte, de principio eu não sabia onde eu estava. O calor do sol dos meus sonhos ainda permanecendo na minha pele, e eu abri meus olhos, meio que esperando ver minha mãe em pé sobre mim, mas era apenas o dossel da minha cama. Grunhindo, eu sentei e pisquei o sono para fora de meus olhos. Alguma coisa não estava certa, e eu não podia por meu dedo nisso. Então, depois de um longo momento, o dia anterior veio inundando de volta para mim, junto com o acordo que eu havia feito com Henry, e meu coração pulou uma batida. Então não tinha sido somente um sonho depois de tudo.

— Você acha que ela tá acordada agora? Ela deve estar né?

— Se ela não estava ainda, ela certamente está agora.

Eu congelei. Os sussurros estavam vindo do outro lado das cortinas penduradas na minha cama, e elas não eram vozes que eu reconhecia. A primeira era brilhante e balbuciante; a segunda soava como se quem a tivesse queria estar em qualquer lugar, menos aqui. Eu não podia culpá-la.

— Como você acha que ela é? Melhor do que a última escolhida, né?

— Qualquer uma é melhor do que a última. Agora se cale antes que você realmente a acorde.

Eu sentei lá por um longo momento, tentando absorver o que eu estava ouvindo. Eu tinha trancado a porta noite passada, estava certa disso, então como elas tinham entrado aqui? E o que elas queriam dizer com a "última escolhida?".

Antes que eu pudesse falar, meu estômago rugiu. Altamente.

O tipo épico de som que faz com que todos na aula se virem e riam enquanto você se abaixa no seu lugar, e tenta não ficar vermelha. Qualquer chance que eu tinha de espionar tinha se esvaído, graças a minha barriga traidora.

— Ela está acordada! — As cortinas estalaram abertas, e eu defendi meus olhos da luz da manhã. — Oh! Ela é bonita!

— E morena. Não tínhamos tido uma dessas em décadas.

— Obrigada, eu acho, — Eu murmurei, mas com o sol brilhando nos meus olhos, eu não podia ver com quem eu estava falando. — Quem é você?

— Calliope! — Esta era a que falava com alegria excessiva, a que tinha me chamado bonita. Eu espreitei minhas pálpebras abertas o suficiente apenas para conseguir uma olhada decente dela. Menor do que eu, com cabelo loiro que pendia

abaixo de sua cintura e um rosto redondo que corava rosado de felicidade. Ela parecia tão animada que eu estava temerosa que ela transbordasse.

— Ella, — disse a segunda garota enfadonha. Ainda de soslaio, eu consegui uma boa olhada nela e senti uma pontada de inveja. Cabelo escuro, alta, impossivelmente bonita, e ela parecia entediada as lágrimas.

— E você é Katherine, — disse Calliope. — Sofia nos contou tudo sobre você, como veio aqui para ajudar sua amiga e como está ficando conosco por seis meses e...

— Calliope, pare com isso, você está assustando-a.

Eu não sabia se assustando era tecnicamente a palavra certa, mas funcionava por agora. Enquanto Calliope saltava para cima e para baixo, chegando mais perto de mim com cada movimento que ela fazia, eu comecei a me reclinar. Sua exuberância era intimidante.

— Oh. — Calliope tomou um passo atrás, corando de novo.

— Sinto muito. Você está com fome?

Respire fundo, eu pensei. Dentro e fora, dentro e fora, e talvez as coisas começassem a fazer sentido.

— Ela precisa se vestir primeiro, — Ella disse, movendo-se em direção ao armário. — Katherine, qual sua cor favorita?

— *Kate*. Chame-me de Kate, — eu disse através de dentes cerrados. Estava muito cedo na manhã para isso. — E eu não tenho uma.

— Você não tem uma cor favorita? — Calliope disse incrédula, enquanto se movia para ajudar Ella. Eu levantei e me espreguicei incapaz de ver o que exatamente elas estavam fazendo.

Ambas permaneciam em frente ao armário, que parecia como se estivesse repleto de roupas.

— Não hoje, — eu disse, irritada. — Eu posso me vestir eu mesma, você sabe.

Ella e Calliope tiraram alguma coisa longa, azul e suave do monte de roupas. Elas duas viraram-se em direção a mim, segurando— Oh, não.

— A menos que você tenha algum tipo de habilidade sobre-humana para enlaçar a si mesma em um corselet, vestir a si mesma não é uma opção, — Ella disse, seus olhos brilhando. Eu não sabia se isso era de diversão ou de malícia. Muito possivelmente ambos. Elas seguraram erguido um vestido azul que era de corte tão baixo, que nem mesmo Ava teria tocado. As mangas eram longas e estreitas, desdobrando-se somente no final, e havia laço. *Laço.*

Meus olhos se arregalaram. — Você não pode estar falando sério.

— Você não gosta? — Calliope franziu o cenho e correu uma mão sobre o tecido macio. — Que tal alguma coisa amarela? Você fica bem de amarelo.

— Eu não uso vestidos, — eu disse através da mandíbula cerrada. — Nunca.

Ella bufou. — Eu não ligo, porque você usa agora. Eu estou no comando do guarda-roupas, e a menos que queira vestir o que tem agora até você feder tão ruim que ninguém chegará perto, você vai vestir isto.

Eu encarei a monstruosidade azul.

— Eu não sou a sua boneca. Você não pode me fazer brincar de vestir.

— Sim, eu posso, — Ella disse. — E eu irei. Eu tenho milhares de anos de moda para escolher, e eu posso fazer da sua vida um pesadelo se você tentar combater isso. Já tentou sentar em uma saia armada? — Ela me deu um olhar aguçado. — Comporte-se, e eu posso considerar dar a você um dia de folga de vez em quando. Mas isso é minha escolha, não sua. Você desistiu da sua no momento que concordou em ficar aqui.

— Além disso, todo mundo usa vestidos aqui, — Calliope disse brilhantemente. — Você não pode dizer que não gosta até que dê uma chance.

Ella me ofereceu o vestido. — Sua escolha. Caros, confortáveis vestidos você não vai notar em um dia ou dois, ou jeans que irão andar por conta própria dentro de uma semana.

Soltando um baixo rosnado atrás da minha garganta, eu o tomei dela e arranquei para dentro do banheiro. Ela podia me fazer vesti-los, mas isso não significava que eu tinha que gostar. Enlaçar-me levou aproximadamente vinte minutos, e isso foi sem um corset. Aí era onde eu cruzava a fronteira, e Ella não era estúpida o suficiente para tentar me forçar em um deles, também. O vestido se moldou bem comigo sem me sufocar, e isso era bom o suficiente. Eu não precisava ter meu peito forçado acima para o meu queixo no meio tempo.

Uma vez que elas terminaram de me vestir, Calliope sentou-me e fuçou com meu cabelo castanho claro por alguns minutos. Ela cantarolou enquanto trabalhava, e qualquer pergunta que eu tentei fazer foi ou ignorada ou cortada por trechos aleatórios da canção. Bem quando me perguntava se isso jamais teria um fim, ela anunciou que eu estava pronta e o café da manhã estava preparado. Café-da-manhã. Eu estava tão faminta que nem mesma objetei enquanto elas forçaram meus pés em um par de sapatos de saltos. Nós iríamos falar sobre isso depois, especialmente se eu deveria usar escadas, mas por agora, enquanto tivesse uma promessa de comida, eu ia deixar passar.

Ainda me sentindo perdida, eu as segui para fora do quarto, desejando entender mais sobre o que estava acontecendo. Era assim como seria toda manhã, ou eventualmente seria permitido eu mesma me vestir? Elas deveriam ser minhas amigas, como Calliope pareceu querer ser, ou elas deveriam ficar de olho em mim para ter

certeza de que eu não escapasse? Elas não eram minhas perguntas mais prementes, mas suas respostas, eu suspeitava, eram as que apenas Henry poderia me dar. Nesse meio tempo, havia ainda uma resposta que Calliope e Ella me deviam.

— Calliope? — eu disse enquanto ela e Ella me guiavam através do labirinto de salas e corredores. Supostamente, havia uma sala de café da manhã nessa enorme mansão, mas eu não estava tão certa se acreditava neles. Parecia como se estivéssemos vagando por horas.

— O que você quis dizer quando perguntou se eu era melhor do que a última escolhida?

Ela me deu um olhar inexpressivo. — A última escolhida?

— Quando vocês garotas pensaram que eu estava dormindo, você mencionou eu sendo melhor do que a última escolhida. Que última escolhida?

Calliope pensou por um momento antes que compreensão baixasse nela. — Oh! A última escolhida. A última garota, eu quero dizer. A última que Henry teve aqui.

Houve outra garota?

— Há quanto tempo foi isso?

Calliope trocou um olhar com Ella, que permaneceu em silêncio. — Vinte anos, talvez?

Então aparentemente Henry tinha sido um pirralho da última vez. A menos que ele estivesse dizendo a verdade sobre governar os mortos, mas eu não estava completamente pronta para aceitar isso. — Por que eu preciso estar aqui então? Por que ela não está mais aqui?

— Porque ela m...

Ella tapeou sua mão sobre a boca de Calliope tão forte que o som reverberou através da sala. — Porque ela não está, — Ella disse bruscamente. — Não é nosso

trabalho explicar isto para você, Katherine. Se você quer saber por que você está aqui, pergunte a Henry. E você… — Ela olhou para Calliope.

— Oh, — eu disse suavemente enquanto outro pensamento me ocorreu.

— Ele... Ele disse que todos aqui estavam mortos. Isso é verdade? Vocês duas estão…?

Nem Ella ou Calliope pareceram surpresas pela minha pergunta. Ao invés, Ella puxou sua mão pra longe, deixando Calliope responder.

— Todos estão mortos aqui, sim, — ela disse, esfregando sua bochecha e dando a Ella um olhar sujo. — Ou como Henry, nunca vivos em primeiro lugar.

— Quando você… uh, nasceu?

Calliope fungou. — Uma dama não revela sua idade.

Ella bufou, e Calliope olhou para ela.

— Ella é tão velha, ela nem mesmo sabe em qual ano ela nasceu, — Calliope disse, como se isso fosse alguma coisa para se estar envergonhado. Eu sacudi minha cabeça, sem palavras, não sabendo se eu deveria realmente acreditar em tudo isso ou não. Ella não disse nada. Ao invés, ela empurrou aberta outra porta, finalmente revelando uma longa sala com uma mesa tão larga que podia facilmente acomodado trinta. Minha cabeça estava rodopiando da estória de Calliope, e me levou um momento para perceber que o quarto já estava cheio de pessoas.

— Sua corte, — Ella disse secamente. — Serventes, tutores, qualquer um com quem você terá contato. Eles todos querem conhecer você.

Eu parei na porta, sentindo o sangue ser drenado do meu rosto. Havia dúzias de pares de olhos me encarando, e de repente eu estava dolorosamente autoconsciente.

— Eles vão ficar enquanto eu como? — eu sussurrei. Eu não podia pensar em um modo melhor de evitar que eu comesse uma coisa sequer.

— Eu posso mandá-los embora, se você desejar, — Calliope disse, e eu assenti. Ela pulou para frente e, com dois bater de palmas de suas mãos, a maioria deles começou a sair. Uns poucos que tinham manuseado a comida permaneceram, junto com dois homens parados em pé ao lado, cada um equipado com formidáveis armas. O loiro alto estava tão imóvel que ele podia muito bem ter sido uma estátua, e o moreno inquieto, como se permanecer parado e ficando em silêncio fosse alguma coisa que ele não era muito bom. Ele não poderia ser mais velho do que vinte.

— Você sempre será guardada, — Ella disse, e eu a olhei, surpresa. Ela deve ter me visto encarando-a. Ela se moveu adiante com a graça de um veado, e gesticulou para um lugar aos pés da mesa. — Seu lugar.

Eu a segui, tentando duramente não tropeçar na bainha do meu vestido longo, e sentar. Agora havia apenas cerca de uma dúzia de pessoas na sala, mas eles ainda estavam todos me olhando.

— Seu café da manhã, Sua Alteza, — disse um homem, dando um passo adiante para colocar um prato coberto em frente a mim. Ella ergueu a cobertura, não me dando a chance de fazer eu mesma. Ela parecia tão entediada como quando tinha estado em meu quarto.

— Um, obrigada, — eu disse, aturdida. *Sua Alteza?* Eu peguei o garfo, preparada para espetar um pedaço de fruta e comê-lo, mas uma mão pálida agarrou meu pulso antes que pudesse fazê-lo.

Eu olhei para cima, surpresa em ver Calliope em pé sobre mim, seus olhos azuis amplos. — Eu provo primeiro, — ela insistiu. — É o que eu devo fazer.

Chocada, eu botei pra fora, — Você testa minha *comida?*

— Quando você decide comer, sim, — ela disse timidamente. — Eu provei seu jantar na última noite, também. Mas você não tem que comer enquanto você estiver

aqui, você sabe. Eventualmente você irá se esquecer de como se parece. Se você quiser, entretanto, eu tenho que...

— Não, — eu disse, empurrando pra trás minha cadeira tão alto que ela guinchou contra o piso de mármore. O stress do dia anterior e a confusão da manhã vieram desabando sobre mim, estilhaçando cada pedaço de controle que eu tinha.

— Não, isso não vai rolar. Isso é ridículo, provadores de comida? Guardas armados? Sua *Alteza?* Por quê? O que é suposto que eu faça aqui?

Todos pareceram atordoados pelo meu ataque, e levou vários momentos antes que alguém falasse. Quando eles conseguiram, foi Ella. — Você concordou em ficar aqui por seis meses do ano?

— Sim, — eu disse, frustrada. Eles não entendiam. — Mas eu não concordei com provadores de comida ou... Ou nada disso.

— Você concordou, — ela disse calmamente. — É parte do nosso acordo.

— Por quê?

Ninguém me respondeu. Eu agarrei minha saia tão apertadamente que eu pensei que isso fosse rasgá-la. — Deixe-me ver Henry, — eu disse. — Eu quero conversar com ele.

O silêncio era ensurdecedor, e alguma coisa rompeu dentro de mim.

— *Me deixe falar com ele!*

— Eu estou aqui.

O som da voz dele, baixa e suave, me assustou. Girando ao redor, eu consegui perder meu equilíbrio, por pouco me agarrando a cadeira. Henry ficou em minha frente, mais perto do que eu tinha esperado. Seu rosto jovem e sem falhas estava em branco, e meu coração pulou uma batida. Quando eu consegui recuperar minha voz, ela saiu mais como um guincho, mas eu não me importei. Eu queria respostas.

— Por quê? — eu disse. — Por que eu estou aqui? Eu não sou sua princesa, e eu não assinei por nada disso, então por que isso está acontecendo?

Henry ofereceu-me sua mão, e eu hesitei, mas finalmente eu a peguei. Sua pele sentia-se surpreendentemente morna contra a minha. Eu não sabia o que tinha estado esperando gelo, talvez. Não calor. Não uma evidência de vida.

— Feche seus olhos, — ele murmurou, e eu fiz. Um momento depois, eu senti uma brisa fria contra minha bochecha, e meus olhos voaram abertos. Nós estávamos do lado de fora, no meio de um elaborado e bem cuidado jardim, com calmas fontes dispersas por toda parte e flores e sebes. Um caminho de pedra levava de onde nós estávamos até atrás da mansão, que aparecia ao longe, uma fácil meia milha de distância.

Cerberus, o grande cachorro da floresta, trotou até cumprimentar Henry, e ele deu a ele um bom afago atrás das orelhas. Meu estômago despencou para os meus joelhos, e qualquer cor que havia sido esquecida drenou-se das minhas bochechas. — Como você...

— Com o tempo, — ele disse. Entorpecidamente eu sentei sobre a borda da fonte. — Você disse ontem que você não queria isso e eu não a culpo. Agora que o acordo foi feito, contudo, não pode ser desfeito. Você mostrou coragem à noite que você salvou a vida de sua amiga, e eu peço que você encontre isso dentro de você uma vez mais.

Eu tomei uma profunda respiração, tentando encontrar um pingo da tão chamada coragem que ele estava convencido que eu tinha. Tudo que eu podia encontrar era medo. — De volta em Éden, você disse... Você disse se eu tinha lido o mito de Perséfone, eu entenderia o que você queria, — eu disse em uma voz trêmula. — Meu amigo James me contou que ela era a Rainha do Submundo, e eu li isso em um

livro quando eu era... Eu sacudi minha cabeça. Isso não era importante. — Isso é verdade?

Ele assentiu. — Ela foi minha esposa.

— Foi? Ela existiu?

— Sim, — ele disse, sua voz mais suave. — Ela morreu há muitos anos atrás.

— Como?

A expressão de Henry estava em branco. — Ela se apaixonou por um mortal, e depois que ele morreu, ela escolheu se juntar a ele. Eu não a impedi.

Havia tantas partes deste argumento que eu não entendia que eu não estava certa por onde começar. — Mas ela é um mito. Não é possível que ela tenha realmente existido.

— Talvez, — ele disse, seu olhar distante. — Mas se isso está acontecendo, quem pode dizer o que é possível ou não?

— Lógica, — eu disse. — As leis da natureza. Racionalidade. Algumas coisas apenas não são possíveis.

— Então me diga Kate... Como nós conseguimos chegar do lado de fora?

Eu olhei ao redor novamente, meio que esperando que isso se desvanecesse em algum tipo elaborado de ilusão. — Você me nocauteou e me trouxe até aqui fora? — eu ofereci fracamente.

— Ou talvez houvesse uma porta secreta que você não tinha visto. — Ele se esticou para tomar minha mão, e eu enrijeci. Suspirando, ele roçou seus dedos contra os meus e se afastou. — Há sempre uma explicação racional, mas algumas vezes as coisas podem ser irracionais ou impossíveis se você não sabe todas as regras.

— Então o quê? — eu disse. — Você está me dizendo que um deus Grego apenas construiu uma mansão no meio do mato em um país do outro lado do mundo?

— Quando você tem eras para viver, o mundo se torna um lugar muito menor, — ele disse. — Eu tenho casas em vários países, incluindo Grécia, mas eu prefiro a solidão daqui. É pacifico, e eu desfruto das estações e do longo inverno.

Eu sentei muito imóvel, não sabendo o que dizer aquilo.

— Você poderia tentar acreditar em mim? — disse Henry. —Só por agora. Mesmo se isso significar empurrar de lado tudo o que você aprendeu você iria, por favor, me fazer o favor de tentar aceitar o que eu estou te dizendo, não importa quão improvável isso possa parecer?

Pressionando meus lábios juntos, eu olhei abaixo para minhas mãos.

— É isso o que você faz? Brinca de faz de conta?

— Não. — Eu podia ouvir o sorriso em sua voz. — Mas você pode, se você desejar. Se isso fizer mais fácil para você.

Isso não ia embora. Mesmo se isso tudo fosse um grande truque, se tudo foi planejado desde o começo para me fazer parecer como uma tola ou o que quer que seu fim de jogo fosse, então tudo o que eu podia fazer era esperar pela cartada final. Mas a imagem de Ava jazendo em uma piscina de seu próprio sangue com seu crânio esmagado flutuou dentro da minha mente, como fez a sensação da fria brisa que atravessou minha bochecha quando apenas momentos antes, nós tínhamos estado no coração da mansão. E minha mãe, viva e bem no Central Park... O que quer que estivesse rolando, cedo ou tarde eu teria que enfrentar o fato de que isso não era nada que eu tivesse experimentado antes.

— Tudo bem, — eu disse. — Vamos fingir que isto é realmente o Paraíso e todos estão mortos, Ella e Calliope têm milhões de anos de idade, e você é realmente quem você diz que é...

— Eu não alego ser ninguém exceto eu mesmo, — ele disse, o canto de sua boca se contraiu pra cima.

Eu fiz uma careta. — Bem, então vamos fingir que isto é tudo real, que mágica é possível e fadas do dente existem. E algum lugar abaixo da linha, eu não bati minha cabeça e você não é insano de carteirinha. O que tem a ver a morte de sua esposa comigo?

Henry ficou em silêncio por um longo momento. — Como eu disse, ela escolheu morrer do que ficar comigo. Eu era seu marido, mas ela simplesmente amava mais a ele.

Julgando pela sua expressão dolorida, não havia nada simples sobre isso, mas eu não o pressionei. — Você sabe que parece muito jovem para ter sido casado, certo? — eu disse em uma lastimável tentativa de suavizar o humor. — Quantos anos você tem afinal?

Os cantos de seus lábios se contorceram de novo. — Mais velho do que pareço. — Depois de um momento ele adicionou, — Ela pode ter me amado, mas isso nunca foi sua escolha. Este foi meu último presente a ela, deixá-la partir.

Havia uma nota de tristeza em sua voz que eu entendia muito bem. — Eu sinto muito, — eu disse. — Eu sinto. Eu só... Eu ainda não entendo porque eu estou aqui.

— Eu tenho estado governando por minha conta por aproximadamente mil anos, mas um século atrás, eu concordei a apenas mais uma centena antes de meus irmãos e irmãs tomarem meu reino de mim. Eu não posso lidar com isso por conta própria, não mais. Há simplesmente muito para eu fazer isso sozinho. Eu tenho estado procurando por uma companheira desde então, e você é a última escolhida, Kate. Nesta primavera, a decisão será feita. Se você aceitar, você irá governar comigo como

minha rainha por seis meses do ano. Se você não aceitar, você irá retornar para sua antiga vida com nenhuma memória deste tempo.

— É isso o que aconteceu com as outras? — eu disse, forçando a perguntar a passar pelos meus lábios secos.

— As outras… — Ele focou em alguma coisa à distância. — Eu não intento assustar você, Kate, mas eu nunca irei mentir para você. Eu preciso que você confie em mim, e eu preciso que entenda que é especial. Eu tinha desistido antes de você vir.

Eu uni minhas mãos juntas para impedi-las de tremerem. — O que aconteceu a elas?

— Algumas delas ficaram loucas. Outras foram sabotadas. Nenhuma delas chegou ao fim, muito menos passou os testes.

— Testes? — eu o encarei. — Sabotagem?

— Se eu soubesse mais, eu diria a você, mas isso é o porquê nós temos tomado tantas extremas precauções para proteger você. — Ele hesitou. — E a respeito dos testes, haverá sete deles, e eles serão a base na qual será decidido se você é digna de governar.

— Eu não concordei com nenhum. — eu pausei. — O que acontece se eu passar?

Ele encarou suas mãos. — Você se tornará uma de nós.

— Nós? Morto, você quer dizer?

— Não, isso não é o que eu quero dizer. Pense... Você conhece o mito, não conhece? Quem foi Perséfone? O que foi ela?

Medo me apunhalou, me cortando de dentro. Se o que ele alegava era verdade, então ele tinha sequestrado Perséfone e a forçou a casar-se com ele, e não importa o

que ele dissesse, eu não podia evitar e me perguntar se ele iria tentar fazer o mesmo comigo. Mas a parte racional de mim não podia deixar passar o óbvio.

— Você realmente acha que é um deus? Você sabe que isso soa louco, certo?

— Eu estou ciente de como isso deve soar para você, — disse Henry.

— Eu tenho feito isto antes, depois de tudo. Mas sim, eu sou um deus... Um imortal, se você quiser. Uma representação física de um aspecto deste mundo, e enquanto isso existir, assim também irei. Se você passar, é isso o que irá se tornar também.

Sentindo tontura, eu me levantei tão rapidamente quanto eu podia enquanto ainda estava naqueles malditos saltos.

— Ouça Henry, isso tudo soa ótimo e tudo mais, mas o que você está me dizendo é sobre um mito que pessoas criaram milhares de anos atrás. Perséfone nunca existiu, e mesmo se ela existiu, ela não era uma deusa, porque não há tal coisa...

— Como você deseja que eu prove isso? — Ele se ergueu comigo.

— Eu não sei, — eu disse, vacilante. —Fazer alguma coisa divina?

— Eu pensei que já tivesse. — O fogo em seus olhos não tinha desvanecido. — Pode haver coisas das quais eu não irei, não poderei, contar a você, mas eu não sou um mentiroso, e eu nunca irei enganá-la.

Eu me encolhi da intensidade de sua voz. Ele realmente acreditava no que ele estava dizendo. — É impossível, — eu disse suavemente. —Não é?

— Mas está acontecendo, então talvez seja hora de você reavaliar o que é possível e o que não é.

Eu pensei em chutar fora meus saltos, descendo pelo caminho para o portão da frente, e partir, mas a lembrança do meu sonho com minha mãe me parou. Enquanto a

parte de mim que queria ficar por ela anulava meu ceticismo, a temperatura despencou vinte graus, e eu estremeci.

— Kate?

Eu congelei, meus pés grudados ao terreno. Eu conhecia aquela voz, e depois de ontem, eu nunca tinha esperado ouvi-la de novo.

— Qualquer coisa é possível se você der a isso uma chance, — Henry disse, focando em alguma coisa sobre meu ombro. Eu girei ao redor.

Nem três metros de distância de nós estava Ava.

CAPÍTULO 8
O RETORNO DE AVA

Eu não sei quanto tempo eu fiquei lá, abraçando Ava tão apertadamente que ela não podia respirar. O tempo passou vagarosamente, e tudo o que eu podia pensar era o modo como sentia seus braços ao redor dos meus ombros enquanto lutava para não chorar.

— Ava, — eu disse em uma voz estrangulada. — Eu pensei... James disse... Todo mundo pensou que você estivesse morta.

— Eu estou, — ela disse, sua voz suave, mas ainda dela. — Ou pelo menos isso foi o que eles me disseram.

Eu não perguntei como Henry tinha feito isso uma vez, e mesmo embora ele tivesse dito que não podia fazer isso de novo, talvez tivesse tentado. Talvez ele tivesse descoberto que não era impossível depois de tudo.

Mas se ela estava morta—realmente, verdadeiramente morta—isso significava que ele tinha estado dizendo a verdade afinal? Era assim como ele estava tentando provar isso? O chão parecia instável debaixo de mim. Mesmo embora cada parte racional de minha mente gritasse que isso não podia estar acontecendo, Ava parecia quente e real nos meus braços, e não havia modo que qualquer um pudesse ir tão longe para pregar uma peça. A escola inteira pensou que ela estava morta. *James* pensou que ela estava morta, e eu confio nele, não mentiria para mim desse jeito.

— Kate, — ela disse, me desenrolando dela. — Acalme-se. Eu não estou indo a lugar algum.

Eu me afastei, lágrimas picando em meus olhos e borrando minha visão. — É melhor não estar. Você vai ficar?

— Por tanto quanto você quiser.

Acima de seu ombro eu vi Henry em pé ao lado, seus olhos baixos.

— Henry? Ela pode ficar?

Ele assentiu. — Ela pode ficar nos campos, mas ela não pode partir.

Eu olhei para Ava novamente, limpando meus olhos com a costa de minha mão. — Isso não é justo.

— O que não é justo? — ela disse.

— Que eu possa partir e você não.

Ava riu, a leveza desse som saltitando.

— Kate, não seja ridícula. Eu tenho cerca de quarenta anos antes que meus pais cheguem aqui e me digam o que eu posso ou não posso fazer, e aposto que há toneladas de caras fofos aqui. Eu terei um monte de coisas pra fazer.

— Não muitas, eu espero, — disse Henry. — Ava, você se importaria em nos dar mais alguns minutos a sós?

Do meu lado, Ava sorriu. —Yeah — posso pegar alguma coisa para vestir? — Foi então que eu percebi que ela estava usando nada mais do que um longo roupão branco.

— Eu tenho um closet completo lá em cima, — eu disse. — Peça para Ella. Ela irá mostrar a você onde tudo fica.

— Obrigada. — Ava me deu um último abraço, sussurrando — Ele é *fofo,* — em meu ouvido, depois rumou em direção à mansão. Eu a observei ir.

— Eu pensei que não fosse vê-la novamente jamais.

— Compreensível, — Henry disse. Ele permanecia tão perto de mim que eu podia sentir o calor de seu corpo. — Algumas vezes nós julgamos mal o que é possível e o que não é.

Eu ergui o olhar para ele, uma estranha e desagradável tensão se espalhando através de mim. Uma dúzia de perguntas correram através da minha mente, mas havia apenas uma que estava rodeada por uma delicada bolha de esperança. Se eu esperasse mais tempo antes de perguntar a ele sobre isso, essa bolha podia explodir. — Foi real então? Meu sonho com minha mãe?

Henry pareceu decididamente satisfeito consigo mesmo. — Você gostou dele?

— Sim. — Eu hesitei. — Isso foi, foi somente uma vez?

— Não. — Ele me observou atentamente, como se estivesse temendo que eu desmaiasse. Eu não estava tão certa que não iria. — Pela duração da sua estadia, você conseguirá vê-la todas as noites.

Eu estudei o padrão no mármore da fonte, meus olhos traçando as linhas irregulares e redemoinhos. — Muito obrigada. Muito mesmo.

— Não há necessidade de me agradecer. — Ele soava confuso. — Eu disse a você que iria honrar nosso acordo, e eu irei.

— Eu sei.

Mas eu nunca teria pensado que isso significava que eu conseguiria passar mais tempo com ela. Não ao seu lado da cama segurando sua mão e esperando que ela

fosse acordar, mas conversando com ela como se não estivesse doente, como os quatro anos anteriores nunca tivessem acontecido. Estava além de tudo que tinha esperado.

Mas ele tinha honrando seu lado do nosso pacto, isso significava que eu tinha que honrar o meu também, e isso rastejou em mim, terror vagarosamente penetrando minha mente e corpo enquanto eu percebia que eu estava tentando fazer uma coisa que ninguém tinha sido capaz de fazer antes. De um modo, isso parecia como se eu tivesse assinado minha própria sentença de morte.

— E agora o quê? O que eu deveria fazer?

— Apenas seja você mesma. — Ele pôs sua mão sobre meu ombro, como tinha feito em Ava. Diferente de Ava, contudo, ele pareceu temeroso de me tocar, e o contato durou por apenas poucos segundos. — Os testes virão quando você menos esperar. Eu não estou a cargo de administrá-los, nem sou o juiz final.

— Eu não sou realmente boa em pop quizzes[11], — eu disse.

Ele riu, e isso me relaxou, ajudando a dissolver um pouco da minha ansiedade. — Estes não são o tipo de teste que nenhum professor iria aplicar em você. Eles testam quem você é, e não o que você tem armazenado em seu cérebro. É possível que você os reconheça quando eles estiverem acontecendo, e é possível que não. Mas apenas seja você mesma. Isso é tudo que qualquer um pode lhe pedir.

Seus dedos roçaram contra a minha bochecha, se atrasando. Dessa vez eu não me afastei.

— Por que dos testes? — eu disse. — Por que eles são necessários?

— Porque, — ele disse, — O prêmio não é uma coisa que nós concedemos facilmente, e nós precisamos ter certeza de que é algo que você possa lidar.

[11] jogo de perguntas e respostas

— E o que é isso?

— Imortalidade.

Eu senti um bloco de gelo no fundo do meu estômago. Então minhas escolhas agora eram viver para sempre, ou morrer tentando. De alguma forma isso não parecia justo.

—Você se sairá bem, — Henry diz. —Eu posso sentir. E depois de tudo, irá me ajudar a fazer uma coisa que ninguém mais é capaz de fazer. Você terá um poder além da imaginação, e nunca temerá a morte novamente. Você nunca ficará mais velha e sempre será linda. Você terá vida eterna para usufruir como desejar.

Um calafrio me percorreu, e eu não sabia se era pelo modo como ele falou, do que disse, ou do jeito que olhava para mim. Vida eterna sem minha mãe não era uma coisa que eu queria contemplar. Mas se ele podia trazer Ava de volta…

— Talvez, — ele sussurrou, — você possa até mesmo aprender como nadar.

Aquilo quebrou o feitiço. Eu bufei alto, incapaz de me impedir. — Boa sorte com isso.

Ele sorriu. — Ou talvez algumas coisas sejam impossíveis depois de tudo.

Uma vez que Henry me retornou para a sala de café da manhã, eu comi tão rapidamente que mal saboreei a comida, apesar de quão dar água na boca elas todas pareciam. Pilhas de torrada com manteiga, pilhas de bacon, mesmo um lado de panquecas com xarope, mas Ava estava em algum lugar da mansão, e eu queria vê-la de novo. Eu precisava confirmar que ela estava realmente aqui. Não foi até que eu tinha terminado meus ovos, cozinhados exatamente como minha mãe costumava fazer, que percebi que pela primeira noite em semanas eu não tinha tido um pesadelo. Eu fiz uma nota mental para indagar Henry sobre isso, me perguntando se isso era por

causa dos meus sonhos com minha mãe. Tinha que ser. Se qualquer coisa, eu tinha esperado que a propriedade Éden fizesse meus pesadelos piores do que afugentá-los pra longe.

Antes que pudesse ver Ava, contudo, Calliope me informou que eu tinha que encontrar minha tutora. Uma vez que eu tinha terminado minha refeição, ela era a única lá para me mostrar o caminho, com Ella suspeitosamente ausente. Eu esperava que isso significasse que ela estava ocupada ajudando Ava, mas dado quanto ela já parecia me odiar, eu esperava que ela colasse ao redor tão pouco quanto possível.

Em nosso caminho, nós passamos uma cesta de frutas, e eu me lembrei da pergunta que não tinha sido capaz de fazer a Henry. — Por que você prova minha comida?

Calliope manteve a porta aberta para mim. — Para ter certeza de que ninguém está tentando matar você.

— Por que eles iriam tentar fazer isso?

Ela me deu um olhar que me fez sentir como uma idiota por já não saber a resposta. — Por que se Henry renuncia seu controle sobre o Submundo, alguém mais irá tomar o lugar dele. Não são todos que estão torcendo por você, você sabe.

— Espere, o quê? — Eu tinha estado tão preocupada sobre o que iria acontecer comigo se eu passasse que não tinha parado para pensar o que podia acontecer a Henry se eu falhasse. — Quem?

— Eu não posso te dizer isso. Preste atenção!

Eu parei abruptamente, por pouco perdendo um vaso assentado em um pedestal. Ele parecia caro. E antigo. E feito a mão. Eu suguei uma respiração e me movi cautelosamente ao redor dele.

— Aqui dentro, — Calliope disse, gesticulando em direção à outra porta. Ela a empurrou aberta, e eu pisei dentro, focando apenas na única coisa que valia olhar: uma pequena mesa de madeira com uma cadeira combinando em cada lado. Tudo mais era de um enfadonho branco, e cheirava como se tivesse sido recentemente pintado.

— Eu verei você depois, — Calliope disse enquanto empurrava a porta fechada atrás de mim. Eu girei ao redor e coxeei em direção a ela, conseguindo tropeçar sobre o carpete espesso.

— Espere! — eu chamei, mas era tarde demais. A porta já estava fechada, e para meu horror, eu notei que não havia maçaneta. Seria impossível abrir sem alguém do outro lado.

Eu fiquei lá como uma idiota pela maior parte de um minuto, tentando descobrir como sair. Havia uma grande janela na parede mais distante, mas nós estávamos três andares de altura. Pular não seria completamente suicida, mas iria doer. Além da porta, não havia outras saídas, então a única coisa que eu podia fazer era esperar.

Chutando meus sapatos de meus pés doloridos, eu tomei um lugar na mesa e cruzei meus braços sobre meu peito. A cadeira era desconfortável, e a sala estava quente, mas pelo menos eu não tinha mais que andar naqueles saltos. O forte cheiro de incense preencheu o ar, me fazendo espirrar. *A-tim.* Olhando sobre meu ombro, eu peguei sinal de um rosto familiar, e meus olhos se arregalaram. Atrás de mim estava Irene, a recepcionista da secretaria da escola, vestida em um robe branco similar ao de Ava. Ele flutuava atrás dela e era estonteante, mas isso não era nada comparado com seu cabelo. Enquanto tinha sido vermelho antes, agora era rubi vivido, tão brilhante na luz do sol que ele quase brilhava. Ele não podia ser natural.

— Olá, Kate, — ela disse com um sorriso amigável. — É bom ver você de novo.

Eu hesitei. — Bom ver você de novo, também?

Ela sentou-se oposta a mim com um tipo de graça que um dançarino teria dado seu braço direito para ter, e eu não podia evitar sentir uma pontada de amargura. O que ela deveria me ensinar, como ser linda?

— Há mais alguém de Éden aqui que eu deveria saber a respeito? — eu disse. Primeiro Sofia, e agora Irene — Dylan também apareceria misteriosamente?

Os cantos de seus lábios se contraíram em um sorriso divertido.

— Eu suponho que você terá que esperar e ver, não é? Sinto muito o subterfúgio, querida. Eu prometo que isso foi somente para o melhor.

— Yeah, eu acho que entendi, — eu resmunguei. Eu não gostava de saber que tinha sido enganada. — Você estará me tutorando, então? Cálculo e ciência e essas coisas?

Ela riu, o som disso como sinos dos ventos[12].

— Alguma coisa mais legal. Alguma coisa muito, muito mais legal. Henry quer você preparada no caso de você passar, e isso significa aprender sobre pessoas. Como elas funcionam, como elas se veem e cada outra, porque elas fazem certas escolhas... Psicologia, em sua maior parte. Um pouco de astronomia e astrologia também. Além disso, mais importante, você precisa aprender sobre este mundo. Não apenas o Submundo, mas tudo sobre ele.

— Mitologia? — A palavra parecia pesada na minha língua.

[12] ou mensageiros dos ventos ,são aqueles sinos místicos que a gente coloca na varanda ou na sacada de casa

— Não é mitologia aqui, — ela disse com uma piscadela. — Enquanto você lembrar-se disso, ficará bem. — Aparecendo do nada, ela puxou um livro espesso e o colocou na mesa, que rangeu.

— Eu tenho que ler isso? — eu disse.

— Não se preocupe, — ela disse. — Ele tem gravuras.

De alguma forma isso não era muito confortante. — Por que eu tenho que aprender tudo isso?

Ela não teve uma chance de me responder. Ao invés, a porta sem maçaneta estourou aberta, e gritos ininteligíveis encheram a sala. Eu me levantei tão rapidamente que quase derrubei minha cadeira. Irene parecia chateada, mas ela continuou sentada e não falou. Ella, Calliope e Ava tropeçaram dentro do quarto, cada uma parecendo determinada a ser a primeira a entrar. Ava usava um vestido rosa que eu teria preferido queimar antes de vestir, e Ella avançou atrás dela, irada.

— Você não pode apenas pegar coisas que não pertencem a você! — gritou Ella, seu rosto resplandecendo com fúria.

— Kate, diga a ela, — implorou Ava.

— Eu sinto muito, — disse Calliope, empurrando seu caminho para frente.

— Eu tentei impedi-las, mas elas não iam ouvir...

— *Ela é* a única que não iria ouvir, — disse Ella, apontando para Ava.

— *Com licença*? Você é a que não estava me ouvindo. — Elas pareciam como se estivessem prontas a rasgar a garganta uma da outra. Oprimida, eu finalmente encontrei minha voz e dei um passo adiante. — Parem com isso, vocês duas. Isso é sobre o vestido?

Ambas caíram em silêncio, e eu podia sentir as ondas de ressentimento rolando fora delas duas. Calliope foi a que respondeu. — Sua amiga foi dentro do seu quarto procurando por alguma coisa para vestir, e Ella disse que ela não podia. Mas sua amiga disse que você tinha dado permissão, e ela não tinha nada mais o que usar, mas Ella disse que havia outras coisas, e se apenas esperasse um pouco enquanto ela podia...

— Eu estava nua, e esta pequena vaca queria que eu saísse! — Ava disse, movendo-se para ficar ao meu lado. Pelo canto do olho, eu a vi olhando para Ella, cuja expressão estava perfeitamente serena agora que tinha se acalmado.

— Ela estava em sua suíte, — disse Ella friamente. — Ninguém é permitido lá dentro sem minha expressa permissão.

— É minha suíte, — eu disse. — Parece lógico que se eu digo que ela pode ficar lá dentro, ela pode ficar lá dentro, certo?

Ella ficou em silêncio. Eu suspirei. — Tudo bem, então, ouça — Ava pode vir em meu quarto sempre que ela quiser, ok? Mas ela precisa de seu próprio, se existir um disponível para ela.

Ava bufou. — O lugar inteiro é cheio de quartos.

Eu a ignorei. — E ela irá precisar de coisas para vestir. Todas vocês sejam legais, ok? Por favor?

O olhar no rosto de Ella fez meu sangue correr frio. — Como você desejar, Sua Alteza, — ela disse rigidamente antes de virar em seus calcanhares e ir embora. Se eu não tinha certeza se ela me odiava ou não antes, agora eu sabia. Eu estava condenada a ficar presa em corseletes e saias armadas pelos próximos seis meses.

— Aqui, — disse Calliope em uma voz pequena. — Eu levarei Ava e nós iremos encontrar um quarto para ela.

Ava se eriçou. — Eu não sou uma criança. Você não tem que segurar minha mão.

— Está tudo certo, Calliope, — eu disse. —Eu posso fazer isso uma vez que nós tenhamos terminado aqui. Eu preciso explorar este lugar de qualquer modo. Você pode vir se quiser.

— Está bem, — Irene disse, soando irritada. — Apenas leia as páginas que eu marquei para amanhã. Eu farei com que alguém entregue o livro no seu quarto.

Eu assenti, não sabendo mais o que dizer. Olhando para Ava, eu senti uma pontada de culpa; era por minha causa que ela estava aqui para começo de conversa e tinha que lidar com tudo isso. Talvez Ella não se desse bem com ninguém, mas eu tinha que ter certeza de que Ava não fosse completamente miserável. Só porque eu estava presa aqui não significava que ela tinha que pagar o preço também.

O resto da manhã não foi muito melhor, e a tarde foi uma centena de vezes pior. Depois do almoço, Ella se uniu a nós, uma silenciosa sombra enquanto nós passeávamos ao redor da mansão, e a tensão que ela causou me fez querer arrancar meu cabelo fora. Agradecidamente depois de umas poucas bem certeiras alfinetadas, ela fez um ponto em evitar Ava completamente, e Ava fez um ponto de ignorar Ella.

Era confortador ter Ava lá. Ela era um pedaço familiar de realidade que eu usei para me ancorar, a prova que eu precisava de que isso tudo não era algum tipo de elaborada alucinação.

Ela fazia mais fácil de acreditar que eu não estava ficando louca. Talvez fosse com isso que Henry estava contando. Enquanto nós vagueamos pelos corredores, explorando incontáveis salas, eu fiquei próxima a Ava. Ela não pareceu se importar, e

até mesmo tomou meu braço e me guiou de lugar para lugar, descrevendo cada quarto enquanto nós passamos como se ela estivesse tentando me vender uma casa. Calliope se uniu a nós, mas Ella continuou a manter sua distância. Apesar da tensão, a tarde foi de fato divertida. Não foi até que estávamos de volta em minha suíte que ela se tornou insuportável, tudo por causa das notícias entregues por Sofia no meio da tarde.

— Um baile? — eu disse, meu coração afundando. — Você quer dizer como uma dança?

Ninguém mais pareceu se importar. Calliope guinchou, e mesmo Ella pareceu excitada. — Uma dança? — Ava disse, aplaudindo suas mãos unidas animadamente. — Eu não tenho nada para vestir, o que eu devo fazer?

— Assaltar outro closet? — Ella disse. Ambas ignoradas.

— Um baile formal amanhã à noite, — Sofia disse, — oferecido pelo conselho em sua honra. A maioria das vezes ele é planejado para o solstício de inverno, mas desde que você é a última escolhida e todos estão tão ansiosos para conhecer você, ele foi antecipado.

— Você quer dizer que isso não tem nada a ver com o fato de que metade das garotas foram mortas em seus bailes e Henry quer ter certeza de que ela sobreviva a isso antes de investir mais tempo nela? — Ella disse inocentemente.

Sofia deu a ela um olhar e virou-se de volta para mim.

— Considere isso sua introdução na sociedade.

Eu tomei uma profunda respiração e tentei ignorar o que Ella tinha dito. Henry não deixaria nada acontecer comigo. Não se isso era sua última chance. — Eu não preciso de introdução para sociedade. Sociedade e eu temos passado sem conhecimento uma da outra por anos, muito obrigada.

— O conselho inteiro estará vindo dessa vez? — Calliope disse nervosamente.

— Isto é por Henry, — Ella disse com uma careta. —Você realmente já duvidou de que todos eles iriam querer conhecê-la?

— Quem é o conselho? — eu disse. — Porque eles são tão aterrorizantes?

— Eles não são, — Ella disse sentava no braço da cadeira, mantendo sua distância. — Eles são a família de Henry. Seus irmãos e irmãs e sobrinhos e sobrinhas, embora ele e seus irmãos e irmãs não sejam relacionados por sangue. Mais como eles tivessem adotado um ao outro desde que eles dividem o mesmo criador e são os seis deuses originais, mas isso é o que eles se proclamam. É uma descrição tão boa quanto qualquer uma.

— Tipo Zeus e coisa e tal? — Ava disse do seu lugar na cama. — O cara dos raios?

Eu podia praticamente ver a fumaça que começou verter das orelhas de Ella. — Você é louca ou só completamente estúpida?

Ava fungou. — Nenhum, obrigada. Calliope? Esse é o cara dos raios?

— Sim, esse é ele, — Calliope disse do braço de uma cadeira, onde ela tinha colapsado com as notícias. — Esse é o irmão de Henry.

Eu mordi meu lábio, não sabendo o que dizer. Eu tinha tido um tempo difícil acreditando em tudo isso para começar. Jogue nessa o rei dos deuses, e qualquer chance concebível que eu tinha de levar isso a sério voa fora pela janela. Além disso, eu não tinha dúvida de que se eu realmente começasse a acreditar no que elas estavam dizendo, eu teria desmaiado no lugar, e essa era a última coisa que eu queria. Por agora, eles eram a família de Henry. Uma muito assustadora, muito intimidante, muito

grande família, mas ainda sua família. Eu podia ignorar a parte sobre raios relâmpagos no meio tempo.

— Regra nova, — eu disse, engolindo o caroço na minha garganta.

— Ninguém fala sobre eles a menos que eu peça. Vocês estão me deixando histérica, e eu não posso fazer isso se eu estiver histérica, então apenas... Não vamos. Não até que este baile acabe. Ok?

Nenhuma delas pareceu muito infeliz com isso, e elas todas assentiram, mesmo Ava.

— Nós não temos permissão de lhe dizer muito de qualquer forma, — admitiu Calliope. Eu franzi o cenho, mas eu não rebati isso. Se Henry não tinha me contado, então eu teria apenas que descobrir por conta própria.

— Uma coisa, — Ella disse. — A última que direi disso, mas você realmente merece saber. O conselho serão os que decidirão se você irá ou não passar seus testes. E se você não passar, eles irão ser os que decidirão o que fazer com você depois.

Minha cabeça rodou, e eu disse em uma voz pequena, — O que eles fazem comigo depois? Eu pensei que Henry havia dito que eu não seria capaz de lembrar isso.

— Oh, não se preocupe! — Calliope disse, mirando adagas em Ella. — Você não vai. Eles não vão machucá-la nem nada, ou pelo menos eu não acho que eles irão. — Ela hesitou. — Ninguém nunca realmente chegou a esse ponto antes.

O jeito como Ella a olhou me fez pensar que eu não estava conseguindo toda a verdade. Meu estômago agitou-se violentamente, e por um momento eu pensei que fosse vomitar. Se eles não gostassem de mim, eu estava ferrada, e não havia restado ninguém que se importasse com o que eles fizessem comigo.

CAPÍTULO 9
O BAILE

— Um baile? — O tinido da risada de minha mãe cresceu acima das pessoas que nós passamos na tumultuada Rua Nova York, que se apressavam ao redor de nós em seus caminhos para casa ou trabalho, ou outros lugares importantes. — Eles realmente não conhecem você nem um pouco, não é?

— Isso não é engraçado. — Eu enfiei minhas mãos nos meus bolsos, encarando através da Rua ao Central Park. — E se a família do Henry me odiar?

— É sempre uma possibilidade, eu suponho. — Ela enfiou seu braço no meu cotovelo e me trouxe mais perto. — Eu duvido altamente disso, entretanto. Quem poderia possivelmente odiar você?

Eu rolei meus olhos, recusando mencionar a parte onde aparentemente alguém dentro da mansão me queria morta.

— Você é minha mãe. Você deveria dizer isso.

— Verdade. — Ela sorriu. — Não significa que eu não queira realmente dizer isso, entretanto.

Próximo um carro buzinou impacientemente ao movimento lento do tráfego, e minha mãe e eu éramos constantemente empurradas enquanto nós fazíamos nosso caminho abaixo pela calçada em nosso próprio passo, não a caminhada brusca que os

outros pedestres usavam. Eu fechei meus olhos e inclinei a minha cabeça para cima, inalando profundamente. O cheiro era unicamente Nova York, e isso me lembrou de quanto eu sentia falta da cidade. Quanto eu sentia falta de estar aqui com minha mãe.

—Ele acha que é um deus.

— Ele acha? — Minha mãe ergueu uma sobrancelha. — Ele trouxe Ava de volta, não trouxe?

Antes que eu pudesse responder, ela localizou um vendedor de cachorro quente. Eu tentei dizer a ela que eu não estava com fome, mas ela não estava aceitando. Dois minutos depois, nós reentramos o parque, ambas segurando cachorros quentes. O dela estava carregado com cada ingrediente que o vendedor tinha; eu fiquei com ketchup.

— Ele disse que ele foi casado com Perséfone, — eu disse relutantemente. Mesmo para mim, isso soava louco.

— Então isso faria dele Hades. — Ela disse isso tão-sem-problema que eu dei a ela um olhar intrigado. Infelizmente ela percebeu. — O quê?

— Você realmente acredita nele? — eu disse.

— E você não? O que mais ele precisa fazer para provar isso a você, coração? Ela se inclinou sobre mim e me deu um beijo leve na testa. — Você sempre foi muito prática para o seu próprio bem.

— Mas... — eu tomei uma profunda respiração, tentando focar meus pensamentos. — Mas por quê? Por que você acredita nele?

Ela fez um amplo, abrangente gesto para o parque ao nosso redor. — De qual outro modo você explica isso?

Ela estava certa. Mesmo se eu estava sendo cética sobre Ava ou o que Henry tinha feito ou o que ele tinha me dito, isso – estando com minha mãe, conversando com ela, conseguindo outra chance – isso era muito vívido para ser um sonho. Isso era muito real para ser minha imaginação.

— Ele me deu mais tempo com você, — minha mãe disse, me puxando dentro de um abraço. — Como eu poderia possivelmente não acreditar nele depois disso?

Nós andamos em silêncio, terminando nossos cachorros quentes e jogando as embalagens no lixo enquanto fazíamos nosso caminho para o centro do parque. Ela manteve seu braço ao redor de meus ombros, e eu enrolei meu braço ao redor de sua cintura, não querendo soltá-la.

— Mãe? — eu disse. — Eu estou assustada.

— Pelo o quê?

— Os testes. — Eu olhei para o chão. — Ele disse que eu tenho que passar em todos eles, e se eu não puder? O que acontece então?

— E se você puder? — Ela esfregou minhas costas suavemente. — E se você for exatamente o que Henry tem esperado por todo este tempo?

Isso parecia absurdo, mas o jeito como ele tinha soado falando sobre perder sua esposa, Ava tinha estado certa. Talvez ele fosse algum deus onipotente com poder de erguer os mortos, mas ele também era um cara muito solitário. Eu sabia o que aquele tipo de perda e solidão sentia-se, e se houvesse qualquer coisa que eu pudesse fazer para evitar que qualquer pessoa de sentisse daquele jeito, eu faria. Talvez me escolher não tivesse sido um acidente depois de tudo.

Meu vestido para o baile não era apenas feio... Era doloroso.

Para meu maior horror, Ella teve a seu modo e me enfiou dentro de um espartilho, e ela passou aproximadamente meia hora me amarrando tão apertadamente quanto ela podia. Eu não era uma participante solícita, expirando quando eu deveria estar inspirando, mas não levou muito tempo para ela perceber o que eu estava fazendo.

— Eu posso esperar até você tomar uma respiração, — ela disse. — Você terá, eventualmente.

— Por que eu preciso de um espartilho? — eu disse. — Você morreu no século dezoito ou algo parecido?

Ella zombou. — Dificilmente. Eu acho que eles ficam bem, e eu me divirto torturando você. Agora engula isso.

A única pessoa que Ella não forçou em um espartilho foi Ava, que parecia estonteante em um vestido azul que combinava com seus olhos, e enquanto ela me ajudava através dos corredores, eu tentei respirar tão lentamente e profundamente quanto meu espartilho permitia. Eu podia passar por isso. Eram apenas algumas horas, e então estaria acabado.

— Pronta? — Ava disse enquanto ela balançava nas pontas dos pés. Nós permanecemos do lado de fora do salão de baile esperando para sermos anunciadas. Ella e Calliope, que já estavam dentro, tinham tropeçado em si mesmas aquela tarde, me dando instrução atrás de instrução de como me portar. Levantar-se reta, cumprimentar a todos com um sorriso, ser educada, não dizer nada que me colocasse em problema, não mencionar o mundo exterior, não dizer a ninguém como eu realmente me sentia sobre tudo isso, e não ser sob nenhuma condição, eu mesma. Fácil o suficiente.

— Não acho que eu tenho uma escolha, — eu murmurei. Eu deveria andar para a sala imediatamente depois de ser anunciada. Passos pequenos, Calliope tinha dito, tendo certeza de apontar as pontas dos pés enquanto eu andava. Quando eu tinha mencionado o fato de que ninguém seria capaz de ver meus pés sob o cetim e laço, ela tinha me ignorado. — E se quem quer que tenha assassinado as outras garotas tentar me matar?

— Eu estarei bem lá o tempo todo, — Ava disse. — Assim como Henry e o conselho. Se alguém tentar matar você, eles terão que passar por todos nós. Agora não se esqueça de respirar.

Desmaiar seria o perfeito caminho para fora disto, mas conhecendo a minha sorte, eles iriam apenas fazer outro baile uma vez que eu me recuperasse.

Dois homens em cada lado das portas empurraram-nas abertas para nós, e meu coração bateu tão alto que eles provavelmente ouviram do outro lado da sala.

Por um momento eu não podia distinguir nada na luz fraca do salão de baile, mas logo pude ver o interior. O salão era gigantesco, maior do que a cafeteria e o ginásio da Éden High School combinados, e as únicas fontes de luz eram os candelabros ornamentais. Todos estavam vestidos tão extravagantes como eu estava, e eu tive a distinta impressão de que este era o evento social do século.

E centenas de pares de olhos estavam focados diretamente em mim.

— Kate? — disse Ava. Eu devo ter oscilado porque ela me pegou pelo cotovelo, seu agarre mais forte do que eu esperava. — Kate, respire.

Dentro e fora, dentro e fora... Porque isso era mais difícil do que deveria ser?

— Kate, faça alguma coisa! — Ava sibilou. — Todos estão olhando.

Este era o problema. Ser o centro das atenções nunca tinha sido meu ponto forte. Uma vez, na escola primária, bem antes de minha mãe ter ficado doente, minhas tão chamadas amigas tinham me convencido a representar uma coreografia de dança para o show de talentos da escola. Eu não conseguia nem mesmo pisar no palco, eu tinha estado tão nervosa, e quando elas tinham me empurrado pra fora em frente de todas aquelas pessoas, eu tinha prontamente vomitado bem no meio do teatro. Não foi meu momento mais orgulhoso. Dessa vez, minha única graça salvatória era o fato que não havia nada no meu estômago para subir. Eu posso fazer isso, eu pensei. Um pé em frente ao outro, isso é tudo o que eu precisava.

— Ok, — eu disse, tomando um passo adiante. O silêncio que tinha caído sobre a multidão transformou-se em nervosos sussurros, e com cada movimento que eu fazia, eu podia sentir seus olhares queimando.

— Senhoras e senhores, — chamou o arauto.

— Eu apresento a vocês a Senhorita Katherine Winters[13].

Aplausos selvagens preencheram o ar, e se eu não tinha me sentido humilhada o suficiente antes, agora eu queria morrer. Pelo menos Ava ainda estava do meu lado e agarrando meu cotovelo. Cada pensamento ruim que já havia tido sobre ela evaporaram-se. — Veja Kate, os guardas! Veja eles, — ela sussurrou animadamente. — Eles não são lindos?

Pelo canto do meu olho eu vi dois homens que eu tinha notado no café da manhã da manhã anterior. Ella tinha dito que eles iriam comigo a todo lugar, mas esta era a primeira vez que eu os tinha visto desde então. O homem de cabelos escuros

[13] nas monarquias medievais, era o oficial que fazia as publicações solenes, anunciava a guerra e proclamava a paz

estava dando a mim não, a Ava um sorriso modesto. O loiro estava tão rígido quanto antes, observando a multidão diligentemente.

Para meu grande alívio, eu localizei Henry no topo de uma plataforma no outro lado da sala. Sob uma luz baixa, ele parecia tão atraente quanto sempre, mas enquanto ele pegava meu olhar, ele não foi o que prendeu minha atenção. Atrás dele estavam quatorze tronos - reais, vida-real *tronos*. Nenhum deles estavam ocupados, mas eles não tinham que estar. Eu entendi imediatamente.

O Conselho estava aqui.

Se Henry estava certo e o impossível fosse possível, então aquelas quatorze pessoas eram do que os mitos eram feitos, e eu deveria o que? Andar lá até eles, sacudir suas mãos, e me apresentar eu mesma? De algum modo me mantive movendo. Antes que eu pudesse processar tudo o que estava acontecendo ao meu redor, nós alcançamos a plataforma, e Calliope estava me ajudando a subir os degraus sob o pretexto de lidar com a longa bainha de meu vestido. Uma vez que eu estava em pé por conta própria no topo, Henry se aproximou de mim, curvando sua cabeça em cumprimento.

— Kate. — Sua voz serena não fez nada para me acalmar.

— Você está linda.

— Ob-obrigada, — eu gaguejei, tentando dar uma cortesia. Não funcionou muito bem. — Eu vejo que eles não o fizeram usar um vestido.

Henry riu. — Mesmo se eles tivessem, eu não teria ficado nem de perto tão adorável quanto você está.

Ele estendeu sua mão, e eu a tomei, não tendo outra escolha se eu não quisesse cair de cara no chão. Henry me guiou para o centro da plataforma, nossas costas para nossa audiência.

— Minha família, — ele disse com um vago gesto em direção aos tronos.

— Eles são invisíveis? — eu sussurrei. Ele me deu um sorriso torto. — Não, eles estão entre nós. Eles desejam permanecer anônimos.

Eu assenti e fiz uma careta, esperando que isso passasse por um sorriso. Então eu não estaria conhecendo-os cara a cara depois de tudo. Isso era infinitamente mais assustador; isso significava que cada pessoa que eu conhecesse esta noite poderia ser um testador potencial. Talvez desmaiar não fosse tão má ideia. Eu passei a noite sentada próxima a ele em outra plataforma menor, observando todo mundo se divertindo. Eu me preocupei que alguém pudesse pular e tentar me estrangular, e não me atrevi a pegar nenhuma comida ou bebida que estava passando ao redor, mas enquanto Henry estava lá, eu me senti segura. Ou pelo menos tão segura quanto podia estar. Eu permaneci quieta, recusando-me a olhar acima para os tronos vazios. Eu podia fazer isso, se eles gostassem ou não de mim. Eu tinha. Eu observei Ava dançar com o guarda de cabelos escuros, que parecia se divertir mais do que alguém em serviço de guarda deveria. Ele era bonitinho, mas eu tinha a furtiva suspeita que o único homem que eu teria a permissão de namorar estava sentado perto de mim, sem fazer um som. Eu me protegi pra longe desse pensamento. Nosso acordo era que eu tinha que ficar aqui, não que eu tinha que fazer uma coisa tão ridícula como casar com ele, rainha ou não.

Embora quanto mais eu pensava sobre isso, mais eu me perguntava se ser sua tão-chamada rainha significava casar com ele, também.

— Quem são todos? — eu finalmente disse. Ninguém tinha abordado a Henry e eu, mas ocasionalmente alguém parava em frente à plataforma e se curvar. Eu fui instruída a assentir minha cabeça ao redor, uma vez e tão regiamente quanto possível. Eu estava muito assustada para fazer qualquer outra coisa.

— Meus súditos, — Henry disse. — Alguns pediram para vir assim eles poderiam conhecê-la, e outros tem sido bons para mim no passado.

— Oh. Eles estão mortos?

— Sim, embora obviamente não do modo como você define isso.

Eu os observei, fascinada, tentando pegar alguma indicação de que eles não eram exatamente como os vivos. Alguns dançavam arcaicamente, mas, além disso, eu não podia encontrar uma única diferença. Olhando ao redor, meus olhos caíram em Ava. Pelo menos ela parecia feliz estando aqui.

— E uma delas me quer morta, — eu disse. Henry enrijeceu do meu lado, e essa era toda a confirmação de que eu precisava.

— Não se preocupe, — ele disse. — Você está segura comigo.

— Você sabe quem é? — eu disse, e ele sacudiu sua cabeça. — E sobre a pessoa que deve tomar o seu lugar se eu falhar? Poderia ser ele? Ou ela?

Ele fez uma careta. — De algum modo eu acho que não. — E isso foi tudo o que ele disse sobre o assunto.

Era aproximadamente meia-noite quando Henry ergue-se e todos caíram em silêncio. Minhas costas estavam me matando, e mesmo embora eu não tivesse dado um passo em horas, meus pés doíam dos saltos que Calliope tinha me forçado usar. Eu estava pronta para essa coisa toda acabar, mas ao invés de me guiar em direção à

porta, Henry nos conduziu de volta em direção ao palco. Minhas pernas tremiam embaixo de mim, e era um milagre que eu conseguisse me manter erguida.

— Isso será fácil, — ele disse quietamente. — Tudo o que você tem que fazer é dizer sim e aceitar as sementes.

Preocupada, eu o segui acima pelos degraus, perto de cair de cara quando nós alcançamos o topo. Sortudamente ele me pegou, e eu me firmei, esperando por ele falar.

— Katherine Winters, — Henry disse em uma voz estrondosa voz que me fez encolher.

— Você concorda em permanecer na Mansão Éden pelo outono e inverno, para tomar os testes como dados a você pelos membros do conselho, e devendo você passar, aceitar o papel como Rainha do Submundo?

Todos dentro do salão de baile estavam em silêncio. Nenhuma pressão ou coisa parecida. — Sim.

Um pequeno prato apareceu em sua mão, com seis sementes arrumadas cuidadosamente no centro. Eu peguei a primeira delas entre meus dedos, olhando a Henry por aprovação. Ele assentiu encorajando-me, e eu pus a semente em minha boca, tentando não fazer uma careta. Eu odiava sementes - eu nem mesmo comia melancia por causa delas. Infelizmente sementes místicas não tinham um gosto muito melhor.

Eu as engoli rapidamente, tentando ignorar a sensação viscosa enquanto elas desciam abaixo pela minha garganta. Eu queria golfar, mas eu consegui manter minha boca fechada. Depois que a sexta semente desceu, a multidão eclodiu em aplausos, mas isso não foi nada comparado ao modo como Henry estava olhando para mim, sua

expressão estranhamente gentil. O que quer que isso tenha sido, tinha significado mais para ele do que eu entendia.

Foi só então que eles finalmente me tiraram de minha miséria. Ella e Calliope estavam ao meu lado e me ajudando a descer as escadas antes que eu percebesse o que estava acontecendo. A multidão se partiu para nos deixar passar, e mãos que eu não podia conectar a seus corpos alcançaram através das paredes de ombros e dorsos para tocar meu cabelo, meu vestido - mesmo algumas conseguiram tocar meu rosto. Eventualmente meus guardas se uniram a nós, me protegendo delas. Foi humilhante.

— Oh, Kate, ele é tão fofo! — Ava disse animadamente enquanto ela, Ella, Calliope e eu fazíamos nosso caminho de volta em direção ao meu quarto. — Ele disse que seu nome é Xander, e ele é lindo, esperto, engraçado e fofo...

— Você já disse isso, — eu falei, mas ela continuou como se eu não tivesse dito uma coisa.

—... E ele disse que iria me mostrar alguns truques de mágica algum dia! Eu quero dizer, eu sei que mágica é coisa geek[14], mas ainda assim é legal, você sabe? Meio que um jeito nerd.

Ela balbuciou por tanto tempo que no momento em que nós chegamos ao meu quarto, mesmo Calliope parecia menos que entusiasmada. Sortudamente Ella, quem eu estava começando a gostar mais e mais, veio em meu resgate.

— Kate precisa dormir, — ela disse, bloqueando o caminho de Ava para dentro do meu quarto. — Você pode vê-la amanhã.

Ava estreitou seus olhos, e eu senti uma briga surgindo.

---

[14] **Geek** é uma expressão idiomática da língua inglesa, uma gíria que define pessoas peculiares ou excêntricas obcecadas com tecnologia,eletrônica, jogos eletrônicos ou de tabuleiro e outros.

— Quem disse?

— Eu, — Ella disse, se aprumando a sua altura total, que era uns bons quinze centímetros mais alta que Ava. — Ela tem coisas mais importantes para se preocupar a respeito do que ouvir você tagarelar sobre Xander. E Xander tem mais coisas importantes para fazer do que ouvir.

Ella disse a última parte um pouquinho mais alto do que o estritamente necessário, fazendo sua voz ecoar pelo corredor. Eu ouvi uma embaraçada tosse a distância, e eu consegui suprimir um sorriso.

— Eu sinto muito, Ava, — eu disse, aflita entre querer ser uma boa amiga e querer que minha cabeça parasse de palpitar. — Nós podemos falar sobre isso amanhã, tudo certo? Eu realmente estou cansada.

Ela fitou Ella. — Tanto faz.

Depois Ava partiu amuada. Ella e Calliope viraram-se para mim esperançosamente. Eu suspirei. — Vocês duas, também. Eu posso me despir, eu prometo. Aprendi como fazer isso anos atrás.

Ella bufou. — Boa sorte com este espartilho, — ela disse, saindo sem nenhuma outra palavra. Calliope ofereceu ficar e ajudar, mas eu a enxotei também. No pior dos casos, eu iria pegar tesouras para a maldita coisa. Talvez isso fosse parar Ella de tentar me forçar em um deles por um tempo. Aliviada por finalmente estar sozinha, eu fechei a porta e a tranquei. Chutando meus sapatos a um canto, eu desamarrei meu vestido, mais do que pronto para ser capaz de respirar apropriadamente de novo. Sentindo como se eu estivesse prestes a colapsar, eu puxei a cortina da minha cama e engoli um grito.

Alguém já estava nela.

CAPÍTULO 10
O PRIMEIRO TESTE

Eu arfei. Deitado do lado da minha enorme cama estava Henry, vestido em um roupão de seda e calças de pijamas, uma espessa novela em sua mão. Ao invés de dizer olá ou se desculpar, ele olhou para mim como se eu tivesse interrompido uma boa parte.

— O que... Esta é minha cama! — Desde que eu ainda estava usando aquele espartilho, recuperar meu fôlego era um problema. — O que você está *fazendo* aqui?

— Lendo, — ele disse, sentando-se. — Você gostaria de ajuda com isso?

Foi então que eu percebi que estava praticamente rasgando meu vestido em uma tentativa de liberar meus pulmões de sua prisão. Ele não me deu tempo para responder. Do meu lado em instante, suas hábeis mãos desfizeram meus laços mais rápido do que eu jamais teria sido capaz.

— Aqui, — ele disse uma vez que eles estavam desfeitos e eu podia finalmente respirar profundamente de novo. — Tudo feito.

— Eu preciso... Eu preciso trocar, — eu disse entorpecidamente, agarrando meu vestido para a minha frente.

— Eu não irei olhar.

Ele acomodou-se de volta na minha cama e abriu seu livro mais uma vez, deixando claro que não estava de saída tão cedo. Eu tropecei para o canto oposto do

quarto, onde meu biombo para trocas estava. Tendo certeza de agarrar o pijama mais escuro que eu podia encontrar, me troquei rapidamente, ignorando o som de rasgo enquanto puxava o vestido sobre meus quadris. Eu emergir menos que um minuto depois, enrolada em um grosso roupão.

Isso era insano, ele pensava que ia dormir aqui? Isso não era parte do acordo. E se ia pegar aquela cama, então eu iria encontrar outra. Eu iria dormir no chão se tivesse que. De todo modo, eu não ia ficar aqui com ele.

— O que você está fazendo aqui? De verdade, eu quero dizer, — eu disse, me aproximando da cama cautelosamente. — Não apenas lendo. Eu sei que você está lendo. Eu quero dizer, posso ver isso, e... — eu parei.

— Por que você está aqui?

Henry marcou sua página e virou toda sua atenção em mim. Isso ainda era tão enervante quanto tinha sido no dia anterior no jardim, mas dessa vez eu estava muito chateada e exausta para me importar.

— Eu estou aqui porque o conselho decidiu que tenho que passar meu tempo com você cada noite, tanto quanto você permitir. Se desejar que eu parta, então eu devo. De outro modo, se não pedir, irei ficar.

Eu o encarei, meu estômago se contorcendo em nós. — Ficar a noite? A noite toda?

Ele ergueu uma sobrancelha. — Eu estou certo que esta noite você irá me pedir para partir bem antes que isso se torne uma possibilidade.

— E sobre as outras noites? — eu guinchei. — Você... Eu deveria fazer... *Aquilo?*

Eu nunca tinha feito aquilo antes com ninguém. Não tinha tido tempo para namorar enquanto minha mãe estava doente, muito menos chegar a tal ponto, e eu não tinha nenhuma intenção de começar agora. Se pensou que me fazendo comer algumas sementes estúpidas ele me controlava agora, ele tinha outra coisa surgindo.

Ele riu, e eu corei. O mínimo que ele podia fazer era não me tratar como uma idiota. — Não, aquilo não é requerimento, nem nunca será.

Eu tive que me impedir de suspirar com alivio. Ele estava além de atrativo, mas, mas nem toda a beleza do mundo ia fazer me comprometer naquilo. — Então por que você está aqui?

— Eu estou aqui porque eu desejo conhecer você melhor. — Ele me olhou. — Você me intriga, e se você suceder em passar nos testes que o conselho puser diante, um dia será minha esposa.

Eu abri e fechei minha boca, tentando vir com alguma coisa para dizer. — Mas, disse que eu não teria que casar com você.

— Não, — ele disse pacientemente. — Eu disse que não estava propondo casamento a você. Eu ainda não estou. Não há necessidade a menos que você passe. Se o fizer, então sim, você será minha esposa seis meses ao ano.

Eu me inquietei. — E se eu não quiser ser sua esposa?

Ele endureceu, seu sorriso desaparecendo. — Então isso seria uma coisa suficiente simples para você propositadamente falhar.

O vazio em sua voz imediatamente me fez sentir culpada. — Eu sinto muito, não quis dizer...

— Não se desculpe. — Seu tom ainda estava carente de emoção, e isso apenas me fez sentir pior. — Isso é sua escolha. Se a qualquer momento eu pedir demais a você, então pode partir.

E minha mãe iria morrer. Eu apertei meus punhos tão fortes que minhas unhas enterraram em minhas palmas, e levou vários momentos antes que pudesse me sair com alguma coisa para dizer, uma oferta de paz, se nada mais. Talvez se eu fingisse que casar com ele fosse uma possibilidade, ele não iria parecer tão vazio.

— E então o quê? — eu disse. —Se nós... *Casarmos*... Eu terei que... Você sabe?

— Não. — Henry descongelou levemente enquanto se focava em mim novamente. Eu estava certa de que ele podia enxergar através de mim. — Você será minha esposa em nome e título apenas, e eu não iria pedir isso de você se não fosse necessário para o Submundo reconhecê-la como governante assim como reconheceu Perséfone. Eu não espero que me ame, Kate. Não me atrevo a esperar que pense em mim em outro modo além de como um amigo, e sei que devo merecer mesmo esse tanto. Eu entendo que isso não é sua vida ideal, e não desejo tonar isso mais difícil para você do que já é. Meu único desejo é ajuda-la a passar nesses testes.

E parar quem quer que seja de tentar me matar. Eu cautelosamente me empoleirei na borda da minha cama. Ainda havia suficiente distância entre nós que eu me sentia segura, mas mesmo o ar que nos separava parecia crepitar. — E sobre amor? Você não... Você sabe, quer alguém? Quer família e tudo mais?

— Eu tenho uma família, — ele disse, mas antes que eu pudesse me corrigir, ele continuou. — Se você quer dizer crianças, então não, eu nunca acreditei nisso estar no meu futuro.

— Mas é isso o que você quer?

Ele sorriu fracamente. — Eu tenho estado sozinho por um tempo muito longo. Para esperar qualquer coisa a mais nos anos por vir, teria sido tolice.

Apesar do fato que ele parecia apenas alguns poucos anos mais velho do que eu, eu não podia imaginar quão velho Henry podia realmente ser, não estava certa se eu queria saber, sério. Mas como alguém podia viver por tanto tempo e estar sozinho? Eu mal podia aguentar passar umas poucas noites que tinha que passar em casa sem a minha mãe. Multiplique isso pela eternidade… Eu não podia contemplar o conceito disso.

— Henry?

— Sim?

— O que acontece a você se eu não passo?

Ele esteve em silêncio por um longo momento, seus dedos correndo aleatoriamente pelo forro de seda de seu roupão. — Eu irei desvanecer, — ele disse quietamente. — Alguém mais irá tomar meu reino, e, portanto eu não terei razão de existir mais.

— Então você morre. — A gravidade da situação me atingiu duro, e eu encarei para o lado, incapaz de olhar para ele. Não era apenas a vida da minha mãe que estava dependendo da minha habilidade para passar esses testes.

— Eu desvaneço, — ele corrigiu. — Os vivos morrem, e suas almas permanecem no Submundo pela eternidade. Contudo, meu tipo não tem almas. Nós cessamos de existir completamente, sem uma centelha de nossos antigos eus remanescendo. Um não pode morrer se um nunca esteve vivo para começar.

Eu apertei meu punho ao redor do cobertor. Isso era até mesmo pior do que morrer então. — Quem?

Ele me deu um olhar confuso. — Quem o quê?

— Quem pega seu trabalho se você desistir?

— Ah. — Ele sorriu tristemente. — Meu sobrinho.

— Quem é ele? Qual é o nome dele? Ele está no conselho?

— Sim, ele está no conselho, — disse Henry, — mas temo não poder dizer a você seu nome.

— Por que não? — Parecia que ninguém estava disposto a confiar em mim com a verdade em primeiro lugar, e enquanto eu podia entender Calliope não me dar à história toda, Henry sabia. Henry deveria ter me dito. Ele clareou sua garganta e pelo menos teve a decência de me olhar no olho. — Porque temo que isso vá entristecê-la, e você está infeliz o bastante como isso está. Eu não desejo deixar isso ainda pior.

Eu caí em silêncio enquanto tentava pensar em quem poderia possivelmente ser que me deixaria chateada. Ninguém me veio à mente.

— Eu não entendo.

— Você irá.

Não havia nada que pudesse dizer aquilo, e ele deve ter sabido disso, porque ao invés de me olhar expectativamente, ele retornou para seu livro. Eu o observei, procurando por qualquer sinal de que não era humano. Os ângulos de seu rosto eram muito simétricos para ser normal, sua suave pele desprovida de sequer um traço de barba, o espesso cabelo negro azeviche que pendia uma polegada acima de seus ombros, e a enervante cor de seus olhos, eram seus olhos que faziam isso, piscinas turbulentas de prata que pareciam estar constantemente se movendo. Na luz fraca, eles quase brilhavam.

Não foi até que ele clareou sua garganta que eu percebi que estava encarando. Mesmo embora ainda estivesse chateada que ele não fosse confiar em mim com a verdade, eu queria quebrar a tensão, então disse a primeira coisa que veio a mente. — O que você faz durante o dia? Quando você não está aqui, eu quero dizer. Ou você está sempre aqui?

— Eu não estou sempre aqui. — Ele deslizou o marcador entre as páginas de novo e pôs sua novela de lado. — Meus irmãos, irmãs e eu todos temos deveres que nós precisamos atender. Eu governo os mortos, então a maior parte de meu tempo é gasto no Submundo, supervisionando decisões e tendo certeza que tudo está nos conformes. É bem mais complicado do que isso, é claro, mas se você passar, irá aprender os prós e contras do que eu faço.

— Oh. — Eu mordi meu lábio. — Como se parece o Submundo?

— Tudo em seu tempo, — ele disse, se esticando brevemente para por sua mão sobre a minha. Sua palma estava morna, e eu lutei a urgência de estremecer ao seu toque. — E sobre você? O que você gosta de fazer com o seu tempo?

Eu dei de ombros. — Eu gosto de ler. E desenhar, embora não seja muito boa nisso. Mamãe e eu costumávamos jardinar juntas, e ela me ensinou a jogar cartas. — Eu o olhei. — Você sabe como jogar?

— Eu estou adequado em alguns jogos, embora não saiba se eles ainda são populares.

— Talvez nós possamos jogar alguma coisa qualquer hora dessas. — eu disse. — Se você vai estar aqui todas as noites, eu quero dizer.

Ele assentiu. — Isso seria um prazer.

Nós caímos em silêncio de novo. Ele parecia confortável, espreguiçado na cama como se tivesse feito isso centenas de vezes antes. Por tudo que eu sabia, ele tinha, mas não queria pensar sobre isso. Eu não era a primeira, mas seria a última. Rejeitá-lo não faria bem a nenhum de nós, meu coração batia audivelmente em protesto ao pensamento, e desde que estava presa aqui por seis meses, eu não tinha nenhuma intenção de ficar em seu lado ruim. Eu estava, contudo, exausta.

Eu lutei comigo mesma por vários segundos, indo e voltando entre o que era certo e o que eu queria. Eu deveria ter conversado com ele, perguntado a ele mais questões, ter chegado a conhecê-lo, mas tudo o que queria fazer era dormir, o que eu nunca iria conseguir se ele ficasse, mesmo se ele não fizesse um ruído. Não importa o que ele tinha dito sobre deveres e expectativas, esse tipo de ansiedade não ia embora durante a noite.

— Henry, — eu disse suavemente. Ele tinha voltado para a leitura de seu livro, mas em um instante seus olhos estavam em mim. — Por favor, não leve isso a mal, mas estou realmente cansada.

Ele levantou, levando seu livro com ele. Ao invés de parecer com raiva ou magoado, contudo sua expressão era tão neutra como sempre. — Tem sido um longo dia para nós dois.

— Obrigada. — Eu dei a ele um sorriso grato, esperando que isso suavizasse quaisquer vincos que eu não estivesse sentindo.

— É claro. — Ele andou até a porta. — Boa noite, Kate.

Era uma coisa tão pequena, mas o traço de afeição em sua voz fez minhas bochechas esquentarem. — Noite, — eu disse, esperando que ele não pudesse ver minha vermelhidão do outro lado da sala.

*

— Então você gosta dele. — Isso não era uma pergunta, e eu olhei para a minha mãe sorridente enquanto nós estávamos sentadas em um banco, assistindo os corredores e pessoas passeando com seus cães.

— Eu não disse isso, — eu disse, me espreguiçando. Do meu lado, minha mãe sentava posuda, como se ela estivesse jantando com a realeza, ao invés de passando a manhã no Central Park. — Eu só — não quero que ele morra isso é tudo. Ninguém mais deve ter que morrer por minha causa.

— Ninguém morreu por sua causa, — ela disse, correndo seus dedos através de meu cabelo e escovando-o pra fora dos meus olhos. — Mesmo se não passar, isso não será sua culpa. Enquanto você fizer o seu melhor, tudo ficará bem.

— Mas como posso dar o meu melhor quando nem mesma sei o que são os testes? — Eu empurrei minhas mãos entre meus joelhos. — Como eu deveria fazer isso?

Ela enrolou seu braço ao redor de meus ombros.

— Todos acreditam em você, exceto você, Kate, — ela disse gentilmente. — Talvez isso deva te dizer alguma coisa.

Mesmo se todo mundo acreditasse em mim, isso não significava que eles estavam certos, e isso não queria dizer que eu teria sucesso. Tudo que isso significava era que além de tudo mais, eu tinha que me preocupar sobre desapontá-los também. Ou no caso de Henry, forçando-o a uma aposentadoria precoce de sua inteira existência.

— Mas você gosta dele, não gosta? — disse minha mãe depois que vários minutos passaram. Eu estiquei meu pescoço para levantar o olhar para ela, surpresa em ver verdadeira preocupação em seu rosto.

— Ele é legal, — eu disse cautelosamente, me perguntando onde ela estava indo com isso. — Eu acho que nós podemos ser amigos.

— Você o acha bonitinho?

Eu rolei meus olhos. — Ele é um deus, Mãe. É claro que ele é bonitinho.

Um sorriso torto se espalhou em seu rosto. — Já era tempo de você admitir que ele é um deus.

Eu dei de ombros e desviei o olhar. — Meio que difícil fingir outra coisa agora. Mas ele é legal, então acho que enquanto ele não tenta me tornar uma pilha de cinzas, eu posso me acostumar a isso.

— Bom. — Ela me abraçou e me deu um beijo na têmpora. — Eu estou feliz que você goste dele. Ele pode ser bom para você, e você não deve ficar sozinha.

Eu suspirei internamente, não me incomodando em corrigi-la. Se isso a fazia feliz em pensar que eu gostava de Henry daquele jeito, então que seja. Ela merecia um pouco de felicidade antes de me tornar tal desapontamento.

Eu esperava que os dias na Propriedade Éden se arrastassem, mas ao invés sua repetição os fez passar mais rapidamente. Calliope e Ella me ajudavam a ficar pronta pela manhã; Ava sempre sentava na beirada da minha cama, conversando animadamente sobre sua última conquista. Depois de algumas poucas semanas namorando o guarda Xander, ela tinha seguido em frente.

— O nome dele é Theo, — ela disse, tão excitada que ela podia dificilmente ficar parada. — Ele é lindo, alto e esperto, e diz que eu tenho os olhos mais bonitos que ele já viu.

No espelho, eu vi a expressão de Ella endurecer. — Fique longe dele, — ela estalou. Eu tentei me virar ao redor para que assim pudesse ver ambas as duas, mas Calliope manteve meus ombros pra baixo, não terminada ainda com meu cabelo.

— Por quê? — disse Ava altivamente. — Ele é seu namorado?

Ella estreitou seus olhos. — Ele é meu gêmeo.

Eu suspirei. Se eu tinha que lidar com isso pelos próximos cinco meses, eu ia fazer alguma coisa drástica.

— E daí? — disse Ava, cruzando seus braços. — Ele gosta de mim, e eu gosto dele. Eu não vejo o problema.

Como Ava podia olhar na cara de Ella e não se acovardar, eu não tinha ideia. Mas Ava seria Ava não importa por quanto tempo Ella a encarasse.

— Se você o machucar, eu irei caçá-la e matá-la de novo e dessa vez eu terei certeza que não terá alguma bela pós-vida para a qual voltar. — rosnou Ella. Eu abri minha boca para dizer a Ella exatamente o que ia acontecer se ela sequer tentasse, mas Ava me cortou antes que eu tivesse a chance. — E se ele me machucar?

— Então eu tenho certeza que você terá feito alguma coisa para merecer isso.

Daí em diante, Ava e Ella mal podiam suportar estarem na mesma sala juntas. Eu não podia culpá-las. Vagarosamente eu me ajustei a minha nova realidade, e Henry estava certo. Uma vez que eu aceitei que talvez isso tudo não fosse apenas uma grande piada, as coisas ficaram mais fáceis, e eu não me exaustava constantemente tentando racionalizar o incompreensível.

Enquanto eu ainda não gostava da ideia de guardas ou de Calliope testando minha comida, uma função que Ella encorajava fortemente Ava para assumir, fingir que estava presa no século dezoito me ajudou a entrar em acordo com tudo que estava acontecendo ao meu redor, com a exceção do meu estranho relacionamento com Henry. Enquanto as semanas passavam, as noites rapidamente se tornaram minha parte favorita do dia, ajudada pelo fato de que não tinha que ouvir Ella e Ava brigarem o tempo todo. Nós conversamos sobre o que eu tinha feito naquele dia, embora mesmo quando ele tentava me distrair, nunca escapava da minha atenção que nós nunca conversávamos sobre como tinha sido o dia dele. Eu o ensinei como jogar meu jogo favorito de cartas, e ele parecia gostar de aprender, fazendo perguntas educadas e não interrompendo minhas respostas desconexas. Algumas vezes eu trabalhava coragem suficiente para fazer perguntas a ele também, as quais ele respondia vagamente, quando muito. Ele ainda se recusava a me dizer o que eram os testes, mas para seu crédito, parecia ansioso para me manter o mais confortável possível.

Tudo sobre meu dia era programado. Meia hora para café da manhã, que era sempre cheio das minhas comidas favoritas. Eu não ganhei peso, e isso apenas me deu uma desculpa para comer tanto quanto queria. Depois do café da manhã, eu tinha cinco horas de lições, onde estudava mitologia, arte, teologia, astronomia, qualquer coisa que Irene pensasse que eu precisava saber.

Sonhar acordada não era uma opção também, sendo sua única estudante, e ela parecia desenvolver uma distinta falta de compaixão referente ao que eu estava ou não estava interessada em aprender. Ainda, havia uma única vantagem: pelo menos Cálculo não estava mais no currículo.

Nós gastamos uma enorme quantidade de tempo nos Olimpianos, os deuses Gregos que governavam o universo e que iriam decidir meu destino.

— A maioria das pessoas acha que existiam apenas doze, — disse Irene. — Mas se você olhar cuidadosamente através da história, existem quatorze.

O significado daquele número não estava perdido em mim.

Quatorze Olimpianos e quatorze tronos. Eles seriam os únicos a decidirem meu destino, e por causa disso, eu prestei atenção extra a minhas aulas, como se sabendo tudo sobre eles de algum modo fosse me dar mais alguma chance.

Eu aprendi sobre Zeus e Hera e suas crianças; as crianças que Zeus gerou com outras mulheres, bem como Athena, que nasceu produzida totalmente formada de sua cabeça; sobre Deméter e sua filha, Perséfone; e sobre o papel desempenhado por Hades. Este era Henry, como minha mãe tinha mencionado, e era estranho balancear mitologia com o conhecimento que para essas pessoas, isso era história. Que aparentemente Henry tinha realmente feito todas estas coisas. Mas quanto mais eu aprendia, mais fácil ficava de aceitar isso, e uma vez que Irene estava certa de que eu sabia tanto quanto podia sobre os membros do conselho, nós seguimos adiante para outros mitos. Mas os Olimpianos estavam sempre presentes nestas histórias, também, e isso não fazia nada para acalmar meus nervos.

Pelas tardes, estava permitida a fazer o que eu quisesse. Algumas vezes ficava dentro e lia ou passava algum tempo com Ava, e algumas vezes ia pra fora e explorava os campos. Passando a borda do elaborado jardim estava à floresta que crescia selvagem, e se estendia através do outro fim da propriedade, escondendo o rio que eu sabia estar lá atrás. Eu permaneci dentro do campo de visão da mansão, não querendo chegar a nenhum lugar próximo da água. Eu tive emoção suficiente lá para me manter por um longo tempo. No fim de Outubro, esbarrei em Phillip, chefe dos estábulos. Ele era um homem brusco que não falava com frequência, e seu cabelo era selvagem, o fazendo parecer intimidante, mas ele parecia apaixonado por seus cavalos.

— Cavalos tem tanta personalidade neles quanto às pessoas, — ele disse rispidamente enquanto ele me apresentava para os quinze cavalos nos estábulos. — Se você não se conectar com nenhum deles, não tente forçar isso. É como força uma amizade, esquisita e inútil, e isso fará ambos vocês miseráveis. Enquanto se lembrar disso, deverá ficar bem.

Seus garanhões eram poderosos e rápidos, e com a minha sorte eu teria caído e quebrado alguma coisa, então mesmo embora eu gostasse de passar tempo acariciando eles, nunca pedi para montá-los. No começo, Phillip recusava me deixar qualquer lugar perto deles com uma escova, mas não tomei isso pessoalmente. Ele não deixava ninguém próximo a eles; mesmo me permitindo dentro dos estábulos para vê-los era mais do que Ava conseguiu. Na minha terceira tentativa, contudo, ele de má vontade me deu permissão para ajudar a tratar eles, enquanto ele estivesse supervisionando. Eu tinha a furtiva suspeita que Henry tivesse alguma coisa a ver com sua mudança de coração, mas não perguntei.

Pelo resto do outono, foi assim como eu passei minhas tardes, e embora o clima crescesse mais frio, permanecia quente dentro dos estábulos.

Enquanto as semanas passaram, eu cresci mais e mais confortável em meu novo lar. O resto dos empregados parou de me encarar enquanto eu passava, e lentamente nós todos nos acostumamos um ao outro. Era quase pacífico, com meus dias gastos com Irene, minhas tardes com Phillip e Ava, e minhas noites com Henry. E minhas madrugadas, eu vivia para as madrugadas, quando contava tudo o que estava acontecendo, e ela estava lá para ouvir. Depois das cercas, ela estava morrendo, mas em meus sonhos, ainda estava muito viva, e queria mantê-la daquele modo tanto quanto possível. Eu sabia que não seria capaz de escapar a sombria realidade esperando por mim uma vez que isso acabasse, mas por agora, eu podia fingir que

viver em Éden significava permanecer intocada pelo mundo real. Era meados de novembro quando Irene anunciou que meu primeiro teste iria ser dado na segunda-feira seguinte. Pelo momento em que deixei a sala, eu estava perto de vomitar de ansiedade, e isso deve ter transparecido.

— Kate? — disse Calliope em uma voz preocupada enquanto eu fechei a porta atrás de mim.

— Há um teste, — eu disse tremulamente. — Na segunda.

Ela parecia menos que preocupada. — Você nunca fez um teste antes?

Eu sacudi minha cabeça. Ela não tinha entendido. — Teste, — eu repeti. — Do tipo onde meu futuro inteiro está na linha. Se eu falhar…

Os olhos de Calliope se arregalaram. — Oh. Esse tipo de teste.

— Yeah. — Eu comecei a andar em direção do meu quarto, não interessada em almoço. Meu apetite tinha desaparecido.

— Uh, Kate? A sala de jantar é por este caminho. Eles fizeram frango frito para você.

Eu podia ouvi-la trotando para se manter comigo, mas eu não diminuí. — Eu preciso estudar. — Se falhasse, tudo que eu tinha feito até então seria inútil. Minha mãe iria morrer, Henry iria perder seu lugar como governante de o que quer que fosse que ele fazia, e a morte de Ava teria sido por nada. Eu não ia deixar isso acontecer.

Eu passei os dois dias seguintes com meu nariz enterrado tão profundamente em mitologia Grega, ou "história," como todos pareciam chamar isso, e Irene teve certeza que eu soubesse quando uma história realmente era apenas um mito, que até mesmo Henry me deixou sozinha à noite. Ao invés de ir à sala de jantar, minhas refeições eram trazidas para mim, mas comia tão rapidamente que estava sem sabor.

Eu dormi por exatamente oito horas e nem um minuto a mais, mas mesmo enquanto eu estava dormindo minha mãe me questionava sobre o material que estudei. Eu memorizei as doze trabalhos de Hércules, os nomes das nove Musas, e as pragas liberadas quando Pandora abriu sua caixa, mas ainda havia centenas de outras histórias. Rei Midas, cujo toque transformou tudo, incluindo sua filha, em ouro. Prometheus, que roubou o fogo dos deuses, deu aos humanos, e foi punido por isso. Icarus, que voou para escapar de sua prisão, apenas para voar tão alto que a cera que mantinha suas asas unidas derretesse. O ciúme de Hera, a beleza de Afrodite, a raiva de Ares, isso era um sem-fim, e eu me tornei tão imersa nisso que tudo começou a se misturar, mas eu tinha que passar.

— Você está se machucando.

Eu pulei quando ouvi a voz de Henry atrás de mim. Era noite de domingo, menos de doze horas antes de eu estar adequada a fazer o exame, e eu ainda tinha alguns capítulos traiçoeiros para revisar. Se eu não usasse cada último minuto que eu tinha, e pulasse o café da manhã da manhã seguinte, eu não ia conseguir fazer isso.

— Eu estou bem, — eu murmurei, dispensando a ele apenas um olhar antes de voltar a olhar ao enorme livro que Irene tinha me dado. Eu estava tentando ler sobre o Minotauro, mas as palavras nadaram na minha frente, e eu tinha que apertar os olhos para focar. Minha cabeça estava martelando e me sentia doente do estômago, mas tinha que fazer isso.

— Se não soubesse melhor, eu iria confundi-la com um dos mortos, — disse Henry, sua voz em meu ouvido. Eu fechei meus olhos, não me atrevendo a mover, não quando ele estava tão perto. Eu podia sentir o calor irradiando de seu corpo, mais quente do que o ar frio de meu quarto, e o desejo de fechar a distância entre nós me sobrepujava. Estremeci.

Geralmente, quando não estava tão cansada, era melhor em ignorar isso. Eu estava aqui pela minha mãe, não por Henry. Ao invés de ouvir Henry me tocando, ouvi páginas farfalharem.

Quando eu olhei, o livro estava fechado e empurrado para o lado, e Henry sentado na minha frente.

— Se você não sabe isso até agora, você não irá aprender a tempo para o seu teste. — Sua voz era gentil. —Você precisa dormir.

— Eu não posso, — eu disse miseravelmente. — Eu tenho que passar.

— Você irá passar, eu prometo.

Eu me afundei no meu lugar. — O quê, você pode predizer o futuro agora, também? Você não pode me prometer isso. Por tudo que sabe, eu vou falhar tão espetacularmente que eles virão na metade do teste e me levar embora. Você pode nunca mais me ver novamente.

Ele riu, e eu bufei indignadamente. — Eu nunca tinha visto alguém estudar tão árduo para um teste quanto tem feito neste fim de semana. Se não passar, então não há esperanças para o resto de nós.

Antes que eu pudesse apontar exatamente quão ruim era minha sorte, a porta para o meu quarto explodiu aberta. Ava pulou dentro, seguida de perto por Calliope e de um homem que eu não reconhecia.

— Kate! — ela disse, saltando para mim. Eu dei a Henry um olhar de desculpas, mas ele não parecia se importar. Ao invés, ele estava observando o homem, que estava vestido em um uniforme preto e encarava o chão, como se quisesse estar em qualquer lugar exceto aqui.

— Ava, eu deveria estar estudando, — eu disse, mas isso não a deteu em nada.

— Vamos lá, você tem estudado todo o fim de semana. Você tem que sair para jogar alguma hora. — Ela estendeu o lábio inferior em um beicinho. — Todo mundo está nos jardins se divertindo. Tem música e nado e todo tipo de coisa. Eu ainda preciso te ensinar como, você sabe.

A perspectiva de ser forçada a nadar era suficiente para me por fora da completa ideia, e eu não estava nem mesmo certa se seria capaz de fazer isso de qualquer modo, muito menos de me divertir. O fato de que isso era uma festa garantia bastante que eu não iria. — Eu estou realmente cansada, — eu disse, olhando entre Ava e Calliope, que estava se atrasando pela porta e olhando Henry.

— Então o quê? Você pode dormir depois, — disse Ava. — Você é esperta, irá passar. Além disso, você tem que conhecer Theo...

— Vocês dois não se conheceram ainda? — Henry soou surpreso. Ele se levantou, acenando para o homem em segundo plano para se adiantar para frente. Theo moveu-se decidido, e ele tinha uma aparência a seu respeito que deixava claro que ele se levava muito a sério. — Kate, este é Theo, meu Mestre da Guarda. É seu trabalho manter um olho em tudo o que acontece dentro da propriedade. Theo, esta é Kate Winters.

— Um prazer, — disse Theo, inclinando sua cabeça em uma reverência. Eu disparei a ele um sorriso cansado e estendi uma mão. Ele a balançou cautelosamente, como se temendo que eu fosse quebrar. Sua palma era mais suave do que a minha.

— Prazer em conhecê-lo, também, — eu disse. — Ava fala um bocado sobre você.

— Eu não falo, — protestou Ava. Ela olhou para Theo e franziu o cenho. — Não falo.

— Ela fala, — eu disse, e Theo sorriu. Não havia semelhança entre ele e Ella em nada, tanto quanto eu podia ver.

— Vem, vamos embora, — disse Ava em um acesso de mau humor, puxando em seu braço. Sentindo que eu havia ferido seu orgulho, quando ela me olhou de volta a seu caminho para a saída, eu dei a ela um encolher de ombros apologético. — Eu irei da próxima vez, prometo.

— Tanto faz, — ela disse, puxando Theo para longe. Ele conseguiu um rápido aceno na direção de Henry antes de sair, me deixando sozinha com Henry e Calliope, que ainda se atrasava na porta.

— Eu acho que verei você amanhã então, — ela disse, suas bochechas brilharam vermelhas.

— Amanhã, — eu disse, forçando um sorriso. Eu não estava enganando ninguém. Mesmo eu podia ouvir o nervosismo em minha voz. Uma vez que Calliope tinha saído e a porta fechou, Henry se levantou e cruzou o quarto para a larga janela da sacada. Enquanto ele encarava a noite escura, acenou para eu me juntar a ele.

— Henry, eu não posso, — eu disse com um suspiro. — Tenho que estudar.

— Eu pedirei a Irene para não questiona-la nas últimas cem páginas, — disse Henry. — Agora venha e sente-se comigo. Por favor.

— Eu não acho que ela vá concordar com isso, — eu murmurei, mas fiz como ele pediu. Meus pés arrastaram-se contra o carpete e minha cabeça parecia pesada demais para o meu corpo, mas de algum modo eu consegui chegar ao outro lado do quarto sem colapsar.

Uma vez que estava lá, ele enrolou seu braço seguramente ao meu redor, e outro agradável calafrio correu abaixo pela minha coluna. Era o maior contato físico

que eu tinha tido com ele desde a chegada, e era fácil o bastante me inclinar contra ele, deixando-o suportar meu peso.

— Olhe para cima, — ele disse, seu braço apertando ao redor de meus ombros enquanto eu descansava contra ele. Virei minha cabeça em direção ao teto, mas a luz da vela era muito fraca para eu enxergar. Ele riu. — Não, o céu. Olhe para as estrelas.

Meu rosto corou com embaraço, e eu foquei no céu escuro através da janela, apenas capaz de distinguir os pontinhos de luz. — Elas são bonitas.

— Elas são, — ele disse. — Você sabia que elas se movem?

— Estrelas? Claro. — Isso era parte de uma lição, também? — Você vê diferentes estrelas durante diferentes momentos do ano.

Ele nos facilitou para baixo no banco, tão perto que eu estava praticamente sentando em cima dele, mas estando perto dele era mais legal do que eu queria admitir. Eu não estava disposta a abrir mão ainda.

— Não através das estações, — ele disse. — Através dos milênios. Vê aquela estrela ali?

Ele apontou para cima, e eu mal podia ver a direção que ele estava apontando, muito menos dizer sobre qual delas ele estava se referindo. — Yeah.

Se ele sabia que eu estava mentindo, ele me favoreceu de qualquer maneira. — Quando eu conheci Perséfone, aquela estrela não era parte daquela constelação.

— Sério? — Minha mente saturada mal processou esta informação, muito menos o que ela implicava. — Eu não pensei que elas fizessem isso.

— Tudo muda com o tempo, — disse Henry, sua respiração morna contra minha orelha. — É preciso apenas ter paciência.

Sim, eu pensei, tudo mudava com o tempo. Esse era o problema, não era?

Mas o que quer que Henry estivesse tentando fazer para tirar minha mente do teste tinha funcionado. Aquela noite, ao invés de me preocupar sobre ninfas e heróis, minha mãe e eu passeamos através do Central Park, visitando o zoológico e montando no carrossel e rodando e rodando até que nós duas estávamos tontas das risadas. Eu dormi melhor do que eu havia em dias, e quando acordei, estava sorrindo.

Na manhã seguinte eu estava muito nervosa para comer, mas Calliope me fez engolir um pedaço de torrada coberta de geleia de morango de algum modo. Mesmo aquilo ameaçou subir enquanto eu andava para a classe, e foi através de pura força de vontade que eu consegui mantê-la pra baixo.

Eu podia fazer isso. Henry estava dependendo de mim, e ele nunca iria deixá-los propositadamente me fazer falhar sem me dar uma chance justa. Eu tinha estudado, e isso não era ciência foguete[15]. Isso era mitologia. Quão difícil poderia ser?

— Pronta? — disse Irene uma vez que eu estava sentada.

— Não, — eu disse sem rodeios. Eu nunca estaria pronto pra isso. Em vez de me mostrar o menor fio de simpatia, ela riu e pôs o teste bem na minha frente. Um nó de horror se prendeu em minha garganta quando eu folheei até a pergunta final. Vinte páginas.

— Duzentas questões, — ela disse, como se lendo minha mente. — Você pode errar apenas vinte.

— Quanto tempo eu tenho? — eu engasguei.

— Tanto quanto você precisar.

[15] ciência foguete um termo coloquial para um ramo principal da engenharia, no original rocket science

Seu sorriso gentil não era nem o mínimo reconfortante. Invocando cada última grama[16] de determinação que eu tinha, peguei meu lápis e comecei. Três horas depois, sentei ansiosamente no canto enquanto Irene ia através de meu exame. Eu

tinha repassado cada pergunta na minha mente uma e outra vez de novo, constantemente conferindo minhas respostas. E se tivesse confundido Athena e Artemis? Hera e Hestia? E se eu tivesse estudado demais e acidentalmente tinha misturado lugares e histórias e as intricadas linhas de tempo? E se eu tivesse falhado?

Irene baixou sua caneta, seu rosto passive enquanto ela cruzava a sala silenciosamente e me devolvia o teste. Minhas mãos tremiam tanto que eu estava com medo de derrubá-lo, e nada em sua expressão me indicava minha pontuação. Eu me forcei a olhar para baixo. Por um longo momento, meus olhos não iam focar no número rabiscado no topo.

173.

— Eu sinto muito, — ela disse, mas eu não a ouvi. Ao invés, eu tropecei em direção à porta e fora da sala, minha visão muito borrada para ver onde estava indo. Voando através de Calliope e Ella, eu mal as notei. Em vez disso, arrojando através da primeira porta que vi e explodindo no jardim. Ignorando as vozes chamando meu nome, eu chutei fora meus sapatos e corri em direção à floresta, o vento cortante entorpecendo minha pele.

Eu tinha falhado.

[16] grama no original ounce, uma unidade de medida, 1 ounce = 28.3495231 gramas

Violet Books Traduções

CAPÍTULO 11
FRACASSO

Eu não podia respirar.

Meus pulmões queimavam e meu corpo doía com o esforço da corrida. Eu estava no meio da floresta agora, embora ainda dentro dos limites da propriedade de Henry. As cercas de sebe não estavam a nenhum lugar à vista, mas estas não eram o que eu estava procurando. Eu queria encontrar o rio.

Sete pontos abaixo do que eu precisava sete questões que eram a diferença entre sucesso e fracasso, permanecer e partir, vida e morte para minha mãe. Vida e morte para Henry.

Não importava o quão confortável eu estava aqui ou se gostava ou não de estar com ele. Se ele quisesse apenas alguém para passar tempo o com ele, poderia ter escolhido qualquer um, mas ele tinha me escolhido, ele dependia de mim, e agora eu tinha falhado com ele. A única razão de estar aqui era passar naqueles testes, e eu não podia nem sequer conseguir isso.

Eu não sei quanto tempo isso me levou, correndo através da mata. Meus pés estavam sangrando e feridos, e mais de uma vez tropecei, machucando meus tornozelos e cotovelos e joelhos, mas ainda me empurrei adiante.

Eu tinha fracassado. Estava acabado, e eu não teria outra chance. Eu precisava ver minha mãe antes que ela morresse. Eu precisava dizer adeus a ela, mesmo se ela não pudesse me ouvir mais naquele corpo. Isso teria de servir, entretanto, eu tinha

quebrado a minha parte da barganha, e, portanto Henry não tinha razão para manter a dele. Não havia garantia que a veria se eu caísse no sono, e eu precisava dizer adeus antes que fosse tarde demais.

Finalmente encontrei o rio onde toda essa confusão tinha começado. Mancando em um tornozelo torcido, segui rio acima até a abertura na cerca aparecer. Parecia menor do que me lembrava, e eu não tinha ideia de como ia conseguir passar para o outro lado, mas eu tinha que fazer isso. Eu iria me desculpar com Henry depois.

Limpando minhas sujas bochechas manchadas de lágrimas com a costa de minha mão, eu pus meu pé descalço na água e arfei. Estava congelando. A correnteza era forte, e eu sabia que se escorregasse, não seria capaz de nadar meu caminho para a segurança. Não dessa vez. Ainda assim, eu tinha que tentar. Um pé em frente ao outro, era tudo o que preisava. — Kate.

Eu praticamente me arremessei adiante ao som da voz de Henry. Eu estava a poucos pés de distância da margem, balançando precariamente nas mesmas rochas escorregadias que tinham matado Ava, e eu mal consegui me deter. — Deixe-me sozinha. — Eu não soei nem de perto tão feroz quanto pretendia.

— Eu temo não poder fazer isso.

— Eu falhei. — Eu não me atrevi a virar para olhar para ele.

— Sim, Irene me contou. Isso ainda não explica por que você está arriscando sua vida e corpo para conseguir atravessar um buraco na cerca. Se você quer partir, o portão da frente é muito mais conveniente.

Meus pés estavam dormentes, me fazendo ainda mais desajeitada que antes.

— Eu preciso ver minha mãe.

Sem aviso, o braço de Henry enrolou-se ao redor de minha cintura, me puxando contra ele. Antes que eu pudesse protestar, meus pés tocaram a terra.

— Deixe-me *ir*!

Ele me segurou tempo o suficiente para ganhar meu equilíbrio. Eu me empurrei longe dele, tremendo, embora se era do frio ou de quão furiosa estava, eu não sabia.

— Se você partir, — ele disse pacientemente, — Sua mãe irá morrer. Eu não penso que você queira isso.

Eu abri e fechei minha boca. — Mas... Mas eu falhei.

Ele me deu um olhar curioso. — Eu não sou tão severo para punir o fracasso com morte.

— Mas nosso acordo... Você disse que manteria minha mãe viva enquanto eu ainda estivesse aqui. Eu não posso ficar mais aqui, não quando fracassei no teste.

Henry ficou rígido, e então sua expressão se suavizou, como se ele finalmente entendesse. — Kate… É sobre isso que tudo se trata?

— Você mesmo disse que eu não podia fracassar em nenhum dos testes, — eu disse incerta.

— Você não pode fracassar nenhum dos sete testes que o conselho irá aplicar em você. O exame que Irene lhe deu não era um deles. — Ele sorriu vaziamente.

— Até agora, você está se saindo lindamente.

Minha boca ficou seca. — Até agora?

— Sim. — Ele parecia divertido, e eu não estava certa se me sentia aliviada ou se arrancava aquela expressão presunçosa da cara dele. — Até agora, você já enfrentou três. Apenas um está completo, mas você foi impecável.

Como era possível que eles estavam me testando sem meu conhecimento? Quando eu abri minha boca para perguntar, ele diretamente me cortou.

— Você deve estar congelando aqui. — Ele enrolou seu casaco sobre meus ombros, e eu me agarrei a isso, me imergindo em seu calor. — Vamos voltar, podemos?

Eu assenti, meus histerismos vindo ao fim. Henry enroscou seus braços ao meu redor delicadamente, como se ele estivesse temendo que eu fosse quebrar. — Feche seus olhos, — ele murmurou, e eu fiz.

Dessa vez, quando eu os abri, eu estava apenas marginalmente surpresa de me encontrar em meu quarto. Henry permanecia do meu lado. — Eu vejo que você está se ajustando ao modo como eu viajo.

— Uh-huh. — Eu engoli. Isso ainda era desnorteante. — Eu deveria… Um… — eu gesticulei abaixo para meu vestido. Estava rasgado e coberto com lodo.

— Parece que este está arruinado. Talvez nós devêssemos encontrar um substituto.

— Eu tenho toneladas, de verdade. — Eu olhei para o meu guarda-roupa, empalidecendo. — Ella provavelmente nem irá notar.

— Não discuta, — disse Henry. — Se troque e ponha gelo no seu tornozelo por alguns minutos. Eu retornarei em breve para buscá-la.

Suspirando internamente, eu decidi que era inútil. Bem do jeito de Ella, ele parecia estar determinado a manter-me até as orelhas em vestidos que coçavam. Eu não podia esperar para o verão chegar, se por nenhuma outra razão além de finalmente ser capaz de vestir jeans de novo.

Antes de atravessar a porta, Henry virou-se. — Kate?

Eu com uma carranca abaixo do labirinto de botões que alinhavam o vestido arruinado, meus dedos ainda tremendo enquanto eu tentava desfazê-los. — Yeah?

— Eu só marquei 164.

No final, eu tinha precisado da ajuda de Ella para desabotoar a monstruosidade que ela tinha me forçado dentro naquela manhã. Enquanto ela parecia triste de vê-lo sair, eu não podia ter estado mais feliz, até ver com o que ela pretendia substituir. Mancando corredor abaixo de uma ala não familiar, eu me inclinei em Henry por suporte e tentei meu melhor para não coçar ao tecido áspero. Isso era completamente injusto.

Henry podia usar calças, mesmo Ava tinha a opção, se ela quisesse, mas com Ella a cargo do meu guarda-roupas, eu estava presa a fantasias da idade das trevas. Ela podia ter pensado que eles eram bonitos, mas eu teria preferido uma toga[17] aos instrumentos de tortura. Não importa o quanto eu os vestisse, isso não ia me fazer gostar deles. Nunca. E Ella sabia. Isso era o porquê dela fazer isso, eu tinha certeza.

Enquanto me perguntava se seria ou não um ponto contra mim se eu andasse por aí nas minhas roupas íntimas, Henry abriu a porta para um quarto que eu nunca tinha estado dentro antes.

A princípio não podia distinguir muito de detrás dele, mas quando ele deu um passo ao lado, minha boca caiu, e a nuvem de miséria que tinha me atormentado desde que eu havia visto minha pontuação dissipou.

A suíte estava estufada com roupas penduradas foras das prateleiras, arrumadas por tamanho e cor e Deus somente sabia o que mais. Elas alcançavam tantas eras que se parecia como uma loja de fantasia, e havia vestidos e sapatos e xales e...

Meus joelhos fraquejaram.

Suéteres e *jeans*.

[17] Toga: traje civil dos antigos romanos, espécie de manto de lã, depois linho, que usavam trançado sobre o corpo.

— Ella mencionou que você não se sentiu confortável nas roupas que ela escolheu para você, — disse Henry. — Como uma recompensa por falhar o teste com maior nota do que a minha própria, eu acredito que um novo guarda-roupa está ok.

Eu o encarei e depois para Ella, que me deu um raro sorriso. Eles estavam falando sério?

— Oh, meu Deus!

Eu não fui a que disse isso. Em vez disso o guincho agudo veio de trás de mim, e quando eu girei ao redor, Ava estava lá, sua boca pendurada aberta. Calliope ficou por perto, parecendo tão animada como eu me sentia.

— Estes são todos para *você?* — Ava soltou, movendo-se por Ella para ficar comigo.

— Eu acho que sim, — eu disse com um sorriso. — Quer alguns?

Ela me olhou como se eu tivesse crescido outra cabeça. — Se eu *quero* alguns?

Eu ri e olhei para Henry. — Ela pode?

— É claro.

Isso era tudo que ela precisava ouvir. Em um instante ela tinha desaparecido, escolhendo através dos vestidos arcaicos que eu não tinha nenhuma intenção de tocar. Ao invés de me unir a ela, eu virei para Calliope e Ella. — Vocês duas podem ter qualquer um que quiserem, também, — eu disse, olhando para Henry. — Se isso estiver tudo bem com você, eu quero dizer.

Ele assentiu. Bem como Ava, Ella e Calliope apressaram-se dentro do quarto, me deixando para trás com Henry. Ele gesticulou em direção ao meu tornozelo. — Você está capaz de adentrar ao quarto sem minha assistência?

— Eu ficarei bem, — eu disse, olhando as pilhas de suéteres. Mesmo a distância, eles acenavam. Tanto quanto gostava de estar perto de Henry, eu ainda

estava envergonhada pelo meu colapso, e não queria que ele pensasse que eu era incapaz de atravessar um dia sem ele, mesmo embora ele parecesse saber exatamente como fazer as coisas melhorarem.

Eu tinha mancado metade do caminho através do quarto antes de perceber que ele estava seguindo uns poucos passos atrás de mim. Olhando sobre meu ombro, eu franzi o cenho. — Henry, de verdade, eu estou bem. Ele nem mesmo dói.

— Eu não tenho nenhuma intenção de ajudá-la a andar, — ele disse em uma voz inocente que eu não estava comprando. — Eu estava meramente indo oferecer-me para carregar suas coisas.

— Se você diz. — Eu ergui uma sobrancelha, mesmo que eu não quisesse que ele soubesse disso, eu estava grata que ele estava aqui. Aquela noite, bem depois que Henry partiu, eu estava à beira do sono quando uma suave batida na minha porta me puxou longe.

Grunhindo, eu esfreguei os olhos e rolei fora da cama, mancando para a porta. Eu tinha passado toda a tarde ansiando por contar a minha mãe que eu tinha passado um teste e não tinha desapontado Henry ainda, assim quem quer que estivesse do outro lado da minha porta tinha que ter uma maldita boa razão por interromper.

— O quê? — eu disse enquanto eu abri a porta, semicerrando os olhos contra a luz do corredor. Era Ava. — Você ainda está acordada? — ela sussurrou, e eu a encarei.

— Não, eu sou sonâmbula.

— Oh. — Ela me olhou como se estivesse tentando decifrar se eu estava dizendo a verdade ou não. — Enquanto você tá de pé, vem cá eu quero te mostrar uma coisa.

Ela se esticou para tomar minha mão, e eu mantive minha posição. — O único lugar onde eu quero ir é de volta pra cama.

— Muito mal. — Ava agarrou minha mão tão forte que tentar me afastar teria provavelmente resultado em dedos quebrados, e eu já estava tendo problema suficiente com meu tornozelo. — Eu te trago de volta para cama antes do sol nascer, eu prometo.

Não era a garantia mais reconfortante, mas ela não estava me dando muito uma escolha. Finalmente, praguejando alto assim ela não poderia deixar passar, eu a segui, o carpete áspero contra meus pés nus.

— Onde nós estamos indo? — eu disse, mas Ava me calou enquanto nós dobramos uma esquina. Haviam guardas estacionados acima e abaixo dos corredores que levavam aos meus aposentos, e pelo menos três deles nos tinham visto, então eu não tinha ideia do por que ela sentia a necessidade de espreitar ao redor.

A dor entorpecida em meu tornozelo se tornou uma dor aguda, e eu lutei para acompanhá-la, mas ela não diminuiu. Finalmente, quando nós alcançamos o corredor escuro, ela parou e apontou para uma porta a dez pés de distância. Esta era diferente das outras na mansão, feita de madeira escura com entalhes ornamentados que criavam uma cena que eu não podia distinguir completamente. Luz derramava-se do outro lado, e Ava foi na ponta dos pés em direção a ela, gesticulando para eu segui-la. Dessa vez, eu não fiz nenhuma pergunta. Eu me movi com ela desajeitadamente, mantendo uma mão contra a parede para evitar tropeçar e anunciar nossa presença para quem estivesse atrás da porta. O mais perto que nos aproximávamos mais clara a paisagem na porta ficava, e logo eu entendi o que era isso. Na metade de cima da porta estava um lindo prado, com pequeninas flores esculpidas na madeira e árvores em cada lado. De algum modo o artista tinha conseguido fazer parecer como se estivesse ensolarado, e isso me lembrou tão fortemente do Central Park que um caroço se

prendeu em minha garganta. Mas abaixo disso, a cena mudava. Uma camada de terra separava o prado de um rio escuro que corria por baixo, e do lado dele havia um delicado jardim. Ao invés de crescer do solo, ele crescia de uma rocha irregular. As árvores não eram árvores; elas eram feitas de alguma coisa sólida, e mesmo embora isso fosse apenas uma obra de arte, eu podia dizer que elas não foram feitas para parecerem vivas. E no centro da gravura estendiam-se pilares de jóias formando um arco sobre uma única flor, pequena e fraca em seus arredores.

Tão encantada quanto eu estava pelos lindos entalhes, eu ouvi vozes vazando pela fresta da porta.

De inicio, eu não podia distingui-las apropriadamente, mas Ava me cutucou para mais perto, e juntando minha coragem, eu espiei dentro do quarto.

Henry estava de costas para mim, seus ombros curvados enquanto ele encarava alguma coisa que eu não podia ver. Ele virou-se o suficiente assim eu podia distinguir seu perfil, e alguma coisa dentro de mim doeu quando eu vi que seus olhos estavam vermelhos.

Mas ele não era o que estava falando. A segunda voz era mais alta do que a dele, mas ainda masculina e familiar, e quem quer que fosse falava em palavras apressadas enlaçadas com urgência e frustração.

— Você não pode mantê-la aqui. — Eu não podia ver quem estava falando, mas estava certa de que reconhecia sua voz. — Isso era parte do acordo. Você não pode forçá-la a ficar se ela não quiser.

Eu me aproximei. Debaixo de mim, o piso estalou e eu congelei. Do meu ponto de vantagem eu podia ver Henry também endurecer, e meu coração bateu tão alto que eu estava certa que ele deveria ser capaz de ouvi-lo. Mas depois de alguns tensos segundos, ele falou, e eu exalei.

— Ela não queria partir, — ele disse cansadamente. — Ela pensou que nosso acordo tinha acabado porque ela tinha falhado no exame.

— Você ainda a parou, — disse a segunda voz. Ela era dolorosamente familiar, mas ele falou tão baixo que era difícil identificar. — Ela disse a você duas vezes para deixá-la sozinha, e você a ignorou.

— Porque ela não tinha entendido. — Henry olhou por cima do ombro para o ponto atrás da porta onde o outro permanecia.

— Isso não importa. — Ele falou ferozmente, e eu olhei para Ava, mas ela estava hesitando pela esquina agora. — Você a impediu de partir.

— Eu posso discutir semântica[18] com você a noite toda, mas o fato que permanece é que ela não deixou a propriedade, — disse Henry.

— Você não tem o direito de pedir aos outros membros do conselho para terminar o acordo.

— Eu tenho, e eu vou. — Uma sombra passou sobre mim, e eu me encolhi.

— Eu não vou deixar você forçá-la a ficar como você fez com Perséfone. Ela não é sua prisioneira, e você não é seu carcereiro. Você não pode manipulá-la a esta situação e depois agir surpreso quando ela o odiar tanto que ela queira partir.

Malícia gotejava de suas palavras, e sua voz estava preenchida com veneno. Do outro lado do quarto Henry enrijeceu, mas ele não disse nada. A urgência de falar por ele era esmagadora, e eu queria muito dizer a quem quer que fosse que ele era um idiota e eu tinha ficado porque eu queria ajudar Henry, não porque ele estava me forçando, mas as palavras morreram nos meus lábios. Eu tinha passado meses sem respostas. Eu não podia desistir nenhuma chance que podia ter de finalmente consegui-las.

[18] Semântica o estudo do sentido das palavras de uma língua

— Deixe-a partir, — disse a voz, mais calma desta vez. — Perséfone não o amava, e você não pode substituí-la não importa o quão duro você procure. Mesmo se você puder, Kate não é esta pessoa.

— Ela poderia ser. — As palavras de Henry vieram engasgadas. — Minha irmã acha que ela é.

— Minha tia está muito cega pela culpa e determinação para ver a situação claramente. Por favor, Henry. — O piso estalou de novo enquanto ele pisava em direção a Henry. Eu podia distinguir seu braço agora, e ele vestia uma jaqueta preta que parecia muito fina para novembro. — Deixe-a ir antes que ela morra, também. Nós dois sabemos que é apenas questão de tempo, e se você se importa com ela, você vai deixá-la partir antes que se torne outra vítima. — Ele pausou, e eu prendi minha respiração.

— Onze garotas já estão mortas por causa de você. Não torne Kate à décima segunda por causa do seu egoísmo.

O som de vidro quebrando explodiu polegadas de distância de mim. Eu arfei e tropecei para trás, e meu tornozelo torceu debaixo de mim novamente. Eu gritei, caindo no chão. A porta abriu, e o sangue drenou de meu rosto quando eu vi quem estava do outro lado.

James.

CAPÍTULO 12
JAMES

— Você está nisso, também? — Minha voz estava rouca, e eu encarei James em descrença. Ele parecia exatamente como eu me lembrava dele da escola orelhas despontando, seu cabelo loiro uma bagunça, e seus enormes headphones enrolados ao redor de seu pescoço.

— Kate... — ele começou, mas Henry apareceu na porta, e ele empurrou James de lado. Quando Henry ofereceu-me sua mão, eu a tomei, olhando para James.

— O que tá rolando? — As palavras saíram estranguladas, e eu podia dificilmente enxergar direito, mas eu não ia dar a nenhum deles uma saída. — Me diga. Primeiro Sofia, então Irene, agora você...

— Talvez seja melhor se nós continuássemos esta conversa dentro, — disse Henry com uma careta. Eu cerrei meus dentes e assenti, me inclinando nele enquanto ele me ajudava a entrar na sala.

Dentro, eu percebi, era um quarto. Embora ele não estava empoeirado, tinha a aparência de desuso, e enquanto Henry me ajudava a manobrar ao redor do vidro quebrado no assoalho de madeira, eu vi a moldura destroçada jazendo no chão, sua foto retorcida e rasgada. Sorrindo para mim estava à fotografia de uma garota que não podia ter sido muito mais velha do que eu, com bochechas sardentas e cabelo loiro morango.

Próximo a ela estava Henry, e ele parecia bem mais feliz do que eu jamais o tinha visto, toda a tensão de seu corpo esvaída.

— Quem é essa? — eu disse, mas eu tinha a penetrante sensação de que já sabia.

Henry olhou a gravura, e dor reluziu através de seu rosto. Ele esperou até que ele tivesse me ajudado até a cama antes de responder, e mesmo então ele não iria me olhar nos olhos.

— Perséfone, — ele disse em uma frágil voz que ameaçava quebrar. — Há muito tempo atrás.

— Não tanto tempo atrás, — eu disse, olhando a imagem. — Não se havia câmeras por aí.

— Isso não é uma fotografia, — ele disse, abaixando-se para recuperá-la.

— Isso é uma reflexão. Veja.

Suas mãos tremiam enquanto ele me estendeu a gravura, e enquanto eu a examinei, percebi que ela tinha uma profundidade que as fotografias não tinham. Parecia tremeluzir, como se fosse uma poça de água, e Perséfone e Henry estivessem movendo-se. Não tanto como se parecesse com um filme caseiro, mas ela piscava, e eu podia ver os braços dele se apertarem ao redor dela.

— Ela é linda, — eu disse suavemente. Parte de mim estava com ciúmes, sabendo que eu nunca poderia fazer jus a sua memória, mas também estava tão consumida pela tristeza pelo que Henry devia ter passado que eu empurrei isso de lado. — Eu sinto muito.

Ele acenou desdenhosamente, como se não fosse grande coisa, mas quando eu devolvi a gravura de volta, ele a tomou gentilmente e passou sua mão sobre a

superfície. Ela suavizou-se como se nunca tivesse sido danificada. — Como eu disse, isso foi há muito tempo atrás.

Uma tosse chamou minha atenção para longe dele, e eu ergui o olhar para ver James se demorando próximo a entrada da porta. Meus olhos se entrecerraram. — O quê?

— Você perguntou por que eu estou aqui. — Ele cruzou seus braços e se inclinou contra a porta, fechando-a firmemente. Atrás dela eu ouvi um guincho. Ava ainda estava lá atrás, mas isso não era uma coisa que eu queria que ela ouvisse.

— E você ainda não me disse. — Eu me encolhi enquanto Henry gentilmente tocou meu tornozelo.

— Ele é meu sucessor, — disse Henry, e eu o olhei afiadamente. — Ele irá tomar conta de minhas obrigações se eu desvanecer.

Uma onda de horror tomou conta de mim, e eu encarei James, enojada. — É por isso que você tentou me impedir de vir aqui? Você sabia que eu era a última chance dele, e pensou que se me parasse, você teria um tiro livre no círculo do vencedor?

— Não há círculo vencedor, — disse James. — Isso não é uma competição, tá certo? Isso é difícil para todos nós. Nós temos estado tentando encontrar durante um século alguém que tome o lugar de Perséfone, e se nós não...

— Se vocês não encontrarem, então você consegue tomar o lugar do Henry,

— eu rebati. — No entanto, aqui está você, tentando arruinar isso pra ele.

— Por que eu pensei que você queria sair, — ele disse, seu maxilar cerrado tão apertadamente que eu podia ver um músculo palpitar. — Você *disse*...

— Henry estava certo. Eu não tinha entendido, e eu não vou embora e matá-lo se eu posso evitar isso.

James trocou estranhamente de um pé para o outro. — Eu nunca pensei que você iria. Mas os termos do acordo são definitivos, e se você quiser partir, não há nada que nós possamos fazer para impedir você. Se Henry a mantiver aqui contra a sua vontade, então nós temos todo direito de interferir.

— Espere, — eu disse enquanto o que ele disse vagarosamente me ocorria.

— O que você quer dizer com *nós?*

Perto de mim, Henry franziu o cenho, sua testa franzindo tão profundamente que por um momento ele não pareceu com ele mesmo.

— James, — ele disse, um aviso.

James se endireitou, seus braços caindo para seu lado. — Eu não me importo se ela sabe.

— Os outros irão, — ele disse, mas ele não fez nenhum movimento para impedi-lo. James tomou um hesitante passo em direção a mim, como se ele quisesse me alcançar, mas eu dei a ele um olhar frio, e ele parou de súbito. — Eu sou um membro do conselho.

Meu coração praticamente parou. — Você no conselho? — eu balbuciei.

— Você não pode ser. Você é... *Você*.

— Astuta observação, — ele disse, mais para si próprio do que para mim.

— Ouça Kate eu não me importo se você acredita em mim ou não. Bem, não, eu iria preferir se você acreditasse, mas eu não espero que você o faça. Você pode me odiar o tanto que quiser por tentar levá-la para longe de Henry, mas eu estou apenas fazendo o que é melhor para você.

— E você acha que o melhor para mim é viver o resto da minha vida sabendo que eu sou a razão da morte de Henry? — Lágrimas quentes ameaçaram transbordar

dos meus olhos, mas eu as pisquei de volta, forçando minha voz a ficar firme. — Sem mencionar o que vai acontecer a minha mãe.

— Você não iria lembrar de nada disso se você decidir partir , — disse James. — Isso também faz parte do acordo.

— *Basta* sobre esse acordo estúpido. — Minha voz quebrou, e minhas bochechas ficaram quentes. — Esta é minha decisão, não sua. Você não pode ir pelas minhas costas e terminar isso só porque você acha que sabe o que é melhor para mim. Eu tenho que dizer quando isso acaba, não você.

Eu olhei para trás e adiante entre Henry e James para ter certeza de que os dois estavam prestando atenção, mas Henry estava concentrando no meu tornozelo, sua cabeça inclinada e seus olhos fechados. Um espesso calor se espalhou do meu joelho para meus dedos, e Henry enrolou suas mãos ao redor da articulação, gentilmente movendo-a em um círculo.

— Isso dói? — ele disse, e eu sacudi minha cabeça. Ele baixou minha perna, e eu cuidadosamente a puxei em minha direção, balançando os dedos dos pés. Não doía mais.

— Como você... — eu comecei, minha raiva momentaneamente esquecida, e Henry deu de ombros.

— Você não deveria curá-la, — disse James do outro lado do quarto. Henry se endireitou, e mesmo de lado, eu podia ver o olhar amortecido em seus olhos.

— Parece que nós estamos quebrando todo tipo de regras esta noite.

Ele se ergueu. — Se vocês me derem licença.

Antes que eu pudesse protestar, ele tinha saído, deixando eu e James sozinhos na sala juntos. Eu me ergui também, testando meu tornozelo. Estava firme.

— Não foi minha escolha, você sabe, — disse James quietamente.

— Assumindo por ele, se você falhar. Eu sou o único membro do conselho que conhece o Submundo tão bem quanto ele.

— Mas você ainda quer isso, — eu disse.

Ele desviou o olhar, para fora da janela de sacada escura e nos terrenos. A lua estava praticamente cheia, e eu podia ver as copas das árvores desfolhadas farfalhando ao vento de novembro. — Nós duramos tanto quanto o que nós representamos dura. Deuses menores desvanecem o tempo todo quando eles são esquecidos, mas o conselho não é menor. Enquanto a humanidade existir, sempre haverá amor e guerra. Sempre existirá música e arte, literatura e paz, casamento, crianças e viajantes. Mas a humanidade não irá durar para sempre, e depois que ela desaparecer, assim iremos nós. Apenas a morte irá permanecer.

— E se você controlar o Submundo, você consegue sobreviver mesmo se tudo mais se for? — eu disse isso como uma pergunta, mas eu já sabia a resposta, e um nó se formou em minha garganta. — É sobre isso que tudo se trata?

— Não. Agora mesmo, isso é sobre ter certeza de que você sobreviva. Eu não quero que você morra Kate... Por favor. Nenhum de nós quer, e Henry desistiu há um longo tempo atrás. Talvez ele esteja tentando por você, mas não por que ele quer continuar... Ele apenas não quer que você seja assassinada, isso é tudo.

Eu pausei. — Há uma grande chance disso?

James me olhou, e eu pude ver o medo nu em seus olhos. — Ninguém sobrevive até o Natal. Por favor. Henry não quer isso. Ele sempre estará apaixonado por Perséfone, não você. Olhe ao seu redor, olhe onde você está. Este era o quarto dela.

Não havia nada incomum a respeito do quarto, apenas a figura que Henry tinha jogado em James. Mas quanto mais estudava os arredores, mais eu realmente o enxergava. Era como o quarto de uma criança cujo pai não ousava tocar depois de

atingido por uma tragédia. Haviam antiquadas presilhas na penteadeira no canto, e as cortinas estavam puxadas para deixar a luz do sol entrar. Havia até mesmo um vestido jogado no canto, esperando ser usado. Era como se estivesse congelado no tempo, jazendo intocável por séculos até Perséfone retornar.

— Aquela reflexão — James gesticulou para a imagem de Perséfone e Henry juntos, parecendo tão felizes. — Não é real. É um desejo, um sonho, uma esperança, não uma memória. Ele a amava tanto que ele teria rasgado o mundo a parte se ela pedisse, mas ela mal podia suportar olhar para ele. Desde que ela morreu, ele vem estando implorando ao conselho para liberá-lo e deixá-lo desvanecer. Você realmente acha que pode competir com isso?

— Isso não é uma competição, — eu disse rudemente, ecoando suas palavras de antes. Mas mesmo enquanto eu dizia isso, eu sabia que era. Se eu não podia fazer Henry se importar comigo, ele não teria razão para continuar, e na mente dele, eu iria sempre ser penalizada contra Perséfone. Mas isso não era motivo para parar de lutar por ele. Ele merecia uma chance de felicidade bem como eu merecia, e eu ainda não estava pronta para dizer adeus à outra pessoa da minha vida.

A expressão de James suavizou. — Ele nunca te amará, Kate, não do modo que você merece ser amada. Ele desistiu há muito tempo atrás, e tudo o que você está fazendo é prolongando a dor para ele. Seria mais gentil deixá-lo ir.

Eu dei um passo mais perto de James, dividida entre raiva e a opressiva necessidade de tocá-lo, de ter certeza que meu James ainda estava debaixo daquele ardiloso deus que ele tinha subitamente se tornado, dizendo todas as palavras que ele pensava que eu precisava ouvir para me convencer a partir. Para roubar a eternidade de Henry e dar para ele. — E você acha que eu devo? — eu disse. Eu estava a pouco

menos de um metro dele agora. — Você acha que eu devo desistir e deixá-lo, do jeito que Perséfone o deixou?

— Perséfone teve suas razões, — disse James. — Ele a afastou de tudo que ela sempre amou, e ele a forçou a ficar com ele quando ela não queria. Você teria feito o mesmo.

Eu fiquei em silêncio. A diferença entre eu e Perséfone era que ela tinha tido alguma coisa para perder. James avançou timidamente, e eu o deixei enrolar seus braços ao meu redor, enterrando seu rosto em meu cabelo. Eu o ouvi inalar profundamente, e eu me perguntei se ele poderia sentir o cheiro de lavanda do meu shampoo, ou se isso era meu medo e culpa e determinação que ele sentiu ao invés. Depois de um tenso momento, eu retornei o abraço.

— Por favor, não faça isso com você mesma, Kate, — ele murmurou em meu ouvido. Eu fechei meus olhos, e por um momento eu fingi que ele era apenas James de novo. Não o rival de Henry, não o deus envenenado por ganhar tudo de meu fracasso, mas meu James.

— Você faria uma coisa por mim? — eu disse contra seu peito.

— É claro, — ele disse. — Qualquer coisa.

Eu o soltei. — Fique o inferno longe de mim, e não volte até a primavera.

Seus olhos se arregalaram. — Kate...

— Eu quis dizer isso. — Minha voz tremia, mas eu permaneci firme. — Dê o fora.

Aturdido, ele deu um passo atrás e enfiou suas mãos nos bolsos. Por um momento ele pareceu como se fosse dizer alguma coisa, mas então ele se virou pra longe e andou pra fora, me deixando sozinha no quarto de Perséfone.

Eu tinha passado quarto anos recusando a deixar minha mãe desistir, e eu não ia deixar Henry fazer o mesmo. Se ele não ia se manter seguindo por si próprio, então eu teria que vir com um modo de fazê-lo seguir em frente por mim ao invés.

Horas depois, bem depois que a lua tinha se erguido tão alta no céu que eu não podia mais vê-la de minha janela, eu deitei na cama e encarei o teto. Eu queria dormir e contar a minha mãe tudo o que eu tinha aprendido, para perguntar a ela o que podia possivelmente fazer para convencer Henry a tentar, mas eu sabia que não havia nada que ela poderia me dizer de que eu já não soubesse. Não era encargo dela consertar isso; eu tinha sido a que fez o acordo, e não ia desistir assim facilmente.

Nas horas miúdas da manhã, eu ouvi uma suave batida na minha porta, e eu enterrei meu rosto em meu travesseiro. Ava tinha sumido quando eu me arrastei fora do quarto de Perséfone, e eu não estava no humor de contar a ela o que tinha acontecido. Eu precisava de um dia ou dois para entender as coisas por minha conta antes da mansão inteira saber, também, se é que eles já não sabiam.

Mesmo embora eu tenha ficado em silêncio, ouvi a porta abrir e fechar, e suaves passos caíram contra o carpete. Eu permaneci tão imóvel quanto possível, esperando que quem quer que fosse, saísse embora.

— Kate?

Eu não tinha que me virar ao redor para reconhecer a voz de Henry. Alguma coisa tamborilou dentro de mim, uma familiar nota que enviou uma onda de conforto através do meu corpo tenso, mas eu ainda não o encarei.

Ele se moveu tão quietamente que eu não sabia que ele estava perto até que eu senti o colchão ceder. Levou um longo momento antes de ele dizer alguma coisa. — Eu sinto muito. — Sua voz estava vazia.

— Você não deveria ter visto aquilo.

— Eu estou grata que eu tenha visto.

— E por que é isso?

Eu recusei responder. Como eu deveria dizer a ele que eu não queria que ele desistisse? Eu estava arriscando tudo por ele, e eu ficaria feliz em fazê-lo, mas eu não deixaria isso ser por nada. Eu não podia fazê-lo lutar, mas eu iria encontrar uma razão para ele não desvanecer.

Eu ouvi Henry suspirar. Forçar silêncio era apenas machucar as coisas, então finalmente eu disse no meu travesseiro, — Por que você não me contou sobre James mais cedo?

— Porque eu pensei que você pudesse reagir deste jeito, e eu queria afastá-la dessa dor tanto quanto possível.

— Saber que é ele não machuca, — eu disse. — O que dói é que ninguém confia em mim com nada por aqui.

Eu senti sua mão em meu braço, mas isso durou apenas por um momento.

— Então eu farei o esforço de confiar em você com mais. Eu me desculpo.

Sua desculpa estava vazia aos meus ouvidos se ele realmente quis dizer isso ou não. — Se eu passar, as coisas vão mudar, certo? A vida não vai mais ser um grande jogo de mantenha longe da Kate? Porque se a resposta para isso for outra coisa além de um retumbante sim, eu não acho que eu posso fazer isso.

Ele acariciou a costa de sua mão contra minha bochecha, mas isso, também, durou apenas um segundo. — Sim, — ele disse. — Um retumbante sim. Não é que eu não confie em você agora. É apenas que existem algumas coisas que você simplesmente não pode saber ainda. Tão frustrante quanto isso possa parecer, prometo a você que isso é para o seu próprio bem.

Pelo meu próprio bem. Aparentemente essa era a desculpa padrão quando eles faziam alguma coisa que eu não gostava. — E Perséfone, — eu adicionei, grata que eu estava virada pra longe e não podia ver a dor que eu sabia estava nos olhos dele quando eu disse o nome dela. — Eu não sou ela, Henry. Eu não posso ser ela, e não posso passar a eternidade tentando viver por uma memória dela. Eu não sou ninguém para você agora mesmo, eu sei disso...

— Você é alguém, — ele disse com surpreendente força. — Não pense isso.

— Me deixe terminar. — Eu abracei meu travesseiro mais apertado. — Eu saquei que não sou ela e nunca serei. Eu não quero ser ela de qualquer modo, não com o quanto ela te machucou. Mas se isso funcionar, se eu passar, eu preciso saber que quando você olhar para mim, você irá ver a *mim,* não apenas a substituta dela. Que há mais nesse futuro para mim do que permanecer nas sombras enquanto você se revolve em lamaçal o resto de sua existência distante. Porque se James está certo e eu posso sair andando se eu quiser, e se você está fazendo isso sabendo completamente bem que passar metade do resto da eternidade comigo vai fazer você miserável não importa o que eu faça, então me diga agora que eu poupo a nós dois.

Os segundos passaram, e Henry esteve silencioso. Era injusto que ele estivesse tão disposto a jogar fora a eternidade quando havia outro lá fora, minha mãe incluída, quem queria viver, mas não podia. Enquanto eu encarava pelas janelas resolutamente, minha raiva se formou, mas além de gritar com ele antes de ele ter a chance de responder, eu não tinha liberação.

— Eu trouxe a você um presente.

Minha cabeça virou em direção a ele uma fração de polegada antes que eu pudesse me impedir. — Isso não é uma resposta.

— Sim, isso é, — ele disse, e eu podia ouvir seu pequeno sorriso em sua voz. — Eu não teria trazido a você alguma coisa assim se eu não quisesse que você ficasse.

Eu franzi. — Que tipo de presente é?

— Se você rolar, você verá.

Antes que eu tivesse a chance, algo cutucou meu ombro. Algo frio, úmido e muito vivo.

Girando ao redor, eu me sentei e encarei a bola de pêlos preta e branca sentada perto de mim na cama. Ele olhou para mim com seus olhos líquidos, seu pequeno rabinho sacudindo. Meu coração derreteu, toda minha raiva e frustração temporariamente esquecidas.

— Se eu não sentisse verdadeiramente que você poderia mudar as coisas, eu nunca teria arriscado sua vida para começar, — disse Henry.

— Eu sinto muito que você sinta que é ninguém para mim, Kate, por que o oposto é a verdade. E eu nunca poderia esperar que você fosse Perséfone, — ele adicionou aquele mesmo traço de dor em sua voz. —Você é você, e tão logo eu seja capaz, eu irei te contar tudo. Eu prometo.

Eu olhei para o filhote, muito temerosa de dizer alguma coisa e fazê-lo mudar de ideia. Ele era apenas como James, dizendo o que ele pensava que eu queria ouvir? Ou ele realmente queria dizer isso?

— Você perdeu um amigo hoje por causa de mim, e eu não quero que você fique solitária, — ele disse enquanto ele acariciava o filhote, e seu rabo bateu contra o colchão. — É de meu entendimento que não se obtém um bichinho de estimação com alguém se você não espera... — Ele hesitou. — Se você não deseja passar um pouco de tempo com essa pessoa no futuro.

Espera. Deseja. Qual deles ele realmente queria dizer?

Eu queria dizer a ele exatamente onde James podia enfiar sua tão chamada amizade, mas me levou um momento para lembrar como falar. Eu tinha passado minha infância inteira incomodando minha mãe por um filhote, mas ela tinha sempre batido o pé. Depois que ela tinha ficado doente, eu tinha desistido, incapaz de cuidar dela e do cachorro ao mesmo tempo. Como Henry tinha sabido isso? Ou tinha ele simplesmente adivinhado?

— Este é... Uma garota ou um garoto?

— Um garoto. — Os cantos de seus lábios se contorceram pra cima em um fraco sorriso. — Eu não desejo que Cerberus tenha nenhuma ideia.

Eu hesitei. — Ele é meu?

— Todo seu. Você pode até mesmo levá-lo com você na primavera, se você preferir.

Eu colhi o cachorrinho pra cima, embalando-o ao meu peito.

Se erguendo no meu braço, ele lambeu meu queixo, mal capaz de alcançar.

— Obrigada, — eu disse suavemente. — Isso é realmente muito legal da sua parte.

— É meu prazer, — disse Henry, se erguendo. — Eu irei deixá-la e permitir a vocês a chance de conhecerem um ao outro. Ele é completamente amigável, eu asseguro a você, e muito vivo. Ele ainda está aprendendo etiqueta, mas ele é um aluno ansioso.

O filhotinho pulou mais alto, conseguindo alcançar minha bochecha. Eu sorri, e enquanto Henry pôs sua mão na porta, eu disse, — Henry?

— Sim?

Eu pressionei meus lábios unidos, tentando vir com a combinação certa de palavras que o fariam querer ficar. Fazê-lo querer tentar por mais do que apenas

minha consideração. Nada veio, assim ao invés, depois de um momento que pareceu se esticar bem mais além do ponto da polidez, eu disse em uma voz pequena, — Por favor, não desista.

Quando ele finalmente respondeu, sua voz estava tão baixa que eu mal pude ouvi-lo. — Eu irei tentar.

— Por favor, — eu disse novamente, dessa vez urgentemente. — Depois de tudo que aconteceu... Você não pode. Eu sei que você sente falta dela, mas...

Silêncio se prolongou entre nós. — Mas o quê?

— Por favor, apenas me dê uma chance.

Ele desviou o olhar, e através da escassa luz eu vi seus ombros curvar, como se ele estivesse tentando se fazer tão pequeno quanto possível. — É claro, — ele disse, abrindo a porta.

— Durma bem.

Eu acariciei o topo da cabeça do meu filhote. Eu não queria que ele partisse. Eu queria jogar cartas ou conversar ou ler qualquer coisa que não o lembrasse de Perséfone. Depois da noite que ele tinha tido, ele merecia esse tanto. Nós dois merecíamos.

— Fique, — eu soltei. — Por favor.

Mas quando eu olhei para cima, ele já tinha ido.

CAPÍTULO 13
NATAL

Pelas várias semanas seguintes, meu tempo com Henry foi quase insuportável. Embora nós ainda passássemos nossas noites juntos, isso não era mais fácil, e cada conversa e contato acidental pareciam tensos. Ele nunca me olhava nos olhos, e o mais próximo que ficávamos do Natal, mais ele parecia se afastar. E quanto mais ele se afastava, mais eu queria arrancar meu cabelo fora e dizer a ele em termos inequívocos que ou ele mudava seu comportamento ou eu ia andar. O problema era que isso seria uma ameaça vazia e ele saberia. Pior, eu estava com medo de que ele me tomasse por ela.

— Eu não entendo, — eu disse, andando de um lado a outro da calçada. — Ele age como se não quisesse mais nada comigo.

Minha mãe e eu estávamos próximo do parquinho no Central Park, e apesar da espessa neve que rodeava a Mansão Éden enquanto o solstício de inverno chegava e a primeira metade de minha estadia estava acabada, era meados de verão aqui. À distância eu podia ouvir crianças gritando, mas eu estava muito focada no comportamento de Henry para me divertir.

— Por que você acha isso? — disse minha mãe. Ela sentou-se em um banco e me observou, parecendo completamente despreocupada.

— Eu não *sei,* — eu disse, frustrada. — E se ele realmente já decidiu? O que eu devo fazer então?

— Continue tentando até que você não tenha mais chances, — minha mãe disse. Havia um traço de aço na voz dela que me fez perguntar se ela realmente estava tão passiva sobre isso quanto ela aparentava. — E mesmo então, você continua tentando.

Eu enfiei minhas mãos em meus bolsos. Não era assim tão fácil e ela sabia disso. — James disse que nenhuma das garotas tinha sobrevivido depois do Natal, você acha que talvez seja por isso que ele está me evitando? Ele acha que eu vou cair morta a qualquer momento?

— Talvez, — ela disse. — Ou talvez ele tenha percebido que ele se importa com você, e está com medo de perder você também.

Eu bufei. — Sem chance disso. Ele nem mesmo olha pra mim. — Ela suspirou. — Você é quem está passando tempo com ele, Kate, não eu. Eu só posso me basear no que você me conta, e se Henry realmente está tão miserável quanto parece, então eu duvido que mais alguém vá empurrá-lo pra fora disso.

— E como você sugere que eu faça isso? — eu disse, não intencionando rebater, mas isso deslizou fora de todo modo. Eu imediatamente me senti culpada, e me aproximei em direção a ela. Ela se afastou mais, me dando espaço no banco, e eu sentei próximo a ela.

— De qualquer modo que você puder, — ela disse, empurrando um cacho de cabelo para fora de meus olhos. — Se você quer fazer isso por ele, então não será fácil. Não será fácil passar o resto dos testes, mas não será fácil dar a ele uma razão para continuar, também.

Eu franzi a testa, vasculhando minha mente pela enésima vez nas ultimas semanas, tentando surgir com alguma coisa, mas nada veio. Meu único flash de brilhantismo tinha ido para seu presente de Natal, e mesmo aquilo era um risco.

— Você está sendo cuidadosa não está? — minha mãe disse, preocupação gravada em suas feições. — Eu não quero que nada aconteça com você, e se o que ele diz é verdade e há um perigo lá fora...

— Eu estou bem, — eu disse. — De verdade. Ninguém tentou me apagar ainda, eu prometo. E se eu não posso convencer Henry de que vale a pena continuar, então eles podem muito bem me matar de todo jeito.

— Não fale desse jeito. Eu não me importo com o que acontece nos próximos três meses, mas você não irá desistir, você me entende?

Ela falou tão firmemente que isso me surpreendeu, e eu me endireitei no banco. — Eu não vou desistir, — eu disse. — Mas se Henry não sequer tentar, então ele irá morrer, e você... — E minha mãe iria morrer também. Eu sabia que isso era inevitável, mas eu não estava pronta para dizer adeus ainda. Eu ainda tinha mais três meses até o equinócio de primavera, e eu pretendia imergir em cada momento de nosso tempo juntas. Eu não ia deixar Henry entrar no caminho disso.

— Não importa o que aconteça comigo ou Henry, você continuará, — minha mãe disse, embora em uma voz mais gentil. — Nenhum de nós merece que você desista desse jeito, e se você fizer, você não será melhor do que Henry. Mas eu sei que você é, certo?

Eu assenti em silêncio. Se eu tivesse a força e certeza de minha mãe, eu estaria certa de que não seria tão difícil convencer Henry do mesmo. — Talvez você deva falar com ele. Aposto que ele iria ouvir você.

— Ele provavelmente iria. — Alguma coisa piscou em seus olhos, alguma coisa que eu não entendi. — Mas esse é seu trabalho, docinho, e eu sei que você pode fazer isso.

Era ou isso ou deixar todos ao meu redor morrerem. — Eu espero que você esteja certa.

Ela me deu um beijo estalado na bochecha. — Eu estou sempre certa.

Antes que qualquer uma de nós pudesse dizer outra palavra, o céu escureceu, e eu olhei para cima, confusa. Quando eu virei para minha mãe para perguntar o que estava acontecendo, ela tinha sumido, substituída pela última pessoa que eu queria ver.

James.

— O que diabos você está fazendo aqui? — eu pulei para os meus pés. — O que você fez com a minha mãe?

— Está tudo bem, — ele disse, se erguendo comigo. Eu me apressei pelo caminho, procurando pela minha mãe, mas ele facilmente me acompanhou.

— Kate, ouça. Sua mãe está segura. Eu quero conversar com você.

— Então você sequestrou o único tempo que eu consigo passar com minha mãe? — eu me virei ao redor, e ele parou em sua perseguição, centímetros de distância de mim. — Só porque você é algum tipo de deus não dá a você o direito de fazer isso. Eu disse a você para ficar longe de mim.

— Eu sei. — Ele enfiou suas mãos em seus bolsos, e o olhar em seu rosto era tão penoso que eu momentaneamente esqueci que ele era o cara mau. — Eu só preciso de alguns minutos, e prometo que tudo voltará ao normal. Por favor.

Eu suspirei irritada. — Certo. Você tem cinco minutos.

— Mais do que suficiente. — Ele sorriu, mas quando tudo que eu fiz foi encarar, seu sorriso lentamente se desfez. — Eu não sou quem está tentando matar você.

Eu pisquei, apanhada de surpresa. Essa era a última coisa que eu tinha esperado que ele falasse. — Você é a escolha mais lógica, — eu disse lentamente. — Negue tudo que você quiser, mas eu teria que ser estúpida para tomar a sua palavra sem um traço de prova.

Ele inclinou sua cabeça em um estranho, quase arcaico tipo de assentimento. Isso era um lembrete chocante de quem e o que ele era. — Eu não pediria a você. Mas se desejar, pode perguntar ao Henry. Eu nunca estive envolvido no processo de testes por razões obvias. Você é minha amiga, e eu nunca a machucaria.

— É por isso que sobrevivi tanto tempo? — eu disse irascível. — Por que nós somos amigos?

Sua expressão escureceu. — Eu disse a você, eu não sou o assassino. Você devia me conhecer bem o suficiente para isso.

— Ultimamente, parece que eu não conheço você afinal, — eu rebati, e ele pelo menos teve a decência de parecer acanhado.

— Você tem sobrevivido tanto porque todos tem tomado medidas extraordinárias para manter você segura, — ele disse. — Os guardas, as escoltas, os provadores de comida, você não tem ideia de quão perto você tem sido observada.

Um tremor correu abaixo pela minha coluna. — Depois de um século, vocês realmente não tem ideia de quem está fazendo isso? Eu pensei que deuses eram supostamente oniscientes.

Ele riu, mas era uma risada vazia. — Isso não seria legal? Isso teria resolvido uma série de problemas. Mas não, nós não somos. Nós temos seguido orientações, trocamos os empregados, interrogamos todos envolvidos, mas nada veio à tona. Henry até mesmo foi ao Submundo para entrevistar as garotas que foram assassinadas, mas elas nunca viram isso chegando.

Eu franzi a testa. Tão difícil quanto eu estar em perigo era para Henry, eu não podia imaginar quanto isso devia ter o machucado conversar com as garotas que tinham morrido por causa disso. Quem, ele indubitavelmente pensava que tinham morrido por causa dele.

— Então o quê? — eu disse exasperadamente para mascarar meu medo. — Se vocês caras não conseguem surgir com coisa alguma, não tem esperança que eu desvende isso, então por que você está me dizendo isso?

— Porque eu quero você segura, — ele disse. — Você não tem que confiar em mim para pelo menos ouvir o que eu estou dizendo e fazer o que tiver que fazer para se proteger. Henry cortou cada método que o assassino usou para atacar antes. Tudo isso significa que eles irão tentar alguma outra coisa. Henry sabe disso, nós todos sabemos isso, e você deveria também.

— Ótimo, — eu disse, rolando meus olhos. — Então ao invés de comida envenenada, eu devo ficar de olho por um enxame de abelhas assassinas? Uma bigorna prestes a cair na minha cabeça? O quê?

— Qualquer coisa, — ele disse. — Qualquer coisa fora do normal. E se você alguma vez suspeitar de alguma coisa, saia daqui, ok? Eu não ligo para quanto eles parecem gostar de você. Alguém naquele lugar quer você morta, e se quiser alguma chance de sobreviver, você não pode esquecer isso.

Eu não respondi. Eu tinha me ajustado a viver na Propriedade Éden, e enquanto não era perfeito, pelo menos eu não estava mais miserável. Mas o pensamento de que a pessoa que estava tentando me assassinar pudesse ser alguém que eu conhecia, e conhecia bem, sacudiu minha confiança mais do que eu queria admitir. Pela primeira vez, eu realmente entendi que não era apenas a vida de minha mãe e de Henry que estava em jogo. A minha estava também.

— Por que você está me dizendo isso? — eu disse quietamente enquanto trovões sacudiam o ar. — Se eu morrer, Henry irá desaparecer, e você irá conseguir o que quer.

Ele encarou o chão. — Não tudo.

Antes que eu pudesse contemplar se ele se referia a perder Henry ou perder a mim, o céu abriu, e pela primeira vez em meus sonhos, começou a chover intensamente.

— Prometa-me que ficará segura, — ele disse sobre a chuva. —Prometa-me que você não fará nada imprudente.

Eu assenti. Não importava quão desesperada eu estava para encontrar algum pequeno pedaço de felicidade nos resquícios de minha vida, eu não estava disposta a morrer por isso. Por minha mãe, sim; mas não por mim mesma.

— Obrigado, — ele disse, seus ombros caindo com alívio. — Eu verei você na primavera. E Kate?

Eu olhei para ele, silenciosa enquanto o parque começou a desvanecer.

— Eu sinto muito, — ele disse, e essa foi a última coisa que eu ouvi antes que a escuridão fechasse ao meu redor.

Embora eu ainda estivesse furiosa com James, quando eu acordei arfando sozinha na minha cama, não pude evitar pensar que enquanto eu estava lutando para salvas as vidas de minha mãe e de Henry, talvez tudo que James estava tentando fazer era lutar para salvar a minha.

O Natal era o único feriado que minha mãe e eu celebrávamos, e era sempre festivo. De volta em Nova York, nosso pequeno apartamento mal podia conter uma árvore, mas nós enfiávamos uma no canto da sala de estar de qualquer modo e gastávamos horas decorando-a. Um pequeno pedaço de natureza em uma selva de

metal, ela iria dizer enquanto nós permanecíamos em pé para admirar nossos esforços depois que tínhamos terminado.

As elevadas árvores de Natal espalhadas através da propriedade Éden faziam as árvores do nosso apartamento parecerem como raminhos.

Quase da noite para o dia elas pareceram surgir ao redor de toda a mansão, e por semanas o cheiro de cookies açucarados permaneceu nos corredores. Os empregados estavam tontos com excitação, e havia uma sensação de alegria no ar que eu não podia sacudir, mesmo nos meus dias ruins. Eu tinha esperado que eles celebrassem o solstício de inverno ao invés, mas Ella deixou claro que eles iriam celebrar o Natal por mim.

Não me escapou que nenhuma das outras garotas tinha sobrevivido depois do Natal, e apesar de quão zangada eu estava com James, eu fiz o esforço de nunca ficar sozinha. Mas o mais perto o Natal ficava, mais escasso Henry se tornava, e isso se tornou difícil.

Durante o outono, ele ocasionalmente me acompanhava ao redor da propriedade, mas agora o único momento em que eu o via era à noite. Mesmo então, as coisas estavam tão ruins como sempre, e apesar do conselho de minha mãe, pela minha vida, eu não podia descobrir como dar a ele o propósito de que ele precisava. Sobreviver ao Natal, eu esperava, mas não havia garantia que iria funcionar. Eu não me permiti considerar a possibilidade de que eu não podia conseguir.

Mas eu sabia que eu queria que ele tivesse um Natal feliz. O corpo inteiro de empregados deveria ter o jantar juntos, e enquanto aquilo era um bom começo, eu queria mostrar a ele o tipo de Natal que minha mãe e eu tínhamos juntas. Talvez se eu o convidasse a uma parte privada da minha vida, ele iria retornar o favor, ou pelo

menos não fazer mais cara feia para mim. E, egoistamente, eu não queria passar meu Natal sozinha.

No dia da véspera de Natal, uma árvore gigante apareceu no meu quarto enquanto eu estava tomando o café da manhã, juntamente com duas grandes caixas de decorações. Minhas aulas foram canceladas durante o feriado, assim eu arrastei Ava para o meu quarto para me ajudar antes de ficássemos prontas para o jantar. Quando Henry não estava por perto, ela era a única em quem eu confiava o suficiente para ficar sozinha por qualquer tempo. Depois de tudo, ela não tinha estado lá pelas outras garotas, e eu estava razoavelmente certa de que ela não ia tentar me matar por não aceitar a oferta de Henry no equinócio de outono.

Com o começo da tarde, contudo, eu estava começando a me arrepender de tê-la convidado.

— Se eu me atrasar pro meu encontro com Xander essa noite, eu estou pessoalmente culpando você, — Ava disse rabugenta enquanto ela puxava o cordão de pisca-pisca. Bem próximo, meu filhote, agora chamado Pogo, nos observava com interesse.

— Não puxe tão forte, — eu disse, saltando sobre uma pilha de ouropel para salvar as luzes da brutalidade de Ava. — Elas são delicadas. E você não vai se atrasar, eu pensei que você estivesse namorando o Theo?

— Não mais, — ela disse em uma voz cantarolante. — Eu voltei com Xander, e ele me convidou para o seu quarto para nossa própria festa particular ao invés do banquete.

Eu não questionei. — Aqui, me ajude com este. — Eu ofereci a ela uma das pontas do cordão de pisca-piscas e habilidosamente desfiz o nó. — Agora vá ao redor para a parte detrás, não pise nos ornamentos! Sim, bem desse jeito.

Ela segurou firme enquanto eu arrumava as luzes, embora eu tinha que usar um gancho para decorar os galhos mais altos. — o que você e Henry vão fazer essa noite, aliás?

— Meu segredo, — eu disse, e quando eu andei ao redor para ver a cara dela, eu rolei meus olhos. — Não aquilo. O que você e Xander vão fazer?

— *Aquilo.* — Ela me deu um olhar malicioso, e eu franzi o cenho.

— O que? eu estou morta. Não é como se importasse mais.

— Não bagunce com eles, Ava. — Eu me abaixei para apanhar alguns ornamentos delicados de vidro e ignorei a imagem de Henry e Perséfone que surgiu a frente da minha mente. Eu precisava acreditar que Ava não ia fazer aquilo com alguém que ela amava.

— Eu quis dizer isso. Isso não é um jogo. Henry não reage bem às pessoas bagunçando por aí desse jeito, e a última coisa que você quer é irritá-lo. Por favor. Por mim. — Eu já estava oscilando a beira do fracasso como isso estava. — Aqui, pegue alguns destes.

Ava pegou os ornamentos e começou a pendurá-los aleatoriamente, amontoando-os juntos ou colocando-os em galhos que pendiam perigosamente com o peso adicionado. Eu fiz uma careta e comecei a rearrumá-los. Nós continuamos desse modo por alguns minutos, até finalmente Ava girar ao redor para me enfrentar. Surpresa, eu derrubei o ornamento que eu estava segurando, e ele aterrissou no pedaço de carpete que eu tinha posto embaixo para exatamente essa razão.

— Você me acha uma vadia, não acha?

— O que? — eu disse, assimilando suas bochechas coradas e olhos vermelhos. Ela estava a segundos de chorar. — por que você acha que eu penso isso?

— Por que. — Ela virou-se de volta para pendurar os ornamentos, sacudindo a árvore inteira enquanto ela puxava. Depois que outro enfeite caiu, ela sentou-se no chão pesadamente. — Eu acho que Xander só gosta de mim porque eu irei dormir com ele.

— Por que você acha isso? — eu disse cuidadosamente enquanto ajoelhava do lado dela. Haviam boas chances de que ela estivesse certa, mas não significava que era a única razão. Exceto por Henry, todos os caras a olhavam onde quer que ela fosse, então eu não sei o que mais ela tinha estado esperando.

— Eu não sei, — ela disse. — Ele nunca conversa comigo. Ele fala comigo ou me mostra coisas ou me beija, mas se eu não durmo com ele, ele de repente encontra outras coisas para fazer. Ou ele tenta me fazer ciúmes com outras garotas.

— Então ele é um idiota, — eu disse categoricamente. — E você ficará melhor sem ele.

Ela fungou. — Você acha?

— Yeah, eu acho. — Eu pausei. — E sobre Theo? Ele era legal, não era?

Ava rolou seus olhos. — Ele era tão protetor, era como se ele nunca me deixasse respirar. Mas yeah, — ela adicionou suavemente, — Ele era legal. Sensível, mas legal.

— Então porque você não termina com Xander? — eu disse. — Especialmente se você vai ficar mais feliz sem ele.

— Mas eu não seria — Ela olhou para mim cheia de lágrimas. — É solitário aqui, Kate, você sabe disso. Você está ocupada o tempo todo, e Ella não gosta de mim, e eu não gosto de Calliope, e se eu não tenho Xander, quem mais eu posso ter?

Eu tentei pensar nas palavras certas para dizer, mas nada surgiu. Ava estava tão sozinha aqui quanto eu estava, e enquanto nos tínhamos uma à outra, mais ou menos,

ela tinha sofrido tanta perda quanto eu tinha quando ela tinha morrido. Ela tinha perdido seus pais, e mesmo embora estivesse escondendo isso bem, eram momentos como esse que me lembravam disso.

— Eu sinto muito, — eu disse, abraçando-a. — mesmo se eu estou ocupada às vezes, eu sempre estou aqui por você, e você sempre terá a mim. Eu prometo. Apenas seja cuidadosa, ok?

Ela não reagiu por vários segundos, mas quando ela o fez, ela enterrou seu rosto na curva do meu pescoço e enrolou seus braços ao meu redor. Seus ombros sacudiam e sua respiração vinha em arfadas enquanto ela começou a chorar copiosamente, e eu afaguei suas costas tão suavemente quanto eu podia, desejando que eu fosse melhor nesse tipo de coisas. Ninguém que eu tinha conhecido em Nova York tinha perdido a compostura desse jeito na minha frente.

Mas isso pareceu ajudar, assim fiquei imóvel, esperando-a se recuperar.

Finalmente ela afrouxou seu aperto e puxou-se para trás o suficiente para olhar para mim. Quando eu vi o beicinho em sua feição, eu soube que o pior já havia passado.

— Como nos podemos ser amigas quando você nem mesmo me deixa te ensinar como nadar? — ela disse, delicadamente limpando seus olhos.

— Isso não funciona comigo, Ava, — eu avisei. — Eu não me importo em quanta prática você tem com seus namorados.

Seus ombros despencaram de novo, e eu suspirei.

— Eu não quero aprender a nadar, não porque eu não gosto de você ou quero passar tempo com você, mas porque eu tenho medo de água. Não é uma coisa fácil para eu pular nisso e aprender, ok?

Seus olhos se abriram. — Você tem medo da água? Jura por Deus que tem medo?

Ela estava determinada a deixar isso tão embaraçoso quanto possível. — Aterrorizada, — eu disse. — Quando eu tinha quatro ou cinco anos, eu pensei que seria divertido nadar no lago do Central Park, e eu pulei e afundei como uma pedra. Minha mãe teve que pular e me salvar. Desde então, eu não consigo nem tentar.

Falar sobre minha mãe tão casualmente fez minha garganta apertar, mas sortudamente Ava não pareceu perceber. Ao invés, ela me olhou calculadamente, e eu sabia que estava em problemas.

— Te digo o que, — ela disse, se endireitando. — Quando o clima ficar mais quente, eu te ensinarei como nadar, e você pode… Eu não sei. Eu vou te dever um enorme favor, que você acha disso?

— Não há nada que você possa possivelmente me oferecer que iria me fazer voluntariamente entrar na água. — Eu me ergui novamente e apanhei os ornamentos. Havia apenas alguns poucos sobrando, e aninhada debaixo estava uma pequena, caixa em formato de coração enrolada em delicado papel de seda cor de rosa. Em um a etiqueta com escrita florida estava escrito meu nome. Franzindo, eu a apanhei. — É seu?

Ava a olhou. — Não. Onde você a encontrou?

— Com os enfeites de natal. — Eu desfiz o laço, mas Ava o arrancou da minha mão. — Eei...

— Não toque isso, — ela disse, colocando-a na cama como se fosse uma bomba prestes a explodir. — Você não sabe de quem veio.

Irritada, eu virei de volta para os ornamentos. — É um presente de Natal, Ava. Já ouviu falar deles? — O aviso de James soou em minha cabeça, mas tudo o que eu

tentei fazer foi desenrolar isso. Eu não era estúpida o bastante para comer alguma coisa ou usar sem saber de onde veio. Além disso, talvez houvesse um cartão assinado dentro. — O seu está debaixo da cama, se você quiser.

Ela se enfiou debaixo da cama e puxou fora uma caixa de joias enrolada em azul com seu nome escrito nela. Eu a observei abri-la e revelar brincos de argola dourados dentro, mas enquanto ela fazia um esforço para parecer animada, seus olhos ficavam faiscando em direção ao meu presente inesperado.

— Obrigada, — ela disse, colocando-as. — Elas são lindas.

— De nada. — Eu andei em direção à cama. — Sério, Ava, é só um presente. Eu tenho certeza que não vai tentar me morder ou...

— Pare.

A voz de Henry cortou através do quarto, e minha mão congelou polegadas de distância do papel de embrulho cor de rosa. Ele estava emoldurado na porta, meia dúzia de guardas atrás dele, cada um com armas em suas mãos. Poder irradiava dele em ondas, e a temperatura caiu tão baixa que eu acho que eu podia enxergar minha respiração. Pela primeira vez eu entendi porque todos pareciam manter uma respeitosa distância dele, especialmente quando ele estava zangado. Eu engoli minha incerteza. — É um presente...

— Kate, — disse Henry friamente. — Se afaste.

Eu fiz como ele disse, mas eu não estava feliz sobre isso. Cruzando meus braços sobre meu peito, eu observei enquanto ele pegava o presente. Uma bolha brilhante se formou, enclausurando-o completamente, e minha boca caiu aberta.

— Como você...

— Eu preciso abri-lo, — ele disse. — Este é o modo mais seguro.

Sem nada para guia-la, a tampa se ergueu da caixa.

Aninhada dentro estava uma coleção de chocolates, cada um deles de uma cor e formato diferente. Um deles com uma flor lilás se ergueu acima dos outros, e se quebrou em duas partes.

Ao invés de recheio de nozes ou morango, havia um líquido verde dentro, e enquanto ele gotejava no papel de embrulho cor de rosa, ele fez um som de chiado que eu pude ouvir de vários passos de distância.

— Cancele o jantar, — disse Henry para os guardas. — Tenha certeza que todos estejam em seus quartos. Eu quero uma busca completa na mansão.

Levou-me um momento para recuperar minha habilidade de falar, e quando eu consegui, minha voz saiu mais como um grasnido. — Você não pode cancelar o jantar de Natal.

— Eu posso, e eu vou, — ele disse. — E você vai ficar no seu quarto esta noite, você entende?

Se eu entendi? Ele estava louco?

— Eu ficarei no meu quarto sob duas condições, — eu disse firmemente. — Uma, depois que você tiver terminado a busca pela mansão, você deixa todos terem o jantar de Natal. Deve haver tempo de sobra para as duas coisas.

A boca dele se contorceu em aborrecimento, mas ele assentiu.

— Muito bem. Sua segunda condição?

Eu hesitei. Havia mais em jogo do que um feriado feliz, e se ele rejeitasse isso, mas eu tinha que pelo menos tentar.

— Duas, você passa a noite comigo. E aproveita tanto quanto você puder. E, — eu adicionei, — para de agir tão malditamente ranzinza o tempo todo. Isso está me dando nos nervos.

Ele não respondeu por alguns momentos, e quando ele o fez, ele simplesmente assentiu de novo. Mas por um mero segundo, eu pensei ter visto o mero traço de um sorriso. — Eu estarei aqui depois que a mansão estiver segura. Nesse meio tempo, não abra nenhum pacote estranho.

Enquanto ele andava para a porta, ele gesticulou para Ava seguir. Dando de ombros desculpando-se, ela tocou seus novos brincos e piscou antes de seguir atrás dele, me deixando sozinha em minha suíte. Eu suspirei e desabei na cama, tentando não pensar em quanto tempo iria tomar a eles para vasculhar a mansão, ou como Ava suspeitou do presente envenenado em primeiro lugar.

Eu gastei o resto da noite decorando meu quarto em ordem de manter minha mente fora do que tinha acontecido. Com as luzes baixas e fracas, a árvore parecia magnífica, e eu tinha até mesmo conseguido por uma estrela no topo. Mas a melhor parte era as fileiras de pisca-pisca esticadas através do meu quarto, e enquanto eu andava através dele, eu podia ver as cores refletidas na minha pele. Até mesmo cheirava como cookies açucarados, e tudo o que estava faltando era música.

Pela hora que eu tinha terminado, eu estava convencida de que Henry não ia aparecer. Estava escuro do lado de fora e tão tarde que meu estômago estava roncando, e não importava quantas vezes eu perguntava aos meus guardas, ninguém parecia estar disposto a me dizer quando ele estaria vindo.

Esperando passar meu Natal sozinha, eu troquei para meu pijamas e construí um amontoado de travesseiros e cobertores no meio do chão. Enquanto eu me sentava, no entanto, eu ouvi a porta abrir. Henry adentrou, carregando uma bandeja de prata cheia de comida saborosa, e Cerberus e Pogo estavam animados em seus calcanhares. Silenciosamente ele me ofereceu uma xícara de chocolate quente.

Eu peguei a caneca dele e beberiquei, localizando o que parecia baklava[19] na bandeja. Cheirava exatamente como minha mãe costumava fazê-los, e minha boca se encheu de água.

— Como você perdeu o jantar, eu pensei que podia estar com fome. — Seu tom era dolorosamente neutro, como se ele estivesse fazendo cada esforço para ser educado, e ele olhou incerto para minha pilha improvisada de cobertores. — Tem lugar para mais um?

— De sobra, — eu disse, tentando soar convidativa. — Se sentar no chão não for do seu feitio, você pode puxar uma cadeira. Funciona quase tão bem.

Depois de hesitar, ele sentou no chão perto de mim, e eu me afastei para dar espaço. Ele se moveu ao redor, parecendo desconcertado, mas finalmente ele se assentou.

— Você e sua mãe fazem isso todo ano? — disse Henry. — Juntam seus travesseiros e observam as luzes?

— Geralmente. — Eu tomei um gole do meu chocolate. — Ela tem estado no hospital pelo Natal nos últimos três anos, mas nós sempre fazemos. Você encontrou alguma coisa durante a busca na mansão?

— Não, — ele disse. — Mas os empregados tiveram suas festividades, como prometido.

Eu assenti, e Henry estava silencioso e tenso do meu lado.

[19] A baklava ou baclava é um tipo de pastel elaborado com uma pasta de nozes trituradas, envolvida em massa filo e banhada em xarope ou mel, existindo variedades que incorporam pistachios, avelãs e sementes de sésamo, papoila ou outros grãos. Pode encontrar-se, com diferentes nomes, na gastronomia do Médio Oriente, do subcontinente indiano e dos Bálcãs. É geralmente servida como sobremesa nos países que fizeram parte do antigo Império Otomano, sendo um dos pratos nacionais da Turquia.

Mas pelo menos ele estava aqui. Eu encarei a árvore até que as luzes queimaram dentro de meus olhos, e quando eu desviei a vista, eu podia ainda ver o padrão de cores. — Como é estar morto?

Eu corei quando eu percebi o que eu tinha soltado para fora, e o modo como ele não respondeu logo apenas fez isso pior. — Eu não saberia, — ele finalmente disse. — Eu não sei como é estar vivo, também.

Eu pressionei meus lábios juntos. Certo. Fico esquecendo isso.

— Mas se você preferir, — ele disse, — Eu poderia contar a você sobre a morte.

Eu olhei para ele. — Qual a diferença?

— Morte é o processo de morrer. Estar morto é o que acontece depois que a morte ocorreu.

— Oh. — Eu tinha propositadamente ignorado pensamentos sobre minha mãe de fato morrendo, se isso teria sido doloroso, se havia uma luz brilhante, ou se ela estaria sequer ciente disto. Mas Henry não estaria especulando. — Por favor?

Ele tentativamente esticou seu braço, e para minha surpresa, ele o colocou ao redor de meus ombros. Ele ainda estava rígido, mas esse era o maior contato que nos tínhamos tido em semanas.

— Não é tão mal quanto os mortais tendem a pensar. É muito parecido com ir dormir, ou assim me foi dito. Mesmo quando um ferimento causa dor, é muito breve.

— O que... — eu engoli em seco. — O que acontece depois da parte que se vai dormir? Existe uma... Uma luz brilhante?

Henry pelo menos teve a graciosidade de não rir. — Não, não existe luz branca. Existem portais, contudo, — ele adicionou, me dando um olhar significante. O que quer que ele estivesse tentando me fazer entender não penetrou, entretanto, e ele desistiu e me contou. — Os portões da frente da propriedade.

Eu pisquei. — Oh. — E então pensei a respeito disso. — *Oh.* Você quer dizer esta...

— Algumas vezes, quando eles podem ser úteis, — ele disse. — A vasta maioria do tempo, eles são enviados para o além.

— O que é o além?

— O Submundo, onde as almas ficam pela eternidade.

— Existe um paraíso então?

Seus dedos lentamente envolveram-se ao redor de meu braço nu, e eu automaticamente me inclinei contra ele. Talvez minha mãe tivesse estado certa, talvez ele tivesse estado tão distante porque ele estava com medo de que eu não fosse passar do Natal. Ou talvez ele estivesse apenas tentando me confortar. De qualquer modo, o contato era quente, e eu ansiava por isso.

— Inicialmente existiam muitas crenças diferentes, assim o reino era indefinido, — ele disse, sua voz ganhando um tom clinico. — Então vieram religiões mais substanciais, e com isso formou o Tártaro e os Campos Elíseos, junto com outros. Dai em diante, enquanto religiões cresceram… — Ele pausou, como se escolhendo suas palavras muito cuidadosamente. — O pós-vida é o que quer que uma alma deseje ou acredite que seja.

As infinitas possibilidades nadaram através da minha mente, me deixando tonta. — Isso não fica complicado?

— Fica sim. — Dessa vez ele sorriu de volta. — Que é o porquê eu não posso governar sozinho. James tem estado me ajudando temporariamente.

Meu humor imediatamente se tornou azedo. — Se você não pode governar sozinho, então como ele deveria se você desvanecer?

Henry se moveu, e por um momento eu estava com medo de que ele fosse se afastar. Eu pus minha mão sobre a dele, e ele enrijeceu. — Eu não sei. Se isso chegar a tanto, isso não será mais minha preocupação. Dado como ele tem agido sobre você, eu iria especular que ele intenciona pedir a você, mas uma vez que o conselho vota, será definitivo. Se você não passar por mim, você não irá passar por ele.

A possibilidade de James gostar de mim o suficiente para me propor pela eternidade bem como Henry estava oferecendo nunca tinha me ocorrido, e eu tomei uma respiração, tentando evitar me remexer inquieta. Henry não estava necessariamente certo, James e eu somos apenas amigos, se mesmo isso tanto. Ele sabia disso. Eles dois sabiam.

— O que eu iria fazer? Eu quero dizer, se eu passar, como isso funciona?

— É um trabalho, como a maioria dos outros, — Henry disse, e eu podia ver as luzes da árvore refletidas em seus olhos. — A maior parte disto é tomar decisões em disputas, ou quando uma alma está indecisa, nos ajudamos elas a chegarem a um entendimento maior. Nós não interferimos a menos que a alma acredite que será julgada.

— E o que acontece a elas? — eu disse, tentando lembrar o que minha mãe era. Metodista? Luterana? Presbiteriana? Isso iria importar?

— Isso depende somente da estrutura de suas crenças, — Henry disse. — Se eles acreditam que eles irão andar por ai na forma humana, então isso é o que ocorre. Se eles acreditam que eles serão nada mais do que uma bola de calor e luz, então será isso.

— E se o que eles acreditam e o que eles querem são duas coisas diferentes?

— Nessa nós também entramos.

Eu fiquei em silêncio. A perspectiva de passar o resto do para sempre governando sobre os mortos parecia impossível, como uma coisa distante que eu nunca iria alcançar, e eu não estava tão certa se queria. Eu não estava fazendo isso pelo emprego ou mesmo pela imortalidade. Depois de ver Henry, eu não podia imaginar quão solitária a eternidade podia ser, e eu não estava ansiando pela experiência disso.

— E se eu não puder lidar com isso? — eu disse. — E se eu falhar miseravelmente e você tiver que encontrar mais alguém?

Levou um longo momento antes de ele responder. — É para isso que servem os testes. Eu já fiz minha parte escolhendo você, e eu acredito que você seja capaz de lidar com isso. Meus irmãos e irmãs testam você porque com essa tarefa vem uma grande carga de responsabilidade, e não há espaço para erro. Se você não pode fazer isso, então você não irá fazer isso. É simples.

Não havia nada de simples sobre isso, mas eu não podia focar no que iria acontecer depois enquanto eu ainda tinha que passar pela primavera. Mesmo se eu passasse todos os testes, se o conselho não gostasse de mim, toda essa especulação seria inútil. Eu realmente já tinha um voto contra mim com James. Se eles precisassem de unanimidade na decisão, isso já estava realmente perdido.

— Henry? — eu disse quietamente. Ele encarou direto para árvore. — Você sabe que eu quero passar, certo?

— Eu conclui isso, sim, dado que você ainda está aqui.

Eu ignorei seu sarcasmo. Sua mão estava morna debaixo da minha, e eu a apertei. — Não é só pela minha mãe. É também por sua causa. Eu sei que você vem tentando por um grande tempo, e eu sei que eu sou apenas outra garota boba tentando

ajudar, e sei que você acha que eu vou falhar, mas... Eu gosto de você, Henry, e eu estou fazendo isso por você, também, ok? Eu não quero que você desvaneça.

Mesmo embora ele não estivesse olhando para mim, eu podia ver seus lábios se contorcerem em um sorriso sem humor. — Você nunca poderia ser apenas outra garotinha boba, — ele disse. — Eu não desejo influenciar você ou deixar isso mais difícil para você do que já deve ser, mas não pense que eu não me importo sobre o que acontece com você, Kate. Talvez seja impossível que alguém tome o lugar de Perséfone, mas se este for o caso, isto exclui você do fracasso, mas se alguém é capaz disso, eu estou certo de que é você.

— Então, por favor, não desista, — eu disse. —Eu nunca serei Perséfone, e eu sei disto, mas nós podemos ser amigos. E você não teria mais que ficar sozinho.

Henry desviou o olhar, escondendo seu rosto completamente de minha visão. Mas quando ele falou, sua voz estava apertada, como se estivesse lutando para mantê-la firme.

— Eu iria gostar bastante disso, — ele disse, e eu soltei a respiração que eu não tinha percebido que tinha estado segurando e me retorci fora de seu aperto. Ele não olhou para mim, mas ele pós sua mão de volta em seu colo.

— Eu posso te dar meu presente agora? — eu disse. — Eu prometo que não esta envenenado.

Ele recompensou minha piada sem gosto com um meio sorriso torto. Eu me desenrolei dos cobertores, enfiei-me debaixo da minha cama e retirei um largo pacote enrolado em dourado, e carreguei-o até ele. Para minha surpresa, havia um presente onde eu tinha estado sentada momentos antes.

— Seu presente, — ele disse. — Também não envenenado.

— Obrigada, — eu disse. Eu me sentei e dei a ele o dele, mas ele o colocou de lado enquanto me observava abrir o meu. Eu empurrei o papel de embrulho prateado, revelando uma caixa plana.

Semicerrando os olhos na luz baixa, eu abri a tampa e afastei o papel de seda, expondo uma foto preto e branca emoldurada.

Eu congelei. Era minha fotografia favorita de minha mãe eu, de quando eu tinha sete anos de idade. Nós estávamos no meio do Central Park no meu aniversário, o ponto exato onde nós nos encontramos todas as noites em meus sonhos, e nós estávamos espalhadas em um completo piquenique, apenas para tê-lo arruinado por um enorme cachorro que se soltou de seu dono. As únicas coisas que tinham sobrevivido foram os cupcakes que eu tinha ajudado a fazer.

Na fotografia, nós sentávamos no meio da bagunça que tinha sido o nosso almoço, cada uma segurando um cupcake. Chocolate com cobertura roxa, eu lembrei, um sorriso puxando em meus lábios.

Ela tinha seus braços ao meu redor, e enquanto nós duas estávamos ambas sorrindo, nós não estávamos olhando para a câmera. O dono do cachorro tinha tirado várias fotos nossas para compensar por arruinar nosso piquenique, e no final, está tinha sido a escolhida que tinha passado os últimos onze anos emoldurada na minha mesa de cabeceira.

Mas enquanto eu a encarava, eu percebi que não era a mesma. Esta tinha uma profundidade nela, como à gravura no quarto de Perséfone. Uma reflexão, Henry tinha chamado isso, mas diferente da dele e Perséfone, esta não era uma esperança ou um desejo. Esta era real.

Eu limpei meus olhos com a costa de minha mão. — Henry, eu não...

Ele ergueu sua mão, e eu cai em silêncio. — Não até que eu tenha aberto o seu também.

Eu esperei, minha visão borrada, enquanto ele desenrolava a larga caixa. Tinha me levado quatro tentativas para conseguir enrolar direito.

Erguendo a tampa, ele pausou. — O que é isso? — ele disse, confuso enquanto examinava o cobertor que eu tinha meticulosamente decorado. Eu tinha recusado deixar mais alguém me ajudar, mesmo embora eu soubesse que assim me levaria dias ao invés de semanas como levou.

— É o céu de noite, — eu disse, abraçando minha fotografia ao meu peito. — Vê os pontos? Eles são estrelas. Eu lembrei o que você disse sobre as estrelas se moverem. Você disse que elas estavam diferentes quando você conheceu Perséfone, e assim é como elas estão agora. Quando você me conheceu.

Henry estudou as constelações que eu tinha meticulosamente arrumado no cobertor, e ele gentilmente roçou seus dedos sobre uma que eu reconheci como the Maiden. Virgo. Kore.[200]

— Obrigado. — Ele olhou para mim com olhos feitos de luz lunar, e alguma coisa tinha mudado. A barreira que tinha estado lá todo o tempo tinha desaparecido, e por um momento ele quase pareceu uma pessoa diferente. — Por tudo. Eu nunca tinha recebido tão maravilhoso presente.

Eu ergui uma sobrancelha. — Eu não estou tão certa se eu acredito nisso.

— Você deveria. — Ele continuou a correr sua mão através do tecido. — Tem sido um muito longo tempo desde que eu tinha recebido um presente tão extraordinário como você.

[20] A constelação de Virgem Conhecida também como Koré que é o nome de Perséfone antes do rapto por Hades e significa simplesmente "donzela".

Incapaz de desviar o olhar, eu o encarei, absorvendo cada detalhe de seu rosto. Com a barreira desaparecida, era quase como se eu pudesse ver quem ele era por debaixo, alguém gentil, solitário e assustado, que queria nada mais do que ser amado. — Eu posso tentar uma coisa? — eu disse. — Se você não gostar, eu irei parar.

Ele assentiu, e eu tomei uma profunda respiração, tentando evitar meu estômago de fazer mortais. Juntando toda coragem que eu podia encontrar, eu me inclinei adiante e pressionei meus lábios aos dele castamente. Eu tinha beijado apenas alguns poucos garotos em minha vida, e isto parecia pouco familiar, mas não esquisito. Agradável, eu pensei. Este parecia agradável.

Ele parecia surpreso, mas ele não resistiu. Foram uns dolorosos segundos, mas finalmente ele relaxou e me beijou de volta, sua mão cobrindo meu pescoço. O calor de sua pele contra a minha era quase insuportavelmente quente.

Eu não sei quanto tempo durou antes que eu me forcei a me separar. Enquanto eu tomava minha respiração, eu observei Henry cautelosamente, com medo de que ele fosse fugir. Ele sentou imóvel, sua expressão em branco, e finalmente eu não podia ficar mais em silêncio.

— Isso... — eu hesitei e ofereci a ele um sorriso. — Eu gostei disso. Muito.

Depois do que pareceram eras, ele retornou meu sorriso com um próprio seu pequeno. — Assim como eu.

Nervosamente eu o alcancei para enroscar meus dedos com os seus, olhando abaixo para nossas mãos ao invés de diretamente a ele. Os meus tão pequenos que pareciam perdidos nos dele. — Henry? Não leve isso para o lado ruim...

Eu pude sentir ele se retesar, e eu imediatamente me senti culpada, embora eu tenha feito um esforço para mascarar isso com um olhar brincalhão.

— Deixe-me terminar, — eu disse. — Não leve isso para o lado ruim, mas desde que é Natal e tudo… Você ficaria comigo esta noite?

Seus olhos se alargaram uma fração de uma polegada, e eu rapidamente sacudi minha cabeça, minhas bochechas corando com embaraço.

— Não desse *jeito*. Você tem que merecer aquilo, e isso custa mais do que apenas uma fotografia, você sabe. — Minha fraca tentativa de piada conseguiu quebrar a tensão o suficiente para ele dar um sorriso de desculpas. — Mas você poderia apenas… Ficar por hoje à noite?

Vários segundos se passaram, e eu mentalmente me chutei por perguntar como eu tinha, como se eu fosse alguma adolescente hormonal que só queria *aquilo*. Mas eu não queria *aquilo* mesmo. Eu queria sua companhia. Ele me fazia feliz, e esta noite de todas as noites, eu não queria ficar sozinha. Acima de tudo, eu não queria que ele ficasse também.

— Sim, — ele disse. — Eu irei ficar.

Nada aconteceu.

Nós passamos o resto da noite conversando e observando as luzes na árvore. Quando chegou a hora de dormir, eu me curvei próxima a ele e desavergonhadamente usei seu peito como travesseiro, mas foi isso.

Eu não o beijei de novo, muito contente para arriscar bagunçar as coisas. Ele não merecia ser pressionado desse jeito, e enquanto tomar o próximo passo abriu uma completa nova série de portas, por agora eu queria apreciar sua companhia. Nós dois merecíamos desfrutar do Natal, do que remexer através de um monte de momentos embaraçosos.

Minha mãe e eu andamos através do Central Park, a bruma da cidade no verão posicionando-se baixo em nós. Ela parecia contente enquanto eu recontava o que

tinha acontecido entre Henry e eu, e ela me abraçou quando contei a ela que eu o tinha beijado.

— Essa é minha garota, — ela disse, soando mais feliz do que ela tinha estado em eras.

Nós passamos nosso último Natal juntas comendo sorvete e passeando através dos jardins no sol quente de verão, e ela apontou os tipos de flores que cresciam selvagens.

Ela nunca tirou seu braço de meus ombros, e quando eu me senti começar acordar, eu desejei a ela um Feliz Natal pela última vez.

Meu contentamento não durou muito, no entanto. A primeira coisa que eu ouvi quando acordei foi a batida na minha porta.

Confusa, eu sentei, meu cabelo despontando em cada direção, e eu corri meus dedos através dele enquanto Henry se levantava e andava em direção à porta.

Naquele momento, eu o odiei. Ele parecia impecável, nem um cabelo fora de lugar, e ele se moveu tão graciosamente como sempre. Enquanto isso, eu estaria pagando o preço por dormir no piso pelo resto do dia.

— Sim? — ele disse, abrindo a porta. Para minha surpresa, Ella arremeteu-se dentro, seguida de perto por Calliope. Ella estava chorando, seu rosto vermelho beterraba, e Calliope parecia derrotada com seus ombros caídos e seu rosto contraído.

— Eu quero ela fora! — gritou Ella furiosamente, olhando atrás e adiante entre Henry e eu.

— Isso é um pedido, — Henry disse, movendo-se de volta em direção ao ninho de travesseiros e cobertores no chão, — ou uma demanda?

— Ela o machucou! — Ella disse, agora focalizando em Henry. — Ela o machucou, e ele tentou encontra-la, e agora...

— Espere, quem? — eu disse enquanto lutava para ficar em meus pés. — O que está acontecendo?

Ella dissolveu-se em lágrimas. Agora parado próximo a mim, Henry olhou expectativamente para Calliope. Ela encarou o chão, não encontrando seu olhar.

— Ava, — ela disse. — Ela passou a noite com Xander, e esta manhã Theo os encontrou. Eles lutaram e...

Henry se retesou, e meu sangue correu frio. — E? — ele disse.

— Xander passou para o Além.

CAPÍTULO 14
JULGAMENTO

Ava sentava-se encolhida no canto de seu aposento sem nem ao menos um arranhão, mas na cama, restos sangrentos eram tudo o que foi deixado do corpo de Xander. Um pútrido mau cheiro preenchia o quarto, e eu fechei minha mão sobre meu nariz, mas isso não pareceu incomodar Henry enquanto ele examinava o corpo.

Ella e Calliope não vieram conosco, optando ao invés por ficarem em uma ala separada da mansão com Theo. Ele estava ferido, mas não era fatal, ao contrario do que Calliope tinha descrito. Vê-lo podia esperar.

Aparentemente para as pessoas morando na Mansão Éden, passar para o Além era o mesmo que morrer no mundo lá fora. Isso era tão definitivo para eles como era para os vivos, nunca conseguindo ver seus amados de novo até que eles passassem para o Além também. Xander se foi, perdido para o Submundo, e a única pessoa que podia encontrá-lo agora era Henry. Eu lutei com o conhecimento de que isso não era o verdadeiro fim das coisas, que eu podia perder Ava tudo de novo, junto com todos que eu tinha me amparado desde Setembro, e desta vez eles não iam reaparecer. Esta morte era o passo final para as pessoas na propriedade Éden; desta vez não haveria intermeio para Xander. Apesar do vazio doloroso deixado pela perda de Xander na mansão, eu tomei uma pequena quantidade de conforto no conhecimento de que este lugar ainda era parte do mundo que eu entendia. Uma faca nas costas significava sangue, e sangue demais significava morte.

— Ava? — eu disse enquanto aproximava-me dela. Ela parecia um animal assustado, pronto para fugir ao menor movimento.

— Eu não queria isso, — ela sussurrou, lágrimas escorrendo por seu rosto. Havia traços de sangue debaixo de seus olhos onde ela devia ter limpado suas bochechas. — Eu... Eu pensei que ele não queria mais me ver de novo, e Xander estava bem ali, e eu....

— Está tudo bem, — eu disse, embora estivesse qualquer coisa exceto bem. Eu estava enjoada e mal podia evitar vomitar pela visão de toda a carnificina, mas eu virei pra longe disso, focalizando em Ava. — Nós devíamos limpar você.

Eu a ajudei ao banheiro enquanto Henry continuou sua inspeção. Uma vez que tive certeza de que ela não ia desmaiar, eu encontrei um roupão para vestir e me ocupei lavando o sangue da pele dela e fora de seu cabelo. Nós duas estávamos quietas. Eu não queria saber os detalhes, e ela estava muito abalada para dizer qualquer coisa. Pelo momento quando ela estava seca, eu pus minha cabeça no quarto, desviando meus olhos da terrível cena na cama.

— O que você quer que eu faça com ela? — eu disse.

Henry não tinha se movido desde que eu tinha saído. — Os guardas irão escoltá-la para outro quarto, onde ela irá ficar até que seja decidido se ela merece uma punição.

Eu empalideci. — Isso é... Isso é outro teste?

Ele estava do meu lado em um instante, mais rápido do que qualquer um podia possivelmente se mover. — Não, — ele disse. — Xander fez a passagem. Agora venha, Ava será cuidada.

Protegendo-me de ter que olhar o corpo de Xander, Henry me levou em direção à porta. Enquanto nós saíamos, uma mulher vestida em um uniforme adentrou, mas eu dificilmente a notei.

— Onde nós estamos indo? — eu disse, respirando uma golfada de ar limpo uma vez que nós alcançamos o corredor.

— Ver Theo. — Ele me guiou ao redor de uma esquina, e eu segui sem protesto. Meu estômago cambaleou com o pensamento de em qual condição Theo podia estar, mas eu recusei-me a pensar sobre isso. Por tudo o que eu sabia, ele estava bem.

Mas o momento em que nós pisamos em seu aposento, estava óbvio que ele estava qualquer coisa além disso. Ella permanecia ao lado da cama de seu irmão, seu rosto rígido e suas mãos tremendo. Quando Henry e eu entramos, ela olhou para mim, e eu parei a um pé da porta.

— Como ele está? — Henry disse, permanecendo ao pé da cama de Theo. Ele estava inconsciente.

— Há uma ferida pouco profunda em seu peito que me preocupa, mas tudo mais parece ser superficial. Ele perdeu muito sangue, entretanto, — Ella disse, sua voz áspera.

— Ele irá acordar logo? — Não havia compaixão ou preocupação na voz de Henry. Ao invés disso, estava oca, e esse vazio me assustou mais do que qualquer outra coisa naquela manhã.

Ella sacudiu sua cabeça. — Eu não sei.

— Ele será capaz de lidar com a dor se eu acordá-lo?

Ambas nós o encaramos. Eu procurei por qualquer traço do Henry que eu tinha beijado na noite anterior, mas ele não estava mais lá. Uma grande parte de mim estava

aliviada; esta casca fria não era alguém por quem eu queria me apaixonar. Mas outra parte se perguntava qual delas era realmente ele.

— S-sim, — Ella disse, desviando seu olhar depois de vários segundos. — Ele irá conseguir.

Mesmo eu podia ouvir a incerteza em sua voz, mas aparentemente essa era toda a confirmação de que Henry precisava.

Ele soltou minha mão e tomou um passo mais próximo a cama, elevando-se sobre ela.

Um momento depois, sem nenhuma pretensão ou sinal de que alguma coisa tinha mudado, Theo grunhiu. Seus olhos estavam tão inchados que ele mal podia mantê-los abertos, e ele tossiu fracamente. Havia um som chocalhado em seu peito que me fez encolher.

— O que aconteceu? — Henry disse friamente. Theo lutou para responder, abrindo e fechando sua boca várias vezes. — Ava?

— Ela se foi, — Ella disse em uma voz surpreendente tenra. — Você nunca mais terá que vê-la de novo.

Ao invés de estar confortado por isso, os olhos de Theo se arregalaram, e ele lutou para se sentar. — Não, — ele arfou, e mesmo do outro lado do quarto eu podia dizer quanta dor isto causou a ele.

— Eu não... Eu não queria que...

— Ela ainda está aqui, — Henry disse, e Ella girou-se de volta, atingida. — Xander se foi.

Theo desabou de volta na cama, seus olhos apertados fechados. — Ele me atacou, — ele murmurou. — Eu entrei para desejar a Ava um Feliz Natal, e eu os encontrei juntos. Xander, ele deve ter esquecido as regras. Pensou que eu fosse

confrontá-lo. Ele puxou fora sua espada e a virou para mim, e... Eu tive que lutar de volta.

Ele estava ofegando. Por que Henry o estava pondo através disso quando ele podia ter facilmente o questionado uma vez que ele estivesse sentindo-se melhor, eu não sabia, melhor ainda, por que Henry não podia curá-lo como ele tinha me curado? De algum modo eu duvidava que suas habilidades fossem limitadas a tornozelos.

— Acalme-se, — Henry disse, assentindo para Ella, que colocou uma xícara nos lábios de Theo. Ele bebeu, embora a maior parte disto tenha se espalhado em seu peito. Ella enxugou-o metodicamente com uma toalha, como se isso fosse uma coisa que ela estava acostumada a fazer, embora sua testa estivesse franzida profundamente. Desconsiderando quão pouco ele tinha engolido, o que quer que isso fosse funcionou rapidamente. Alguns poucos segundos depois, Theo relaxou de novo.

— É essa sua estória então? De que você não tinha más intenções para com Xander, e que ele era o agressor? Você estava meramente se protegendo?

— E Ava, — Theo disse, seus olhos tremulando fechados. — Eu pensei que ele ia atrás da Ava.

Henry esperou enquanto Theo caía de volta no sono. Uma vez que sua respiração tinha se estabilizado, Henry moveu-se em minha direção e pôs sua mão em minhas costas, me guiando para fora do quarto.

— Ele está dizendo a verdade? — eu disse. Henry olhou para mim, sua expressão ainda desprovida de qualquer traço de humanidade que eu tinha visto na noite anterior.

— O que você acha?

Eu engoli em seco, sentindo-me como se eu de repente tivesse mergulhado de cabeça no meio de um lago profundo, a superfície em nenhum lugar a vista. — Eu acho que preciso falar com Ava.

Henry me deixou entrar no quarto sozinha, embora ele e dois guardas permanecesse nas imediações fora da porta, sem dúvidas, capazes de ouvir tudo o que nós disséssemos. Eu não me importava, contudo, conseguir a verdade de Ava era minha prioridade, não sua privacidade. Se Theo estava sendo sincero, então ela não tinha realmente feito nada de errado, tinha? Mas Xander se foi, e isso era uma coisa que não podia ser ignorada.

Ela estava no meio de uma larga cama, seus joelhos puxados para seu peito. Eu cuidadosamente me sentei na beira do colchão, me esticando para tocar a mão dela.

— Você está ok? — A resposta era óbvia, mas foi a única coisa em que eu consegui pensar pra dizer.

— Não, — ela disse em uma voz engasgada. — Xander está morto.

— Ele já estava morto, — eu disse tão gentilmente quanto eu pude. — Ele apenas passou para o próximo nível das coisas, isso é tudo.

Ava ficou em silêncio. Eu corri meus dedos através de seu cabelo cor de verão, ainda molhado da lavagem de sangue. — Eles te machucaram de algum modo? Você precisa ver um médico?

— Não, — ela murmurou. — Eu estou bem.

Estava claro que ela estava qualquer coisa exceto isso, mas a dor de perder Xander não negava a possibilidade de que ela tinha mais alguma coisa a ver com isso. — O que aconteceu?

Ela hesitou, e por um segundo, eu não esperei que ela fosse dizer alguma coisa. Quando ela fez, ela falou com uma voz tão suave que eu tinha que me esforçar para

ouvi-la, mesmo embora o quarto estivesse em silêncio. — Eu não sei. Eu só... Acordei, e Theo estava lá, encarando a mim e Xander como... Eu não sei.

Eu mordi meu lábio. — Foi Theo que atacou Xander, ou Xander atacou Theo?

— Eu não *sei*. Eu acordei, vi uma espada, gritei e corri para o canto. Eu não estava olhando. Eu apenas... — Ela rolou sobre suas costas e olhou para mim, seus olhos vermelhos e cheios de lágrimas. — Havia sangue e eu estava gritando e eles estavam xingando e eu não sei o que aconteceu, tudo bem?

Eu assenti. Meus punhos estavam apertados, e minhas unhas cavaram dolorosamente nas minhas palmas. — Tem mais alguma coisa que você possa me contar? Qualquer coisa que você viu ou ouviu ou...

— Não. — Ela rolou pra longe de mim. — Isso não importa de qualquer jeito, importa?

Eu não estava certa do que aconteceu, mas alguma coisa dentro de mim deve ter estalado. Eu tinha gasto meses... *Anos* tentando evitar as pessoas que eu me importava de morrerem, e Ava não podia juntas compaixão suficiente por uma pessoa que ela clamava amar para descobrir o que tinha acontecido.

Eu me levantei rapidamente, e de repente o quarto pareceu muito menor do que antes. — Você não entendeu, Ava? Xander está morto. Realmente, verdadeiramente, nunca mais voltará aqui, *morto*. E agora mesmo, tudo aponta para Theo assassinando-o porquê ele pegou você na cama com ele.

Isso conseguiu a atenção dela. Girando ao redor, ela me encarou, sua boca aberta.

— Aqui é como isso rola, — eu disse acaloradamente. — Ou Theo é inocente e Xander foi quem o atacou, ou Theo é culpado e Xander estava se defendendo. Você sequer se importa, ou você só está chateada porque você perdeu um brinquedo?

Fervendo, eu comecei a andar para cima e para baixo pelo quarto. Eu não podia me lembrar de já ter estado tão zangada na minha vida.

— Eu entendo isso, você está morta, sua vida acabou e você está se divertindo enquanto você pode. Mas isso não é mais divertido, não para mais ninguém, mais ninguém além de você... Você está brincando com esses caras como se eles estivessem aqui apenas para te entreter. Você age como se ninguém mais importasse exceto conseguir o que você quer, e agora Xander está morto por sua causa.

— Você está me culpando? — ela disse. — Mas eu não o matei...

— Você não o fatiou em pedacinhos, mas você é a razão pela qual isso aconteceu. — Eu parei em frente à cama, correndo meus dedos pelo meu cabelo. — Ella quer você fora. Francamente, se tudo o que você vai fazer é gastar seu tempo dormindo com cada cara da mansão e agir como se o mundo girasse ao seu redor, então eu também. Você é inútil aqui. As únicas coisas que você tem feito são se bicar com Ella e conseguir que Xander fosse assassinado.

O momento que eu disse isso, eu me arrependi, mas eu não podia retirar isso de volta. Era a verdade, ou pelo menos um exagero disso.

Mas quando eu olhei para Ava, eu vi uma garota assustada que era minha amiga, não a hedionda, egoísta vadia que eu tinha pintado como ela era.

Meu estomago revirou, e culpa se espalhou por mim tão rápido que eu senti como se estivesse me engasgando.

— Henry deixou você ficar aqui porque nós somos amigas, — eu consegui dizer, e quando estava mais calma, minha voz prendia o frio da acusação. — E nós somos, Ava, ou pelo menos eu pensei que nós éramos. Mas ele arriscou isso por mim, e tudo o que você tem feito é conseguir um de seus homens morto e o outro acusado de assassinato. Você tem alguma ideia de quão péssima isso me faz sentir?

Ava me olhou, seu lábio inferior tremendo. — Você só está com inveja, — ela sussurrou. — Você está amarrada com Henry por toda a sua vida enquanto eu posso estar com quem eu quiser. Admita isso... A única razão para você estar agindo assim é porque eu tenho uma escolha e você não.

Eu a fuzilei com o olhar, tentando ignorar o modo como suas palavras ecoaram através de minha mente. Eu não tinha estado pensando a mesma coisa alguns meses antes? Mas eu não ia dar a Ava à satisfação de pensar que ela estava certa. Ela não estava não mais. — Não tente virar isso contra mim, — eu disse. — Eu tive uma escolha, e eu a fiz. Mais importante, eu estou feliz com minha decisão, e eu estou fazendo tudo que eu possivelmente posso para viver com ela. Eu não estou com inveja de você, Ava. Eu estou envergonhada.

A mágoa em seus olhos era dolorosa de ver, mas eu me forcei a continuar. Ela tinha que entender que havia limites, e até que ela parasse de machucar os outros, eu não podia ficar de lado e assistir mais.

— Fique em Éden tanto quanto você queira, mas não se atreva a chegar perto de mim ou Ella ou Theo ou qualquer outro cara neste lugar de novo, você me entende? Você os deixa em paz. Você *me* deixa em paz. Eu tenho o suficiente para lidar agora mesmo sem ter que ter certeza que você não está conseguindo que mais alguém seja morto.

Eu teria dado pra trás se ela tivesse olhado para mim, assim eu ventei para fora do quarto e passei por Henry, que sem nenhuma palavra me seguiu para minha suíte. Eu queria bater a porta, mas ele estava atrás de mim. Pogo e Cerberus ainda estavam curvados juntos no chão, e o travesseiro que eu chutei os perdeu por pouco.

— Agora o quê? — eu disse, virando-me para Henry. — Nós sentamos e conversamos sobre o que aconteceu? Nós somos o juiz? O júri? O que acontece agora?

— Nada, — ele disse, dando a Cerberus uma coçada atrás das orelhas. — Você já fez sua decisão.

Eu pausei. — O quê?

— Ava não terá nenhum contato romântico com nenhum homem, nem terá nenhum contato com você ou com Ella, — Henry disse, e eu me sentei pesadamente na cama. — Enquanto por Theo, esse não é um julgamento que eu poderia possivelmente pedir a você que faça. Não ainda.

— Por que não? — eu disse, minha garganta seca com a realização de que eu não iria ver Ava de novo. Depois de tudo que nós duas tínhamos passado desde setembro, eu me sentia como se tivesse falhado com ela. Mas de um modo, não tinha ela falhado consigo mesma? Eu sabia que não era culpa dela, não realmente, ela não podia prever que isso iria acontecer. Ela ainda teria sido descuidada, no entanto, e eu teria permanecido de lado e deixando-a ser. Isso estava nos meus ombros, também. Mas não importa em quem estava a culpa, Xander ainda estava morto.

— Por que você ainda não tem a habilidade de ver através de uma mentira. — Ele moveu-se para o meu armário e começou a escolher através das roupas como se nós estivéssemos falando sobre o tempo ou alguma coisa igualmente mundana.

Eu ergui minhas sobrancelhas. — E você tem?

Ele me ignorou. — Nem você tem o poder de ir até o Submundo e questionar Xander. Afortunadamente, isso não será necessário. Eu já sei o que aconteceu.

Eu abracei Pogo para o meu peito, encontrando conforto em seu corpo quente. Eu não queria perguntar, temendo a possibilidade da culpa de Theo, então eu não perguntei. Henry não podia vasculhar pelo meu closet para sempre, e ele iria me dizer mais cedo ou mais tarde se eu quisesse ou não ouvir.

Um minuto passou, e finalmente ele decidiu-se por um par limpo de jeans e um suéter branco na cama. — Theo está dizendo a verdade, e, portanto, ele não será julgado. Sua punição para Ava é apropriada, e não há necessidade para eu interferir. Eu irei instruir os outros para assegurar que ela siga suas restrições, e esse será o fim da estória.

Eu assenti entorpecidamente. Colocando Pogo embaixo, eu peguei minhas roupas e troquei atrás do biombo no canto. Não havia mais nada sobre o que conversar, e o peso do meu julgamento caía pesadamente em meus ombros. Eu tinha feito à coisa certa, ou eu tinha reagido na raiva? E como iria Ava, que já estava sozinha nesta casa, sobreviver a ser cortada de mim e de Theo, também?

— Eu verei você lá embaixo no café da manhã, então, — Henry disse, embora o pensamento de comida fosse suficiente para me deixar nauseada. Eu ouvi a porta abrir, mas não fechar. Ainda distraída pelo pensamento do que eu tinha feito para minha única e verdadeira amiga na Mansão Éden, eu abotoei meus jeans e pisei fora do biombo, apenas para ver Henry ainda parado lá.

Seus ombros estavam pesados sob o peso de alguma carga invisível, e ele enfiou suas mãos em seus bolsos, parecendo tão similar a como ele tinha estado no quarto de Perséfone que um choque de medo correu através de mim. Mas seus olhos não estavam tão amortecidos como eles tinham estado há tantas semanas atrás, ele estava cansado, mas ele não tinha desistido ainda.

— O que você fez hoje nunca é fácil, — ele disse, — mas foi necessário. Eu não posso imaginar quão difícil foi para você, especialmente considerando que Ava é sua amiga.

— Foi minha amiga, — eu sussurrei, mas eu não tinha certeza se ele me ouviu.

— Não sinta culpa por isso. As ações dela não são suas. Eu não me arrependo de tê-la convidada aqui, sabendo que ela tinha, até o momento, sido uma boa companhia. Sua segurança e felicidade são o que mais importam para mim.

Eu assenti, e ele partiu. Olhando para a reflexão que ele tinha me dado, que agora estava posta na minha cabeceira, eu me senti ainda mais culpada do que antes. Não importava em quanta culpa ela estava, se eu não podia nem sequer proteger Ava, como eu possivelmente ia fazer o mesmo por Henry?

Mesmo se isso não tenha sido um teste, eu ainda tinha vários para passar. A palavra errada, o pensamento errado, a ação errada e isso tudo estaria acabado. A vida de Henry não era menos frágil do que a de Xander ou mesmo a de minha mãe, e eu me sentia começar a rachar sobre o peso do fardo de lutar por ele por conta própria. Henry permanecia no escanteio porque eu tinha arrastado-o até lá, forçando-o a prestar atenção, mas eu não podia fazê-lo se importar. Eu era a única lutando por ele, e eu não estava mais certa se estava pronta para o desafio.

CAPÍTULO 15
VENENO

Um efeito desafortunado do banimento de Ava e o risco de que ela pudesse tentar tomar vingança era o guarda imponente que agora estava comigo em todo lugar que eu ia.

Medindo quase dois metros de altura, ele era o grande loiro que eu tinha visto no baile em setembro. Ele andava com um coxear que não parecia afetar sua velocidade, e eu estava muito assustada para perguntar como ele tinha conseguido isso. Enquanto ele não dizia muito, Calliope o chamava de Nicholas, e ele era legal o suficiente para um cara que podia facilmente me matar com o seu mindinho.

Eu nunca mais estive sozinha. Quando Nicholas não estava comigo, Henry estava, e ele tinha mais guardas estacionados no lado de fora do meu quarto quando eu dormia. Eles eram apenas para as aparências; depois da véspera de Natal, Henry passava toda noite comigo, uma completa reviravolta de como ele tinha agido antes do Natal. Era como se eu tivesse quebrado através de uma barreira invisível, e agora ao invés de me evitar e esperar que eu me mantivesse viva, ele parecia determinado a fazer o trabalho por mim.

Nada nunca aconteceu a noite, exceto pelo ocasional beijo e carícia de sua mão em meu cabelo, e ele nunca pressionou por mais. Eu estava simplesmente grata pela companhia, e quanto mais eu via seu lado humano, mais eu esperava que eu fosse suficiente para fazê-lo querer ficar.

Não era uma encenação. Eu não estava retornando seus beijos para enganá-lo a pensar que eu me importava com ele ou porque eu tinha pena dele. Eu estava me apaixonando por ele, um pouco mais a cada dia, mesmo embora uma grande parte de mim soubesse que isso era uma má ideia. Não havia garantias de que eu iria passar e nada que me dava uma razão para pensar que qualquer tipo de relacionamento fosse durar mais do que o inverno restante. Mas se eu de alguma forma milagrosamente conseguisse, Henry iria precisar de uma razão para ficar, e eu seria essa razão. Então pela primeira vez em minha vida, eu joguei as preocupações e as dúvidas de lado, e baixei minhas barreiras. As tardes eram um fardo agora, um momento que eu tinha que aturar para conseguir as noites que nós passávamos juntos, cada vez que eu o via, não importava quão breve tinha sido que ele tinha estado longe, meu coração acelerava.

Agora que eu tinha sobrevivido ao Natal, eu me atrevia a ter esperança, e com essa esperança vinham possibilidades.

Quando acordava antes dele, eu o observava dormir enquanto os primeiros raios da manhã filtravam-se através das cortinas, e eu tentava visualizar acordar com ele desse jeito pelo resto da eternidade. Era estranho pensar que se o impossível acontecesse e conseguisse passar os testes sem obter que eu fosse morta, ele iria ser meu futuro. Meu completo futuro, sem nenhuma ameaça de morte espreitando na esquina. Meu marido.

A palavra era estranha até para meus pensamentos, que dirá para minha língua, e eu tinha certeza de que eu nunca me acostumaria com a ideia. Mas tanto quanto eu resistia a isso – eu era muito jovem, muito solitária, muito nem mesmo remotamente pronta para este tipo de vida – comecei a ver que isso não seria tão ruim. Henry estava quebrado, mas eu também estava, e passar minha vida com ele era

dificilmente o inferno que eu achei que seria nas semanas depois que ele tinha salvado a vida de Ava. E com o tempo, talvez nós fôssemos capazes de consertar um ao outro. Eu podia dar a ele o que ele precisava – uma amiga, uma esposa, uma rainha – e em retorno ele poderia ser minha família.

Enquanto os dias até a primavera ficavam poucos, meus sonhos com minha mãe ficavam mais e mais solenes. Cada momento era precioso, mas a maior parte do tempo eu não tinha ideia do que dizer.

Nós andávamos de mãos dadas através do parque na maioria dos dias, e ela liderava a conversa enquanto nós conversávamos sobre tudo e nada. Ela me dizia toda noite quão orgulhosa estava de mim, quanto me amava, e o quanto queria que eu fosse feliz sem ela, para não precisar dela para continuar enquanto Henry precisava de mim, mas tudo que eu podia dar a ela em retorno era um rígido assentimento e um aperto de mão. As coisas que eu não podia dizer se reuniam em minha garganta, formando um nó que eu nunca poderia engolir. Enquanto os dias passavam e minhas chances de dizer a ela diminuíam, eu sabia que teria que forçá-las pra fora eventualmente, mas não agora. Enquanto houvesse um amanhã na mansão, eu podia fingir que ainda existia esperança de que ela nunca morreria.

O mais próximo eu ficava de Henry, o mais distante do mundo real me tornava. Mesmo embora começasse a parecer que eu nunca fosse voltar, como se estes seis meses fossem de algum modo, achar um modo de se esticarem em uma eternidade, eu sabia que não iriam. Havia um fim, e nós estávamos rapidamente nos aproximando dele.

Apesar da companhia de Henry e constantemente sendo vigiada, eu me sentia solitária. Ella passava todo seu tempo com Theo agora, e enquanto Calliope ficava comigo quando Henry não estava lá, mesmo ela parecia deprimida depois do incidente

no Natal. E embora James fosse agora o inimigo, eu pensava nele com frequência. Isso não poderia ter sido tudo farsa, nossa amizade, e eu sentia falta de poder ser capaz de sentir falta dele sem me sentir zangada. Ele não era quem estava tentando me matar, eu tinha certeza disso agora, e alguma coisa sobre saber que ele estava do meu lado mesmo quando eu não estava do dele era confortante.

Eu sentia falta de Ava a maior parte. Toda vez que eu passava por alguma coisa que queria mostrar a ela ou pensava em alguma coisa que queria contar a ela, me levava alguns segundos antes de lembrar que eu nunca iria vê-la de novo, pelo menos não como amigas. Ocasionalmente eu pegava vislumbres dela deixando uma sala enquanto eu entrava ou no outro fim de um corredor em que eu virava, mas ela nunca estava lá por mais de um momento.

Henry nunca me fez falar sobre a dor e a culpa que eu sentia pela separação, mesmo embora isso me mantivesse acordada algumas vezes à noite. Ele me deixou trabalhar meu caminho através disso por conta própria, e eu não tinha certeza se estava grata ou ressentida. Sabendo que Ava devia estar sentindo-se tão mal quanto eu apenas me fazia sentir pior. Talvez ela não fosse a melhor amiga do mundo, e talvez ela fosse um pouco egoísta demais algumas vezes, mas eu não era perfeita também. Com cada dia que passava eu me arrependia do meu julgamento mais e mais. Ava tinha permissão de cometer seus erros, nós todos tínhamos. E o que me dava o direito de puni-la por eles quando tudo o que ela tinha estado tentando fazer era deixar a solidão mais fácil de lidar?

Para tentar preencher as horas livres, eu passava mais e mais tempo nos estábulos com Phillip. Era calmo, e ele não puxava conversa. Ele parecia entender pelo o que eu estava passando, e ele ofereceu me deixar passar tanto tempo com os cavalos

quanto eu quisesse. Essa era uma oferta generosa, considerando quão protetor ele era com eles, mas isso não era suficiente para me fazer esquecer o que eu estava perdendo.

Era perto do fim de janeiro quando em uma tarde, Henry me encontrou no jardim, enrolada em um manto e ajoelhada próximo a uma roseira dormente, coberta de neve. A memória de como eu cheguei lá era vaga em seu melhor, mas eu particularmente não me importava. Uma vez que Irene tinha me dito a data no meio da sessão de tutoria, tudo se tornou confuso, e foi à voz de Henry que me trouxe abruptamente de volta a realidade.

— Kate? — Vestido em um pesado casaco preto, ele permanecia a alguns passos de distância, destacando-se como um dedão ferido contra a neve. Eu não ergui a vista.

— É o ultimo aniversário da minha mãe.

Ele permaneceu imóvel. Parte de mim queria que ele mantivesse sua distância, mas uma parte mais insistente desejava que ele me conhecesse bem o suficiente para saber quando eu desesperadamente precisava de um abraço.

— Ela sempre odiava ter nascido em janeiro, — eu continuei, minha voz inexpressiva enquanto eu encarava a planta sem vida na minha frente. — Ela dizia que nunca sentia a celebração quando não havia flores e todas as árvores estavam mortas.

— Dormindo, — Henry disse. — As árvores estão apenas dormindo. Elas irão retornar quando o tempo for certo.

— Minha mãe não. — Eu sentei pesadamente na neve, não me importando se meus jeans ficariam molhados. — Nós temos estado celebrando seu último aniversário desde que ela foi diagnosticada. Dessa vez é de verdade.

— Eu sinto muito. — Ele sentou-se do meu lado e enrolou seu braço ao meu redor, o calor de seu corpo evitou o meu de ficar entorpecido. — Há alguma coisa que eu possa fazer?

Eu sacudi minha cabeça. — Eu não sei o que eu vou fazer sem ela.

Henry ficou em silêncio por um longo momento, e quando ele finalmente falou, sua voz soava distante. — Posso te mostrar uma coisa?

— Que tipo de coisa?

— Feche seus olhos.

Bastante certa do que estava prestes a acontecer, eu obedeci, esperando pela mudança no clima. Ao invés de ir do frio do lado de fora para o calor do lado de dentro, no entanto, eu senti o brilho do sol no meu rosto e uma morna brisa. Nós ainda estávamos do lado de fora.

Quando eu abri meus olhos, meio esperando ainda estar nos jardins, eu tive que me firmar contra Henry enquanto eu olhava ao redor. Nós estávamos parados no meio do Central Park em um dia de verão, exatamente como minha mãe e eu fazíamos em meus sonhos, exceto que o parque estava vazio agora. Minha mãe em nenhum lugar a vista.

— Henry? — eu disse incerta, olhando ao redor. O lago estava por perto, e eu ouvi a melodia de uma canção familiar em algum lugar à distância, mas nós estávamos sozinhos. — O que nós estamos fazendo em Nova York?

— Nós não estamos em Nova York. — Ele soava melancólico. Eu me aproximei dele, tanto assustada como fascinada por este lugar.

— Esta é a sua pós-vida.

Eu o encarei, suas palavras levando vários segundos para assentarem-se apropriadamente em minha mente. — Você quer dizer que isso é... Nós estamos...

— Esta é a sua esquina para o Submundo. — Ele ergueu uma sobrancelha pela minha expressão. — Não se preocupe, é apenas temporário. Eu queria que você visse isso.

Selvagemente eu olhei ao redor, esperando que minha mãe fosse aparecer, mas era apenas nós dois. — Por quê?

— Eu queria que você visse isso assim você saberia... — Ele parou, mas ele não precisou terminar para eu entender o que ele não estava dizendo. Ele queria me mostrar aonde eu iria quando eu morresse. Meu estômago revirou em nós, e eu olhei para um pedaço inofensivo de grama. Então ele não estava realmente tentando no fim das contas.

Mas ele continuou, seus olhos baixaram para o chão. — Eu estou mostrando a você, assim você terá alguma experiência em primeira mão se você passar os testes. — Uma mentira, mas eu tentei acreditar nela. — Uma vez que você se torne imortal, quando você estiver aqui, o Submundo ganhará a forma como o mortal o vê. — Vários segundos se passaram, e ele adicionou em uma voz mais calma, — Eu também desejo que você saiba que estará contente no fim se o conselho não decidir a seu favor.

Meu favor, não dele. Não nosso.

Eu girei ao redor para encará-lo. — Por que você está os deixando passarem por cima de você desse jeito? O conselho, sua família, o que quer que eles sejam, se você acha que eu sou boa o suficiente, então porque você não diz a eles para colocarem uma meia *na boca e se calarem* e respeitarem sua decisão?

A expressão de Henry era ilegível. — Eu não sou onipotente, — ele disse, tomando um cauteloso passo em minha direção. Eu não me afastei. — Está dentro do poder do conselho tomar estes tipos de decisões, não do meu.

— Mas você podia pelo menos tentar. E eu não vejo você fazendo muito disso ultimamente, — eu estalei. Ele encolheu, mas eu continuei. — Você não é um membro do conselho?

— Sim e não. — Ele gesticulou para eu sentar na grama, mas eu recusei, permanecendo com meus braços cruzados. — Eu passei maior parte do meu tempo separado deles. Quando eles desejam minha participação, ou quando é uma decisão que afeta diretamente meus deveres, eu me uno a eles. Mas suas decisões lidam com o mundo dos vivos. Este não é o meu reino.

— Então porque você não os manda engolir isso e terminar com essa coisa toda? Se eles governam sobre os vivos e você não está vivendo, por que eles podem ou não dizer se você está fazendo um bom trabalho?

Henry olhou para a distância em direção ao lago brilhante. — Eles são os que serão capazes de garantir a você imortalidade, não eu. Talvez no começo eles teriam confiado em mim com esta decisão, mas os erros que eu cometi com Perséfone coloriram a opinião do conselho de meu julgamento.

Eu rangi meus dentes a menção de Perséfone, e ódio corroeu em meu interior. Mesmo se foram às ações dele que causaram a ela que não o amasse, ela era a única que o tinha machucado. — Eu posso te perguntar uma coisa?

Ele fez um som ininteligível no fundo da garganta, e eu tomei isso como um sim. Eu me sentei na grama ao lado dele.

— Por que você sequestrou Perséfone?

Ele se afastou o suficiente para me olhar no olho, e a dor em seu rosto me fez lamentar minha pergunta.

— Eu sinto muito, — eu disse rapidamente. — Você não tem que me dizer se você não quiser.

— Não, não. — Ele sacudiu sua cabeça. — Eu não estou com raiva. Eu estou apenas tentando entender como é possível que a verdade da questão possa ter ficado tão perdida com o tempo.

Eu esperei que ele continuasse, ignorando a umidade da grama que estava começando a infiltrar através de meu jeans. Ele parecia pensativo, como se ele estivesse procurando pela maneira exata de contar alguma coisa que ele não dizia com frequência.

— Eu não a sequestrei, — ele finalmente disse. — Foi um casamento arranjado que ela aceitou, enquanto seus pais foram os únicos que o propuseram.

Eu hesitei, tentando lembrar os detalhes da mitologia que eu tinha aprendido. — Zeus e Demeter?

— Muito bem. — Seu sorriso não alcançou seus olhos. — Você deve ter percebido por agora que a nossa família é uma das estranhas. Nós nos chamamos de irmãos e irmãs, mas na verdade nós não somos. Nós simplesmente temos estado juntos por tanto tempo que as palavras para descrever nosso laço não existem. Família é a única comparação que nós podemos esboçar, embora seja uma fraca.

— Ella me contou que vocês não são realmente irmãos.

— Ela contou? — Ele parecia sombriamente divertido por isso. — Nós todos temos o mesmo criador, mas nós não somos estritamente relacionados. De fato, meu irmão, quem é, é claro, não meu irmão de verdade, é casado com minha irmã. E seu filho é casado com nossa outra irmã também. — Fazendo uma careta, eu tentei envolver minha mente ao redor disso.

— Não relacionados, certo?

— Nem ao menos remotamente. — Ele pressionou seus lábios na minha testa, um pedido de desculpas silencioso. Ou talvez ele estivesse tentando aliviar minha

raiva. — A mãe de Perséfone é minha irmã favorita, e ela foi quem sugestionou o acerto. Perséfone e eu nos demos bem juntos quando vimos um ao outro, e sua mãe insistiu que ela queria nós dois felizes. Enquanto eu estava acostumado a estar sozinho, eu desfrutava da perspectiva de passar tanto tempo com Perséfone. Quando ela não objetou, as coisas foram finalizadas, e ela se tornou minha esposa.

Esposa. O que eu seria para ele se eu fosse bem sucedida. Tão frequente quanto eu pensava no que o futuro com Henry podia trazer, a ideia de ser sua esposa, esposa de qualquer um, ainda não tinha assentado bem comigo. Talvez fosse porque eu tinha dezoito anos, ou talvez fosse porque minha mãe nunca tinha casado, mas eu não podia imaginar isso. Então de novo, talvez isso fosse uma boa coisa. Sem expectativas. E meu desejo de estar casada não era mais forte do que meu desejo de estar com Henry, como eu suspeitava que Perséfone pudesse ter estado.

— Ela me ajudava a governar, — ele continuou, — fazendo como você esperançosamente estará fazendo logo em breve. Mas ela era jovem quando nós casamos, e… — Ele desviou seus olhos.

— Eventualmente ela me viu como seu captor do que seu marido. Ela me ressentia enormemente, e enquanto no começo ela gostava de mim, eu não acredito que ela jamais me amou, não como eu a amo.

Amo, não amei. Eu soltei uma respiração.

— A História toma seu partido, é claro, e eu tenho minhas suspeitas sobre isso, mas a verdade é que eu nunca a forcei ao casamento. Eu a amo demais, e era agonia para eu vê-la tão miserável. Depois de vários milênios, ela se apaixonou por um mortal e escolheu desistir de sua imortalidade por ele, e eu a deixei ir. Isso doeu bastante, mas eu sabia que iria doer mais se eu a fizesse ficar.

Eu fiquei em silêncio pelo tempo de várias batidas de coração enquanto eu digeria o que ele estava me contando. Amor não correspondido era uma coisa, mas passar uma incompreensível quantidade de tempo nesse tipo de dor, eu não podia imaginar isso. Eu não queria sequer tentar.

— Eu sinto muito, — eu disse minha raiva dissipando enquanto eu desejava que houvesse alguma coisa a mais para dizer.

— Não sinta. — Os lábios de Henry se curvaram em um sorriso que continha tanto autodesprezo que eu queria me esticar e estapeá-lo no alto da cabeça por isso. — Ela fez sua decisão. Você tem feito a sua. É o máximo que você pode fazer.

Novamente eu assenti, ainda sem palavras. James estava certo. Ele sempre estaria apaixonado por Perséfone não importa o que eu fizesse; eu tinha que aceitar aquilo. Mas parte de mim queria que ele me amasse, também. Mesmo se isso fosse apenas o suficiente para fazê-lo passar pela primavera, já serviria.

— Henry? — eu disse, minha garganta apertando enquanto eu juntava a coragem de que precisava. — Você acha que poderia me amar um dia? Mesmo um pouco?

Ele parecia aturdido pela minha pergunta, sua testa franzida e sua boca ligeiramente aberta. Mas eu precisava saber, eu não podia esperar um final de conto de fadas, mas eu nunca tinha de qualquer modo. Meu conto de fadas seria um, onde ambos, minha mãe e Henry ainda estariam vivos, e desde que era tarde demais para minha mãe, toda minha esperança descansava nos ombros de Henry. Finalmente ele pressionou seus lábios no canto de minha boca em um beijo casto, e então disse suavemente, — Tanto quanto eu sou capaz de amar qualquer outra pessoa, sim.

Meu coração afundou, mas enquanto essa não era a resposta que eu tinha esperado, teria que servir. Ele tomou minha mão e ambas as suas e olhou para mim, como se me desafiando a desviar o olhar. Eu não o fiz.

— Você tem lutado por mim, e não pense que eu não tenho visto isso. Você acredita em mim quando poucos iriam, e eu não posso dizer a você o quanto isso significa para mim. Eu irei sempre entesourar sua amizade e afeição.

Amizade e afeição. As palavras me atingiram como uma pedra, mas eu lutei para lembrar que elas eram melhores do que a alternativa, bem melhores. Mas alguma coisa dentro de mim sentia-se vazia, como se ele tivesse me roubado alguma coisa preciosa. Talvez não tivesse sido tudo romance e arco-íris entre nós até agora, mas eu tinha esperado por mais, e eu não sabia de que outra forma mais mostrar o que eu queria. Não sem me oferecer para ele completamente, e eu não podia, não ainda.

Não quando eu não sabia se ele sentia o mesmo.

Quando ele continuou, eu queria desviar a vista, mas eu não podia. — Se você não for considerada digna, então eu irei renunciar, e é minha esperança de que se você desejar, nós possamos passar o tempo juntos antes de eu desvanecer completamente.

Uma onda de surpresa me preencheu, e eu pisquei de volta as lágrimas teimosas que se formaram em meus olhos. — Quanto tempo seria isso?

— Eu não sei, — ele disse. — Mas eu suspeito que eu irei durar até a sua morte, se chegar a isso. Se você ainda me querer quando isso acabar.

Eu forcei um pequeno sorriso. — Isso seria legal, — eu disse. — Ser... Ser sua amiga.

— Você é minha amiga, — ele disse, e eu não disse nada.

Amigos. Apenas amigos – nada mais. Eu tentei me sentir aliviada, lembrar a mim mesma que eu não tinha querido nada disso para começar, mas tudo que eu senti foi o entorpecimento mental da dor.

Ele disse que ele iria me amar, e eu acreditei nele. Mas nunca seria do modo que eu queria. Eu não sabia quando tinha decidido que eu queria mais, talvez no momento em que eu o tinha beijado no Natal, ou quando eu tinha perdido Ava tudo de novo e não podia tolerar perder mais ninguém, mas tudo o que eu sabia era que eu queria. Isso era uma coisa que ele nunca poderia me dar, e doía mais do que eu podia suportar.

A maior parte de Fevereiro deslizou no mesmo padrão monótono como antes. Eu tinha minhas refeições sozinha, e eu tinha aulas com Irene aproximadamente todos os dias. Depois daquele primeiro exame, ela nunca me deu outro teste de novo, embora fosse porque ela nunca tinha tido intenção disso ou porque Henry tinha pedido a ela que não o fizesse, eu não sabia.

A única coisa que não era monótona era meu tempo com Henry. Nossa conversa no Submundo tinha sido um silencioso ponto de virada, e enquanto passar as noites com ele era sempre a melhor parte do meu dia, havia uma dor profunda que eu não podia justificar. Ele tinha exposto o que ele queria, e eu sabia que eu tinha que respeitar isso. Eu não podia tê-lo, mas com cada noite que passava, eu sentia me apaixonar mais e mais profundo por ele, um espiral descendente em um lugar onde a palavra *amor* era sinônimo de dor.

Cada olhar, cada toque, cada roçar de seus lábios, tão inocente como eles podiam ter sido, como ele podia dizer que queria apenas minha amizade quando estava me tratando como sua parceira? Quando ele queria que eu fosse sua esposa? Eu não entendia isso, e enquanto o tempo passava, eu ficava mais confusa.

Eu não sabia o que era esse tipo de amor, mas pelo período que o inverno começou a terminar, com exceção de minha mãe, eu me sentia mais próxima a ele do que eu tinha estado a qualquer um em minha vida.

Doía estar longe dele, mas algumas vezes, quando ele me contava estórias de sua vida antes de mim, de sua vida com Perséfone, era agonia estar com ele. Ainda assim, nossa amizade era tão forte que parecia a coisa mais natural no mundo.

Não havia ninguém com quem eu teria preferido passar meu tempo, não importava quanto isso machucava.

Finalmente, apesar de ainda haver tantos testes restando, era Março, o último mês que eu era obrigada a permanecer na Mansão Éden. Por um lado, eu estava relutantemente animada pelo pensamento de conseguir sair e ver o mundo de novo; por outro lado, eu sabia o que estava esperando por mim quando eu partisse. Se eu fosse sortuda, eu teria um último dia para sentar do lado de minha mãe e conversar com ela, se ela pudesse ou não realmente me ouvir. Então, uma vez que eu tivesse dito nossas despedidas, ela iria morrer. Eu comecei a me preparar para essa realidade, embora eu lutasse com isso como sempre tinha feito. Como eu deveria dizer adeus a ela?

Alguns dias mês adentro, Henry encontrou com o conselho.

Eu não estava permitida a ir, não queria ir e encarar James, e eu me ocupei entretendo Pogo na verde-e-dourada sala de desenho enquanto ele estava fora.

Eu suspeitava que isso tivesse alguma coisa a ver com meus testes e como eles tinham parecido parar nos meses que haviam seguido o Natal, mas eu não tinha questionado ele antes de partir. A única coisa que eu tinha certeza era que nenhuma garota tinha chegado tão longe quanto eu, e com cada dia que passava, o perigo crescia. A menos que realmente tenha sido James quem tinha assassinado todas

aquelas garotas, e tão zangada quanto eu estava com ele, eu recusava a acreditar que ele era capaz de assassinato, quem quer que tenha feito isso ainda estava lá fora, esperando pelo momento certo.

— Você acha que ele irá crescer muito? — Calliope disse enquanto nós aguardávamos pelo retorno de Henry, e ela coçou a barriga rosa de Pogo. Sua língua rolou pro lado de fora, e ele parecia estar desfrutando.

— Duvido disso, — eu disse. — Ele não tem crescido muito ultimamente.

— Você vai levá-lo com você quando partir?

Eu dei de ombros. — Talvez. Eu não decidi. Ele iria provavelmente gostar mais daqui, não iria?

Antes que ela pudesse responder, as portas abriram e um frio caiu sobre a sala. Calliope pôs-se de pé, ainda segurando Pogo desajeitadamente, e virou-se para ver quem estava lá. Henry permanecia emoldurado na entrada da porta, raiva rolando dele em ondas.

— Eu... Eu tenho que ir, — Calliope disse, empurrando Pogo em meus braços e apressando-se para fora do quarto. Enquanto ela passava por Henry, ela deu a ele um estranho, demorado olhar, embora ela não tenha dito nada a ele.

Vários segundos tensos passaram antes de Henry finalmente falar. — Eu preciso que você pare de comer.

Abraçando Pogo para meu peito, eu sentei em um dos sofás. — Por quê? Eu gosto de comer. Comer é um tipo de coisa importante para continuar vivo, você sabe, e diferente do resto de vocês, essa é uma coisa que acontece que eu estou.

— Você não precisa comer aqui. — Henry fechou a porta e moveu-se em minha direção, mas ele não se sentou. — Isso é desnecessário, e você deve adaptar-se.

Lentamente eu coloquei Pogo embaixo, e ele pelo menos teve o senso suficiente de correr para trás do sofá. Eu, por outro lado, estupidamente fiquei a posto. — Eu gosto de comer. Eu não estou acima do peso, e eu não vejo porque isso é grande coisa.

Os olhos de Henry eram de um tempestuoso tom de cinza que me fez estremecer. — E a respeito de Calliope?

— O que tem ela?

— Cada vez que você se senta para uma refeição, você a põe em perigo.

Eu o encarei. — Isso é uma coisa horrível para você usar contra mim. O que eu deveria dizer para isso?

— É verdade, — ele disse bruscamente. — E eu iria preferir que você dissesse que é incentivo suficiente para fazê-la parar de comer.

Eu apertei meu maxilar. — Por que você esta trazendo isso a tona agora?

Ele fechou seus olhos, um vinco formando-se no meio da sua testa. Eu nunca o tinha visto tão chateado, mesmo quando Xander tinha sido morto. Mas isso era *comida*. Qual era o problema?

— É um teste, — ele disse suavemente, como se ele não quisesse que alguém mais o ouvisse. — Se você não parar de comer antes do conselho tomar seu julgamento, você irá falhar.

Comer era um *teste?* — Como pode isso possivelmente ser um teste? — eu soltei. — Qual é o ponto? Ver se eu consigo ficar faminta até que eu fique tão magrela que eu irei morrer no momento em que partir?

— Gula, — ele disse afiadamente, e eu fechei minha boca. — E para ver quão bem você se adapta. Isso é o que é testado. Não grite comigo, Kate. Não sou eu quem decide o que serão os testes.

Gula. Eu tive que pensar por um momento, mas uma vez que eu percebi onde eu havia ouvido a palavra antes, eu congelei. — Os sete pecados capitais? É nisso que eu estou sendo testada?

Henry retorceu suas mãos juntas. — Eu não posso responder isso. Se o conselho descobre que eu tenho dito a você este tanto, há uma boa chance de que nós iremos automaticamente fracassar.

Nós. O modo como ele disse isso em uma voz espessa esticou alguma coisa dentro de mim, e com uma arrancada eu percebi que ele estava finalmente fazendo isso. Eu pressionei minhas mãos unidas, dificilmente me atrevendo a ter esperança.

— Você se importa? — eu disse. — Eu pensei...

Ele elevou-se e começou a andar para lá e para cá, recusando a olhar para mim.

— Você tem estado infeliz comigo. Por quê?

Eu abri minha boca para protestar, mas nada saiu. Ele estava certo. — Por que, — Eu disse em uma voz miserável e me odiando por isso. — Eu não quero ser apenas sua amiga.

Henry parou e virou-se em minha direção, embora ele não pareceu surpreso. Ao invés ele parecia como se estivesse tentando por as peças unidas.

— Eu pensei que você não desejasse atuar como minha esposa.

Eu fiz uma careta. — Existem etapas entre amiga e esposa, você sabe. Eu quero dizer, eu sei que você é antiquado e tudo mais, mas você deve pelo menos ter ouvido falar em namoro.

Ele não sorriu, mas sua expressão suavizou-se. — Se você passar, você *será* minha esposa. Essa é uma coisa que você está disposta aceitar agora?

Eu assenti, tentando não parecer muito nervosa. Ou pensar sobre a coisa toda demais.

— Por que você se importa comigo?

— Sim, — eu murmurei envergonhada. — E se você usar isso contra mim...

Eu não tive tempo de terminar. Um segundo ele estava do outro lado da sala, e no seguinte ele estava agachado do meu lado, me beijando tão profundamente que pelo momento em que ele finalmente se afastou, eu estava quase arfando. — O que... — eu comecei, mas ele pressionou seu dedo contra meus lábios.

— Eu me importo, — ele disse em uma trêmula voz. — Eu me importo tanto que eu não sei como dizer a você sem que isso pareça insignificante comparado a como eu me sinto. Mesmo se eu fico distante às vezes e pareço como se não quisesse estar com você, é apenas porque isso me assusta também.

Eu o encarei. Ele inclinou-se e beijou meus lábios inchados novamente, e dessa vez eu o beijei de volta. O tempo pareceu cair em torno de nós, e tudo que eu podia ver, ouvir, saborear, cheirar, sentir era ele. Um delicioso tipo de calor se espalhou através de mim, mas dessa vez não era meu tornozelo que ele estava curando.

Quando ele se afastou uma segunda vez, eu deixei minhas mãos caírem de seu cabelo para o meu lado, e o assisti, insegura do que fazer agora. Ele se endireitou e levantou, embora ele não tenha tirado seus olhos de mim. — Por favor, — ele disse. — Pare de comer.

Eu assenti muito desarmada para vir com outra coisa para dizer em protesto.

— Obrigado. — Ele se estendeu para acariciar seus dedos contra minha bochecha, e depois ele pisou em direção a porta.

Antes que eu pudesse formar qualquer tipo de pensamento coerente em minha cabeça, ele já tinha sumido.

Eu lambi meus lábios, ainda capaz de prová-lo, e sorri.

Finalmente, depois de aproximadamente seis meses, ele estava tentando.

Naquela noite, como ele sempre fazia, Henry deslizou para dentro do meu quarto uma hora depois que eu terminei o jantar. Eu tinha gasto toda a tarde me perguntando o que iria acontecer, se tudo iria de volta ao normal ou se haveria mais daqueles beijos de martelar o coração, mas pela hora que ele chegou, eu tinha decidido que isso não importava. Era mais que suficiente saber que eu não estava mais sozinha na luta pela existência dele.

— Eu sinto muito, — ele disse, se atrasando perto da porta. Eu estava na minha cama brincando com Pogo, que tinha um novo arsenal de brinquedos para mantê-lo entretido. Eu olhei para cima em tempo de ver Henry fechar a porta. — Minhas ações mais cedo foram desnecessárias.

Por um horrível momento, eu pensei que ele estava se desculpando por ter me beijado. Não foi até que eu senti meu rosto ser drenado de toda a cor que eu percebi que ele estava se desculpando por ter ficado zangado por eu ainda ter estado comendo, e até então, tudo que eu pude conseguir foi uma risada nervosa. — Você estava apenas tentando me alertar. Eu tive uma última refeição esta noite, mas está acabado agora, eu prometo.

A massa de frutos do mar Grega, que geralmente me deixava delirantemente com apetite, teve sabor de serragem em minha boca, e eu tinha conseguido apenas umas poucas mordidas. Mas não haveria mais comida agora. Eu tinha feito uma promessa a Henry, e eu não ia quebrá-la mais do que eu já havia feito.

Ele tomou um passo tentativo em minha direção. — Ainda assim, eu não deveria ter gritado como eu fiz. Você não fez nada para merecer isso.

— Você estava preocupado. — Eu dei de ombros. — Eu quero passar, e eu não teria parado de comer se você não tivesse me dito. Então obrigada.

Ele cruzou o quarto e tomou assento perto de mim na cama, erguendo um dos brinquedos de Pogo. Pulando alegremente, meu filhote derrubou o osso que eu tinha dado a ele e foi atrás de Henry, puxando e rosnando incansavelmente no pedaço de corda.

— Ele é bastante determinado, — Henry disse com um pequenino sorriso.

— Teimoso como uma mula, — eu disse. — Acha que ele é do tamanho de uma também.

Henry riu, e eu estava tão aliviada de vê-lo feliz de novo que eu quase não ouvi a suave batida na porta. — Kate?

Era Calliope. — Pode entrar, — eu disse, e ela empurrou a porta aberta enquanto carregava uma bandeja com duas canecas de chocolate quente que ela nos trazia todas as noites. Eu olhei para Henry, silenciosamente pedindo por aprovação, e ele assentiu. Quando ela pôs a bandeja na cabeceira, ele ergueu sua mão para pará-la. Mesmo embora ela estivesse encarando o carpete, ela congelou.

— Você tem certeza de que é seguro?

Essa era a primeira vez que ele tinha questionado ela na minha frente. Desde o incidente no Natal, nada mais tinha acontecido, nem ameaças ou pacotes suspeitos, mas Calliope ainda provava tudo o que eu comia.

— Eu tenho certeza. — Calliope falou tão suavemente que eu mal podia ouvi-la, e um tom rosado coloriu suas bochechas. — Eu posso ir, por favor?

Ele assentiu, ela partiu do quarto tão rapidamente que eu não tive tempo de agradecê-la. Eu olhei a porta, me perguntando o que estava errado, mas o cheiro de cacau alcançou meu nariz e me distraiu. Depois de entregar uma caneca a Henry, eu

ergui a minha para tomar um gole. Henry me observou de perto, e meu pulso acelerou, embora eu não tinha certeza se era por que eu pensava que alguma coisa podia acontecer ou pelo modo como ele me encarava.

Talvez ambos.

Eu rolei meus olhos brincando. — Eu não vou morrer hoje, Henry, eu prometo. Agora, você vai me contar porque Calliope é aterrorizada por você?

Ele fez uma careta e bebeu, indubitavelmente uma técnica de ganhar tempo. — Eu temo que ela tenha sido desse jeito por um número de anos. A facilidade que você tem passando tempo comigo é completamente rara. A maioria me teme.

— Isso é ridículo. — Embora parte de mim soubesse que não era. Eu tinha certeza que ele se continha quando estava ao meu redor.

— Quando você é o governante dos mortos, não é tão difícil ver porque os outros não gostam de você. — Ele gesticulou desdenhosamente. — É a mesma coisa com a maior parte dos empregados. Aqueles que irão me olhar nos olhos quando eu falo com eles são poucos e distantes entre si.

— Eu não tenho medo de você. — E para demonstrar esse ponto, eu me inclinei pra frente e o beijei como ele havia me beijado na sala de desenho, cuidadosa para não derramar minha bebida. Meu coração martelou em meu peito enquanto eu esperava por ele corresponder, esperando que ele não fosse se afastar e declarar que tudo que tinha acontecido era um erro. Para meu alívio, ele finalmente retornou. Seus lábios eram quentes contra os meus, e ele tinha sabor de chocolate.

Eventualmente ele quebrou o beijo e tomou minha caneca de mim, colocando ambas na mesa de cabeceira. — Eu não acho que Pogo aprecie ser ignorado.

Pogo estava sobre sua barriga e observando nós dois intensamente.

Quando ele viu que eu estava olhando para ele, ele sacudiu seu rabo. — Pogo, fora, — eu disse, jogando alguns de seus brinquedos novos do colchão para o travesseiro que servia de cama para ele. Ele obedeceu e saiu em disparada para baixo, deixando eu e Henry por nossa própria conta.

Eu virei de volta para Henry, me sentindo mais relaxada e contente do que eu tinha o dia todo. — Lá, — eu disse, me inclinando em direção a ele novamente. — Muito melhor.

O modo como ele me beijou, eu podia ter me afogado nele e nunca teria sido mais feliz. Cada vez que ele me tocava, eu esperava faíscas, e o calor de sua palma contra a pele nua de meu pescoço era quase demais para suportar. Rastejando para seu colo, eu envolvi minhas pernas ao redor de sua cintura, aprofundando o beijo. Enquanto eu estava liderando, ele parecia tão ansioso quanto eu estava, e parecia como se toda a emoção reprimida estivesse finalmente transbordando de nós. Vários momentos depois, eu me afastei.

— Henry? — eu corri minhas mãos através de seu cabelo enquanto eu firmava minha respiração. — Eu posso te contar uma coisa e você prometer que não vai rir de mim?

— Eu nunca iria rir de você. — Seus olhos refletiam a dor que eu sentia, e eu sabia que podia confiar nele com isso.

Engolindo em seco, eu disse em uma voz baixa, — eu não sou muito boa nisso. A completa coisa, se apaixonando por alguém, ficando com eles… Mesmo com o beijar, eu não sou muito boa.

Ele começou a protestar, mas eu continuei falando. Agora que eu sabia que ele se importava por mim como eu me importava com ele, eu tinha que contar a ele.

Talvez eu devesse dar mais tempo a ele para se ajustar, mas havia uma urgência que parecia se espalhar através de mim, fazendo as palavras caírem de meus lábios sem nada para impedi-las.

— Eu não sou, mesmo que você pense que sim. Mas não importa como isso começou… Um acidente, destino, tanto faz, eu estou feliz que você me encontrou aquela noite. Não por causa do que aconteceu, mas por causa de agora. Por que eu consegui estar aqui com você. E eu estou assustada, também, mas... Mas obrigada por me contar hoje. Obrigada por confiar em mim com isso. Eu nunca tinha… — Eu pressionei meus lábios juntos, tentando encontrar as palavras certas.

— Eu nunca tinha me sentido assim por ninguém. E eu não estou realmente certa do que se apaixonar seja, mas eu acho... Sei que eu tenho. Com você.

Não era o discurso mais eloquente, mas Henry não pareceu ligar. Pela primeira vez desde que nós tínhamos nos conhecido, ele parecia surpreso e me preocupei que eu tivesse falado demais.

— Você sabia, — ele disse, sua respiração morna na minha bochecha, — que essa é a primeira vez que alguém já me disse que me amava?

Surpresa, eu fiz a única coisa na qual eu podia pensar, eu o beijei de novo. — É melhor você ir se acostumando a ouvir isso mais vezes, porque eu planejo dizer isso há você muito mais.

Ele retornou meu beijo, e minha cabeça girou enquanto minhas mãos habilidosamente desceram para desabotoar sua camisa. Dessa vez nós não paramos.

Na manhã seguinte eu acordei em um emaranhado de membros. Minha cabeça latejava e meu corpo doía, mas eu não podia encontrar isso em mim para me importar demais. O calor e a sonolência que eu sentia envolta nos braços de Henry eram mais que suficientes para me fazer sentir feliz. A noite anterior veio jorrando de volta pra

mim, e eu lembrei distintamente pulando o tópico de Henry com minha mãe, muito embaraçada para contar a ela que eu tinha dormido com ele, mas eu não me arrependia disso. Isso apenas não era o tipo de coisa que eu queria contar a ela até que eu não tivesse escolha. Melhor ela assumir que esse tipo de coisa aconteceu depois do casamento, se isso acontecer de todo.

— Mm, bom dia, — eu disse, forçando meus olhos a abrirem. Ao invés de sorrir, Henry estava me encarando como se eu tivesse crescido um novo membro. Confusa, eu lutei para me sustentar em meu cotovelo, mas mesmo esse pequeno movimento parecia como uma faca sendo enfiada no lado da minha cabeça. Encolhendo-me, eu cautelosamente me deitei de volta no travesseiro. Um olhar ao rosto de Henry me disse que eu havia piorado as coisas.

Ele estava se levantando antes que eu percebesse que ele tinha saído da cama. Produzindo um robe de seda preto do nada, ele rapidamente o enrolou ao redor de seu corpo, nunca tirando seus olhos de mim. Mas esse não era o olhar amoroso que ele tinha me dado na noite anterior.

— A sua cabeça dói?

Isso parecia como uma pergunta estúpida, considerando todas as coisas, mas eu assenti, e imediatamente me arrependi disso.

— Você sente-se dolorida?

— Um pouco, — eu admiti, apertando meus olhos fechados. — O que está errado?

Ele não respondeu. Forçando-me a abrir meus olhos uma vez mais, eu o vi em pé sobre as canecas, farejando o que restava do chocolate quente.

— Henry? — eu disse, minha voz subindo. — O que está acontecendo?

Sem aviso, ele jogou as canecas através do quarto. Elas espatifaram contra a parede, manchando o papel de parede.

— Maldição! — ele rugiu, e então passou a praguejar em outros vinte idiomas que eu não podia nomear. Lutando para sentar de novo, dessa vez eu empurrei através da dor. Eu agarrei o lençol ao meu peito e o encarei, muito chocada para dizer qualquer coisa.

— Calliope! — ele gritou, sua voz ecoando, mas não houve resposta. Ao invés, Nicholas abriu a porta, fazendo o ponto de não olhar para mim.

— Na cama, — ele disse asperamente. — Ela está doente.

Henry apertou os punhos tão fortemente que eu estava com medo de que ele pudesse acertar alguma coisa e destruir a mansão inteira no processo. — Procure por ela, — ele disse, tempestuando em direção à porta. — Ninguém entra ou sai desta sala sem minha permissão, você me entende?

Nicholas assentiu, sua expressão impassível. Ele não estava ajudando.

— Henry? — eu disse em uma voz baixa, meu coração martelando em meu peito. — O que está acontecendo?

— Eu sinto muito, — ele disse, olhando para mim de um jeito que fez meu sangue esfriar. — Eu sinto muito, muito mesmo.

E sem outra explicação, ele partiu.

CAPÍTULO 16
O RIO STYX

Eu passei o resto da manhã na cama chorando. Minha cabeça latejava e meu corpo inteiro estava tão dolorido que conseguir levantar não parecia possível, mas tudo que eu podia pensar era sobre o modo como Henry tinha olhado para mim antes de ter partido. Como se ele nunca fosse me ver de novo.

Não era justo, e pela minha vida eu não entendia porque ele estava fazendo isso. Era por que tinha dito que eu o amava? Isso tinha sido rápido, e eu não tinha pensado muito, mas depois que disse isso, eu sabia que era a verdade. Eu estava disposta a fazer qualquer coisa que precisasse para dar a ele outra chance, mesmo se isso significasse desistir de qualquer escolha que eu tinha na minha vida, e se isso não era equivalente a amor, eu não sabia o que era. Mas não era como se eu esperasse que ele me amasse em retorno.

Quanto mais eu pensava sobre isso, mais eu juntava as peças. A confissão que tinha caído da minha língua em um jorro de palavras que eu não podia parar a abrupta necessidade de ficar com ele, o aviso para não comer. Eu tinha sido envenenada.

Exceto que desta vez, também tinham sido Henry e Calliope, e nós todos tínhamos sobrevivido.

Não tinha sido designado para me matar. Era um afrodisíaco.

Uma vez que eu tinha entendido, tudo parecia mais claro para mim. A única pergunta era quem? Tinha alguém tentando dar a mim e Henry um empurrão na direção certa, ou havia mais alguma coisa nisso? E se havia, quem me odiava o suficiente para sequer tentar?

A única pessoa em quem eu podia pensar era Ella. Ela odiava Ava, e talvez se ela pensasse que eu estava do seu lado… Ou talvez ela pensasse que se livrando de mim significaria se livrar de Ava, também. Com o modo que Ava tinha se comportado ultimamente, eu quase não podia culpá-la. Mas o que Ella tinha a ganhar? James? Eu dispensei o pensamento tão rapidamente quanto ele surgiu. A última coisa que ele queria era empurrar eu e Henry mais próximos. Era possível que essa fosse sua intenção, que Henry ventasse pra longe e me ignorasse pelo resto da minha estadia, mas isso era um risco que eu estava certa que James não iria apostar. Dando a Henry qualquer desculpa para se apaixonar por mim e lutar pelo seu reino seria perigoso. Além disso, o único modo infalível de evitar isso era me fazer fracassar em um teste, e...

Meu sangue virou gelo em minhas veias. É claro. Os testes. Gula, os sete pecados capitais... Luxúria.

Desespero preencheu o fundo de meu estômago. Eu tinha falhado, não tinha? Mesmo se não fosse minha culpa, mesmo se isso tivesse sido um afrodisíaco, não importava. Tinha que ser por isso que Henry estava tão chateado. Qualquer outra coisa não fazia sentido, a menos que ele realmente tivesse forçado afeição por minha causa. Eu não queria pensar sobre isso. Eu não queria pensar sobre possivelmente falhar também, então ao invés, eu me arrastei para fora da cama, agradecida de que Nicholas estava estacionado fora do meu quarto ao invés de dentro. Sem analgésicos, eu tinha que lidar com as dores e os machucados, aparentes efeitos colaterais de qualquer que fosse a droga que me tinha sido administrada, mas mesmo estes estavam entorpecidos

agora. Eu vesti-me, e apesar do meu corpo protestar, eu apanhei as roupas da noite anterior e refiz a cama.

O conselho tinha que ver o que tinha acontecido, que nós tínhamos sido sabotados. Se eles eram de todo justos e imparciais, eles não podiam me desconsiderar por causa disso. Eu me agarrei a essa esperança, essa última chance, e me forcei à empurra qualquer outra possibilidade de lado. Tudo ficaria ok. Tinha que ficar.

Calliope veio logo depois do pôr-do-sol, parecendo tão doente quanto eu estava. Ela estava pálida e trêmula, e ao invés de enxotá-la pra longe, como Nicholas tinha com cada outro servente que tentou me checar, ele ofereceu seu braço a ela e a escoltou para dentro.

— Calliope? — eu disse do meu lugar perto da janela, curvada em uma das poltronas estofadas. — Você está ok?

— Eu estou bem, — ela disse com um sorriso cansado enquanto Nicholas a ajudava em uma cadeira. — A pergunta mais importante é, como você está?

Eu esperei até Nicholas sair para responder, mesmo embora eu estivesse certa de que ele poderia ouvir tudo através da porta.

— Cansada, — eu admiti. — Eu estou muito dolorida.

Isso teve resultados inesperados. O rosto de Calliope desmoronou, e em menos tempo do que me levou me erguer fora da cadeira, ela estava soluçando. — Oh, Kate! Eu sinto muito, eu não soube até depois que eu tinha entregado, e eu tentei enviar alguém para avisar você, mas já era tarde demais, e eu não sabia o que fazer...

Eu ajoelhei ao lado da cadeira dela, tomando sua mão. — Não se desculpe. Você não tinha como saber, e eu sinto muito que eles tenham chegado a você, também.

Seu lábio inferior tremeu, mas ela parecia estar fazendo um esforço valoroso para manter-se contida. — Eu deveria ter esperado alguns minutos. Foi estúpido de minha parte, e isso poderia ter te matado.

— Mas você não fez, — eu disse. — Nós estamos ambos bem. Nós três estamos *bem*.

Ela me encarou, seus olhos quase desnaturalmente amplos.

— Mas você e Henry…

Eu engoli o caroço na minha garganta. — Está tudo bem, Calliope, de verdade. Se isso funcionar, então teria provavelmente acontecido eventualmente de algum modo. E se não funcionar, não irei lembrar-me disso, então de qualquer modo.

O olhar sombrio no seu rosto me disse que ela não acreditava em mim. Eu não acreditava em mim também. Sua extrema reação à droga tinha me distraído de pensar sobre o fato de que alguma coisa maior tinha acontecido na noite anterior, e não parecia como se tivesse caído totalmente à ficha. Isso deveria ser grande coisa; eu deveria me sentir chateada ou suja, ou pelo menos confusa sobre o que sentir sobre a coisa toda. Mas àquele ponto, eu estava bem mais preocupada sobre Henry do que estava por mim mesma.

— Por que você acha que era inevitável que ele fosse para a cama com você? — disse Calliope em uma voz cuidadosa que eu não podia decifrar.

— Existem rumores que ele nunca tinha… Que ele e Perséfone nem mesmo tinham… — Ela se interrompeu, claramente desconfortável.

Eu abri minha boca, com a completa intenção em dizer alguma coisa inteligente, mas a única coisa que eu consegui botar para fora foi, — *Ele era virgem?*

— Ninguém sabe com certeza, — Calliope disse rapidamente. — Ele era muito possessivo com Perséfone, mas ele a amava. Ela apenas não o amava de volta, isso é tudo. Eles tinham quartos separados e tudo.

Eu franzi o cenho. — Ele não tem que se preocupar sobre isso comigo.

— Qual parte?

— A parte onde ela não o amava de volta. Eu quero dizer, se nós tivéssemos nos encontrado na rua ou coisa assim, eu provavelmente não teria nem me incomodado, eu quero dizer, ele é lindo. — Eu lembrei o que James tinha dito tantos meses atrás e consegui um pequeno sorriso. — Ele é um dez. Um doze, até, e eu não estou em nenhum lugar perto disto. Eu nunca iria juntar coragem para falar com ele por conta própria. Mas conseguindo conhecê-lo… — Era patético e difícil para mim admitir, mas essa era a verdade. E talvez se Calliope entendesse, ela não iria se sentir tão culpada por deixar isso acontecer em primeiro lugar. — Eu o amo. Eu não entendo como alguém poderia conhecê-lo e não amá-lo.

Calliope encarou o carpete, suas bochechas vermelhas. — Eu também.

Eu fiquei em silêncio, não sabendo como responder. Ela tinha sequer a intenção de que eu ouvisse isso? Mas ela não disse mais nada, então eu não a pressionei. Eventualmente eu me ergui em minhas pernas doloridas e me sentei de volta em minha cadeira, encolhendo-me quando minha cabeça protestou. Não era o fim do mundo, mas era ruim o suficiente para me fazer feliz que eu não tinha que caminhar até a sala de jantar para o jantar esta noite.

— Eu tenho uma ideia, — Calliope disse animadamente. Seu humor brilhante, tão diferente do que tinha estado apenas alguns segundos antes, me assustou.

— Yeah? — eu disse, não querendo soar tão desconfiada quanto eu tinha.

— Um piquenique, amanhã, uma vez que nós duas estivermos recuperadas. Nós podemos andar até o rio e trazer um cobertor e tudo mais. É suposto que faça calor.

Depois de conseguir uma boa olhada no modo como ela estava radiante, não havia maneira de que eu pudesse ter dito não. Ela se sentia mal o suficiente por colocar Henry e eu em problema, e uma tarde longe do drama e confusão da mansão soava maravilhoso. O pensamento do rio ainda me enviava um calafrio abaixo de minha espinha, mas eu fiz o meu melhor para ignorar isso.

— Isso soa ótimo, — eu disse, e Calliope sorriu. Pelo menos isso iria servir como uma boa distração da possibilidade de que eu já tinha fracassado.

Henry não apareceu àquela noite, e pela primeira vez desde o Natal, eu dormi sozinha. Eu tentei não pensar demais sobre isso, mas no escuro com Pogo curvado do meu lado, era impossível não pensar. Ele estava zangado comigo porque eu tinha feito-o dormir comigo e consequentemente fracassar por causa disso? Mas eu não tinha feito isso, eu tinha? Ele não tinha tentado me parar. Ele estava louco por que eu disse que o amava, e agora que a droga tinha perdido o efeito, ele percebeu quão estúpido isso parecia? Ou ele se sentia culpado sobre isso? Eu não ligava se ele ainda amava Perséfone. Enquanto eu não exatamente gostava dela, ele era dedicado e leal, e que ele ainda podia amar alguém que tinha sido tão horrível para ele, não havia nada para se sentir culpado. A menos que ele se sentisse culpado porque ele amava sua esposa demais. Ele sentia como se a tivesse traído? Isso foi um acidente, não um erro, a menos que Henry pensasse que era. Talvez essa não fosse exatamente como eu tinha imaginado tudo acontecendo, mas não tinha sido ruim o bastante para fazê-lo sentir como se ele tivesse que ficar longe. Ou tinha? Ou talvez ele se sentisse culpado por desistir e me ajudar a falhar. Mesmo se essa era a verdade, isso não explicava sua

ausência. Não tinha sido culpa dele, e se eu realmente tinha fracassado, não havia ponto em permanecer mais na Mansão Éden.

Mas eu ainda estava aqui, e isso tinha que significar alguma coisa. Eu dormi muito mal, e até mesmo meus sonhos com minha mãe não me traziam conforto. Eu estava quieta e retraída, e enquanto ela me perguntava de novo e de novo o que estava errado, eu não podia me fazer dizer a ela. Eu me odiava por isso, não querendo desperdiçar minhas últimas semanas com ela, mas mesmo se eu pudesse falar com ela sobre isso, eu não sabia o que iria dizer. Ela estava pondo todas as suas esperanças do meu futuro em Henry, e eu não podia contar a ela quão ruim eu tinha conseguido destruir isso. Isso iria partir seu coração, e pelo menos uma de nós merecia ser feliz.

Pensar em Henry doía, e a manhã não trouxe alívio. Eu tentei sair do meu quarto, mas as ordens de Henry não tinham mudado: Eu estava presa naquele quarto até alguém em quem Henry confiava que parecia estar limitado a ele próprio, Nicholas e Calliope, vir me apanhar. Não havia nenhum lugar para ir, mas eu odiava estar enjaulada.

Mas não era exatamente isso que eu tinha estado pelos últimos seis meses? A pequena voz na parte detrás de minha cabeça era surpreendentemente amarga. Eu não tinha estado enjaulada como algum tipo de animal, como se eu pertencesse a ele?

Não. Eu tinha andado para dentro disso voluntariamente, e ele tinha deixado claro que eu não estava presa contra minha vontade. Era terrível de minha parte até pensar de outro modo. Eu não era Perséfone.

Calliope veio me pegar ao meio-dia, cesta de piquenique em mãos. Ela parecia tão feliz que era como se a conversa que nós tínhamos tido no dia anterior nunca tinha acontecido, e eu não me atrevia a trazer o assunto. Nós unimos os braços, e enquanto nós nos movíamos através dos corredores, eu mantive meus olhos abertos

por qualquer sinal de Henry. Ele sempre tinha estado lá quando eu queria que ele estivesse, mas agora não havia sinal dele.

Enquanto nós deixamos a casa, Nicholas trilhava alguns poucos pés atrás de nós. Enquanto ser seguida ainda era aborrecedor, era confortante tê-lo lá; mancando ou não, ninguém poderia ser louco o suficiente para mexer com ele. Pogo também parecia gostar dele enquanto ele o seguia através do jardim, ficando perto de Nicholas ao invés de mim.

— Kate?

Eu olhei para cima ao som do meu nome, mas isso foi tão longe quanto eu consegui. Em um instante, Nicholas estava entre eu e Ava, que estava parada do outro lado da fonte.

Era o mais próximo que eu tinha estado dela desde o Natal.

Eu não queria ignorá-la, mas entre tudo o que tinha acontecido com Henry, ela era uma coisa a mais que eu não podia encontrar a energia para lidar. Ela me fazia-me sentir culpada, e eu sentia coisas o bastante agora mesmo sem adicionar aquilo também.

— Kate, — Ava tentou mover-se ao redor de Nicholas, mas ele era enorme. — Por favor. Eles não iam me deixar entrar no seu quarto, e eu preciso...

— Você não entendeu? — disse Calliope tão perversamente que eu a encarei, surpreendida. — Ela não quer falar com você.

Eu podia ver a expressão de Ava debaixo do cotovelo esquerdo de Nicholas, e ela parecia atordoada. — Kate, — ela disse, seus olhos brotando lágrimas. — Por favor. Apenas por um minuto.

Eu permaneci lá com meus pés enraizados no chão. Eu nunca tinha visto ela tão assustada em sua vida, e contra meu melhor julgamento, eu disse, — O que foi?

Ela olhou para Nicholas e Calliope nervosamente. — Nós podemos conversar sozinhas?

Nicholas fez uma carranca. — Ninguém fica a sós com ela.

— Por favor, Nicholas, — Ava disse em um modo tão com familiar que me fez perguntar se ela tinha tido com ele também. — Eu só preciso de um momento...

Calliope a interrompeu. — Nós estamos saindo agora. — Puxando meu cotovelo, ela me levou em direção à floresta. Eu não a impedi, embora eu tenha insistido em falar com Ava apenas alguns dias antes. Mas alguém tinha que ter feito isso para Henry e eu, e tanto quanto eu odiava o pensamento, Ava tinha a motivação para fazer isso. Tudo o que ela teria que fazer era deslizar dentro da cozinha e temperar nossas bebidas. Talvez ela tivesse apenas tentando ajudar, dar a Henry um empurrão, sem perceber o que as consequências seriam. Ou talvez ela tivesse estado tentando arruinar as coisas para mim tão completamente que eu me sentisse tão solitária quanto ela. Nenhuma das possibilidades era agradável.

Enquanto nós alcançamos a beira das árvores, eu olhei sobre meu ombro e vi Nicholas segurando o braço de Ava, impedindo-a de nos seguir. Ela lutou de volta, girando ao redor para encará-lo e dando a ele uma lição que eu estava grata que eu não podia ouvir. Mas pelo menos ela não estava nos seguindo.

— Que embaraçoso, — Calliope disse, pisando cautelosamente sobre uma grossa raiz que surgia do solo. — Deve ser horrível estar na posição dela, mas não é desculpa para agir desse jeito.

Eu arrisquei outro olhar. Nicholas estava nos seguindo agora, e Ava sentada na beira da fonte, seus ombros caídos. Ela estava me observando.

Eu revirei minha cabeça ao redor para encarar direto à frente, não olhando para trás pelo resto de nossa caminhada. Eu fiquei em silêncio, tentando resolver

através de meus pensamentos, mas minha cabeça ainda estava um pouco confusa do que quer que tenha estado em meu chocolate quente.

Eu tinha entendido errado? Era possível que ela tinha ouvido sobre o veneno também? Ela estava preocupada? Mas quanto mais eu pensava sobre isso, mais eu percebia que ela era a suspeita mais provável. Depois do que tinha acontecido pelo Natal, eu não podia culpá-la por estar com raiva de mim, e eu tinha tantas coisas que ela não tinha. Vida, oportunidade, e pelo menos por um dia, eu tinha tido Henry.

Qual era o próximo passo? Tinha sua inveja a motivado o suficiente para tentar me matar? Ou ela tinha ouvido sobre a reação de Henry, e isso era suficiente para satisfazê-la? — O rio é por este caminho, — Calliope disse, interrompendo meus pensamentos enquanto nós escolhíamos nosso caminho através do chão da floresta. Eu olhei para baixo enquanto andávamos, não querendo tropeçar.

Eu lutei para surgir com alguma coisa para dizer que não envolvesse Ava. — Ele corre pelo lugar todo?

Eu não conseguia me lembrar de ter visto nenhum rio do outro lado da cerca.

— Ele passa subterrâneo, — Calliope disse, como se isso fosse perfeitamente normal. — Eu ouvi que Ava quase se afogou nele uma vez. Isso é verdade?

— Ela não quase se afogou, — eu disse, fazendo careta pela memória. — Ela se afogou de fato. Eu tive que pular atrás dela. Foi como ela morreu, bateu sua cabeça em uma pedra. — Eu foquei no chão da floresta, não querendo pensar sobre aquela noite.

— O que você acha que estaria fazendo nesse momento se você não estivesse aqui? Se Ava não tivesse morrido?

Essa era a mesma pergunta que eu tinha estado evitando me fazer pelos últimos seis meses. — Eu não sei. Eu iria estar de volta em Nova York, eu acho.

— Com sua mãe?

Eu suspirei. — Não. Ela teria morrido por agora. — Isso era mais fácil de dizer do que eu tinha esperado. — Ela queria que eu ficasse em Éden e terminasse o ensino médio, mas eu não acho que eu teria sido capaz de fazer isso.

Calliope me atirou um olhar simpático, mas eu não queria a pena dela. — A clareira é logo aqui em cima, — ela disse, e procurando através das árvores, eu a vi, um prado do tamanho do meu quarto. Eu ouvi o rio borbulhando nas proximidades.

— E sobre o seu pai?

— O que tem ele? — eu disse. — Ele nunca esteve no quadro. Eu não sei onde ele está, e eu não me importo. Nós sempre nos demos bem sem ele.

— Você não está mais tão bem, — Calliope disse suavemente. Eu a ignorei. Minha mãe raramente falava sobre meu pai, e eu tinha aprendido desde pequena a não mencioná-lo. Não era que ela parecesse zangada ou amarga sobre ele.

Simplesmente não havia muito a dizer. Eles não tinham sido casados, eu não tinha perguntado o que tinha acontecido, e era isso. Qualquer fantasia que eu tinha tido quando eu era pequena sobre ele aparecendo na porta um dia e me abraçando, me comprando sorvete e brinquedos, tinham desaparecido por agora. Minha mãe e eu éramos um time. Nós não precisamos de mais ninguém.

Calliope e eu assentamos nosso piquenique em silêncio, ela deitando o cobertor e eu vasculhando através da comida.

Lembrar minha promessa para Henry era difícil enquanto olhava diretamente dentro da cesta abarrotada de sanduíches e macarrão e frango frito e as mesmas deliciosas sobremesas que me eram servidas todas as noites, mas eu consegui. Por pouco.

— Eu sinto muito, isso parece delicioso, mas eu não posso comer, — eu disse. — Eu não estou realmente com muita fome.

— Claro que você está, — ela disse, endireitando um canto do cobertor e caindo pesadamente no meio. Na borda da clareira, Nicholas pairava, parecendo rude. — Você não teve café-da-manhã. Além disso, eu estou comendo também, lembra?

— Não é isso, — eu mordi meu lábio. A última coisa que queria era insultá-la, mas eu não podia contar a ela que isso era um teste também.

— Depois do que aconteceu… Prometi a Henry, isso é tudo. Eu sinto muito. Eu devia ter dito antes de você arrastar tudo isso aqui fora.

Eu esperei por ela dizer alguma coisa, mas sua expressão era ilegível. Finalmente ela sorriu, embora não tenha alcançado seus olhos. — Isso não é problema. Você se importa se eu…?

— Nem um pouco, — eu disse. — Sinta-se a vontade, de verdade. E não ligue para meu estômago rosnando.

Ela começou a desempacotar a cesta, e eu me sentei oposta a ela, dobrando meus joelhos para o meu peito. Nós não estávamos muito longe do lugar onde eu tinha encontrado Henry pela primeira vez. Doía pensar sobre aquilo, então eu virei para longe, ao invés me concentrando em Pogo enquanto ele se lançava ao redor pela grama. — Calliope? Eu posso te perguntar uma coisa pessoal?

Ela não ergueu o olhar desempacotando. — É claro.

Eu olhei para Nicholas, que ainda estava dentro do campo de audição. — Tem a ver com o… Um, a coisa que estava no chocolate quente.

— Oh. — Suas bochechas coraram. — Talvez fosse melhor se Nicholas…

— Certo. — Eu clareei minha garganta. — Nicholas? Você se importa de nos dar alguns minutos?

Ele olhou atrás e adiante entre nós cautelosamente.

— Eu prometo que ninguém vai pular e me atacar no meio da floresta — eu disse com um sorriso sombrio. — E se eles fizerem, eu tenho Calliope e Pogo para me proteger. Somente alguns minutos, eu prometo.

— Eu irei cuidar dela, — Calliope disse, e Nicholas cedeu, fundindo-se com as árvores.

— Como você lidou com isso? A coisa que fez eu e Henry… — Agora foi a minha vez de corar. Ao invés de fazer o mesmo, alguma coisa ilegível piscou nos olhos de Calliope.

— Eu não estou vendo ninguém, e não tive uma dose suficiente para ficar subindo pelas paredes, como você deve ter tido então eu descansei. — Seu tom estava plano e hostil, e eu franzi a testa. O que eu tinha dito?

— Por que você não está namorando ninguém? — eu disse, imaginando que essa era uma pergunta segura o suficiente. — Eu quero dizer, você é bonita, esperta e engraçada, e você deve saber um bocado sobre todos aqui...

— Você é muito gentil, — ela disse rigidamente. — Mas eu temo que nunca serei boa o suficiente para a pessoa que eu quero.

Minha carranca aprofundou. — É claro que você é. Qualquer cara seria louco de não querer você, você sabe.

— Não, Kate. — Seu tom era gelado agora. — Eu não sou boa o bastante para ele, e eu nunca serei. Ele deixou perfeitamente claro que a única pessoa boa o bastante para ele é você.

Atordoada, eu tropecei sobre minhas palavras. — Calliope, eu... Eu sinto muito, eu não quis dizer, quem quer que seja eu estou certa de que eu posso falar com ele e arrumar isso e...

— Você é realmente tão estúpida?

Eu caí em silêncio. Aparentemente eu era. — Seu *Henry,* — ela cuspiu.

— Eu o tenho estado assistindo selecionar através de garotas como você por várias décadas. Ele não se importa comigo, tudo o que eu sou para ele é alguém para tomar conta de suas *convidadas*. — Seus olhos estavam brilhantes com lágrimas. — Eu contei a ele uma vez, você sabe, a primeira vez que ele convidou uma garota aqui. Disse a ele que eu seria perfeita para isso, que eu iria amá-lo e tratá-lo mil vezes melhor do que Perséfone jamais fez. E você sabe o que ele fez? Ele foi embora e nunca disse uma maldita coisa para mim de novo a menos que isso tivesse alguma coisa a ver com uma de suas namoradas mimadas.

Eu não sabia o que dizer ou pensar, o que eu deveria fazer? Era por isso que ela estava louca comigo? Por que eu tinha dormido com ele enquanto sob a influência de algum estúpido afrodisíaco?

— Eu sinto muito, — eu disse, lutando para manter minha voz sob controle. — Eu não escolhi isso. Talvez se Henry nunca notou você… Talvez isso nunca estivesse destinado a ser.

— É *claro* que era para ser! — ela explodiu. — Como não poderia ser? Eu o amo. Eu tenho o amado por mais tempo do que você tem estado viva.

Sua expressão aplanou-se, e por um momento assustador, seus olhos pareceram tão mortos quanto ela.

— E eu irei amá-lo muito tempo depois que você se for.

Da cesta de piquenique, ela puxou alguma coisa afiada e metálica. Eu não tive tempo para correr. Ela moveu-se tão rápido que a faca era um borrão, e eu tentei me mover, para chutar suas pernas de debaixo dela e lutar pra longe, mas ela agarrou meu cabelo e puxou minha cabeça para trás tão forte que eu temi que meu pescoço fosse quebrar.

— Nicholas! — eu gritei, mas era tarde demais.

Eu senti a pressão primeiro, um estranho empurrão contra minha lateral. A dor não brotou até que ela puxou a faca para fora, e foi então que eu gritei. Instintivamente eu empurrei meu cotovelo nela, sentindo alguma coisa quebrar enquanto encontrava acesso, mas isso apenas deu a ela outra abertura. Eu arfei enquanto ela enfiava a faca na minha barriga, o ferimento instantaneamente queimando. Eu já podia sentir o gosto de sangue.

— Que decepcionante, — ela disse, limpando o fluxo de sangue de seu nariz quebrado. — Esse é realmente o melhor que você pode fazer?

Com uma última descarga de adrenalina, eu me arremessei nela, minhas mãos fechando-se ao redor de sua garganta. Mas eu estava perdendo sangue rapidamente, e eu não tinha a força para fazer o dano que eu queria fazer. Desamparada, eu apertei meus olhos fechados enquanto ela remetia seu golpe final, apunhalando-me no centro de meu peito. Dessa vez ela não se incomodou em arrancar fora a faca.

Ela arrancou minhas mãos de seu pescoço e me ergueu com facilidade. Eu podia ouvir Pogo latindo, o som disso abafado e distante, e eu tentei gritar, mas tudo que eu pude conseguir foi um gorgolejo doentio. Dor queimou através de mim como fogo. Eu fiquei tonta, como se eu estivesse caindo através de um túnel, mas não houvesse nada em que eu pudesse me segurar.

O esguicho de água gelada me despertou o suficiente para abrir meus olhos. Minha visão estava borrada, mas eu podia ver Calliope pairando sobre mim. Seu corpo se afastou de mim, mas ela permanecia imóvel. Com minha mente tão lenta, me levou vários segundos para entender que eu estava no rio e flutuando pra longe.

Era isso. Isso era como se sentia a morte. Fria, úmida, entorpecida e quente enquanto eu lutava para respirar, mas nenhum ar preenchia meus pulmões. Em vez de

estar assustada, eu estava aliviada. Eu não teria que dizer adeus a minha mãe no fim das contas. Se Henry tivesse alguma misericórdia nele, ele iria deixá-la partir no instante em que ele descobrisse que eu estava morta. *Henry.*

Depois de deixá-lo baixar sua guarda e conseguir subir suas esperanças, eu tinha conseguido me deixar ser assassinada. E se eu estivesse morta, ele estaria também. Ele não tinha desistido de mim, então que direito eu tinha de desistir dele?

Eu lutei fracamente contra a correnteza, mas era inútil.

Eu mal podia me mover que dirá tentar nadar até a margem. O rio iria me levar, e se eu fosse sortuda, eventualmente eles iriam encontrar meu corpo levado até a margem do rio algum lugar próximo. Acima de mim o sol aparecia através dos galhos nus, e eu me permiti ser levada para a escuridão, não mais fria. Ao invés, eu me sentia quente, como se Henry estivesse me abraçando, eu o imaginei me puxando para a margem. O ar frio iria atingir minha pele molhada, e eu iria estremecer. Ele iria me curar, e no fim, tudo iria ficar bem de novo.

Mas era tarde demais para finais felizes. Eu já estava morta.

CAPÍTULO 17
MORTE

Quando eu abri meus olhos, não estava certa do que eu estava esperando, mas não era a minha mãe. Exceto que lá estava ela, parecendo inteira e saudável como ela tinha estado todas as noites quando eu caía no sono. Ao invés de me cumprimentar com seu usual sorriso, sua expressão estava sombria, e ela encarava para alguma coisa a distância.

— Mãe? — eu disse, e quando ela olhou para mim, seus olhos estavam tão vermelhos e vazios que eles não poderiam possivelmente ter sido dela. Mesmo nos piores dias de sua doença, ela não tinha parecido tão vazia. Ainda tinha havido alguma coisa dentro dela, uma faísca ou um sorriso ou alguma coisa que me lembrava que ela ainda era minha mãe. Não dessa vez. Eu tentei pegar sua mão, mas o chão estava instável, e eu caí de volta no banco. Estava escuro do lado de fora, nada como os usuais dias brilhantes que nós passamos juntas, mas a lua cheia e as estrelas piscantes acima de nós forneciam luz suficiente para eu distinguir onde nós estávamos. Nós ainda estávamos no Central Park, mas pela primeira vez desde que meus sonhos tinham começado, nós não estávamos em Sheep Meadow. Nós estávamos em um barco flutuando no meio do lago. Eu congelei. Era exatamente como eu tinha praticamente me afogado quando eu era criança.

— Mãe, eu... — Minha voz rachou mais fraca do que o usual. Eu estava exausta e queria muito fechar meus olhos e esquecer sobre tudo isso. Para deixar isso desaparecer com o resto da minha vida. — Eu sinto muito.

Ela encarava para fora através da água, sua miséria pintada tão claramente em seu rosto que eu podia senti-la. — Não é sua culpa, — ela disse, sua voz cortando através da calmaria estranha que nos rodeava. Mesmo as coisas que geralmente faziam sons, como grilos cantando ou folhas farfalhando na brisa, estavam silenciosos. Tudo o que eu ouvia era a sua voz e o som de ondas batendo contra a lateral do barco. Era como se nós fossemos as únicas coisas vivas na cidade.

Eu estava exausta demais para me mover, mas eu queria tanto atravessar o barco e tocá-la. Mostrar a ela que eu ainda estava aqui, mesmo se não fosse por muito tempo. — Mas é. Era Calliope esse tempo todo, e eu nunca vi isso. Eu devia ter...

— Havia muitos outros que a conheciam por muito mais tempo que você, — disse minha mãe. — Se qualquer coisa, eles deviam ter sido os únicos que vissem isso, não você. Você não pode se culpar por algo que você não poderia ter possivelmente sabido.

— Mas eu devia ter, — eu disse, minha voz tão fatigada que eu temia que pudesse desaparecer. — Eu sabia que alguém queria me machucar, e eu devia ter tentado descobrir quem era, mas eu estava tão preocupada por Henry, e eu pensei... Eu pensei que ninguém iria se atrever quando ele estava por perto. Eu pensei que estivesse segura.

— Você devia ter estado. — Eu podia ver a luz da lua refletida em suas bochechas, um claro sinal de que ela estava chorando. — Eu devia ter feito mais.

Eu hesitei. — O que você quer dizer?

Ao invés de me responder, ela se ergueu e cruzou o barco, fazendo-o oscilar. Eu me agarrei nas bordas tão forte quanto eu pude, mas me afogar era a última das minhas preocupações. Se eu já não estivesse morta, eu estaria logo em breve. Ela sentou do meu lado e me envolveu em seus braços, e era tudo que eu podia fazer para manter minha compostura. Uma de nós tinha que ser forte. Eu não sei por quanto tempo nós sentamos lá, ouvindo o barco sacudir subindo e descendo na água. Poderiam ter sido minutos ou horas... O tempo pareceu parar neste lugar, e seu abraço era toda a proteção que eu precisava contra o ar frio. Eu repassei através dos eventos que tinham acontecido pelo rio, como um momento Calliope tinha sido minha amiga e no seguinte minha assassina. Como eu não tinha visto isso? Mas olhando de volta para isso, o que estava lá para ver?

— Por que você acha que ela fez isso? — eu murmurei contra o ombro de minha mãe. — Ela disse que amava Henry, mas por que matar todo mundo? Por que arriscar sua vida desse jeito, também?

Ela correu seus dedos pelo meu cabelo. Eu tinha certeza de que ela tinha intenção de me confortar, mas isso apenas me fazia lembrar o que eu estava perdendo. O que nós duas estávamos perdendo. Eu tinha falhado com ela tanto quanto tinha fracassado com Henry, mas pelo menos ela me perdoou por isso. Eu queria poder me perdoar também.

— Por que você acha? — ela disse gentilmente, e eu dei de ombros.

— Eu não sei. — Minha mente passeava de Calliope para Henry para Ava, que tinha estado tão desesperada para encontrar amor.

— Talvez ela estivesse tão solitária quanto ele estava. Talvez ela pensasse que podia salvá-lo. Mas, se ela realmente o amava, como ela podia arriscar a existência

dele desse jeito? Eu quero dizer, se eu fosse ela, eu teria preferido vê-lo comigo do que não vê-lo de forma alguma.

— Existe mais de um tipo de amor, — minha mãe disse. — Talvez essa seja a diferença entre você e Calliope. Talvez seja por isso que você foi escolhida e ela não.

Eu fechei meus olhos enquanto tentava pensar sobre isso, mas nada além do balanço do barco e o som de minha mãe respirando fazia mais sentido. — Eu não quero ir, — eu sussurrei. — Eu não quero dizer adeus.

Ela enterrou seu rosto em meu cabelo. — Você não precisa.

Antes que eu pudesse descobrir o que ela queria dizer, o barco deslizou em direção a margem. Quando ele veio a uma parada, eu abri meus olhos e vi uma silhueta se moldar contra a água, distorcendo-se enquanto a água ondulava. Os braços esguios de minha mãe foram substituídos com músculos, e eu me senti sendo erguida fora do barco. Eu queria lutar, para insistir em ficar com minha mãe, mas minha língua parecia pesada e meus pensamentos lentos.

— Eu a tenho, — disse uma voz aflita. Henry.

— Obrigada, — minha mãe disse sua voz carregada de algo que eu não entendia. Ela acariciou uma mão contra minha bochecha e inclinou-se adiante para beijar a dele. — Cuide dela, Henry.

— Eu irei, — ele disse, mas não havia nada, além disso. Minha mãe abaixou-se e pressionou seus lábios na minha testa. Eu desesperadamente queria pegar sua mão, mas ela o fez por mim, e usando minha última força, eu consegui um pequeno aperto.

— Mãe? — Mesmo para mim minha voz soava estranha e distorcida, como se eu estivesse apenas aprendendo como formar palavras.

— Está tudo bem, coração. — Ela afastou-se, e eu podia ver lágrimas em seus olhos. — Eu amo você, e eu estou tão orgulhosa de você. Nunca se esqueça disso.

Pânico borbulhou dentro de mim, mas sem opção de liberá-lo, eu sofri através da dor de cortar o coração. Ela estava partindo. Esse era o fim. Eu deveria ter mais semanas com ela, não era esse o nosso acordo? Mas que estúpida eu era. Como eu poderia possivelmente passar tempo com ela quando eu estava morta e ela não estava?

— Amo você também, — eu disse, e embora isso tenha saído mais como um gorgolejo do que qualquer coisa, ela sorriu. Enquanto Henry se afastava dela e me carregava para dentro da escuridão tingida da noite, eu virei minha cabeça o suficiente para observá-la ficar menor e menor à distância. Finalmente ela pareceu desaparecer, e ela se foi. Eu me agarrei as suas últimas palavras, a cola que me segurava inteira enquanto eu lutava para resistir à calmaria do sono profundo. Eu iria vê-la de novo quando ela fizesse a passagem, e não haveria fim para os dias ensolarados de verão que poderíamos passar juntas no Central Park.

Mas mesmo embora eu soubesse disso, mesmo embora Henry estivesse me carregando para minha própria morte, eu não podia evitar formar uma única palavra em meus lábios, uma que eu tinha resistido dizer por tantos anos. A única palavra que eu esperava que nunca tivesse que dizer.

Adeus.

•

Eu esperava que a morte fosse fria. Ao invés disso, a primeira coisa que eu senti foi calor, incrível calor que enchia meu corpo, ou pelo menos o que foi deixado dele, e espalhou-se por mim como mel. Foi por isso que Ava tinha passado? Acordando quente? Parecia muito fácil. E então a dor começou. Esmagadora, agonizante dor no

meu peito e em meu lado, exatamente onde Calliope tinha me esfaqueado. Arfando, eu mentalmente me chutei por pensar que isso seria tão simples. Ava não tinha mostrado nenhum sinal de seu ferimento, depois de tudo, e meu corpo tinha que se curar antes de eu poder levantar e andar por aí. Sussurros preencheram o ar, e eu não podia distingui-los. Outras almas mortas? Estaria minha mãe lá já esperando por mim? Eu iria abrir meus olhos e ver grama, árvores e sol, ou havia mais nisso? Eu devia ter perguntado ao Henry quando tive a chance.

Pareceu como era antes de eu me forçar a olhar. A principio a luz queimou, e fechei meus olhos novamente, mas quando eu o fiz lentamente, eles se ajustaram. Dessa vez, meu arquejo não tinha nada a ver com dor. Eu estava em meu quarto na mansão, rodeava por rostos familiares. Ava e Ella, Sofia e Nicholas, até mesmo Walter estava lá, e eles todos pareciam preocupados. E pelo canto do olho, eu o vi. Henry.

Meu coração pulou uma batida, mas eu já estava muito confusa para me perguntar por que estava bombeando em primeiro lugar. Este não era o Central Park.

— Eu estou morta? — Ou pelo menos foi isso o que eu quis dizer. Saiu mais como um grasnido, e minha garganta estava em chamas, mas o que isso importava? Henry estava lá.

Ele fez uma careta, e um bloco de gelo preencheu meu estômago. Eu estava morta, não estava? Ele mal podia sequer olhar para mim.

— Não, — Henry disse, encarando abaixo para minhas mãos. Ele estava segurando a minha. — Você está viva.

Meu coração conseguiu afundar e se elevar ao mesmo tempo. Isso queria dizer que não estava acabado, que nós ainda podíamos fazer isso, que eu ainda podia passar...

Mas então eu lembrei as últimas palavras de minha mãe, e eu percebi o que ela tinha querido dizer. Não tinha sido a minha hora de ir; tinha sido a dela. Horror me encheu, e eu não pude evitar a corrente de lágrimas, muito exausta para segurá-las. Eu lutei para me sentar, mas a dor em meu peito era torturante.

— Deite-se imóvel, — Walter disse severamente, colocando uma xícara de líquido morno em meus lábios. Eu bebi o remédio doce, meus olhos ainda uma cascata.

Todos me observavam, mas eu nunca desviei o olhar de Henry, muito devastada para ficar envergonhada. — Henry? — Eu arrastei enquanto o remédio fazia efeito. — Por que… — eu não pude botar a pergunta para fora. Lutando contra a urgência de fechar meus olhos, eu tentei remexer meus dedos dos pés para me manter acordada, mas mesmo aquilo doía.

— Durma, — ele disse. — Eu estarei aqui quando você acordar.

Deixada sem alternativa, eu me permiti ser impelida adiante, me agarrando a suas palavras e esperando que ele estivesse dizendo a verdade. Aquela noite, eu não sonhei com minha mãe, e sabia que nunca iria novamente. Pesadelos preencheram as horas ao invés disso, imagens de água, facas e rios de sangue, e não importava quão alto eu gritava, eu não podia acordar. Eles eram diferentes dos que eu tinha tido antes de me mudar para a Propriedade Éden — aqueles tinham sido de algum modo ameaçador, um aviso. Estes eram memórias.

Depois do que pareceu uma eternidade, eu acordei. Meus olhos voaram abertos, meu corpo ainda doído e a tensão em meus músculos nada fazia para ajudar isso. Eu esperava luz, mas por vários segundos não havia nada além de escuridão. Enquanto meus olhos ajustaram, eu percebi Henry.

Ele tinha puxado uma poltrona para perto da cama, e enquanto os outros três lados das cortinas estavam fechados, havia espaço aberto o suficiente aberto no quarto lado para eu vê-lo.

Ele ainda estava segurando minha mão. — Bom dia, — ele disse. Havia um distanciamento na voz dele que eu não entendia.

— Dia? — eu murmurei, tentando mover minha cabeça para olhar para for a da janela, mas as cortinas estavam fechadas. Henry passou sua mão sobre um castiçal na mesa de cabeceira, e o pavio entrou em chamas. Não era muita luz, mas era o suficiente para eu enxergar.

— Muito cedo da manhã. Ainda está escuro lá fora. — Ele hesitou. —Como você está?

Boa pergunta. Eu considerei isso por um momento, surpresa quando eu percebi que a dor tinha diminuído. Mas não era isso que ele estava se referindo, e nós dois sabíamos disso.

— Ela se foi, não é?

— Ela pediu para tomar o seu lugar, e eu permiti, — ele disse seus olhos treinados em nossas mãos unidas. — Era o único modo de que eu pudesse tirar você do Submundo. Uma vida por uma vida, mesmo eu não posso quebrar as leis dos mortos.

Suas palavras me atingiram duro, e eu lambi meus lábios ressecados. — Ela abriu mão de sua vida por mim?

— Sim, — ele disse, oferecendo-me um copo de água. Eu a peguei com mãos trêmulas, derramando mais do que bebendo. Henry o encheu de novo, e dessa vez ele o segurou aos meus lábios para mim. — Você estava morta, e eu não podia curá-la. Foi seu último presente a você.

Eu deixei escapar um suave soluço enquanto o pesar me invadia. Ela se foi, tudo por causa do meu engano. Por que eu tinha deixado Calliope chegar perto demais. Por que eu tinha confiado na pessoa errada. Eu sentia como se um pedaço de mim tivesse desaparecido, como se tivesse perdido alguma coisa vital que eu nunca teria de volta. Eu estava vazia e cheia de dor no coração ao mesmo tempo, e tudo parecia errado.

Vários minutos se passaram antes de eu conseguir olhar para Henry de novo, que dirá falar. Quando eu consegui, minha visão estava turva e minha voz rouca e forçada.

— O que aconteceu depois do rio?

Seu agarre em minha mão apertou. — Ava foi quem encontrou seu corpo. Ela passou um longo tempo tentando salvar você, mas apesar de seus esforços, não havia esperança.

Minha garganta fechou. Depois de tudo o que eu tinha feito a ela, Ava ainda tentou me salvar. — E Calliope?

A expressão de Henry endureceu. — Nicholas a apreendeu. Ela será julgada e punida por suas ações, e eu prometo a você que por quanto tempo eu estiver a cargo do inferno, você nunca terá que vê-la novamente.

Eu estremeci, e Henry me cobriu com o cobertor mais uma vez. Eu não tinha forças em mim para dizer a ele que eu não estava com frio.

— Ela era quem estava enviando aqueles pesadelos, — ele disse.

— E quem tentou tirar você da estrada. Ela viu o potencial em você como nós todos vimos, e é meu palpite que ela temia que o único modo de impedir você fosse antes de você chegar a propriedade Éden.

Ela quase conseguiu, também. Se eu não tinha estado certa antes, agora eu tinha certeza que a única razão pela qual o carro não tinha batido nas árvores era porque Henry tinha estado lá para nos proteger.

— O que vai acontecer a ela?

— Eu não sei ainda. Ela devia ter sabido que não poderia escapar dessa, tanto que ela não tentou fugir ou negar seu envolvimento, mas... — Ele hesitou. — Eu suspeito que ela pensou que estaria acima de punição. A luz de tudo o que aconteceu, eu pensei que seria apropriado que você tivesse uma mão na decisão do destino dela.

Eu comecei a perguntar por que ela pensava que não iria ser punida, mas parte de mim realmente já sabia. — Ela te ama tanto que não podia suportar o pensamento de você estar com mais alguém. Ela pensou que era a única pessoa que poderia te fazer feliz.

— E ao invés disso, ela é a única que quase arruinou o resto de minha existência. — Henry curvou-se e beijou meus dedos. Outro estremecimento me percorreu completamente diferente do primeiro. — Eu sou o único que fracassou não você, e eu irei fazer o que for preciso para passar o resto de nosso tempo juntos compensando isso por você.

—Você não falhou comigo. — Eu tentei virar de lado para encará-lo, mas o movimento trouxe apenas dor. — Eu sou a única que falhou com você.

Ele deve ter sabido que eu queria dizer o teste, mas ele sacudiu sua cabeça de qualquer modo. — Você nunca poderia falhar comigo. Eu deveria ter visto os sinais muito antes disso e nunca ter a permitido em qualquer lugar perto de você, e por isso, eu estou muito arrependido.

Eu fiquei em silêncio por um longo momento, até que enfim eu disse em uma voz pequena, — Nós estamos bem? Não... Não por isso, mas a bebida e...

— Sim, — ele disse. — Eu me desculpo pelo modo que eu reagi aquela manhã. Eu não estava furioso com você, eu estava zangado... — Ele se interrompeu, fúria contorcendo seu rosto brevemente, mas quando eu pisquei, sua expressão estava em branco. — Não foi sua culpa. Aquilo era uma bebida contaminada, nada mais.

— Mesmo se eu fracassei, eu ainda te amo você sabe. — Vários segundos passaram, e quando esteve claro que ele não ia me dizer nada em resposta, eu fechei meus olhos e suspirei. Meu corpo berrava por sono, e com minha mente tão entorpecida pela perda de minha mãe, eu tinha certeza de que qualquer tentativa de resistir seria causa perdida. Eu não podia ter certeza, mas enquanto eu encontrava a beira da consciência, sua voz me alcançou, gentil e quente e tudo o que eu mais precisava ouvir.

— Eu amo você, também.

CAPÍTULO 18
A OFERTA

Pela semana seguinte, Henry ficou do meu lado. O que quer que estivesse no tônico adocicado que Walter mantinha derramando pela minha garganta abaixo funcionou, e eu passei a maior parte do tempo adormecida. Eventualmente os pesadelos desapareceram, mas eu ainda acordava arquejando, incapaz de esquecer a sensação da água congelante do rio enquanto se fechava ao meu redor.

A dor da morte da minha mãe não tinha entorpecido, mas lentamente consegui aceitar que isso estaria lá por um longo tempo, e chafurdar em minha miséria quando deveria estar me recuperando iria apenas magoar Henry. Seria um insulto para a dádiva que ela tinha me presenteado ignorando o que ela queria para mim, e os últimos seis meses tinham me preparado para isso. Eles tinham me dado à chance de dizer adeus de um modo que eu nunca teria sido capaz de fazer sem Henry. Mesmo embora ainda doesse tanto, havia um tipo de paz dentro de mim que não teria de outro modo estado lá. Eu me mantinha na esperança de que se o conselho decidisse me aceitar apesar do que tinha acontecido entre eu e Henry, que eu iria um dia ser capaz de visitá-la, conversar com ela, e andar com ela de novo. A morte não era o fim; Ava era a prova disso. Mas eu ainda lamentava por ela. Eu ainda sentia falta dela.

Eu tive um fluxo constante de visitantes. A princípio eram Henry e Walter, mas depois que eu insisti, Ava estava permitida dentro do meu quarto também. No

momento em que me viu, ela voou para o lado da minha cama, seus olhos vermelhos e inchados.

— Kate! Oh, Deus, você está bem, eles disseram que você estava ok, mas eu estava com medo de que eles estivessem dizendo isso apenas por que você sabe como as pessoas podem ser, mas você está realmente aqui e acordada e oh, meu Deus.

Ela enrolou seus braços ao meu redor tão folgadamente que eu mal podia dizer que eles estavam lá, mas eu não me importava se doesse um pouco. Eu a abracei tão apertadamente quanto eu podia e depois passei os trinta segundos seguintes pagando por isso. Dor me atravessou, alcançando todo o caminho para a ponta dos meus dedos e dedões, mas isso valeu a pena.

— Eu sinto muito! — ela disse, corando profundamente enquanto eu arquejei. No outro lado da cama, Henry pareceu preocupado, mas por agora ele já estava acostumado a eu me excedendo. Enquanto meus pontos não começassem a sangrar, tudo estava bem.

— Não sinta, — eu disse uma vez que podia falar novamente. — Eu queria abraçar você. Eu sinto tão monumentalmente por tudo. Por gritar com você sobre Theo, por dizer todas aquelas coisas horríveis para você, você não merecia isso, nada disso.

Ela gesticulou sua mão desdenhosamente. — Isso não importa. Você estava certa, eu estava sendo uma idiota. Mas você está viva! Você vai passar por isso, e eu não vou ficar amarrada aqui sem minha melhor amiga. — Ela me deu um olhar que ela devia ter intencionado para ser severo, mas me fez sorrir. — Você sabe, nada disso teria acontecido se você tivesse me deixado te ensinar a como nadar.

— Yeah, você está certa nisso, — eu disse, ignorando a parte onde eu tinha sido apunhalada antes de ser jogada dentro do rio. Eu duvidava que isso tivesse importado

muito para Ava. — Te digo que, uma vez que Henry disser que eu estou bem, nós podemos encontrar algum lugar raso e você pode me ensinar como.

O sorriso no rosto de Ava era mais do que válido, o que quer que isso fosse me custar para conseguir entrar na água de novo. Depois que ela saiu naquela tarde, Henry e eu jogamos cartas. Mesmo embora estivesse me recuperando, eu ainda o estava detonando, mas ele não parecia se importar. Ao invés disso, ele parecia gostar de ser vencido, e eu estava mais do que feliz em ajudar.

— Eu vou sentir sua falta durante o verão, — eu disse depois de vencer minha quinta partida consecutiva. — E te detonar em Jacks.

Henry olhou para mim enquanto ele embaralhou uma mão de cartas. — Eu sentirei sua falta também. — Havia uma nota de finalidade em sua voz que me assustou. Eu tinha esperança de que o conselho iria entender e ver que termos dormido juntos não tinha sido nossa culpa, mas tinha ele passado a ultima semana preparando para dizer adeus para mim?

— Henry? — eu disse suavemente. — Nós podemos jogar faz-de-conta por um tempinho?

Ele não olhou para mim. — É claro.

Eu tomei uma profunda respiração. — Eu posso visitar alguma vez? Digo, eu sei que eu devo sair e explorar o mundo, conseguir uma educação, passando pelo ensino médio, tudo isso, mas eu deduzi que talvez se eu ficar em Éden, eu podia parar por aqui de vez em quando em setembro.

Henry hesitou. — Eu pretendia esperar até depois do encontro com o conselho para discutir isso com você.

— Discutir o quê comigo?

— Sua liberdade. — Ele ergueu o olhar para mim, e eu enrijeci.

— Depois de tudo pelo que você tem passado por minha causa, eu não podia pedir a você que retornasse no outono, não importando a decisão do conselho.

Eu tentei esconder minha mágoa, mas houve um flash em seus olhos que deixou claro que ele percebeu. — Você não quer que eu volte?

— Se eu tivesse a minha vontade, você nunca partiria. Mas essa não foi nossa barganha, e mais do que isso, você tem enfrentado um grande número de dificuldades por minha causa. Eu não desejo fazer sua vida miserável por forçar seu retorno. Então eu estou oferecendo a você sua liberdade, não importando o que o conselho decida. Sua liberdade permanente.

Isso me tomou vários segundos para entender o que ele estava dizendo. Ele me queria aqui, mas ele se sentia culpado — por causa de quê? Por causa do que Calliope fez?

— Mas eu quero voltar, — eu soltei, o pensamento de nunca mais vê-lo novamente fazendo meu coração acelerar. Talvez ele não tivesse pegado a ideia, mas a Mansão Éden era tudo o que eu tinha. — O que eu devo fazer se você não me deixar voltar? Você, Ava, Ella, Sofia e... E...

Eu parei muito emocionada para continuar, e limpei meus olhos. Abandonando suas cartas, Henry acariciou a costa de sua mão contra minha bochecha. — Se você deseja voltar, então eu iria gostar muito disso. É sua escolha para tomar, e você escolheria ficar aqui acima de viver sua vida… Eu não posso dizer a você o que isso significa para mim.

— Mas eu *estou* vivendo minha vida, — eu disse miseravelmente. — E eu posso viver minha vida com você, também. Só porque é pouco convencional não significa que não seja tão bom quanto qualquer outra coisa lá fora. Até melhor. Toneladas melhor.

Ele hesitou. — Você é muito gentil, e isso significa o mundo inteiro para mim que você pense dessa forma. Mas se eu puder dizer, e esperar que você não leve isso levianamente… Você não está vivendo, Kate. Não comigo e não no mundo real. Você estava esperando pela sua mãe morrer, e agora que isso aconteceu.

— Agora que ela se foi, a única coisa que eu tenho sobrando é este lugar, e a única pessoa que ficou é você, — eu disse. — Vai precisar mais do que uma assassina armada de faca para me fazer desistir de você.

Ao invés de discutir comigo, seu rosto se partiu no primeiro sorriso verdadeiro que eu tinha visto desde que eu tinha morrido. — Bom, então o sentimento é mútuo. — Ele ergueu a mão de cartas.

— Nós podemos? Eu ouvi dizer que a sexta vez é o charme.

Eu rolei meus olhos. — Talvez você ganhe quando o inferno congelar.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Isso pode facilmente ser arrumado.

Quando o conselho convocou o dia anterior ao equinócio de primavera, eu ainda não tinha sarado o suficiente para andar por conta própria. Precisou ambas, Ava e Ella me ajudar a vestir, e pela hora que nós tínhamos acabado, eu estava tão exausta que queria me arrastar de volta pra cama.

— Talvez eles possam esperar outro dia, — Ava disse, mordendo seu lábio enquanto ela me olhava. Eu sentei no braço da cadeira que Henry geralmente ocupava, acalentando minha cabeça em minhas mãos.

— Não, — eu disse com uma careta. — Eu estou bem. Só me dê um minuto, vocês dariam?

Elas me forçaram a usar um vestido branco, e eu estava com muito medo de estourar um ponto para me mover. A única coisa boa a respeito desses ferimentos era que um corselete estava fora de questão, mas isso significava que havia muito pouco

amortecendo entre o tecido e minhas bandagens. Um movimento errado e eu estaria em pé em frente ao conselho com meu peito coberto em sangue.

— Você gostaria que eu buscasse Henry? — Ella disse. Ela ainda estava mantendo sua distância de Ava, mas desde o incidente no rio, ela parecia estar fazendo um esforço para tolerá-la. Provavelmente não ajudava que Theo e Ava estavam de volta juntos, mas Ella estava pondo uma cara de coragem. Eu tinha que dar crédito a ela por isso.

— Não precisa, — disse uma voz profunda. Eu afastei meu rosto de minhas mãos o suficiente para ver Henry parado na entrada da porta. —Garotas, vocês estão dispensadas.

Elas dispersaram-se rapidamente, embora Ava pausasse para me dar um rápido beijo na bochecha. — Boa sorte, — ela sussurrou, e então ela se foi.

Henry estava do meu lado antes que eu pudesse sentar ereta.

— Você está bem?

— Eu sinto como se estivesse prestes a vomitar.

O canto de sua boca se contorceu. — Assim como eu. — Ele me ofereceu uma mão e eu a aceitei, confiando nele para me equilibrar enquanto me erguia. Não havia maneira de que eu pudesse ir todo o caminho até o salão de baile, onde o encontro seria mantido.

— Eu tenho que usar sapatos? — eu disse, olhando para os saltos que Ava tinha escolhido para mim.

— Seu vestido é longo o suficiente que a bainha deve esconder seus pés descalços, — disse Henry. Ele hesitou, então disse em uma voz baixa, — Kate, você tem certeza?

— Certa de que eu não quero usar sapatos? Sim. Eu mal posso andar.

— Não, eu me refiro, você tem certeza de que você não deseja aceitar a minha oferta?

Nunca mais ver Henry de novo ou retornar para Éden. Eu não podia pensar em qualquer coisa que quisesse menos. — Positivo, — eu disse, me apoiando contra ele. — Se nós não partirmos agora, nós estaremos atrasados. Eu não estou exatamente em forma para correr pelo corredor.

— Não se preocupe sobre isso. — Ele roçou as pontas dos dedos mornas contra minha bochecha. — Você entende as consequências de passar e fracassar?

— Se eu fracassar, eu vou de volta para o mundo real com minha memória limpa. — E Henry iria desvanecer em nada. — Se eu tiver sucesso, eu fico aqui com você por seis meses do ano.

— Pela eternidade, a menos que você deseje acabar com sua vida, — Henry disse. — Você ficará eternamente como você está hoje, e você terá imortalidade garantida pelo conselho. Isso não é uma coisa fácil, imortalidade. Você irá formar conexões com mortais, e você irá viver além de seus tempos de vida. Nunca haverá um fim. Sua vida será contínua, e eventualmente você irá perder seu contato com a humanidade. Você irá esquecer o que é estar viva.

O pensamento de para sempre era atemorizante — ele afastava a única certeza na vida, e essa era a morte. Mas que bem a morte trazia? Tudo o que isso trazia era dor, e eu tive o suficiente disso para durar os próximos milhares de anos ou mais.

— Bem, então eu acho que é uma boa coisa que minha melhor amiga já esteja morta, não é?

— Sim, — ele disse monótono. — Você é completamente sortuda.

— Ninguém nunca disse que isso seria fácil, — eu disse. — Eu sei disso.

— De fato, — ele disse, seus olhos focalizaram em alguma coisa que eu não podia ver. — E você entende que sucesso também significa que você e eu seremos casados?

Eu não sabia se o calafrio que correu abaixo pela minha coluna era de excitação ou nervoso. — Yeah, eu meio que peguei a ideia. Você não se importa, não é? Eu quero dizer, eu sei que é um pouco rápido e tudo.

Ele quebrou um sorriso. — Não, eu não me importo. Você sim?

Se eu me importava? Eu não estava pronta para ser a esposa ou rainha de ninguém, mas se isso significava que eu conseguiria mantê-lo. Ele disse que eu estaria livre para ficar com outros e viver minha própria vida durante meus seis meses longe se eu quisesse, e enquanto eu não podia me imaginar encontrando alguém que se comparasse a ele, isso ajudava a aliviar o sentimento de estar presa. Eu sacudi minha cabeça.

— Com tanto que você não me faça usar um vestido para a cerimônia.

Henry me deu um olhar. — Por que você acredita que está vestida de branco?

— Oh. — Eu fiz uma careta. — Isso não é muito justo, você sabe.

— Sim, eu sei. — Ele enrolou seu braço ao meu redor, o peso disto familiar e confortador. — Agora nós devemos partir, ou de outro modo nós estaremos realmente atrasados. Feche seus olhos.

Eu fiz como me foi dito, desejando que meu estômago fosse parar de dar saltos mortais por tempo o suficiente para me fazer passar por isto sem arruinar meu vestido. Quando eu os abri, nós estávamos no salão de baile. Ele estava vazio, exceto por catorze magníficos tronos arrumados em um círculo, todos do baile de setembro. Cada um era único: alguns eram feitos de madeira, outros de pedra, prata e ouro. Um

parecia até mesmo feito de galhos e videira, mas eu não podia chegar perto o suficiente para conseguir uma boa olhada.

Esperando por mim no centro estava um banco almofadado. Nós aparecemos apenas a alguns passos dele, e Henry me ajudou e não soltou minha mão até que eu estivesse assentada.

— Confortável? — ele disse.

Eu assenti, e ele pressionou seus lábios na minha testa por um momento prolongado. — Não importa o que aconteça, eu sempre estarei lá por você, mesmo se você não lembrar quem eu sou.

Enquanto seus olhos procuraram os meus, eu forcei um pequeno sorriso, muito nervosa para realmente tentar. Debaixo de mim o laço da almofada estava irritando, mas eu não confiava em mim para mover. — Não existe modo deles me fazerem esquecer você, — eu disse. — Não importa o que eles façam comigo.

Eu vi um relampejo de tristeza em seus olhos antes que ele desviasse o olhar e desse um passo atrás. — Eu a verei em breve, — ele disse. — Não se mova.

Eu pisquei, e ele tinha sumido. Eu examinei os tronos para me manter ocupada, tentando descobrir como seriam seus donos. O mais largo, parecia como se fosse moldado de vidro, postado diretamente em frente a mim. Vendo todos os catorze circulando ao meu redor fez meu coração martelar e minhas palmas suarem, e eu lutei para me manter tão calma quanto eu podia.

Ao invés disso, eu olhei ao redor tentando descobrir qual deles pertencia a James. Não o que era feito de conchas do mar. Prata ou ouro, talvez, ou talvez o que brilhava como uma brasa.

Pensar sobre James me deu uma dor de cabeça, então ao invés disso eu fechei meus olhos. Era isso. Não havia mais chances e nada que eu pudesse fazer para mudar

a mente do conselho. O pensamento era estranhamente reconfortante, sabendo que o que quer que eles tenham guardado para mim estava acabado. Para o melhor ou para o pior, eu tinha sobrevivido. Por pouco.

Mas minha mãe não tinha, e perde-la obscurecia tudo o que eu fazia agora. Parecia errado estar aqui sabendo que ela estava sozinha. Ela era a coisa mais importante na minha vida, e pensar sobre alguma outra coisa além de sentir falta dela — parecia como uma traição. Eu não tinha seguido em frente, não depois de apenas uma semana, e eu tinha medo de que ela pensasse que eu tinha.

Isso era estúpido e eu sabia disso — isso era o que ela tinha querido para mim, não era? Ela ainda estaria orgulhosa de mim se eu fracassasse? Ela ainda teria desistido de sua vida por mim se ela tivesse sabido que isso não faria nenhum bem?

É claro que ela teria. Ela me amava tanto quanto eu a amava. A Morte não mudava isso, e nem fazia o fracasso. Mas eu iria passar se pudesse, se eu tinha alguma chance sobrando. Por ela e por Henry.

O som fraco de gritaria me puxou pra longe de meus pensamentos. Uma porta do lado esquerdo do salão de baile explodiu aberta, e Henry invadiu adentro.

— Não, — ele disse, raiva saturando sua voz. — Eu fiz a ela uma promessa, e eu não tenho intenção de quebrá-la.

— Não era sua promessa para fazer. — Eu tentei ver o dono da segunda voz, mas ele estava bloqueado pelo trono que parecia como se estivesse cheio de água. — Ela é uma de nós, e ela irá ficar.

— Ela não é bem-vinda em meu lar, — Henry disse com um rosnado que fez o cabelo de trás do meu pescoço se erguer.

— Ou ela fica ou nós todos partimos.

Eu observei de olhos arregalados enquanto Henry socava seu punho na parede, fazendo a sala inteira tremer. Eu comecei a deslizar para fora do meu banco, mas parei quando me encolhi de dor. Mover não era uma boa ideia agora mesmo, e isso apenas faria Henry mais zangado.

— Muito bem. Mas ela parte no instante que estiver encerrado.

— Temos um acordo.

Com fúria radiando dele, Henry tempestuou-se através da sala para onde eu sentava. Roçando seus lábios contra minha bochecha, ele sussurrou, — Kate, eu sinto muito.

— O que quer que seja, está ok, — eu disse, tentando me lembrar de uma promessa que ele tinha feito que ele tivesse sido forçado a quebrar. Nada me veio à mente.

Ele se endireitou e pôs sua mão em meu ombro. Eu podia sentir quão tenso ele estava, e isso não fez nada para ajudar meus nervos. —Irmãos e irmãs, sobrinhas e sobrinhos, eu apresento a vocês, Katherine Winters.

Eu comecei a repreendê-lo por me introduzir pelo meu nome completo, mas minha respiração prendeu em minha garganta quando eu vi a procissão de pessoas andando em direção a nós. Eu agarrei a beira do meu assento, muito atordoada para me mover.

Walter era o primeiro, vestido em um simples robe branco. Depois dele veio Sofia, suas bochechas corando enquanto ela pegava meu olhar. James era o próximo, e ele encarava o chão. Eu queria desviar o olhar, mas meus olhos o seguiram todo o caminho até seu trono. O dele era o que parecia como se os braços fossem feitos de duas serpentes. Eu estremeci.

Depois dele, Irene entrou, e então Nicholas e Phillip, o ajudante grosseiro do estábulo. Ella, segurando a mão de Theo. Dylan da Escola Éden, um rosto tão distante em minha memória que me levou um momento para identificá-lo. E pelo momento que Xander pisou através da porta, parecendo inteiro e bem, eu estava muito desconcertada para me perguntar exatamente como ele tinha voltado do Submundo. O aperto de Henry em meu ombro se incrementou quando a próxima pessoa pisou dentro do círculo, e eu de repente percebi por que ele estava zangado. Calliope.

Mas ela não era a última. Meu estômago contraiu-se quando eu peguei sinal de quem trazia a retaguarda. Ava. Eles todos permaneciam em frente de seus respectivos tronos, dando-me misericordiosos segundos para impedir minha mente de enrolar. Eu vagamente notei que dois dos tronos estavam vazios — e Walter clamou o massivo trono feito de vidro — mas a sala girou ao meu redor, deixando difícil de focar.

— Kate, — disse Henry. — Eu apresento a você o conselho.

CAPÍTULO 19
O CONSELHO

Tomou-me cada grama de força de vontade que eu tinha para me manter respirando enquanto eu encarava os rostos do conselho. Amigos, inimigos, mas não os estranhos que eu tinha estado esperando.

Dúzias de perguntas lançaram-se através da minha mente, nenhuma permanecendo tempo suficiente para eu forçá-las para fora. De tudo, isso era provavelmente uma coisa boa, mas eu não entendia, es*te* era o conselho?

Eu ergui o olhar para Henry, e ele me deu um sorriso tranquilizador. Não ajudou.

— Eu estarei bem aqui, — ele disse antes de se mover para sentar em um dos tronos vazios. Eu nunca tinha me sentido tão sozinha em minha vida.

— Eu... Eu não... — Eu comecei, finalmente encontrando minha voz. — Como... Quem...

Ava foi quem respondeu. — Eu sinto muito por mentir para você, Kate, nós todos sentimos. Mas era assim que devia ser.

— Nós precisávamos saber que você era capaz e digna para preencher este papel, — Ella disse, todo traço de amargura desaparecido de sua voz. — Enquanto isso possa parecer como se a tivéssemos traído, é realmente o oposto. Nós conhecemos você bem o suficiente para decidir se você está apta ou não para se tornar uma de nós.

Eu foquei em Henry, o único em quem eu confiava para ser honesto comigo. — Foi tudo uma encenação? Ava no rio, Xander, Theo, Calliope...

— Não. — Sua voz estava tão firme que eu instantaneamente caí em silêncio.

— Não tudo disso. Seja paciente, Kate. Você irá descobrir logo em breve.

Eu estava mais do que disposta a calar e deixá-los irem em frente com isso. Se eu tinha estado nervosa antes, agora eu estava petrificada. Olhando para James, eu percebi que ele se recusava a encontrar meus olhos. Lentamente ressentimento infiltrou-se através das outras emoções agitando-se dentro de mim, e eu enrolei minhas mãos em punhos. Não importa o que Henry disse, era impossível que isso fosse algum tipo de coincidência. Todos que eu conhecia em Éden estavam aqui.

— Antes que comecemos, — Henry disse, desta vez se referindo ao conselho, — Eu acredito que existe um problema que ainda tenha que ser decidido.

Calliope, que estava a minha direita, deu um passo à frente. Ela parecia furiosa.

— Irmã, — ele disse em uma voz estrondosa que ecoou através da sala. — Você tem admitido assassinar pelo menos onze mortais a sangue frio durante os últimos cem anos. Você se declara culpada?

Ela fungou e estreitou seus olhos. — Sim.

Henry olhou para mim, a gravidade de seu olhar fazendo meu coração martelar. — Como sua única vítima sobrevivente, Kate, sua punição cai para você.

Confusa, eu olhei atrás e adiante entre eles, tentando descobrir se ele estava brincando. Ele não estava. — Eu não... — Eu congelei. Como eu deveria fazer isso? Tomando uma profunda respiração, eu disse em uma voz pequena, — Hum, quais são as opções?

— O que quer que você deseje, — Henry disse, seus olhos tão duros quanto diamantes enquanto ele encarava Calliope. Eu abri minha boca e fechei-a novamente. Este era o trabalho, não? O pelo qual eu estava supostamente assinando.

Decidir o destino das pessoas. Se eu não podia resolver isso quando eu era a pessoa que ela tinha tentado matar, como eu deveria decidir pelas pessoas que eu nunca tinha conhecido antes?

Enquanto eu encarava o rosto pálido de Calliope, eu percebi que não era o conhecimento dela que me fez congelar. Era o conhecimento do porque ela tinha feito isso. Ela amava Henry, e como eu, ela devia ter odiado vê-lo magoado. Tendo que aguentar Perséfone, sabendo que ela não o amava, tendo que assistir ele através da perda dela, e então sendo confrontada com garotas que deveriam tomar o lugar de Perséfone quando ela o amava primeiro? Ninguém poderia possivelmente ter sido boa o bastante para ele, não quando ela estava parada logo ali o esperando notá-la. Isso não era desculpa para assassinato, mas eu entendia querer ser aquela que faria Henry feliz.

Eu escolhi minhas palavras cuidadosamente, mantendo contato visual com ela enquanto eu falava. Ela permanecia oposta a mim, parecendo como se quisesse me matar tudo de novo. — Eu sei que você não gosta de mim. Eu sei que você acha que não sou boa o bastante para Henry, e sei que quer que ele fique com você. Eu peguei o porquê, também. Eu entendo que você o ama e só quer que ele seja feliz. Eu entendo que você provavelmente pensou que as garotas que vieram antes de mim eram muito estúpidas ou insignificantes ou egoístas para amá-lo como você ama, e sei que o amor pode fazer as pessoas fazerem algumas coisas bem idiotas e dolorosas algumas vezes.

Eu olhei para Henry, mas sua expressão estava impossível de ler.

— Eu não posso puni-la com tortura eterna ou o que quer que seja só por que você ama alguém o bastante para tentar protegê-lo. Enquanto você foi pelo caminho errado, eu entendo o que você esteve tentando fazer. E isso deixa tudo realmente, muito difícil.

De novo eu olhei para Henry, embora desta vez ele estivesse olhando para o chão. — Eu quero que você passe tempo com cada garota que você assassinou, — eu disse, minha voz partindo. — Eu quero que você as conheça e as aprecie por quem elas são. Eu quero que você fique com elas, uma por uma, até que você entenda seus valores individuais. Eu não posso fazer você gostar delas, mas eu quero que você as respeite e aprecie como pessoas. Isso não pode ser superficial, também. Você tem de ser verdadeira. E eu quero que você faça as pazes com elas também.

Calliope me fitou com tanta intensidade que eu me considerei sortuda por ainda estar em um pedaço. Enfurecer uma deusa não era a coisa mais inteligente de se fazer se eu quisesse permanecer viva por muito tempo, mas eu confiava em Henry para ter certeza de que ela não me transformaria em uma pilha de cinzas.

— Quando tudo isso acontecer, e quando elas a perdoarem pelo que você fez a elas, então poderá ir viver a sua vida, ou o que quer que seja que você tem. Mas você nunca irá ver Henry ou eu de novo depois de hoje. Não porque eu quero lhe magoar, ou por que eu a odeio. Eu não odeio. Como eu disse, entendo por que você fez isso, de um modo. Mas nenhum de nós pode confiar mais em você.

Mesmo embora eu estivesse certa de que estava sendo justa, minha decisão parecia cruel. Ela o amava. A possibilidade de nunca vê-lo de novo me rasgava, e eu tinha conhecido ele há apenas por seis meses. Como eu poderia ficar ok separando-a da pessoa que ela amava pelo resto de sua existência eterna?

— E eu quero deixar você saber que eu o amo, também, — eu disse quietamente. — Se... Se eu passar, nunca irei machucá-lo como Perséfone fez, e eu farei tudo que posso para ter certeza de que ele seja feliz. Eu prometo.

Um longo momento passou antes de Calliope reagir. Eu meio que esperava que ela gritasse ou berrasse e me dissesse quão injusta eu havia sido, mas ao invés disso ela assentiu, seus olhos brilhando com lágrimas. Pisando de volta para seu trono feito de almofadas e laços, ela se sentou parecendo-se como eu tivesse arrancado seu coração fora de seu peito. Eu me senti como a mais horrível pessoa no planeta. A única coisa me impedindo de retirar isso de volta era a dor em meu abdômen de onde sua faca tinha deslizado dentro de mim.

— E assim a decisão tem sido feita, — Henry disse em uma voz sombriamente satisfeita. — Eu irei defender a decisão de Kate não importa o quê o conselho decida.

— Assim irei eu, — James disse fracamente. Eu senti uma pontada de pena por ele, mas não havia nada que pudesse dizer para deixar isso melhor, não quando eu não entendia isso em primeiro lugar.

Henry sentou-se de volta, e foram vários segundos antes que alguém falasse. Eu encarei o meu colo, muito temerosa de ver os olhares em seus rostos. Eu fui justa? Ou eles também, pensavam que eu tinha sido cruel?

— Katherine Winters, — Walter disse enquanto ele se erguia, e eu olhei para cima. —Você foi encarregada com sete testes, a serem distribuídos durante sua estadia na Mansão Éden. Se você tiver fracassado em qualquer um desses, você irá retornar para casa e viver sua existência sem nenhuma memória dos últimos seis meses. Se você suceder em todos os sete, você irá casar-se com nosso irmão, e você deverá governar seu reino com ele por tanto tempo quanto desejar. Você aceita?

Não havia como recuar agora. — Sim.

Irene se ergueu em seguida, seu cabelo flamejando na luz brilhante.

— Pelo teste da Preguiça, Kate passou. — Ela me deu um sorriso travesso. — Seus hábitos de estudo foram completamente inspiradores, você sabe.

Era isso que Henry tinha querido dizer quando ele tinha mencionado que eu não podia fracassar depois de quase me matar de estudar para o teste estúpido? Tinha que ser. Mas eles não podiam ser todos tão simples. Sofia era a próxima. Ela parecia tão calorosa e matrona como sempre, e era difícil imaginar que ela podia ser parte de alguma coisa tão aterrorizante e oficial. — Pelo teste de Avareza, Kate passou. — Ela deve ter visto meu olhar confuso, por que ela sorriu e adicionou, — Suas roupas, querida. Quando lhe foi oferecido um guarda-roupas novo, você não hesitou em permitir a suas amigas que se servissem também.

Eu respirei um sopro de alívio. Aparentemente não gostar de vestidos era uma virtude.

— Gula, — disse Ella, se erguendo. Eu franzi meu cenho, de todos eles, eu tinha pensado que Calliope teria sido a que lidasse com esse. —Enquanto Kate esteve ciente de que isso era um teste, e enquanto ela esteve inconsciente disto a maior parte do tempo, ela voluntariamente fez sua escolha de parar de comer. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Embora eu recomende três refeições por dia fora destas paredes.

Ava se ergueu em seguida, retorcendo-se lado a lado com um sorriso infantil em seu rosto. — E por inveja, Kate passou com salvas.

— Inveja? — eu disse, minha voz partindo enquanto eu tentava lembrar o que aquilo possivelmente podia ser.

— O dia que Xander morreu. — Ela atirou a ele um olhar de desculpas, e ele deu uma piscadela. — Você não deixou a inveja interferir com sua decisão. Eu digo,

não que você estivesse com inveja, esse é o ponto. Você foi justa, e foi paciente comigo, mesmo embora eu não merecesse isso.

Então Xander, ou quem quer que ele fosse, realmente tinha sido assassinado. Ou o que quer que fosse, por que eu estava bastante certa de que deuses não podiam morrer. Eu encontrei algum alívio no conhecimento de que nem tudo a respeito dos passados seis meses tinha sido roteirizado. Calliope se levantou em seguida, pálida e trêmula, embora sua voz estivesse surpreendentemente forte.

— Ira, — ela disse, erguendo seus olhos para encontrar os meus. Por um momento, eu pensei ter visto um fantasma de um sorriso em seu rosto, mas ele se foi tão rapidamente quanto veio. — Com sua decisão hoje sobre a punição pelas minhas ações, Kate passou.

Eu estava certa de que o que Calliope tinha feito não tinha sido planejado também, o que significava que nem todos os testes haviam sido decididos antes do tempo. O que esse teria sido se ela não tivesse tentado me matar? De qualquer modo, cinco derrubados, dois por vir.

Walter foi o escolhido a se erguer em seguida. — Luxúria, — ele disse, e meu coração afundou. Ele não podia me deixar fracassar por isso. Eles tinham que saber o que Calliope tinha feito. — Você se envolveu em relações lascivas com nosso irmão, um ato que é estritamente proibido antes do conselho tomar uma decisão e que ocorra um casamento. — Ele pressionou seus lábios juntos, e de repente estava difícil de respirar. Ele não entendia que tinha sido armado? Tinha que haver um truque, uma brecha, alguma coisa que iria fazê-los perdoar aquela noite.

— Mas... — eu comecei, mas a voz de Walter cortou através da minha.

— Eu sinto muito, Katherine, mas pelo teste de luxúria, você fracassou.

Fracassou.

A palavra ecoou na minha cabeça sem parar. A sala girou ao meu redor, e apenas meu aperto de ferro no meu banco me impedia de cair. Meu peito doía, e eu sentia como se o próprio ar estivesse pressionando-se contra mim, deixando impossível respirar. Isso não podia estar acontecendo.

— Irmão, — Henry disse em uma voz tensa. — Eu gostaria de contestar a decisão do conselho nisto.

— Sim? — Walter disse. Eu olhei esperançosamente entre eles, lutando para me impedir de espiralar afundando em desespero. Ainda havia uma chance.

— Como você sabe, o teste em questão foi comprometido. Nós ambos recebemos grandes doses de um afrodisíaco que afeta ambos a mente e o corpo, permitindo que nossas inibições baixem. Se alguém carrega a culpa por aquela noite, sou eu.

— Não, — disse uma voz pequena. Calliope. — Sou eu. Fui eu quem fez isso. Eu pensei, eu pensei que se eles fracassassem um teste…

Walter fez uma careta. — Sim, eu estou ciente. Mas você sabe tão bem quanto eu que nossas regras são firmes. Não importam as circunstâncias, elas devem ser seguidas.

Henry suspirou, e alguma coisa dentro de mim quebrou. Ele parecia tão esmagado quanto eu me sentia, usando sua dor claramente, mas foi o modo como ele me olhou que foi agonizante. Seus olhos estavam nublados com angustia, e eu já podia vê-lo se afastar. Ele tinha se atrevido a ter esperanças por minha causa. Ele tinha tentado por que eu o tinha feito tentar, e era minha culpa que ele parecesse daquele jeito. Era minha culpa que ele estivesse sofrendo tanto.

— Não, — eu soltei. — Henry não merece isso. Calliope disse que isso foi culpa dela, e ela fez isso de propósito. Isso não deveria contar. Não pode contar.

— Eu temo que isso não caiba a você. — Walter franziu o cenho, e contra meu melhor julgamento, eu o encarei.

— Ele é seu irmão, e se você fizer isso, ele irá morrer ou... Ou desvanecer de sua existência ou o que seja isso. Eu não ligo o quão rígidas sejam suas regras. Se você o ama metade do quanto eu faço, eu não entendo por que você não compreende que isso não é *justo*.

— Isso não é sempre sobre justiça. — A voz de Walter estava mais gentil do que eu esperava, e sua expressão estava estranhamente compassiva. — Apesar de evidências do contrário... — ele olhou para Ava, e ela rolou seus olhos —... Nós não toleramos luxúria.

— Mas isso não foi luxúria! — Eu estupidamente tentei me erguer, e dor explodiu em meu peito, mas eu recusei-me a deixar isso ser o fim.

— Eu não sou culpada de luxúria, por que eu o amo. Você não pode me acusar de uma coisa que eu não fiz, não quando isso significa que Henry irá morrer por isso. Qualquer outra coisa, ótimo, faça o que quiser comigo, eu não me importo. Mas não faça isso ao Henry, — eu disse, lágrimas borrando minha visão. — Por favor. Eu farei qualquer coisa.

— Kate, — Henry disse. Seu rosto estava oprimido e seus ombros estavam tensos, como se ele estivesse lutando para se manter parado. — Está tudo bem.

— Não, não está. Isso não é justo.

— Katherine, — Walter disse. — Você diz que faria qualquer coisa, no entanto você não faz a única coisa que nós pedimos a você.

— O quê? — Eu limpei minhas bochechas com a manga de meu vestido.

— Você aceita seu fracasso e as consequências dele?

Não, é claro que não. Essa era uma piada cruel, uma paródia de justiça. Henry e eu finalmente tínhamos uma chance de sermos felizes, e agora nós dois a perdemos. Eu não podia olhar para Henry ou nenhum dos outros rostos me rodeando, incapaz de suportar suas decepções.

— Eu aceito que o conselho escolheu me reprovar, sim, — eu disse em uma voz embargada. — E eu entendo o que isso significa. — Melhor do que eles, aparentemente. — Mas eu não acho que seja justo o que vocês estão fazendo a Henry, e se houver alguma coisa que eu possa fazer para mudar suas opiniões, eu irei fazer.

Walter me olhou, e havia algo tão intimidante nisso que eu me perguntei se ele ia me castigar ou o que quer que fosse que os deuses faziam as pessoas de quem eles não gostavam. — Você fracassou, Katherine. Não há nada que você possa fazer que mude este fato.

Eu pisquei rapidamente, lutando para me recompor. Eu não queria que as últimas memórias minhas de Henry fossem essa. Virando-me em meu assento tanto quanto eu me atrevia para encará-lo, eu consegui forçar para fora um pequeno, — Eu sinto muito.

Ele não encontrou meus olhos, e eu não podia culpá-lo. Eu tinha fracassado, e agora ele tinha que sofrer por isso. Presa entre raiva e desespero enquanto a sala parecia pressionar-se ao redor de mim, entregando golpe atrás de golpe esmagador, eu desejava mais do que tudo que eu pudesse retornar o relógio para aquela noite para impedir isso de acontecer. Henry merecia muito mais do que isso, e eu não era capaz de dar isso a ele, não importa quanto eu queria. O silêncio parecia ecoar no salão de baile enquanto ninguém dizia ou fazia nada. Apenas segundos se passaram, mas pareceu como uma hora. Enquanto amarga decepção se instalava na boca de meu estômago, um pensamento racional me veio à mente: Agora o quê?

Um barulho detrás de mim chamou minha atenção, e eu tentei me virar ao redor para ver o que era, mas qualquer movimento agora fazia meu peito sentir como se estivesse em fogo. Eu ouvi o baque de uma porta se fechando, e o suave clique de saltos contra o mármore ecoou através do salão.

— Irmã, — Henry disse, sua voz cheia de rico calor dourado que fez minha dor retroceder para longe. Enquanto eu olhava nos rostos dos membros do conselho, eu percebi que todos pareciam felizes e aliviados. E presunçosos, eu notei, olhando para Ava. Mesmo James parecia feliz em vê-la.

— Olá, Henry.

Todo o ar escapou de meus pulmões enquanto a voz dela enchia minha cabeça, afastando meus pensamentos até que não havia nada mais além dela. Esquecendo a dor, eu estiquei meu pescoço para vê-la, observando enquanto ela cumprimentava todos exceto Calliope com um sorriso e um beijo na bochecha. Fazendo seu caminho ao redor do círculo, quando ela alcançou Henry, ela pisou dentro de seus braços abertos.

No fundo da minha mente eu percebi que eu estava boquiaberta, mas eu não podia evitar. Ela se separou de Henry e tomou um lugar no trono ao lado dele, o que era feito de galhos e videiras que tinha anteriormente estado vazio, e alguma coisa dentro de mim se encaixou.

— Olá, Kate, — ela disse, e eu abri e fechei minha boca várias vezes, mas nada saiu. Finalmente eu me forcei a engolir, e quando eu consegui falar, saiu mais como um grasnido.

— Oi, Mãe.

CAPÍTULO 20
PRIMAVERA

Minha mãe parecia exatamente como ela tinha estado em meus sonhos. Saudável e inteira, como se ela nunca tivesse estado doente um dia em sua vida. Mas havia alguma coisa a respeito dela, alguma qualidade indeterminável que a fazia parecer como se estivesse brilhando de dentro, como luz se forçando a ser liberada.

— O que você está fazendo aqui? — Enquanto perguntava isso, eu sabia que era óbvio. A única coisa que me impedia de fervilhar era a minha alegria em vê-la novamente, mas mesmo aquilo estava rapidamente sendo substituído por confusão.

— Eu sinto muito, — ela disse com o mesmo sorriso simpático que eu tinha visto em seu rosto milhares de vezes antes. Cada vez que eu arranhava meu joelho, cada vez que arrastava para casa horas de dever de casa e mal tinha tempo para jantar, cada vez que um médico nos dizia que ela tinha somente meses de vida. Em várias maneiras ela era uma estranha, mas com aquele sorriso, ela ainda era minha mãe. — Decepção era o único modo de que você pudesse ser apropriadamente testada. Eu nunca quis magoar você, coração. Tudo o que eu sempre fiz foi proteger você e mantê-la tão feliz quanto eu podia.

Eu sabia que ela estava dizendo a verdade, mas eu não podia evitar sentir a humilhação de ser enganada. Mesmo que tenha sido para o meu próprio bem, isso não fazia eu me sentir menos idiota por não ter percebido quem ela era.

Minha própria mãe era uma deusa. Isso não era uma coisa que eu pudesse simplesmente dar de ombros e aceitar.

— Diana, — disse Walter, e ela deu um passo em direção a mim, o manto de seda branca que ela vestia movendo-se com ela como se ela estivesse submersa em água. Ela não estava perto o suficiente para eu tocá-la, mas perto o bastante para eu ver que seus olhos estavam brilhando. Se era de lágrimas ou orgulho ou poder, como Henry e seus olhos feitos de brilho de luar, eu não podia dizer.

— Pelo sétimo e ultimo teste, Orgulho e humildade. — Minha mãe pausou e sorriu. — Kate está aprovada.

Eu não entendia. A decisão estava encerrada, não estava? A decisão deles já não tinha sido feita? Eu não podia fracassar em nenhum dos testes. Walter mesmo havia dito isso. Eu esperei por algum tipo de explicação, mas essa não veio.

— Aqueles que concordam? — Walter disse.

Selvagemente eu virei de rosto para rosto, mas nenhum deles dava pista alguma. Ava, Ella, até mesmo Henry não deu nenhum sinal do que estava acontecendo. Para minha surpresa, um atrás do outro eles murmuraram sua concordância. Calliope que parecia tão pálida e miserável que eu não podia evitar além de sentir uma pontada de simpatia por ela, também assentiu.

Eles estavam dizendo sim, eu percebi. Eles estavam votando. Mesmo embora eu tivesse dormido com Henry, por algum milagre eu não tinha fracassado completamente. Mas quando a votação alcançou James, minha respiração prendeu em minha garganta, e eu estava certa de que ele sacudiria sua cabeça. Sem encontrar meus olhos, ele também, assentiu. Os outros continuaram a votar, mas eu o encarei e quando ele finalmente olhou para cima, eu articulei sem som uma simples *obrigada.*

— Então assim foi decidido, — Walter disse quando a votação o alcançou. — A Katherine Winters será concedido à imortalidade, e ela estará casada ao nosso irmão, para governar o Submundo com ele por tanto tempo quanto ela assim escolher. — E então ele sorriu, seus olhos ancestrais brilhando. — Bem-vinda a família. Esta sessão do conselho está encerrada.

A finalidade em sua voz me confundiu, e estupefata, eu aguardei enquanto o conselho se erguia e se encaminhava em direção à porta. Alguns como Ella, Nicholas, Irene, Sofia, até mesmo Xander, apertaram meu ombro ou me davam uma palavra de encorajamento enquanto eles passavam. Ava sorria amplamente. Outros, particularmente Calliope, não disse nada enquanto eles saíam. James, também, passou sem uma palavra, seus ombros curvados e sua cabeça abaixada. Lembrando de seu assentimento e pensando no quanto isso deve ter custado a ele para conceder, eu queria alcançá-lo, mas eu estava congelada no meu banco, incapaz de me mover por medo de que tudo isso fosse se despedaçar e revelar-se nada mais do que um sonho.

Logo apenas três de nós permaneceram. Eu, Henry e minha mãe. Ela se ergueu uma vez que os outros tinham partido, e sem uma palavra ela me envolveu em seus braços, me abraçando gentilmente. Eu descansei meu queixo em seu ombro e enterrei meu nariz em seu cabelo. Maçãs e frésia. Era realmente ela. Eu não sei quanto tempo ela me segurou, mas pelo momento em que nós nos soltamos uma da outra, meu peito doía e eu tinha deslizado metade para fora do banco. Ela me ajudou a me endireitar, mas foi Henry que parado a uns poucos pés de distância pegou meu olhar.

— Foi... — eu pausei e esclareci minha garganta, odiando quão pequena minha voz soava. — Aquilo foi uma coisa boa ou ruim?

Henry deu um passo ao meu lado, e ambos ele e minha mãe gentilmente me ajudaram a levantar. — Você passou, — ele disse. — Eu espero que você esteja satisfeita.

Satisfeita não era exatamente a palavra para isso. Confusa, sim. Rodopiando, claro. E eu não ia ficar satisfeita até que eu entendesse o que estava acontecendo.

— Ele disse que eu tinha fracassado, — eu disse, cambaleando para meus pés. — Como eu posso passar depois de ter fracassado?

— Era o sétimo teste, coração, — disse minha mãe.

— Você não fracassou luxúria. Mesmo se você não o tivesse amado, Henry teve a certeza de deixar nós todos cientes do que aconteceu. Este era o único meio que o conselho tinha de testar você no seu orgulho. Em aceitar seu fracasso apesar de querer ficar, e respeitando a decisão do conselho, você mostrou humildade.

— E por demonstrar humildade, você passou no teste final, — Henry disse.

— Então... — eu parei, odiando que eu me sentisse tão lenta e estúpida, mas isso parecia bom demais para ser verdade. — O que isso significa? O que vai acontecer agora?

Henry clareou sua garganta. — Isso significa, se você concordar, que nós estaremos casados ao pôr do sol.

Casada ao pôr do sol. O que parecia como uma fantasia longe de alcance horas atrás, agora se pressionava contra mim, uma realidade iminente que estava arremessando-se em minha direção mais rápido do que eu podia correr.

Não que eu estivesse fugindo. Isso era o que eu tinha desejado, não era? Não ser a esposa de alguém, mas dar a Henry uma chance. Dar a ele a mesma esperança que eu queria para eu mesma, e agora com minha mãe aqui, mesmo que ela não fosse exatamente a mesma, nós todos tínhamos vencido, não tínhamos? Não… Nem todos

nós. Calliope não tinha vencido, e nem tinha James. Para que Henry estivesse vivo e feliz, para que eu tivesse minha mãe de volta, eles tinham perdido. Calliope tinha trazido isso para si própria, mas James, do que ele tinha aberto mão para que eu tivesse isso?

Com um sobressalto, eu percebi que ambos Henry e minha mãe estavam me encarando. Nós tínhamos de algum modo feito isso através do salão de baile, e agora nós estávamos parados entre as pesadas portas duplas que estavam abertas amplas o suficiente para nós três sairmos.

— Sim, é claro, — eu disse, meu rosto avermelhando. — Eu sinto muito, eu não estava hesitando, eu estava apenas... Pensando, e... É claro que eu ainda quero fazer isso.

Não foi até que Henry relaxou que eu percebi o quão tenso ele havia ficado.

— Eu estou feliz em ouvir isso, — ele disse, seu alívio evidente em sua voz. — Eu posso perguntar no que você estava pensando?

Eu não queria contar a ele que eu estava preocupada sobre James, no caso de isso ainda ser um tema sensível para ele, então ao invés disso, eu fiz a pergunta que tinha estado queimando em minha mente desde que Ava tinha andado através daquelas portas. — Foi tudo uma encenação?

Houve um silêncio embaraçoso, e desta vez eu vi Henry e minha mãe trocando olhares, como se tudo que eles precisassem para se comunicar fosse um olhar. Não era tão impossível, de verdade, e eu mordi o interior de minha bochecha, irritada que eles não estivessem compartilhando.

— Sim e não, — disse minha mãe. Nós continuamos lentamente pelo corredor, cada passo mais doloroso que o anterior, mas meus ferimentos eram a última de minhas preocupações. — Depois de décadas que Henry gastou procurando por

uma nova rainha, quando ficou aparente que sua busca não estava surtindo os resultados que nós precisávamos...

— Eu estava prestes a desistir, — Henry disse. — Cada garota fracassava antes delas começarem, ou se elas mostravam qualquer promessa de sucesso, elas apareciam mortas. Nós sabemos o que estava acontecendo agora, mas eu não posso dizer a você o quão de cortar o coração era ter que assistir aquelas jovens mulheres morrerem, sabendo que isso era minha culpa. Eu não podia me fazer colocar qualquer outra pessoa em tal perigo, e eu estava determinado a dar um fim nisso.

— E eu estava somente tão determinada que ele tentasse até que nós não tivéssemos mais tempo sobrando, — disse minha mãe. — Então nós nos comprometemos. Perséfone… — Alguma coisa na expressão dela mudou, e pelo mais breve dos momentos eu vi vergonha.

— Perséfone era minha filha. Sua irmã. É minha culpa que ela nunca foi feliz, e por causa disso, Henry nunca foi feliz também.

— Não foi sua culpa, — Henry disse com quieta ferocidade.

— Não foi culpa de ninguém a não ser minha própria. Eu sou aquele que não pôde fazê-la feliz...

— E eu sou aquela que forçou vocês dois juntos para começar, — disse minha mãe. — Não discuta comigo, Henry. Eu falo sério.

Ele caiu em silêncio, embora eu pensasse ter visto o mais breve traço de um sorriso.

— Como eu estava dizendo antes de eu ser tão rudemente interrompida.

Ela correu seus dedos através de meu cabelo, e eu sabia que ela não intencionava nenhuma da acidez na voz dela. — Você sempre teve uma escolha, coração. Se você não quisesse fazer isso, nós todos teríamos aceitado e procederíamos

sem você. Você sempre esteve no controle de sua vida... Tudo o que nós fizemos foi oferecer a você a oportunidade.

Minha garganta apertou enquanto eu imaginava o que podia ter acontecido se eu não tivesse. — Por que você não me contou antes?

— Isso teria dado a você uma vantagem injusta, — disse minha mãe. — Precisava ser sua decisão, não uma que eu influenciasse você a fazer ou uma que você automaticamente rejeitasse porque você saberia onde estava se metendo. Além disso, — ela adicionou gentilmente, — mesmo se eu tivesse lhe dito, você teria realmente acreditado em mim?

É claro que não. E quando eu partisse para o mundo real, quem iria possivelmente acreditar em mim se eu contasse a eles como eu tinha passado meu inverno? Ninguém sano, eu tinha certeza disso. — Éden pelo menos existe? Todos lá, mesmo Ava e Dylan, aquilo era parte de me dar uma escolha?

— Éden não existiu além das poucas semanas que você a ocupou, — Henry disse. — Se você decidir voltar para onde a cidade se erguia, você verá nada mais além de árvores e campos. Eu sinto muito pela decepção.

Assim como eu. Eu franzi meus lábios, tentando surgir com alguma coisa para dizer que não me fizesse soar como se eu tivesse doze anos. — Apenas... Não faça isso de novo, está bem? — Eu olhei entre ele e minha mãe. — Sem mais mentiras, e sem mais esconder coisas de mim.

Para minha surpresa, minha mãe riu, mas essa não era a risada que eu estava acostumada. Era uma estranha combinação de sons — um riacho borbulhante, o chilrear de grilos e de algum modo o primeiro dia da primavera. Era incrível.

— É claro, — ela disse, sua voz preenchida de afeição derramou-se através de mim e deixou mais fácil andar os próximos passos seguintes. —Agora, antes de chegarmos ao seu casamento, há mais alguma coisa que você gostaria de saber?

Meu casamento. Um caroço se formou em minha garganta, e era tudo o que eu podia fazer para falara através dele. — Yeah, — eu disse rouca.

— Que tipo de nome é Diana para uma deusa, de qualquer forma?

Ela riu de novo, e o nó na minha garganta se afrouxou. — Ella ficou um tanto desgostada que eu tomasse seu nome romano, mas ela não o queria, e eu sempre o tinha apreciado. Todos nós escolhemos novos nomes através dos anos.

— Nomes que correspondam a onde e quando nós estamos, — Henry disse. — Nós somos mais famosos dentro da mitologia Grega, e é por isso que somos conhecidos em toda parte pelos nossos nomes gregos.

— Mas nós não temos nomes verdadeiros, — disse minha mãe. — Nós fomos criados antes de nomes.

— E nós iremos sobreviver até bem depois que nomes sejam necessários, — Henry disse.

Minha mãe olhou para ele. — Alguns de nós, de qualquer forma.

As palavras dela trouxeram a imagem de James colidindo em meus pensamentos, e eu tentei afastá-la para longe, mas ele permaneceu teimosamente em primeiro plano na minha mente. — Vocês são realmente os Olimpianos então?

— Todos os treze, — disse minha mãe. — Mais Henry, em um bom dia.

Ele grunhiu, e minha carranca aprofundou enquanto eu tentava colocar as peças juntas. — Então... Quem é quem? Eu quero dizer, eu sei quem vocês dois são, Hades e Demeter, mas e todos os outros?

— Você quer me dizer que você ainda não descobriu?— Henry disse. Eu dei a ele um olhar sujo.

— Nem todos nós somos oniscientes, você sabe.

— Nem somos nós, — ele disse, seus olhos brilhando com divertimento.

Eu mastiguei meu lábio inferior enquanto eu pensava sobre isso. — Eu podia provavelmente adivinhar se eu tivesse. Não todos vocês, entretanto. — Eu sacudi minha cabeça. — Olimpianos. Isso é... — Incrível. Inexprimível.

— Um aviso teria sido bom.

Eu devo ter soado mais amarga do que eu tinha intencionado por que minha mãe me abraçou mais apertado e enterrou seu nariz em meu cabelo. — Não importa como eu sou chamada ou quem eu sou, eu ainda sou sua mãe, e eu te amo muito, muito.

Eu assenti, não confiando em mim mesma para falar. Ela era minha mãe, mas minha mãe não tinha uma risada que parecia como um raio de sol. Minha mãe desistiu de sua vida por mim, e o que foi deixado dela estava frio e rígido. Não este caloroso, borbulhante ser que era tão mais forte do que eu jamais seria.

— Venha, — Henry disse, aparentemente pressentindo minha mudança de humor. Nós paramos em frente a um par de portas ricamente decoradas representando a terra e o mundo inferior, e minha respiração prendeu em minha garganta. O quarto de Perséfone.

— Henry? — eu disse, mas ele sacudiu sua cabeça e não me ofereceu nada além de um sorriso em retorno. Eu remexi autoconsciente no laço branco de meu vestido, tendo certeza de que minhas bandagens não tinham vazado.

As portas abriram, e ao invés do santuário que tinha sido há apenas alguns meses atrás, estava vazio exceto por um pequeno arco branco que estava decorado

com um arco-íris de margaridas. De pé parados ao lado estavam nove dos outros membros do conselho, todos exceto Calliope e James, e Walter permanecia debaixo do arco, esperando por nós.

— Eu espero que sirva, — Henry disse. — Eu não tinha certeza se você queria alguma coisa mais elaborada.

— Não, — eu disse sem fôlego. — Isso é perfeito.

Minha mãe tomou minha mão, seus olhos brilhando com lágrimas.

— Essa é minha garota, — ela disse, e mesmo embora eu quisesse nunca ter que deixá-la de novo, eu sabia que era hora. Essa era minha vida agora, e enquanto ela iria sempre ser parte dela, ela não seria mais o centro. Era uma mudança que eu não tinha estado esperando, mas de algum modo estes últimos seis meses tinham me preparado para isso.

Eu soltei sua mão, e ela andou para se juntar aos outros. Henry me guiou para o arco, e enquanto Walter falava, eu podia sentir cada olho em nós. Henry e eu repetimos nossos votos simples, e em uma voz com autoridade inabalável de tal modo que cada pedra própria da mansão pareceu tremer, Walter nos proclamou marido e mulher.

Henry se inclinou em minha direção para me beijar, e enquanto ele o fazia, calor começou nos meus lábios e correu através de mim, deixando a frieza que substituiu a dor. No momento em que ele se afastou, meu corpo parecia inteiro de novo, curado e forte de um modo que nunca esteve antes. Mas não era isso que importava; o que importava era o modo como ele olhava para mim, como se esse momento fosse o mais feliz em sua longa vida. E bem dentro de mim, eu sabia que nunca estaria sozinha de novo.

Nós passamos a nossa noite de casamento em minha suíte jogando cartas e fazendo cada esforço de evitar mencionar o que iria acontecer no dia seguinte. Era minha última noite na Mansão Éden pelos próximos seis meses, e mesmo embora eu soubesse que iria retornar alguma coisa a respeito disso parecia final. Metade de um ano não era nada para Henry, mas para mim, se esticava em frente a mim, o fim em nenhum lugar a vista.

Casada um dia e desaparecida no seguinte. De algum modo isso não parecia justo. Eu podia retornar mais cedo se eu quisesse, eu sabia disso, mas minha mãe estava inflexível que eu passasse meu primeiro verão sem Henry.

Na manhã seguinte nós tivemos café da manhã na cama, eu sentada de pernas cruzadas em meus pijamas de um lado e ele do outro. Eu estava livre para comer agora que era primavera novamente, e mesmo embora eu não estivesse mais faminta do que o habitual, eu ataquei minhas panquecas com um vigor incomum, fazendo uma bagunça de mim mesma no processo. Henry não pareceu se importar; de vez em quando ele se inclinava em minha direção e beijava a calda fora de meus lábios, sorrindo quando ele me via corar.

Empacotar não tomou tempo em nada, e mais cedo do que eu tinha antecipado, eu estava encarando a maior parte da minha nova família na entrada que levava aos portões da frente. Mais uma vez Calliope estava faltando, mas foi o lugar vazio de James que fez minhas entranhas retorcerem-se desagradavelmente. Um por um eu os abracei em despedida, mesmo o rude Phillip, que cheirava a cavalos e parecia como se quisesse estar em qualquer lugar do que testemunhando esta exibição sentimentalista cheia de lágrimas. Antes que eu sequer a alcançasse, Ava estava chorando, e ela jogou seus braços ao meu redor tão apertadamente que eu pensei que ela poderia nunca me deixar ir. — Oh, Kate... Eu vou sentir sua falta!

— Eu vou sentir falta de você, também. — Não importava o que tinha acontecido entre nós naquele inverno, eu esperava que as lágrimas dela significassem que tudo estava perdoado e que eu iria vê-la quando eu voltasse no outono. — Um dia você vai ter que me por a par de tudo que aconteceu quando eu não estava olhando.

Ela assentiu, muito emocionada para falar, e com um último abraço, nós finalmente nos soltamos uma da outra. Minha mãe era a próxima. Ela permanecia serenamente a luz do sol, parecendo como se estivesse brilhando e por um momento eu estava com medo de tocá-la. Ela consertou isso por mim, me tomando em um abraço e me dando um beijo molhado na bochecha.

— Divirta-se, — ela disse calorosamente, mas havia um cintilar em seus olhos que deixava claro que ela esperava que eu mantivesse nosso acordo. Eu ia ficar longe por seis meses, mas este era o único verão que eu a deixaria mandar em mim.

— Vá experimentar a vida mortal antes que passe por você.

Eu não tinha certeza se um dia eu seria capaz de desfrutar a vida mortal novamente, sabendo o que estava esperando por mim no outono, mas eu assenti. — Amo você, — eu disse, de repente tão emocionada quanto Ava. Minha mãe me fitou, e por um longo momento parecia como se nós fossemos as duas únicas pessoas no mundo. Mas tão rapidamente quanto veio, a sensação desapareceu, e então era a vez de Henry.

Eu não sabia o que dizer, então ao invés eu enrolei meus braços ao redor dele, e ele me abraçou. Eu estava chorando copiosamente agora, fazendo uma bagunça da pouca maquiagem que Ava tinha me convencido a colocar naquela manhã, mas eu não me importava.

— Cuide do Pogo, sim? — eu disse com um fungar, me afastando para limpar minhas lágrimas.

— Cerberus e eu ambos prometemos cuidar, — ele disse, seus olhos nunca deixando os meus. — Kate… O que quer que esteja esperando por você fora dos portões, lembre-se que o verão é seu para fazer como você quiser. — Sua voz estava tensa, mas ele parecia fazer um esforço para empurrar através disto. — Não é de minha conta o que você decida fazer com esse tempo.

— Eu sei, — eu disse. — E eu também sei que o modo como eu me sinto por você não vai mudar apenas por que as estações o fazem. Então se você não se importar muito, eu vou me ater aos votos que eu fiz. — Eu dei a ele o que eu esperava ser um sorriso tranquilizador. — Você não pode se livrar de mim tão facilmente.

Ele conseguiu retorná-lo. — Eu não posso dizer a você quão aliviado eu estou de ouvir isso, mas isso ainda não muda...

— Henry, — eu disse firmemente. — Basta sobre isso. Você está amarrado comigo goste ou disso ou não, então você pode muito bem se acostumar a isso.

Ele hesitou, mas finalmente ele desistiu. — Qualquer hora que você precisar de mim, eu estarei do seu lado. Você tem minha palavra.

Eu assenti, e ele pressionou seus lábios na minha testa. Foi um beijo tão casto que eu me perguntei se ele iria me dar uma despedida apropriada ou não. Provavelmente não, eu percebi. Não com minha mãe assistindo.

— Eu estarei esperando por você quando você retornar, — ele disse.

— E eu amo você.

Desta vez eu não tinha imaginado ou sonhado isso; ele tinha realmente dito isso, e não por causa de algum teste ou aposta ou obrigação. Por que ele queria dizer isso. Alguma coisa dentro de mim cresceu, e eu senti como se fosse explodir. — Amo você, também.

Com isso, ele se aventurou na bagunça que estava meu rosto e me beijou profundamente. Eu tentei fazê-lo durar, mas ele se afastou, e eu sabia que era hora de ir. Eu marchei abaixo pelo caminho abaixo, olhando sobre meu ombro a cada poucos segundos enquanto eu tomava meu tempo. Enquanto a presença de Henry atrás de mim me puxava de volta, sabendo que eu teria que partir antes que eu pudesse vê-lo de novo me empurrava adiante. Este era meu lar agora, e nada podia me manter longe para sempre.

Quando eu alcancei o topo da suave montanha que escondia qualquer visão da mansão do mundo de fora, eu virei e acenei, surpresa em ver que Henry era o único que ainda estava lá. Ele ergueu sua mão em retorno, e eu me forcei a continuar em frente.

O portão ficou a vista e com isso uma visão que me fez parar em minha trilha. Abruptamente eu entendi exatamente por que Henry tinha sido tão inflexível sobre me lembrar que eu podia fazer o que quisesse com meus verões.

James inclinava-se contra o mesmo carro que ele tinha usado para me levar até a Propriedade Éden, e ele usava os mesmos enormes headphones que ele tinha em Setembro. A única coisa que estava diferente era a falta de um sorriso em seu rosto.

Eu deslizei para fora entre os portões e hesitei não certa sobre o que dizer. Sem nenhuma palavra, ele deu a volta para abrir a minha porta para mim, e eu o agradeci, mas ele não disse nada. Não foi até que nós estávamos descendo a estrada de cascalho que eu finalmente encontrei a coragem para falar, e mesmo então minha voz saiu como um chiado.

— Eu sinto muito, — eu disse, minhas mãos entrelaçadas com tanta força que os nós de meus dedos estavam brancos. — Por tudo.

— Não sinta. — Ele virou a esquina e a cerca desapareceu de vista. — Você fez o que você tinha que fazer, e assim fez Henry. Assim fez o conselho. Eu sabia que era um tiro no escuro de qualquer maneira depois que eu conheci você.

Eu pressionei meus lábios juntos, não sabendo o que dizer. Eu tinha certeza que ele tinha dito aquilo como um elogio, mas não ajudou a culpa que me atormentou incessantemente. — Você vai existir por um longo tempo, certo? Eu quero dizer, o mundo não vai acabar amanhã.

— Eu não sei, — James disse, e por um momento eu ouvi uma sombra do garoto que gostava de construir coisas com batatas fritas. — Com Calliope em fúria, qualquer coisa é possível.

Inclinando-me para trás em meu assento, eu me deixei relaxar. Pelo menos ele ainda estava lá em algum lugar. — Onde nós estamos indo?

— Um lugar onde eu acho que você deve ir antes de partir para o seu verão, — ele disse. Quando ficou claro que ele não ia me dar mais detalhes, eu me resignei a olhar pela janela e tentar pensar em alguma coisa para dizer que não fosse magoar tanto. Henry tinha estado dizendo a verdade. O que uma vez tinha sido a Rua Principal em Éden agora era uma Estrada suja rodeada por árvores de cada lado, e o lugar onde a Éden High School tinha estado erguida era nada mais do que um prado. Mesmo embora eu tivesse estado lá por apenas umas poucas semanas, eu senti uma pontada enquanto dirigíamos por lá. Não haveria volta, não para a vida como eu tinha conhecido como uma mortal, e essa era uma perda que eu não tinha estado preparada para lidar.

Pelo momento em que nós alcançamos nosso destino, nós tínhamos encontrado civilização uma vez mais. Não era Nova York, mas não era tudo sujeira e árvores também. Vários prédios pequenos agrupados juntos para formar uma cidade

perto do hospital onde minha mãe tinha ficado. Eu olhei ao redor, tentando descobrir alguma coisa familiar, mas havia somente pequenas fábricas, igrejas e armazéns.

James dirigiu passando um par de portões feitos de ferro forjado, e meus olhos se arregalaram quando percebi onde nós estávamos. Eu podia ouvir o cascalho na estrada triturar sob os pneus, e ele rodou o carro pelo caminho abaixo lentamente, vindo a uma parada um quarto de milha dentro.

— Vamos lá, — ele disse, abrindo a porta. — Eu quero te mostrar uma coisa.

Eu saí e encarei o cemitério que nos rodeava, as lápides e estátuas se erguendo acima da grama marrom. Alguns deles eram mais novos, os nomes claros e legíveis, enquanto outros que nós passamos estavam tão velhos e gastos que eu dificilmente podia distinguir qualquer gravação neles. James manteve sua distância, enfiando suas mãos em seus bolsos como se ele estivesse com medo de me tocar, e eu segui atrás dele, me ocupando em evitar a lama e a neve derretida. Ele parou em frente a uma sepultura nova, uma que era tão nova que não possuía lápide. Apenas um marcador temporário com um nome escrito em marcador preto. James deu um passo ao lado para que assim eu pudesse ver, mas não havia necessidade. Eu sabia exatamente onde nós estávamos.

— Diana Winters, — eu disse suavemente, correndo meus dedos trêmulos sobre as letras que formavam o nome dela. — Mas eu pensei que ela estivesse...

— Viva? — disse James, e eu assenti. — Como uma divindade, sim. Mas ela tomou uma forma mortal para criar você, e essa forma mortal morreu dez dias atrás.

Eu fiquei em silêncio, me perguntando o que ele esperava que eu dissesse para aquilo.

— Ela ainda é sua mãe, — ele disse, — mas você precisa entender que as coisas não serão as mesmas entre vocês agora, e as coisas não serão as mesmas entre você e Henry ou você e o resto do conselho.

Eu me irritei com isso. — Bem como as coisas não são as mesmas entre você e eu? — eu disse, mas ao invés de mostrar sinais de raiva ou frustração, James deu de ombros.

— De algum modo diferente, dado que você está mais próxima de ambos, mas sim. Algo desse jeito.

Eu me agachei ao lado da marcação, correndo meus dedos sobre isso enquanto eu encarava o monte de terra que prendia o corpo humano de minha mãe. Eu não estava certa do que sentir, tristeza era inevitável, mas havia um amontoado de outras emoções que eu não entendia completamente. Alívio, talvez, que a batalha dela tinha terminado. Medo por essa nova realidade que eu enfrentava e as verdades que eu tinha aprendido enquanto ela tinha estado em uma cama de hospital.

Mas acima de tudo, eu sentia uma dor vazia dentro de mim, e me levou vários segundos para eu perceber que eu perdi a vida que nós tínhamos tido antes de termos vindo para Éden. Não os anos de doença e dor, mas as viagens ao Central Park. As árvores de Natal. Os dias em que eu sabia que minha melhor amiga estava a apenas uma curta caminhada pelo corredor. Aqueles estavam encerrados agora, e uma nova existência se estendia diante de mim, em branco, exceto pelos rostos de Henry, minha mãe, e o resto do conselho.

— Eu sei que é o fim, — eu disse, colocando uma mão na terra revirada. — Eu sabia disso por um longo tempo.

— Não, não é, — disse James, movendo-se para ficar ao meu lado.

— Isso é o começo.

Nós ficamos lá até que o frio penetrou em minhas roupas e a névoa se agarrou a meu cabelo, me deixando gelada e úmida. Eu aceitei sua mão enquanto ele me ajudou a levantar, e eu toquei a marca uma última vez, prova de minha humanidade e minha breve existência em um mundo onde todas as coisas morriam. Finalmente, com o coração pesado, eu me afastei.

— Então o que você vai fazer durante o verão? — James disse enquanto nós andávamos para o carro. Mesmo embora isso fosse uma óbvia tentativa de aliviar o clima, me levou vários momentos para responder, minha mente muito nublada com pensamentos de minha mãe. Eu me sentia ancorada a sepultura, mas com cada passo que eu tomava, o peso ficava um pouco mais fácil de suportar. Ele nunca iria embora completamente, eu sabia disso, mas pelo menos eu tinha certeza que um dia eu seria capaz de aceitar isso.

— Eu não sei, — eu disse, e encarei o chão lamacento enquanto eu entretia as possibilidades postas diante de mim. Eu podia voltar para a cidade de Nova York, mas não havia nada lá para mim. Eu podia ficar em Éden com as árvores, mas eu imaginei que aquilo iria ficar chato depois do primeiro mês ou menos. — Talvez experimentar alguma comida Grega autêntica. Eu nunca estive na Grécia, você sabe.

— Grécia, — James disse, e havia um vazio em sua voz que me devorava. — É legal no verão.

Tentativamente eu me estiquei para deslizar meu braço no dele, e ele não se afastou. —Você quer vir?

Seus olhos alargaram-se. — Sério?

— É claro. — Eu sorri com esforço, mas isso não o fazia menos verdadeiro. — Eu não quero ir à Grécia por conta própria, e eu não posso imaginar um melhor guia de viajem do que um de meus melhores amigos.

Lentamente um sorriso se espalhou através de seu rosto, mas havia um semblante de distância em seus olhos que eu não podia completamente ignorar.

— Eu realmente gostaria disso.

O cascalho rangia debaixo de nossos pés enquanto alcançávamos o carro, e ele abriu a porta para mim, o silêncio entre nós agora confortável ao invés de tenso e frio. Eu me sentei e relaxei contra o assento enquanto ele deslizava atrás do volante. Havia uma dúvida persistindo no fundo da minha mente enquanto eu sorria para ele e via aquele olhar em seus olhos de novo, mas eu empurrei isso pra longe. As coisas não estavam nem de perto perfeitas, mas não importa o que aconteceu, pelo menos eu tinha meu amigo de volta.

Enquanto nós dirigíamos para longe, eu me virei para trás para ver o túmulo de minha mãe, escuro contra as pilhas remanescentes de neve branca. James estava certo; esse não era o fim. Era o começo que minha mãe tinha desejado para mim e o começo que eu tinha querido para eu mesma todo o tempo. Eu posso não ter planejado viver para sempre, mas agora que eu iria, ia aproveitar o máximo de cada momento.

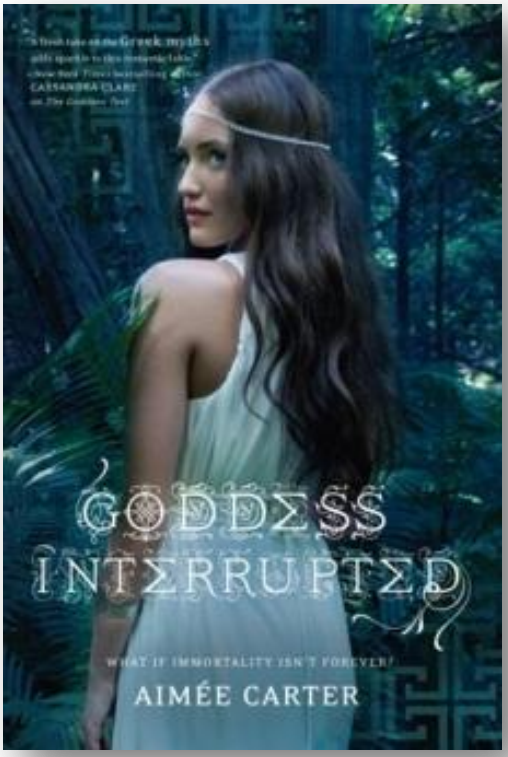
FIM

GUIA DE DEUSES

- ZEUS ----------→WALTER
- HERA----------→CALLIOPE
- POSEIDON----------→PHILLIP
- DEMÉTER----------→DIANA
- HADES----------→HENRY
- HÉSTIA----------→SOFIA
- ARES----------→DYLAN
- AFRODITE----------→AVA
- HERMES----------→JAMES
- ATHENA----------→IRENE
- APOLLO----------→THEO
- ARTEMIS----------→ELLA
- HEFESTO ----------→NICHOLAS
- DIONÍSIO----------→XANDER

CONTINUA...

GODDESS INTERRUPTED



Kate Winters ganhou imortalidade. Mas se ela quiser uma vida no Submundo com Henry, ela terá que lutar por isso. Tornar-se imortal não deveria ser a parte mais fácil. Embora Kate esteja prestes a ser coroada Rainha do Submundo, ela está tão isolada quanto sempre. E apesar de seu crescente amor por Henry, governante do Submundo, ele está se tornando cada vez mais distante e secreto. Então, no meio da coroação de Kate, Henry é raptado pelo único ser poderoso o bastante para matá-lo: o Rei dos Titãs. Enquanto os outros deuses preparam-se para uma guerra que pode terminar com todos eles, cabe a Kate salvar Henry das profundezas do Tártaro. Mas, para viajar pelas cavernas sem fim do Submundo, Kate deve recorrer à ajuda de uma pessoa que é a maior ameaça para seu futuro. A primeira esposa de Henry, Perséfone.

SOBRE A AUTORA:

AIMÉE CARTER



Aimée Carter nasceu e cresceu em Michigan, onde ela reside atualmente. Ela começou a escrever fan fiction, às onze horas, começou a sua primeira história original de quatro anos mais tarde, e não parou de escrever desde então. Além de escrever e de ler, gosta de ver filmes, brincar com seus filhotes, e lutar com os quebra-cabeças no jornal todas as manhãs. Seu primeiro romance YA é The Goddess Test. A sequência, Goddess Interrupted, seguirá em fevereiro de 2012.

Créditos de tradução



Revisão e disponibilização

